

Vladimir Megre, autor e protagonista nesta série de livros que descrevem um encontro entre ele e uma misteriosa mulher chamada Anastasia que mora na floresta siberiana, decide finalmente que a sugestão dela para o nosso futuro brilhante é exequível. Neste livro começa, a grande escala, a revolução mundial pela sobrevivência da humanidade na terra. Até ao mais ínfimo pormenor e quase como se já lá estivéssemos, podemos sentir a futura sociedade que poderíamos escolher viver já nesta vida, se entrassemos em acção neste momento. De facto, milhares de pessoas já estão a criar estas eco-aldeias.

Mesmo assim, Vladimir Megre, no auge do seu entusiasmo e no processo de até fazer apelos ao seu governo sofre o seu pior colapso emocional, submergido no intenso esforço que "alguns" fazem por desacreditar tudo o que viveu.

Neste livro Anastasia, ao seu resgate, sai da floresta e tenta por todos os meios desmistificar a sua pessoa e ser aceite por ele e também entre nós como um simples ser humano co-criando connosco algo melhor para todos.



ISBN 978-989-95949-4-4



Quem Somos Nós?

VI

Vladimir Megre

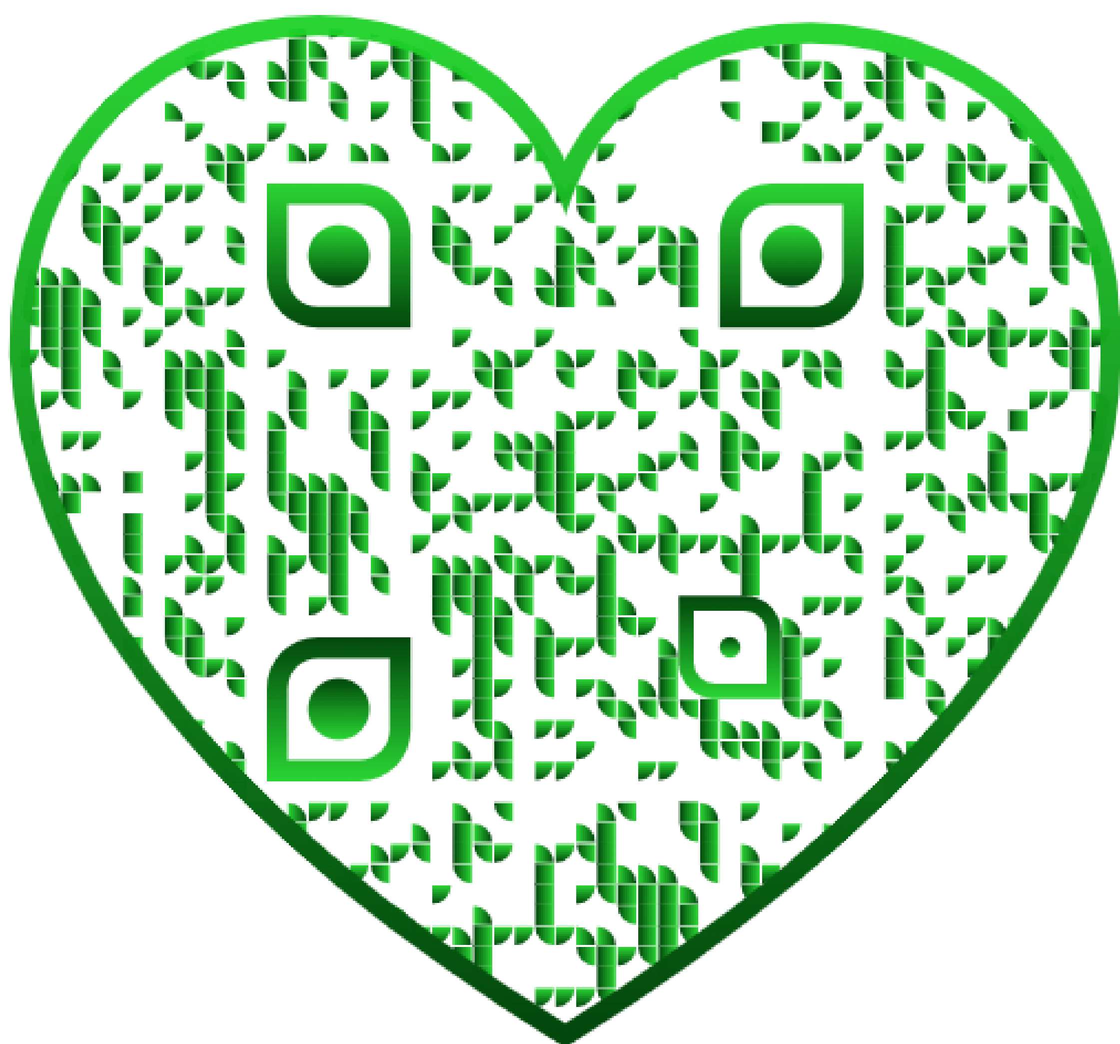


Vladimir Megre

Quem Somos Nós?



Megre



Vladimir Megre

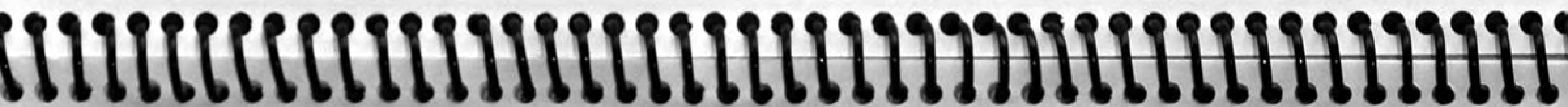
QUEM SOMOS NÓS?

LIVRO 5 DA COLECÇÃO
OS CEDROS RESSOANTES
DA RÚSSIA



Tradução integral do Russo por:
Ana Mouga

JOANNE GRIBLER, EDITORA



TÍTULO Quem Somos Nós? Livro 5 da Série Os Cedros Ressoantes da Rússia | 1ª edição, Novembro de 2010 | 1ª edição em Russo, São Petersburgo 2000 | TÍTULO ORIGINAL Кто же мы? | AUTOR Vladimir Megre (Владимир Мегре) | TRADUÇÃO Ana Mouga | ISBN 978-989-95949-4-4 | DEPÓSITO LEGAL 319084/10

© edição Russa por Vladimir Megre
© Reservados todos os direitos para a língua portuguesa de acordo com a legislação em vigor por Joanne Gribler, Editora, Portugal | T. (+351) 239 423 338 | editora@cedrosressoantes.com | www.cedrosressoantes.com

É expressamente interdita a reprodução parcial ou integral desta obra por qualquer processo, incluindo a fotocópia e a tradução e transmissão em formato digital. Excepua-se a reprodução de pequenos excertos para efeitos de recensão crítica ou devidamente autorizado por escrito pela Joanne Gribler, Editora

Correspondência com o autor:
Vladimir Megre
PO BOX 44
630121 Novosibirsk
Russia

www.vmegre.com

Vladimir Megre

Os Cedros Ressoantes da Rússia

Livro 1
Anastasia

Livro 2
Os Cedros Ressoantes da Rússia

Livro 3
Espaço de Amor

Livro 4
Co-criação

Livro 5
Quem Somos Nós?

Livro 6
O Livro do Kin

Livro 7
A Energia da Vida

Livro 8/1
A Nova Civilização

Livro 8/2
Ritos de Amor

Livro 10
Anasta

Índice

Prefácio 7

Capítulo 1 – Duas civilizações 9
Capítulo 2 – Provem o sabor do universo 18
Capítulo 3 – Os Sonhos de Auroville 24
Capítulo 4 – Anunciantes da Nova Civilização 28
Capítulo 5 – A busca de provas 32
Capítulo 6 _ O jardim eterno 37
Capítulo 7 – A Rússia de Anastasia 45
Capítulo 8 – A nação mais rica 54
Capítulo 9 – O bem prevalecerá sobre a terra 64
Capítulo 10 – A corrida ao desarmamento 87
Capítulo 11 – Ciência e falsa ciência 97
Capítulo 12 – Será que o nosso pensamento é livre? 107
Capítulo 13 – A amazona do futuro 112
Capítulo 14 – A cidade junto ao Neva 119
Capítulo 15 – Para tornar realidade 126
Capítulo 16 – Carta aberta 132
Capítulo 17 – Perguntas e respostas 137
Capítulo 18 – A filosofia da vida 162
Capítulo 19 – Quem controla as coincidências? 191
Capítulo 20 – Esgotamento 217
Capítulo 21 – A tentativa de descodificação 223
Capítulo 22 – A nossa realidade 229
Capítulo 23 – Os teus desejos 251
Capítulo 24 – A eternidade está perante nós dois 263

Apêndice 273

Prefácio

A revolução chegou!
Milhares de pessoas estão em movimento.
Organizam-se em grupos e procuram onde criar as eco-aldeias do futuro.

No quinto livro da série Os Cedros Ressoantes da Rússia, titulada «Quem Somos Nós?» está bem explícito como criar estas novas povoações futuristas e até descreve em pormenor como será a vida nelas.

Sinto uma vontade imensurável de já viver assim. Vejo cada dia como o mundo tecnocrático se apodera do meu lindo bebé. Como o carro, a mota e o tractor ganham *status* em comparação à oliveira, a pedra ou o Sol. É inevitável mesmo para quem viva no campo como eu. E o que é ainda mais retórico, enquanto me dedico a vos trazer estes livros, perco tempo com meu reizinho e com a minha horta, vejo como meu Espaço de Amor precisa de mais mimos. Foi por isso que um dia, a olhar para quatro arbustos de mirtilo, secos por falta de água, fiz um apelo a Anastásia: Então Linda! Como é, eu ajudo a espalhar a tua mensagem e quem me ajuda a mim?

Imediatamente um casal que anda à procura de onde e com quem criar uma eco-aldeia, veio viver connosco e deliciados pela oportunidade, após viverem na cidade, puseram mãos na terra para embelezar e encher de vida o meu jardim e com este

acto criou-se o primeiro grupo pioneiro em Portugal. Co-criando uma eco-aldeia, aguardamos quem deseje juntar-se a nós.

Se ainda se pergunta «será que esta mulher existe»? Talvez seja por causa das suas habilidades extraordinárias. Mas se aceitamos tudo isso como natural, humano, consequêntemente acabamos por nos perguntar, então... e quem sou eu? Quem Somos nós?

Ninguém quer admitir que as suas características humanas ficaram muito, muito reduzidas. Agarremo-nos à esperança de as redobrar!

Se imagina que a nossa situação global é complicada e que dificilmente se resolveria tudo de um dia para outro, vai ter uma surpresa com este livro. Estamos sim, mesmo a beira duma mudança impactante mas sem sofrimento.

Graças à inspiração destes livros já nasceram crianças nas condições adequadas para a integridade humana e em breve veremos o resultado incrível destes novos anjos na terra.

Naturalmente todos procuramos sentir alegria, sermos felizes e é obvio que uns tentaram tirar lucro desse desejo humano, descarrilando a maioria para acreditarem numa felicidade evasiva e temporal, sujeito a uma entrega substancial do nosso livre arbítrio. Mas Anastásia acorda-nos carinhosamente para nos lembrarmos daquilo que nos fazia felizes em criança e ganharmos forças para criar algo novo, mais lógico, mais agradável e que assegure a nossa continuação como espécie.

Este livro é um convite, seja na mente ou em acção, comece já a visualizar o nosso futuro brilhante!

Com Amor
Joanne Gribler

CAPÍTULO 1

Duas civilizações

Todos nós corremos para algum lugar, aspiramos a algo. Cada um de nós deseja viver uma vida feliz, encontrar o seu amor, criar uma família. Mas será que muitos de nós conseguem alcançar o que desejam?

De que depende a nossa satisfação ou insatisfação com a vida, o nosso sucesso ou insucesso? Em que consiste o sentido da vida de cada pessoa e da humanidade em geral? O que nos espera no futuro?

Estas questões existem há muito tempo, mas ninguém ainda lhes deu nenhuma resposta clara. Eu gostaria de saber em que país esperamos viver daqui a cinco ou dez anos. Em que mundo viverão os nossos filhos? Mas nós não sabemos, nem temos grande capacidade de imaginar o nosso futuro, porque andamos sempre a correr de um lugar para outro? Para onde?

É surpreendente, mas é um facto: eu recebi pela primeira vez uma ideia sobre o futuro do nosso país, não através dos especialistas em estatística nem dos políticos, mas através da eremita da taiga, Anastasia. E ela não se limitou a mostrar imagens de um futuro maravilhoso, mas provou de forma fundamentada as possibilidades já para a nossa geração. Na realidade, ela apresentou um projecto para o desenvolvimento de tudo o país.

Enquanto eu caminhava pela taiga vindo da clareira onde vive Anastasia em direcção ao rio, por alguma razão surgiu-me a convicção de que o projecto dela pode mudar muitas coisas no mundo. Se tivermos em conta que tudo o que é modelado no seu pensamento se realiza sempre posteriormente na vida, então nós de facto já estamos a viver num país cujo futuro pode apenas ser maravilhoso. Eu caminhava pela taiga e pensava sobre as palavras da eremita, sobre o futuro do país no qual talvez até a nossa geração poderá viver. No país onde não haverá conflitos regionalistas, nem bandidos nem doenças, onde não haverá pessoas pobres. E embora eu não tivesse compreendido todos os seus pensamentos, desta vez eu não queria duvidar de nada do que dissera Anastasia. Pelo contrário, tive vontade de provar a todos que ela tinha razão.

Decidi firmemente fazer tudo o que estiver ao meu alcance para a realização do projecto. Exteriormente ele parece muito simples: é preciso que cada família receba um hectare de terra para uso vitalício e que construa nele a sua herdade, o seu pedacinho de terra mãe. Absorveram-me completamente todos os pormenores deste projecto. Tudo era extraordinário e incrivelmente simples!

Ora esta! Não foram os cientistas agrónomos, mas sim a eremita da taiga, quem provou que mediante a distribuição correcta de todas as coisas pelo terreno, passados alguns anos não será preciso adubar a terra e, para além disso, até um solo pouco fértil se tornará melhor.

Como exemplo de base, Anastasia apresentou a situação da taiga. A taiga existe há milénios, tudo cresce nela, mas ninguém aduba o seu solo. Anastasia diz que tudo o que cresce sobre a Terra é o pensamento materializado de Deus e que Ele organizou tudo de tal forma que o ser humano não tem que se fatigar com os problemas de como obter comida. É apenas preciso tentar compreender

o pensamento do Criador e criar coisas maravilhosas em conjunto com Ele.

E eu posso dar o meu exemplo concreto. Na ilha do Chipre, que eu tive oportunidade de visitar, o solo é pedregoso. Mas esse solo nem sempre foi assim. Há muitos séculos atrás, naquela ilha, cresciam maravilhosas florestas de cedros, árvores de fruto, havia muitos rios pelos quais corria água límpida e a ilha parecia um paraíso terreno. As legiões Romanas tomaram a ilha, começaram a derrubar os cedros e a construir com eles os seus barcos, e derrubaram também os bosques de cedro da ilha. Hoje em dia, a maior parte da ilha está coberta por vegetação mirrada, a erva fica seca logo na Primavera, passaram a ser raras as chuvas de Verão e a água doce não é suficiente. Os habitantes da ilha têm que trazer terra fértil por mar em grandes lanchas. E assim resulta que o ser humano não melhorou o que havia, mas com a sua interferência bárbara piorou as coisas criadas.

Anastasia, ao descrever em detalhe o seu projecto, disse que no terreno deveria ser imprescindivelmente plantada uma árvore de família e que é preciso enterrar alguém que morra, não no cemitério, mas no maravilhoso terreno familiar cultivado pelos próprios. Não é preciso de todo colocar um objecto em memória sobre a campa. A memória da pessoa deverá ser viva e não morta. Como memória para os familiares, ficarão as criações vivas dessa pessoa e assim a sua alma poderá reincarnar na matéria, no seu paradisíaco jardim terrestre.

Aqueles que são enterrados no cemitério não conseguem tornar ao seu paradisíaco jardim terrestre. As suas almas não conseguem materializar-se enquanto houver pensamentos dos familiares e amigos que pensam sobre a sua morte. Um túmulo é um monumento à morte. O ritual funerário foi inventado pelas forças obscuras e

o seu intuito é enclausurar a alma humana, ao menos por algum tempo. O nosso Pai não produziu nenhum sofrimento nem mágoas para os seus queridos filhos. Todas as criações Divinas são eternas, auto-suficientes, reproduzem-se a si próprias. Tudo o que vive sobre a Terra, desde a aparentemente simples ervinha até ao ser humano, representa um todo harmonioso e eterno.

E aqui, eu acho, ela tem razão. Hoje em dia os cientistas dizem: o pensamento humano é material, mas se isso é assim, então resulta que os familiares do falecido, ao pensarem sobre ele como morto, o seguram no estado de morte, fazendo sofrer a sua alma. Anastasia afirma que o ser humano, ou melhor, a alma humana, pode viver eternamente. Ela pode reincarnar constantemente num novo corpo, mas apenas mediante determinadas condições. Eu acreditei simplesmente nisso, mas os eruditos em esoterismo terão mais qualificações para comprovar ou desmentir as afirmações de Anastasia sobre a vida e a morte.

«Oh, terás tantos opositores», disse eu a Anastasia. E ela em resposta apenas se riu: «Mas tudo acontecerá de forma muito simples, Vladimir. O pensamento de um ser humano é capaz de materializar e de transformar objectos, de predeterminar acontecimentos, de construir o futuro, e assim resulta que os opositores que tentarem provar a caducidade da essência humana, destruir-se-ão a si próprios, uma vez que produzirão o seu término com os seus próprios pensamentos.

Aqueles que conseguirem compreender o seu propósito e o cerne da eternidade, começarão a viver em felicidade, reincarnando eternamente, uma vez que com os seus pensamentos produzirão eles próprios a sua eternidade feliz».

E ainda, o projecto dela agradou-me muito quando eu comecei a calcular a sua utilidade económica e me convenci de que qualquer

pessoa, com a ajuda da herdade familiar fundada por si segundo o projecto de Anastasia, poderá sustentar os seus filhos e netos de forma folgada. Não apenas pelo facto de poder providenciar às crianças produtos alimentares de qualidade e uma casa. Anastasia disse que é preciso fazer uma sebe de árvores vivas e um quarto do hectare deveria ser ocupado com floresta. Isso significa aproximadamente trezentas árvores. Dentro de oitenta ou cem anos elas serão derrubadas, possivelmente. Dessas trezentas árvores resultarão aproximadamente quatrocentos metros quadrados de madeira, e já hoje a madeira bem seca e cortada para construção custa pelo menos cem dólares por metro quadrado, e assim resultam quarenta mil dólares. Claro que não se deve derrubar toda a floresta, pode retirar-se a parte necessária de árvores crescidas e plantar logo novas em substituição. O valor total da herdade familiar, composta segundo o plano de Anastasia, pode ser avaliado em milhões de dólares e mais, e qualquer família, mesmo com um rendimento médio, é capaz de o construir. A casa, a princípio, pode ser mais que modesta, a principal riqueza é um terreno organizado correctamente e de forma bonita. As pessoas de posses já hoje pagam muito dinheiro a empresas que fazem design paisagístico. Há perto de quarenta dessas empresas em Moscovo, e o trabalho não é escasso. Arranjar de forma correcta e bonita apenas cem metros quadrados de terreno adjacente a uma casa, custa, segundo a avaliação deles, a partir de mil e quinhentos dólares.

Plantar uma árvore conífera com seis metros de altura, custa quinhentos dólares e aqueles que querem viver num lugar composto de forma bonita, pagam esses valores avultados. Pagam porque não passou pela cabeça dos seus pais investir numa herdade familiar. E para isso não é preciso ser rico, apenas é necessário estabelecer as prioridades de forma correcta. Como poderemos educar

os nossos filhos, se nós próprios não entendermos estas coisas tão simples? Anastasia está certa quando diz que é preciso começar pela educação de nós próprios.

Eu próprio fiquei com muita vontade de ter a minha herdade: adquirir um hectare de terra, construir uma casa e o mais importante – plantar diferente vegetação, compor o meu pedacinho de Terra Natal da forma que Anastasia esboçou e que seja rodeada de terrenos de outras pessoas também maravilhosamente organizados. E que Anastasia e o nosso filho também possam instalar-se ali ou vir visitar, e mais tarde os netos, os bisnetos. Pode ser que os bisnetos venham a querer trabalhar na cidade, mas então poderão vir à sua herdade familiar para descansar. E uma vez por ano, a 23 de Julho, na festa de toda a Terra, pode ser que todos os familiares se reúnam na sua casa. É claro que eu já não estarei vivo nessa altura, mas ficará a herdade iniciada por mim e as árvores que nela crescem e o jardim. Vou escavar um pequeno lago e pôr peixinhos lá dentro. As árvores serão plantadas segundo um plano específico, como disse Anastasia. Algumas coisas serão do agrado dos meus descendentes, outras eles vão querer mudar, mas de qualquer das formas lembrar-se-ão de mim.

Serei enterrado na minha herdade e pedirei que não assinalem com nada a minha campa. Que ninguém passe sobre ela com uma expressão tiste, que não haja mágoa nenhuma. Que não haja uma sepultura com uma laje, mas que cresçam do corpo erva fresca e arbustos e se elevem sobre a terra, e talvez até ser algumas bagas benéficas para os meus descendentes e familiares. Qual é a utilidade das lajes sobre as sepulturas? Nenhuma, apenas tristeza. Que ninguém me recorde com mágoa, mas sim com alegria, ao chegar à herdade que eu cultivei. Eh, eu vou compor para eles tudo de tal forma, vou plantar de tal maneira...

Os pensamentos entrelaçavam-se num pressentimento alegre de algo grandioso. «Preciso de começar o mais rapidamente possível, agir de alguma forma, chegar quanto antes à cidade, mas ainda tenho que andar uns dez quilómetros por esta floresta até ao rio. Seria bom que terminasse depressa, esta floresta.» E nisto, do nada, veio-me à cabeça a informação sobre as florestas da Rússia. Não me lembrei de todos os números, mas eu apresento aqui os dados que li uma vez numa informação estatística:

«As florestas são o tipo principal de vegetação na Rússia, elas ocupam 45% do seu território. A Rússia tem as reservas florestais maiores do mundo. No ano 1993 a área ocupada pela floresta era de 88,5 milhões de hectares, e o total de reserva de madeira era de 80,7 biliões, o que representa respectivamente 21,7 e 25,9% das reservas mundiais. O facto do primeiro número ser mais elevado que o segundo, mostra que a Rússia tem florestas mais maduras e mais produtivas que todo o resto do planeta.

As florestas têm um papel enorme no equilíbrio dos gases na atmosfera e na regulação do clima no planeta Terra. A média geral para as florestas da Rússia, determinada por B. N. Moiseev, representava 1789064,8 milhares de toneladas de dióxido de carbono e 1299019,9 milhares de toneladas de oxigénio. Anualmente, nas florestas da Rússia, são depositados 600 milhões de toneladas de carbono. Estes enormes volumes de migração de gases, estabilizam representativamente a composição gasosa e o clima do planeta».

Ora aqui temos! Algumas pessoas dizem que a Rússia tem preparada para si algum tipo de missão, mas ela não está no futuro, já está a ser desempenhada.

Imagine-se só: as pessoas de todo o planeta, algumas em menor, outras em maior escala, isso não importa, o que importa é outra

coisa, é que todas as pessoas do planeta respiram o ar da Rússia. Respiram oxigénio que é produzido por esta floresta, e eu neste momento estou a caminhar simplesmente por ela. Seria interessante saber se esta floresta apenas entrega oxigénio a todas as pessoas que vivem no planeta ou ainda mais alguma coisa importante.

Agora a taiga pela qual eu caminhava sozinho já não me despertava nenhum sentimento de inquietação, como antes. Tinha a mesma sensação de quando se caminha por um parque seguro. Claro que na taiga não há caminhos como no parque, e por vezes os trilhos estão impedidos por árvores caídas ou vegetação densa, mas desta vez não me irritavam.

Eu apanhava, em andamento, bagas que ia encontrando pelo caminho: framboesa, groselha... observei pela primeira vez como até as árvores da mesma espécie são diferentes no seu aspecto. A vegetação está disposta de formas diferentes, não há dois quadros iguais.

Eu olhava pela primeira vez atentamente a taiga e ela pareceu-me mais bondosa. Talvez esse sentimento tenha surgido também pela consciência de que naquela taiga nasceu e vive na sua clareira, o meu pequeno filho e Anastasia – a mulher cujo encontro transformou toda a minha vida.

Naquela taiga imensa existe a pequenina clareira de Anastasia, que ela não quer abandonar por muito tempo e não troca nem pelo mais luxuoso apartamento. Aquela clareira é aparentemente um lugar comum e vazio: não há casas e nem uma cabana, nem as infra-estruturas necessárias para a vida, mas assim que lá chega, Anastasia fica logo contente. E dentro de mim, por alguma razão, na terceira visita à clareira de Anastasia, também surgiu uma sensação parecida com aquela que temos quando chegamos a casa depois de um caminho difícil.

No nosso mundo acontecem coisas estranhas. Há milénios que a humanidade luta aparentemente pela felicidade, pela prosperidade de cada indivíduo, mas se analisarmos: a mesma pessoa que vive no meio da sociedade, no centro de uma cidade civilizada actual, encontra-se cada vez mais indefesa. Ora tem um acidente de viação, ora-o assaltam, apanha uma data de doenças, já nem consegue viver sem uma farmácia, e por vezes, por alguma insatisfação da vida, acaba por se suicidar. O número de suicídios cresce precisamente nos países civilizados, com um nível de vida elevado. Entretanto, aparecem na televisão mães de várias regiões dizendo que não têm com que dar de comer aos seus filhos, as famílias passam fome.

Anastasia vive com o pequenino filho na taiga, como se fosse numa civilização diferente. Não pede nada da nossa civilização, nenhuma polícia, e ela nem precisa das tropas nacionais para sua defesa. Dá a sensação de que naquela clareira não se pode passar nada de mal com ela nem com o bebé.

Sim, claro que nós temos civilizações distintas, e ela propõe que tomemos o melhor dos dois diferentes mundos. E então transformar-se-á o estilo de vida de muitas pessoas na Terra, nascerá uma sociedade humana nova e feliz. Essa sociedade será interessante, nova e extraordinária. Aqui está um exemplo...

CAPÍTULO 2

Provem o sabor do universo

Durante muito tempo não pude concordar com o facto de Anastasia deixar tranquilamente o bebé ainda de peito sozinho. Coloca-o simplesmente sobre a erva, debaixo de um arbustozinho ou ao lado da ursa ou da loba enquanto descansam. Eu já me convenci de que nenhum animal selvagem lhe tocará. Eles, pelo contrário, defendê-lo-ão até à última. Mas de quem? Se os animais em redor são amas, então defender de quem? De qualquer modo, não é habitual deixar um bebé de peito sozinho, e eu tentei convencer Anastasia para que não o fizesse, dizendo-lhe:

– Se os animais não tocam no bebé, isso não significa que não possa acontecer qualquer outra desgraça com ele.

E ela respondeu:

– Não posso imaginar, Vladimir, em que desgraça tu estás a pensar.

– Muitas que acontecem com os bebés indefesos. Por exemplo, sobe a gatinhar para uma colina e depois rebola dela abaixo e torce um pezinho ou uma mãozinha. – A altura que um bebé alcança sozinho não o magoará.

– Mas, e se ele comer algo que lhe faça mal? Ele não tem consciência, leva tudo à boca, assim é fácil envenenar-se, e depois quem é que lhe vai fazer uma lavagem ao estômago? Não há nenhum médico nas proximidades, e tu nem sequer tens um *clister* para lavar o intestino do bebé em caso de necessidade.

Anastasia riu muito em resposta:

– Para quê um *clister*, Vladimir? Pode lavar-se o intestino de outra forma, muito mais efectiva.

– Como?

– Queres experimentar? A ti por acaso não te fará nada mal, eu vou trazer-te algumas ervinhas ...

Espera, não é preciso, eu já percebi. Queres dar-me alguma coisa que me desarranje a barriga.

– A tua barriga há muito que está desarranjada. A erva expulsará tudo o que há de desnecessário no teu estômago.

– Já percebi. Se acontecer alguma coisa, dás ao bebé uma erva que lhe provoca diarreia. Mas para quê chegar até esse ponto de tortura da criança?

– Mas não chegará até aí. O nosso filho não comerá nada de prejudicial. Os bebés, especialmente os de peito, que estão habituados ao leite da mãe, nunca comerão nenhuma outra coisa em quantidade. E o nosso filho poderá apenas provar ligeiramente alguma bagazita ou uma ervinha. Se ela for amarga e prejudicial, ele vomitará, em compensação lembrar-se-á e não a comerá mais. Ficará a conhecer toda a Terra não pelos relatos de alguém, mas pelo sabor. Que o nosso filho possa provar o sabor do Universo!

Realmente, ela deve ter razão, pois até hoje não aconteceu nada de mal com o nosso bebé.

E eu ainda notei mais uma situação interessante: os animais que rodeiam a clareira de Anastasia domam ou ensinam eles mesmos a sua descendência a relacionar-se com o ser humano. Antigamente eu pensava que era a própria Anastasia que o fazia, mas depois comprovei que ela não perde tempo com isso.

Aqui relato o que eu vi uma vez: nós estávamos sentados no limite da clareira ao sol.

Anastasia tinha acabado de dar de mamar ao bebé e ele estava deleitado, deitado nos seus braços. Ao princípio dormitou um pouco ou dormiu. Depois, com a sua mãozita pequenina, começou a tocar os cabelos de Anastasia e a sorrir. Anastasia olhava para o filho e sussurrava-lhe diferentes palavras em voz suave.

Eu vi sair a loba para a clareira com a sua ninhada de quatro lobitos muito pequeninos. A loba dirigiu-se para nós e deitou-se na erva a uns dez metros. Os lobitos que saltitavam atrás dela começaram logo a instalar-se na sua barriga. Anastasia viu a loba deitada com os lobitos, levantou-se segurando o filho pela mão, aproximou-se dela, sentou-se a uns dois metros da loba e ficou a olhar com um sorriso para as suas crias. Ao mesmo tempo dizia carinhosamente:

– Oh, que lindos pequenotes a nossa querida deu à luz! Um será de certeza o líder. E essa menina, tão parecida com a mãe, dará dignamente continuidade à linhagem.

A loba estava como que a dormitar, os seus olhos semicerravam-se langorosamente de sono, ou da ternura na voz de Anastasia. Os lobitos deixaram a barriga da loba e ficaram a olhar para Anastasia, e um deles, ainda sem se mover com muita confiança, dirigiu-se para ela.

A loba, aparentemente adormecida, de repente saltou, pegou o lobito com os dentes e lançou-o para junto dos outros. O mesmo aconteceu com outro lobito e com o terceiro e o quarto, que tentaram aproximar-se de Anastasia. Os lobitos inocentes continuaram as suas tentativas, mas a loba não os deixava, até que eles pararam as suas tentativas. Dois lobitos começaram a lutar um com o outro, e outros ficaram sentados pacificamente e olhavam para nós. O bebé nos braços de Anastasia também viu a loba com os lobitos e ficou a olhar para eles, depois abanou impacientemente as pernitas e pronunciou um som de chamamento.

Anastasia estendeu as mãos na direcção da loba com os lobitos. Dois lobitos dirigiram-se timidamente para a mão humana estendida, mas dessa vez a loba não os impediu, pelo contrário, ela empurrou os dois lobitos que estavam a brincar para o lado da mão estendida. E em breve eles se encontraram perto de Anastasia. Um começou a mordiscar o dedo da mão de Anastasia que estava estendida; o segundo subiu-lhe para a mão e os outros dois rastejaram para junto do seu pé. O nosso filho contorcia-se nos braços de Anastasia, querendo nitidamente ir para perto dos lobitos. Anastasia baixou-o sobre a erva e ele, esquecendo-se imediatamente de tudo, começou a brincar com eles! Anastasia aproximou-se da loba, fez-lhe umas festas carinhosas no pescoço e depois voltou para perto de mim.

Eu percebi que a loba domesticada nunca incomodava Anastasia por iniciativa própria; a loba corre para ela apenas quando é feito um determinado gesto, e ela agora ensinava o mesmo aos seus descendentes. Provavelmente foi ensinada assim pela sua mãe e a mãe pela sua mãe e assim, de geração em geração, os animais transmitiram as regras do relacionamento com o ser humano. E tenho que dizer que é uma atitude respeitosa,

com tacto. Mas quem os terá acostumado ao oposto, a atacar o ser humano?

Na verdade, ao conhecer a vida dos eremitas da taiga siberiana surgem muitas perguntas, as quais antes seria impossível imaginar. Anastasia não pensa mudar o seu estilo de vida de eremita. Mas ... esperem lá! Quando eu penso sobre Anastasia como uma eremita ... A palavra «eremita» dentro de mim associa-se sempre a alguém que vive isolado da sociedade, do sistema actual de informação. Mas na realidade, não é isso que acontece. Depois de cada visita à sua clareira eu publico um novo livro. Há muitas pessoas diferentes discutem o livro, velhas e novas, eruditos e líderes de organizações religiosas. O que se verifica é que não sou eu que lhe trago informação da nossa sociedade informada sobre tudo, mas é ela que me disponibiliza informação interessante para a sociedade.

Então, quem é o verdadeiro eremita afinal? Será que não nos emaranhámos na teia da abundância, ou melhor da aparente abundância de informação, e na realidade nos separámos ou quebrámos o elo com a verdadeira fonte de informação? O que resulta é que a remota clareira da taiga de Anastasia é como um centro de informação, como um cosmódromo para outras dimensões da existência.

Afinal quem sou eu, quem somos nós, quem é Anastasia? Se calhar isso agora não é tão importante. O mais importante está contido noutra coisa: as suas afirmações relativas à possibilidade da transformação, para melhor, da vida das pessoas, dos países e da sociedade humana na sua totalidade, como consequência da mudança das condições de vida de cada pessoa em particular.

É de uma simplicidade incrível: só é preciso dar a essa pessoa pelo menos um hectare de terra, e de aí em diante ela conta-nos o

que é preciso fazer nessa terra, e então... É incrível, é tão simples... E a energia do Amor estará sempre com essa pessoa! Os esposos amar-se-ão um ao outro. Os filhos serão felizes, desaparecerão muitas doenças, evitar-se-ão guerras e cataclismos. O ser humano aproximar-se-á de Deus.

Em concreto, ela propôs que se construam muitas clareiras parecidas com a dela perto das grandes cidades. Para isso, ela não se opõe à utilização dos avanços técnicos da nossa civilização: «Que as coisas negativas também possam trabalhar para o bem», diz. E eu acreditei no projecto dela. Acreditei na maravilha que deverá acontecer com a sua materialização na nossa vida. E muito do que está contido nele pareceu-me maravilhoso. Mas preciso de confirmar tudo mais uma vez por ordem, pensar sobre ele. É preciso adaptar o projecto dela a cada lugar.

Cativou-me a ideia de Anastasia relativa ao terreno e à sua organização. Queria chegar rapidamente a casa e ver o que diziam os eruditos sobre tais comunidades, se havia algo parecido no mundo. Queria primeiro fazer o projecto detalhado da nova comunidade, depois começar a construí-la em esforço conjunto com quem desejasse participar na sua construção. Claro que nem eu nem ninguém pode tomar a responsabilidade de realizar sozinho o projecto dessa maravilhosa comunidade do futuro, é preciso fazê-lo em conjunto!... Será preciso discutir em conjunto a informação e projectar a nossa comunidade tendo em conta os erros dos outros.

CAPÍTULO 3



Os Sonhos de Auroville

Durante os primeiros meses depois de ter voltado de junto de Anastasia, recolhi intensivamente e estudei informação relativa às ecoaldeias. A maior parte das fontes de informação relatava sobre situações análogas no estrangeiro. No total, eu recolhi informação sobre esse tema sobre 86 aldeias em 19 países como a Bélgica, o Canadá, Dinamarca, Inglaterra, França, Alemanha, Índia e outros. Mas não fiquei muito satisfeito. Em nenhum país havia um movimento suficientemente grande, nem havia aldeias capazes de ter uma influência significativa no panorama social desses países. Uma das comunidades maiores e mais famosas era na Índia, a cidade de Auroville. Eu contarei sobre ela mais detalhadamente.

Auroville foi fundada em 1968 por Mirra Richard, esposa do criador do Yoga Integral, Sri Aurobindo[1]. Suponha-se que nas terras cedidas pelo governo indiano perto da cidade de Pondicherry,

[1] *Sri Aurobindo* (1972-1950) – místico hindu, poeta e filósofo evolucionário, considerado pelos seus seguidores como um 'avatar', ou incarnação do Ser Superior. O seu Yoga Integral é uma síntese dos três yogas: Karma, Bhakti e Jnana, integrando todos os aspectos da vida. A sua parceira espiritual, Mirra Richard (1878-1973), nascida em Paris e filha de pais egípcios, chegou ao Ashram de Aurobindo em 1914 e estabeleceu-se em Pondicherry em 1920. Normalmente denominada 'a Mãe', era quem supervisionava o Ashram e as organizações relacionadas. Após a morte de Sri Aurobindo em 1950, sucedeu-lhe como líder espiritual e fundou a comunidade de Auroville em 1968.

onde desde os anos quarenta existe o Ashram Sri Aurobindo, o centro dos seguidores do Yoga Integral, surgiria uma comunidade e cresceria uma cidade com uma população de cinquenta mil pessoas. «Auroville», que significa «cidade da Aurora» ou «cidade da aurora interior», deveria tornar realidade a ideia da união entre as pessoas ligadas por um objectivo comum, de construir um mundo material harmonioso, sem que esse fosse contraditório ao mundo do espírito. Mirra Richard, no decreto que escreveu, dizia:

«Auroville é um centro de pesquisas espirituais e materiais, que preparam a materialização viva da verdadeira unidade humana.»

A ideia da criação de uma cidade na qual viveriam pessoas em harmonia com o mundo natural, em harmonia de espírito e em amor, foi aprovada pelo governo indiano, pessoalmente por Indira Gandhi, pela UNESCO, e recebeu um apoio financeiro do governo indiano e um grande número de patrocínios. Na cerimónia de abertura estavam presentes representantes de 121 países e de 23 estados indianos. A maravilhosa cidade, provavelmente o sonho da maioria das pessoas «espirituais» de todo o mundo, começou a construir-se.

No entanto, após a morte de Mirra Richard no ano de 1973 o estudante de Aurobindo, Satprem, fez declarações fortes sobre Auroville, chamando-lhe de mera «empresa comercial». O Ashram de Sri Aurobindo, que controlava a maior parte das finanças da «empresa», tinha pretensões de poder sobre tudo o que acontecia na cidade, mas os habitantes da comunidade acharam que ela pertencia a todo o mundo e que o Ashram não mandava neles. Começou um confronto aguçado entre as pessoas espirituais do Ashram e as pessoas espirituais de *aurovillenses*. O confronto dava-se não apenas no nível espiritual, mas passava cada vez mais

também para o plano físico. Em 1980 o governo da Índia viu-se forçado a tomar a decisão de retirar Auroville de debaixo do controlo da associação Sri Aurobindo. Na aldeia apareceu uma esquadra policial permanente. A situação com Auroville desencadeou também uma crise geral no movimento e nos ensinamentos de Sri Aurobindo.

Hoje, em Auroville, vivem cerca de 1200 habitantes em vez dos 50 000 ou mais que tinham imaginado os organizadores. Pode ser que a causa da falha do sonho de Auroville consista na seguinte situação: um *aurovillense*, mediante autorização, tem o direito de construir uma casa para si, mas em termos jurídicos a terra sobre a qual se encontra a casa pertencerá sempre a Auroville. A terra é adquirida com os recursos do *aurovillense*, mas em nome de Auroville. Desta forma, resulta que toda a confiança é entregue a Auroville, mas a nenhum dos seus habitantes. Cada habitante está dependente. O projecto foi feito por pessoas que se consideravam altamente espirituais. Mas pelos vistos, nessa espiritualidade existe um outro lado da moeda.

A situação actual de Auroville entristeceu-me e desanimou-me. Não me surgiram dúvidas relativamente ao projecto de Anastasia, no entanto entraram-me pensamentos negativos na cabeça. Se não resultou fazer uma ecoaldeia normal na Índia, o país considerado quase como o líder na compreensão espiritual da existência humana, se não resultou nem mesmo com o apoio financeiro da parte do governo indiano, da UNESCO, de patrocinadores de vários países, então como poderá Anastasia prever todos os obstáculos sozinha? E mesmo que não esteja sozinha, mesmo que uma multidão de leitores que partilha a sua visão, tente calcular e prever tudo, mesmo com todos em conjunto pode não resultar, porque não temos nenhuma experiência.

Se pelo menos alguém conhecesse o alicerce sobre o qual pode ser construída a vivência feliz de uma pessoa individual e da sociedade em geral, provavelmente em algum lugar seria construída uma sociedade feliz. Mas ela não existe! Em nenhum país. Apenas existem experiências negativas. E onde procurar as positivas?

«Na Rússia!» – Respondeu Anastasia.

CAPÍTULO 4



Anunciantes da Nova Civilização

«Os rebentinhos do novo e maravilhoso futuro estão nos *dachniks* russos!» – Estas palavras soaram por si só, dentro de mim, Anastasia nesse momento não se encontrava por perto. Num instante lembrei-me de como ela já há quatro anos atrás falara entusiasticamente sobre os *dachniks*[1] russos. Ela acha que foi graças aos *dachniks* que não aconteceu na Terra uma catástrofe a nível planetário em 1992. Foi precisamente na Rússia que começou esse surpreendente movimento que afaga uma parte da Terra... Eu recordei-me de como ela falara sobre isso:

«... Milhões de pares de mãos humanas tocaram a terra com amor. Precisamente com as suas mãos, não com aparelhos. Os russos tocaram carinhosamente a Terra nos seus pequenos terrenos de *dacha*. E ela sentiu. A Terra sentiu o toque individual de cada mão. A Terra, embora seja grande, é muito, muito sensível! E encontrou forças para se aguentar mais um tempo».

Nessa altura, há quatro anos atrás, eu não levei a sério estas afirmações, mas agora, após ter tomado conhecimento das várias

[1] *Dachniks* – pessoas que passam algum tempo livre nas suas *dachas*, ou casas de campo, onde frequentemente são cultivados legumes e frutas para abastecimento da família.

tentativas de pessoas de diferentes países do mundo de criar aldeias espirituais e ecológicas, de repente percebi... Na Rússia, sem grandes apelos nem reclames, nem pompa foi posto em prática, na realidade, um projecto em grande escala com importância para toda a humanidade. Ao ter como base a grande quantidade de associações de *dachniks* russos, a informação vinda de vários países do mundo sobre a criação de ecoaldeias nos seus territórios, tornou-se simplesmente ridícula.

Julguem por vós próprios: perante mim encontra-se uma enorme pilha de artigos de diferentes compilações, nas quais se discute seriamente o problema de quantas pessoas devem viver numa ecoaldeia. Aconselham que não sejam mais de 150. É dada maior importância aos órgãos dirigentes da ecoaldeia e à sua orientação espiritual.

As cooperativas de *dachas* russas já existem há anos e cada uma conta com 300 famílias ou mais. Cada cooperativa é dirigida por uma ou duas pessoas, frequentemente já reformadas. E será que se pode chamar o secretário-geral de uma cooperativa de *dachas* russa de director? Ele mais parece um escriturário ou um gerente que desempenha a vontade da maioria.

O movimento de *dachas* da Rússia não tem nenhuma direcção-geral, no entanto, segundo os dados do *Goskomstat*[2], 14,7 milhões de famílias têm jardins e 7,6 milhões têm hortas. A área que ocupam é de 1 821 000 hectares. A população cultiva de forma autónoma 90% da batata, 77% das bagas e frutas e 73% dos legumes[3].

[2] *Goskomstat* – comité nacional de estatística russo

[3] Estes números têm vindo a aumentar desde que este livro foi escrito. De acordo com as estatísticas oficiais do *Goskomstat*, em 2004 as famílias hortelãs russas cultivaram no seu tempo livre e utilizando maioritariamente métodos biológicos 33 milhões de toneladas de batatas, 11.5 milhões de toneladas de legumes e 3.2 milhões de toneladas de frutos e bagas, que representam respectivamente 93%, 80% e 81% da produção

Provavelmente, os teóricos que se ocupam há anos dos projectos das ecoaldeias tentarão contradizer-me, dizendo que uma cooperativa de *dachas* não é uma ecoaldeia, ao que eu respondo de imediato que o que importa não é o nome, mas a essência da questão.

A grande maioria das cooperativas de *dachas* da Rússia existe de acordo com os princípios das ecoaldeias. Para além disso, sem anunciar em alta voz sobre a sua perfeição espiritual, sobre a necessidade da relação cuidadosa para com a natureza, os *dachniks* demonstram com o seu estilo de vida não em palavras, mas em acções, o seu crescimento espiritual. Eles plantaram milhões de árvores. É graças aos seus esforços que em centenas de milhares de hectares que antes eram considerados terrenos baldios inóspitos e terras abandonadas, hoje florescem jardins.

Nós ouvimos dizer que na Rússia uma parte da população quase passa fome. Ora fazem greve os professores, ora os mineiros, e os políticos estão à procura dos caminhos para tirar o país da crise. Mais do que uma vez, durante o período da Perestroika[4], a Rússia esteve a um fio de uma explosão social em grande escala. Mas isso não aconteceu. Agora imaginemos a vida nestes últimos anos, sem esses 90% de batata, 77%.....73% de legumes. Juntemos, em vez dessas percentagens, o nível de nervosismo de milhões de pessoas. Isto teríamos que fazer, se retirássemos a esses anos o factor dacha, que tranquiliza as pessoas. E aqui nem é preciso ser psicólogo para ver como os *dachniks* se tranquilizam ao tomar contacto com as suas hortas. Desse modo, que resultado teríamos nos anos de 1992,

total destes produtos no país. Os hortelãos russos hoje em dia produzem mais do que a totalidade do aparelho de agricultura comercial. (N.T. versão inglesa).

[4] Perestroika – reestruturação do sistema político e económico da União Soviética, que levou ao colapso do poder do Partido Comunista e à desagregação da URSS no final dos anos 80, início dos anos 90.

1994 ou 1997? Em qualquer um deles poderia ter acontecido uma colossal explosão social. E o que poderia ela trazer a um planeta cheio de armas mortíferas?

Mas a catástrofe não aconteceu. Anastasia afirma que não houve uma catástrofe a nível planetário no ano de 1992 graças aos *dachniks* da Rússia, e agora, conhecendo a informação que esclarece a situação, eu acredito nela.

Agora já não é assim tão importante saber por que inteligente cabeça do governo do nosso país passou a decisão de dar luz verde ao movimento das *dachas* na Rússia, ainda durante o período da União Soviética. Ou será que foi a providência a introduzi-lo precisamente na Rússia? Agora o que importa é algo completamente diferente: o movimento existe! E é a mais brilhante prova da existência da possibilidade de alcançar a estabilidade na sociedade humana, talvez aquela estabilidade para a qual muitos povos em muitos continentes se esforçaram e não conseguiram alcançar.

Anastasia diz que o movimento das *dachas* na Rússia representa uma etapa grandiosa de viragem na evolução da sociedade humana. «Os *dachniks* são anunciantes do maravilhoso que os seguirá». Ela refere-se ao projecto desenhado por ela sobre as futuras aldeias. E eu próprio fiquei com vontade de viver numa dessas maravilhosas aldeias, e que ela se encontrasse num país próspero, e que esse país se chamasse Rússia.

CAPÍTULO 5



A busca de provas

A futura Rússia... Esse maravilhoso país no qual muitas pessoas da geração actual terão a oportunidade de viver em felicidade.

A futura Rússia é um país que fará a viragem da sociedade humana do planeta para uma vida feliz. Eu vi uma Rússia maravilhosa e próspera. Foi ela, Anastasia, que me mostrou o futuro do nosso país. E passou a ser pouco importante a forma como vive aquela impetuosa eremita, impossível de desanimar, que vive no meio da taiga siberiana e faz viagens a outros planetas, ao futuro e ao passado. Com que fios invisíveis ela une as almas das pessoas que vivem em diferentes países num único impulso comovente de criação!? O que importa é outra coisa: o facto de que esse impulso existe. Será que importa onde ela vai buscar tanta informação de todo o tipo e conhecimento sobre a nossa vida? Muito mais importante é o resultado desses conhecimentos, o facto de que pessoas de diferentes cidades, que tiveram contacto com a sua informação, plantam avenidas de cedros, começam a produzir óleo de cedro e cada vez aparecem mais canções e poemas sobre o belo!

Mas que coisa! Ela sonha sobre alguma coisa, eu escrevo *et voila*, realiza-se! Que fantástico! Mas o fantástico materializa-se aos olhos de todos na vida real. E agora sonhou com um país

maravilhoso. Será que se vai realizar? Tem que se realizar! Temos que ajudar de alguma maneira!

Ao ler e analisar o que disse e mostrou Anastasia, eu fiquei cada vez mais convencido da realidade do futuro maravilhoso. Acreditei nele.

Comecei a acreditar em todas as palavras de Anastasia, mas não conseguia acabar de escrever e publicar o capítulo sobre o futuro da Rússia. Ele não entrou no livro anterior, «Co-criação». E a publicação desse livro atrasou-se por causa dele. Eu queria que tudo o que era dito fosse suficientemente convincente e possível de realizar. Para que não apenas eu, mas também muitas outras pessoas acreditassem e começassem a agir, a criar o maravilhoso futuro. Mas por causa de algumas afirmações de Anastasia, não conseguia ser totalmente convincente.

No livro «Co-criação», eu publiquei a afirmação de Anastasia sobre como toda a natureza que nos rodeia não é mais do que os pensamentos materializados de Deus. Se uma pessoa puder compreendê-los, nem que seja parcialmente, então não precisará de empregar muito esforço para conseguir comida nem para adubar a terra, uma vez que ela pode por si própria restabelecer a sua fertilidade, e não precisa de desperdiçar esforços na luta contra as variadas pragas e ervas daninhas. O pensamento do ser humano libertar-se-á dos problemas da vida quotidiana, e ele poderá ocupar-se com coisas mais próprias da sua existência: a co-criação, em conjunto com Deus, de mundos maravilhosos. Eu gostaria que muitas pessoas acreditassem nas palavras dela. Mas como é que as pessoas podem confiar nela se toda a tecnologia agrária, e não apenas no nosso país, não prescinde dos fertilizantes?

Há imensas fábricas, em diferentes países do mundo, que se ocupam da produção de todo o tipo de químicos para introduzir no

solo. Eu falei algumas vezes sobre estas questões com agrónomos, mas tive sempre a mesma resposta indulgente: «Claro que se pode fazer um jardim paradisíaco num hectare de terra, mas será preciso trabalhar nesse terreno de manhã à noite. Sem a introdução de fertilizantes no solo não resultará uma boa colheita. Também não será possível passar sem desenvolver pesticidas, porque haverá muitas pragas que destruirão a colheita.» Quando eu apresentei o argumento de Anastasia, de que na taiga tudo cresce sem a ajuda do ser humano, os eruditos anunciaram: «Suponhamos que cresce. Mas se acreditarmos na tua eremita, então o programa da taiga foi dado pelo próprio Deus. O ser humano necessita de mais coisas, para além das que crescem na Taiga. Por exemplo, na taiga não há um pomar, porque para um pomar, é imprescindível o cuidado de uma pessoa. Ele não pode crescer sozinho.»

Eu visitei algumas vezes lojas como «Tudo para a sua horta», «Jardineiro», «Dachnik. Estive nessas lojas a observar como muitas pessoas compram variados saquinhos com químicos. Olhava para essas pessoas e pensava: elas nunca vão acreditar no que diz Anastasia e por isso é inútil escrever sobre o futuro da Rússia. Não vão acreditar em nada! Não acreditarão, porque esse futuro está associado, antes de mais, a uma nova consciência, com uma atitude diferente para com a terra e tudo o que nos rodeia. Mas não existe nenhuma pessoa actual que possa confirmar o que Anastasia disse, nem nenhum exemplo real que confirme as suas palavras. Na realidade, pelo contrário, todos a contradizem. E as fábricas que produzem pesticidas contra diferentes tipos de pragas continuam a trabalhar. Existe uma cadeia de lojas que vendem fertilizantes e químicos. Existe uma ciência sobre a terra e muitas pessoas se ocupam de investigações científicas. A ausência de provas de peso para as afirmações de Anastasia teve uma influência tão grande sobre mim,

que eu já não podia escrever nada. Por isso é que concordei em ir a Innsbruck, na Áustria. O editor na Alemanha telefonou-me e disse que o director do Instituto de Bio energia, Leonard Hoscheneng me convidava para fazer uma apresentação sobre Anastasia perante os mais proeminentes terapeutas da Europa. O instituto pagava a viagem e alojamento e estavam dispostos a pagar mil marcos por cada hora de apresentação. Eu não fui lá por causa do dinheiro, mas em busca de argumentos convincentes e compreensíveis para muitas pessoas, a favor e contra o projecto de Anastasia e as suas afirmações sobre o futuro da Rússia.

O Dr. Hoscheneng, que me convidara para a apresentação perante os terapeutas, era também médico profissional e um famoso terapeuta de família. O seu avô tratara a família do imperador japonês e de muitas outras pessoas com cargos importantes. Entre as suas propriedades, para além do edifício do Instituto, havia alguns pequenos hotéis acolhedores, nos quais se instalavam muitos doentes que vinham de diferentes países europeus e também um restaurante, um parque e ainda alguns edifícios no centro da cidade. Ele era milionário, mas ao contrário da imagem estabelecida nas mentes de muitos russos sobre os ricaços da Europa Ocidental, Leonard, como eu fiquei a saber, fazia ele próprio todo o trabalho de mais responsabilidade na cura das pessoas. Ele recebia pessoalmente cada pessoa que chegava. E o número de pacientes, por vezes, chegava aos 50 por dia, e ele tinha que trabalhar 16 horas. Apenas de vez em quando ele confiava a consulta... a um terapeuta da Rússia.

Eu fiz a apresentação perante os terapeutas reunidos em Innsbruck, compreendendo que o interesse deles era, em primeiro lugar, Anastasia. Contei-lhes sobre ela durante a maior parte da apresentação e no fim contei um pouco sobre o projecto dela,

esperando em segredo ouvir, vinda dos ouvintes, a confirmação ou contradição do projecto dela sobre a futura Rússia. Mas eles não confirmaram nem contradisseram nada, apenas faziam constantemente perguntas sobre pormenores.

À noite, Hoscheneg organizou um banquete no restaurante. Eu chamar-lhe-ia simplesmente um jantar. Cada um podia pedir o que quisesse, mas todos eram modestos, davam preferência às saladas, ninguém bebia álcool nem fumava. Eu também não pedi nenhuma bebida alcoólica para mim. Não porque tivesse medo de parecer uma ovelha negra ao pé deles, mas simplesmente por alguma razão não tinha vontade de comer carne nem de beber álcool. Nesse jantar falei de novo sobre Anastasia. Foi ali que nasceu a frase, não me recordo quem a disse pela primeira vez: «O futuro maravilhoso da Rússia está relacionado com a Anastasia siberiana». As palavras foram tomadas e repetidas em várias interpretações por terapeutas da Itália, Alemanha, França...

Eu esperava algo de concreto. Porquê, por via de quê, acontecerá o maravilhoso? Mas ninguém propunha provas concretas. Os terapeutas baseavam-se numa qualquer intuição própria, mas eu precisava de provas: poderá a terra alimentar um ser humano sem grandes esforços da sua parte, apenas porque essa pessoa compreende correctamente o pensamento de Deus que nos é invisível?

Ao regressar à Rússia, eu recordava as palavras dos terapeutas europeus, tentava de novo, já sem grande esperança, procurar provas concretas, pelas quais estava disposto a ir a qualquer lugar. Mas não tive que ir muito longe. Uma incrível coincidência, como se preparada de propósito por alguém, forneceu não apenas provas teóricas, mas constituiu uma confirmação viva e real das palavras de Anastasia.

Aconteceu o seguinte.

CAPÍTULO 6

O jardim eterno

Eu fui para o campo com os membros da fundação cultural «Anastasia» da cidade de Vladimir[1]. Instalámo-nos na pitoresca margem do pequeno lago. As mulheres preparavam algumas saladas para o almoço, enquanto que os homens acendiam a fogueira. Eu estava de pé junto da margem, olhava a água e pensava nas minhas coisas. Sem grande disposição. E de repente Veronica, habitante da aldeia mais próxima, diz-me:

– Vladimir Nikolaevich, a uns sete quilómetros daqui, por entre os bosques, encontram-se dois antigos palácios senhoriais. Não restam vestígios das construções, apenas se mantiveram os pomares. Ninguém cuida deles, mas dão fruta todos os anos. Dão mais frutos que os da aldeia que são cuidados e fertilizados. Em 1976, houve um Inverno muito frio nestas paragens, os pomares das pessoas

[1] *Vladimir* – neste caso, o nome de uma das mais antigas cidades da Rússia (fundada em 1108 pelo príncipe Vladimir Monomakh num lugar civilizado ainda anteriormente), que foi outrora a capital da Rússia. Situada junto ao rio Klyazma a cerca de 180km a Este de Moscovo, tem uma população actual de 340.000 habitantes. Assim como a vizinha Suzdal e uma série de outras cidades históricas, Vladimir forma parte da rota turística circular em redor de Moscovo conhecida como o 'Anel de Ouro' (*Zolotoe Kol'tso*). Era aqui que o autor Vladimir Megre vivia enquanto escrevia este livro. A palavra Vladimir, embora normalmente interpretada como 'o governador do mundo', é uma palavra eslava antiga que significava originalmente 'em harmonia e paz'.

morreram, tiveram que plantá-los de novo, mas esses dois pomares por entre os campos não foram atingidos pelo frio, pois nenhuma árvore morreu.

– Porque é que o frio não os atingiu? – Perguntei. – É uma espécie especial, resistente ao frio?

– A espécie é comum, mas nesses pomares de antigamente está tudo disposto de tal forma, tudo foi plantado de tal maneira num hectare... Entende, ali tudo é muito parecido com aquilo que diz Anastasia nos seus livros. Em redor desses pomares, as pessoas, há uns duzentos anos atrás plantaram cedros siberianos e carvalhos dos nossos... E até o feno da erva que cresce lá é mais suculento, e dura bastante tempo sem se estragar... Se quiser ver, podemos ir lá agora mesmo, a estrada que leva lá é de terra, mas o jipe consegue passar.

Eu não podia acreditar no que ouvia. Quem, como, no momento preciso, no lugar necessário me trazia tal presente? Serão um acaso, as coincidências que acontecem connosco?

– Vamos!

A trilha passava por entre os campos da antiga fazenda estatal. Eu disse «campos», mas mais pareciam prados cheios de erva crescida.

– As áreas de plantação hoje em dia diminuíram, a empresa de agricultura não tem dinheiro para fertilizantes, – comentou Evguenii, o marido de Veronica. – Em compensação a terra descansa. E não apenas a terra. Os pássaros este ano começaram a cantar. Eles antes não chilreavam tão alegremente. Porque estão felizes? Talvez porque a erva dos campos agora não tem químicos. Antes da revolução nestes prados havia aldeias, a minha avó contava sobre elas. Agora nem ficou um resto das aldeias. Ali está ela, veja, à direita da trilha, a antiga fazenda senhorial.

Ao longe, numa área de aproximadamente um hectare, cresciam densamente árvores altas. Aquele lugar parecia simplesmente uma ilha verde, formada ao acaso por entre campos e prados. Quando nos aproximámos mais, eu vi por entre os carvalhos bicentenários e os arbustos que cresciam densamente uma entrada para o interior daquele oásis de floresta. Entrámos por esse portal e... Lá dentro... Entendem, lá dentro, de troncos ásperos, as macieiras estendiam os seus ramos no espaço. Ramos esses que estavam extraordinariamente repletos de frutos. As velhas macieiras, não tendo sido cavadas em redor, nem pulverizadas contra as pragas, davam fruto, e os seus frutos não tinham vermes. Algumas macieiras eram muito velhas, e os ramos quebravam-se sob o peso dos frutos. Mesmo muito velhas, provavelmente era o último ano que davam fruto.

Em breve pereceriam, mas ao lado de cada macieira demasiado velha já brotavam da terra rebentinhos de uma nova árvore. «Provavelmente essas árvores não morrerão, – pensei eu, – enquanto não virem os rebentos frescos e fortes da sua semente.»

Caminhei pelo pomar, provei esses frutos, vagueei por entre os carvalhos que cresciam em redor e foi como se visse materializado o pensamento da pessoa que criou o maravilhoso oásis. Como se ouvisse o seu pensar: «Aqui em volta do pomar é preciso plantar uma floresta de carvalhos. Ela protegerá o pomar do frio e num ano quente, da seca. Os pássaros farão ninhos nas árvores altas e não deixarão que as lagartas tomem conta de tudo. Aqui plantarei uma fila de carvalhos na margem do rio para sombra. Os pequenos carvalhos quando crescerem cerrarão as suas copas no alto, enquanto que em baixo formarão uma passagem espaçosa e sombreada.»

E de repente mais um pensamento pouco claro fez com que o sangue me pulsasse mais rapidamente nas veias. O que queria de mim, esse pensamento? E... como uma faísca... Claro, Anastasia!

Claro que tens razão ao dizer: «Pode sentir-se Deus ao tomar contacto com as Suas criações e continuando as Suas criações». Não através de caretas, saltos e rituais da nova moda, mas conversando directamente com Ele, com os Seus pensamentos, pode, talvez, compreender-se os Seus desejos e o propósito próprio. Aqui estou eu agora na margem de um lago construído debaixo dos carvalhos e é como se lesse o pensamento da pessoa que criou uma obra viva. E ele, esse homem, esse russo que viveu aqui há duzentos anos atrás, provavelmente sentiu mais do que os outros o pensamento do Criador, porque ele conseguiu co-criar uma obra paradisíaca. O seu pomar, o seu ninho natal.

Ele morreu, esse russo, mas o pomar permanece, e dá os seus frutos, e alimenta os gaiatos das aldeias vizinhas, que cá vêm no Outono para se deliciarem com os frutos, e algumas pessoas colhem-nos e vendem-nos. E tu, russo, provavelmente querias que os teus netos e bisnetos vivessem aqui. Claro que querias! Porque co-criaste não uma casa perecível, mas algo de eterno. Mas onde estarão eles agora, os teus netos e bisnetos? A tua herdade familiar está deserta, cheia de ervas, o lago a secar, mas a passagem de carvalhos por alguma razão não ficou cheia de ervas daninhas, há apenas uma ervinha macia como um tapete. Provavelmente o teu cantinho paradisíaco, a tua herdade familiar ainda espera os teus netos. As décadas, os séculos passam, mas ela espera. Mas onde estão eles? Quem são eles hoje? A quem servem, o que veneram? Quem os expulsou daqui?

Houve entre nós a revolução, será que ela é que tem culpa de tudo? Claro que foi ela. Mas as revoluções são feitas pelas pessoas, quando muda algo categoricamente na consciência da maioria dessas pessoas. O que terá acontecido nas mentes dos teus contemporâneos, os russos, que fez com que tua herdade familiar ficasse deserta?

Os anciãos do lugar contam como o velho barão russo evitou uma luta sangrenta na sua herdade.

Quando se reuniram as pessoas aquecidas pela bebida, decididas a fazer a revolução das duas aldeias circundantes e caminharam em multidão para assaltar a sua herdade, o velho barão saiu ao encontro deles com uma cesta de maçãs e morreu sob as balas de uma espingarda de dois canos. Já na véspera ele sabia que estavam a preparar-se para assaltar a sua casa, mas convenceu o seu neto, um oficial russo, a deixar o lugar. Foi-se embora o neto soldado das frentes, condecorado com a cruz de São Jorge, foi-se com os seus companheiros de armas, levando as espingardas sobre os ombros e na carroça uma metralhadora experimentada em batalhas. Provavelmente ele emigrou e hoje os seus próprios netos estão a crescer.

Os teus netos, ó russo, crescem noutro país, enquanto que na Rússia, na tua herdade familiar balançam na brisa as folhinhas das árvores do pomar e em cada ano as velhas macieiras dão fruto, maravilhando os habitantes dos arredores com a sua abundância exuberante. Não resta um vestígio da tua casa, nem das construções adjacentes. Levaram tudo, mas o pomar continua a viver contrariando tudo, provavelmente vive a esperança de que voltarão os teus netos para provar as melhores maçãs do mundo. Mas os netos continuam sem vir e sem vir.

Porque é que acontece assim e quem nos obriga a procurar a própria riqueza em detrimento dos nossos semelhantes? Quem nos obriga a respirar o ar saturado de gases prejudiciais e de pó, em vez de pólen das flores e perfumes salutares? Quem nos obriga a beber a água morta por gases? Quem? Quem somos nós agora? Porque não regressam os teus netos, ó russo, para o seu ninho familiar?

As maçãs na segunda herdade eram ainda mais saborosas que na primeira. Em redor deste pomar estavam plantados bonitos cedros siberianos. «Antigamente havia mais cedros, agora restam apenas vinte e três, – contaram os habitantes locais. – Depois da revolução, quando ainda havia dificuldades, davam sementes de cedro às pessoas em troca do seu trabalho. Hoje todos que queiram podem colher as sementes. Só que por vezes batem com demasiada força nos cedros com um pau para que as pinhas caiam.»

Vinte e três cedros siberianos plantados pela mão humana há duzentos anos erguiam-se como soldados, resguardando o pomar maravilhoso dos ventos gelados e dos predadores. Antes eram mais, mas foram morrendo um por um. Geralmente na Sibéria em redor de um conjunto de cedros crescem sempre pinheiros altos. Um cedro sozinho não consegue resistir sob a força do vento porque o sistema de raízes dele é fraco. O cedro alimenta-se não apenas através das suas raízes, mas também através da sua copa. Por isso é que os pinheiros o resguardam. Mas aqui os cedros estavam em fila. Eles mantiveram-se durante os primeiros cento e cinquenta anos, depois, quando as suas coroas cresceram para os lados, começaram a cair um atrás do outro.

Ninguém em cinquenta anos se lembrou de plantar ao lado um pinheiro ou uma bétula, e assim os cedros siberianos contrariaram os ventos furiosos apenas numa fila, protegendo o pomar. Um deles começara a cair provavelmente no ano passado, mas apoiou-se na copa do cedro ao lado. Eu olhava o tronco muito inclinado da árvore, cuja copa se tinha entrelaçado com a copa da árvore vizinha.

Elas entrelaçaram os seus ramos e assim aquela que caía não morreu. Ambas estavam verdes e davam frutos. Restaram apenas vinte e três delas. Elas ainda lá estão, apoiando-se umas às outras, dando fruto e defendendo o pomar.

Segurem-se, por favor, ainda mais um pouco, siberianos. Eu escreverei...

Ai Anastasia, Anastasia! Tu ensinaste-me a escrever livros, mas porque é que não me ensinaste tais palavras, para que o que escrevo resulte compreensível para muitas pessoas ao mesmo tempo? Para muitas pessoas! Porque é que não consigo escrever de forma compreensível para muitos? Porque é que o pensamento se confunde? Porque caem os cedros, enquanto que as pessoas se limitam a olhar para eles sem fazer nada?

Não muito longe das antigas herdades que conservaram até hoje os seus maravilhosos pomares e alamedas sombreadas, há povoações. O aspecto dessas povoações estraga toda a paisagem em redor. Se olharmos para elas de longe, dá a sensação que um qualquer bicho enlouquecido passou e estragou tudo, arruinando os prados floridos. As chaminés das casas cinzentas de aldeia, os edifícios anexos feitos de diferentes materiais a apodrecer, a lama da estrada esburacada pelos carros e tractores, dão essa sensação. Eu perguntei aos habitantes locais: «Estiveram alguma vez nos pomares que ficam por entre os cedros e os carvalhos?». Muitos estiveram lá, provaram as maçãs, os jovens foram lá fazer pic-nics. «Lá é bonito...», – dizem os mais jovens e os velhotes. À pergunta: «Então porque é que ninguém organizou a sua herdade àquela imagem e semelhança?» – seguia-se mais ou menos sempre a mesma resposta: «Nós não temos aquele dinheiro todo que tinham os senhores que criaram aquela beleza.» Os velhotes contam que o barão trouxe os rebentos de cedro mesmo da Sibéria. E à pergunta: «Quanto

dinheiro é preciso para pegar numa semente de cedro daquelas que são dadas por aqueles cedros e semeá-la na terra?» – silêncio.

Esse silêncio é que faz surgir o seguinte pensamento: não é a falta de possibilidades, de recursos, mas sim os nossos padrões internos que são culpados das nossas dificuldades.

Hoje em dia os que têm dinheiro constroem muitas vivendas. Em redor dessas casas a terra é escavada ou tapada com asfalto. Dentro de vinte ou trinta anos, a vivenda precisará de obras. E os descendentes não vão precisar de tal traste. Tal herdade familiar, tal terra natal não lhes irá servir e por isso eles dispersarão em busca de uma nova. Mas levarão dentro de si o mesmo padrão misterioso, herdado dos pais e repetirão a vida daqueles que estão provisoriamente na terra, e não dos criadores da eternidade. Quem e como poderá retirar esse padrão misterioso de desolação?

Talvez aquilo que Anastasia relatou e mostrou sobre o futuro da Rússia ajude de alguma forma. E para desfazer a desconfiança dos cépticos, eu coloquei na contracapa do livro algumas fotografias dos fabulosos pomares russos, dos seus ramos estendidos carregados de frutos para a futura Rússia.

CAPÍTULO 7

A Rússia de Anastasia

– Quando Anastasia contava sobre as futuras aldeias compostas por herdades familiares, eu pedi-lhe:

– Anastasia, mostra-me, por favor, a Rússia do futuro. Tu podes fazê-lo.

– Posso. Que lugar da futura Rússia queres ver, Vladimir?

– Bem, Moscovo, por exemplo.

– Tu queres ir ao futuro sozinho, Vladimir, ou comigo?

– Contigo é melhor, assim esclareces se eu vir algo que não entendo.

O toque ameno das palmas das mãos de Anastasia fez-me logo mergulhar no sono, e eu vi...

Anastasia mostrava-me o futuro da Rússia do mesmo modo como me tinha mostrado a vida noutro planeta. Algum dia os cientistas provavelmente entenderão como é que ela o faz, mas neste caso o processo não tem nenhuma importância. A meu ver, o mais importante é a informação sobre como e com a ajuda de que acções concretas se pode entrar nesse futuro maravilhoso.

Moscovo, no futuro, não era nada como eu supunha. A cidade não aumentou de área. Não havia os esperados arranha-céus. As fachadas dos edifícios antigos estavam pintadas de cores alegres,

e, em muitas, havia pinturas, paisagens, flores. Como depois esclareci, o trabalho tinha sido feito por estrangeiros. Eles primeiro deram nas paredes uma demão com um produto para protecção, depois os artistas, também artistas estrangeiros, pintaram-nas com desenhos. Desde os telhados de muitos edifícios desciam, ao longo das paredes, os caules de plantas trepadeiras, as suas folhas abanavam com o vento e parecia que acenavam aos visitantes.

Quase todas as ruas e avenidas da capital estavam plantadas com árvores e flores. Até ao longo da parte central da estrada que passa na Avenida de Kalinin que fica na zona de Novyi Arbat[1], havia uma risca verde de uns quatro metros de largura. A berma de betão sobressaía cerca de meio metro do asfalto e estava cheia com terra, na qual crescia erva e flores campestres. As árvores alternavam-se a pouca distância umas das outras: sorveiras com cachos vermelhos, bétulas, álamos, arbustos de groselha e framboesa e uma quantidade de outras plantas que se podem encontrar numa floresta natural.

Riscas verdes como esta, separavam muitas avenidas e ruas de Moscovo. Quase não havia automóveis nas ruas de circulação rodoviária, cujo número tinha sido reduzido. Na sua maioria eram autocarros, dentro dos quais viajavam pessoas que não pareciam russas. E também pelos passeios caminhavam muitas pessoas com aspecto estrangeiro. Até me veio à cabeça o pensamento de que se calhar Moscovo tinha sido conquistada por um país mais evoluído no aspecto

[1] Novyi Arbat (Nova Arbat) – uma avenida larga que leva do Kremlin no centro da cidade até à ponte de Novyi Arbat sobre o rio Moskva (também o nome da cidade de Moscovo em russo). Oficialmente conhecida como Kalininskii Prospekt (Avenida) nos tempos soviéticos, a Novyi Arbat foi construída paralelamente à antiga Rua Arbat. A fila de imponentes prédios altos com blocos de apartamentos de Novyi Arbat deu à Moscovo dos anos 60' uma nova aparência ocidental, completada com lojas e restaurantes de ar moderno.

tecnológico. Mas Anastasia tranquilizou-me, dizendo que quem eu estava a ver não eram conquistadores, mas sim turistas estrangeiros.

– E o que os atrai assim tanto para Moscovo?

– A atmosfera da grandiosa co-criação, o ar vivificante e a água. Olha quantas pessoas estão ao longo da margem do rio Moscovo e enchem os recipientes lançando-os desde a estrada alta à água, pendurados em fios e bebem com grande alegria água do rio.

– Mas como é que se pode beber a água directamente do rio sem fervê-la primeiro?

– Olha, Vladimir, como é limpa e transparente a água no rio Moscovo. A água nele é viva, não morta com gases, como nas garrafas que vendem em supermercados por todo o mundo.

– É fantástico, nem consigo acreditar em tal coisa!

– Fantástico? Mas também na tua juventude tu e as pessoas da tua idade poderiam achar que era uma fantasia se ouvissem alguém dizer que em breve iria vender-se água.

– Pois, sim, nos anos da minha juventude pouca gente poderia acreditar nisso. Mas como se pode fazer com que a água numa cidade tão grande como Moscovo fique limpa?

– Não sujando, não deitando nela detritos prejudiciais, não fazendo lixo nas margens do rio.

– É tudo assim tão simples?

– Precisamente, não é fantástico, mas tudo muito simples na realidade. Agora nem sequer a água das sarjetas corre para o rio Moscovo e todos os barcos poluentes estão proibidos de andar por ele. O rio Ganges, que corre na Índia, era considerado sagrado, agora todo o mundo se prostrou perante o rio Moscovo, a sua água, as pessoas que devolveram à água a sua vida e estado original. E vêm pessoas de diferentes países para ver o milagre surpreendente, para provar a água e para se curar.

– E onde estão os moscovitas? Porque é que há tão poucos carros nas ruas?

– Na capital hoje em dia vive aproximadamente um milhão e meio de moscovitas e mais de dez milhões de turistas chegam de diferentes países do mundo, – respondeu Anastasia e acrescentou: – Há poucos carros porque os moscovitas que ficaram organizam o seu dia de forma mais racional e diminuiu a necessidade de se movimentarem tanto. O local de emprego, normalmente, fica perto e podem caminhar até ele. Os turistas movimentam-se apenas de metro e em autocarros.

– E onde se meteram os restantes moscovitas?

– Eles vivem e trabalham nas suas maravilhosas herdades familiares[2].

– E quem trabalha nas fábricas e quem serve os turistas?

E Anastasia contou o seguinte:

– Quando terminava o ano dois mil no calendário utilizado na Terra, o governo da Rússia ainda estava a tentar definir que caminho escolher para o desenvolvimento do país. A maior parte dos cidadãos russos não se sentia inspirada com o modo como se desenvolviam os países ocidentais. considerados como prósperos.

[2] A descrição da Rússia do futuro neste capítulo e em outras partes da série «Os Cedros Ressoantes da Rússia» tem similaridades impressionantes com as ideias de um dos maiores economistas russos, Aleksander Chayanov (1888-1937). Já nos anos 20' do séc. XX ele previu o eventual regresso do país a uma vida predominantemente rural após a queda do comunismo, e até descreveu Moscovo do futuro como uma cidade-jardim habitada maioritariamente por turistas. Ele também descreveu cuidadosamente a previsão do movimento da *dacha* que iria eventualmente dominar a agricultura do país. Algumas destas visões estão expressas na sua obra «Uma viagem do meu irmão Alexei à terra da utopia campesina» (chamada de utopia apenas para permitir a publicação da obra sob a censura soviética em 1920). Depois de Stalin ter atacado publicamente Chayanov, ele foi encarcerado e após anos de prisão e executado sob ordem pessoal de Stalin. Hoje em dia, as obras de Chayanov são mais conhecidas no estrangeiro que na sua Rússia natal.

Os russos já tinham provado os produtos alimentares desses países e não lhes agradaram. Tornou-se claro que, a par com o desenvolvimento do chamado progresso científico e tecnológico, nesses países apareciam várias doenças do corpo e da alma. Aumentavam os crimes e a toxicodependência, as mulheres sentiam menos vontade de ter filhos.

As condições nas quais viviam as pessoas dos países ocidentais considerados como desenvolvidos não atraíam os russos, que também não queriam voltar à antiga forma de organização social, mas ainda não viam o novo caminho. No país aumentava o estado depressivo, que abrangia grande parte da sociedade. A população da Rússia envelhecia e morria.

No início do novo milénio, por iniciativa do Presidente da Rússia, foi adjudicado o decreto sobre a cedência gratuita a cada família russa que o desejasse, de um hectare de terra para construir nela uma herdade familiar. Esse decreto dizia que a terra era atribuída para usufruto vitalício com o direito de hereditariedade. A produção da herdade familiar não estaria sujeita a nenhuns impostos[3].

Os legisladores apoiaram a iniciativa do Presidente e a alínea correspondente foi acrescentada à Constituição do país. O objectivo principal do decreto, como achavam o Presidente e os legisladores, era a diminuição do desemprego no país, a garantia de um

[3] A 7 de Julho de 2003, menos de três anos após a publicação deste livro em russo, o Presidente da Rússia, Vladimir Putin, introduziu na lei federal o 'Acto do lote de terreno de cultivo' (*zakon o lichnom pdsobnom khoziaistve*). Segundo esta lei, os cidadãos russos podem receber graciosamente os lotes de terreno estatais como propriedade privada com direito de hereditariedade. O tamanho máximo dos terrenos varia de região para região, mas na maior parte dos casos é entre 1 e 3 hectares. Os produtos cultivados nos terrenos não estão sujeitos a impostos. Subsequentemente, sob instrução do Presidente Putin, o Governo russo desenvolveu e apresentou ao Parlamento russo outra lei para facilitar a aquisição de terra para cultivo. Esta segunda lei foi adjudicada em Junho de 2006.

rendimento mínimo às famílias de poucas posses e a resolução do problema dos refugiados. Mas nenhum deles poderia sequer supor na totalidade aquilo que aconteceu como consequência.

Quando foi destinado o primeiro terreno para a organização de uma aldeia com mais de 200 famílias, os lotes de terra para herdades familiares começaram a ser tomados não apenas pelos desfavorecidos, desempregados e pessoas de outros lugares que tinham ficado na miséria. Foram tomados em primeiro lugar por famílias de classe média e empresários de sucesso, de entre os teus leitores, Vladimir. Eles preparavam-se para esse acontecimento. E não apenas esperaram, muitos deles, nos seus apartamentos, já viam crescer a partir de sementes plantadas em vasinhos de barro, as árvores da herdade, os seus rebentos ainda pequeninos dariam futuros majestosos cedros e carvalhos.

Foi precisamente por iniciativa dos empresários, e com os seus recursos, que foi criado o projecto com infra-estruturas que possibilitavam uma vivência confortável, como tu escreveste no livro «Co-criação». No projecto estavam previstos um supermercado, um posto médico, uma escola, um clube, estradas e muitas outras coisas. Os empresários representavam perto de metade do número de pessoas que tinham expressado a vontade de organizar o seu quotidiano, a sua vida, na primeira nova comunidade...

Cada um deles tinha o seu negócio, a sua fonte de rendimento. Para realizar a construção e para o cultivo dos terrenos eles necessitavam de mão-de-obra. Mostrou ser ideal chamar para os trabalhos de construção pessoas de entre os vizinhos de poucas posses. Deste modo, uma parte das famílias recebeu logo um emprego e, por conseguinte, uma fonte de rendimento para as próprias construções. Os empresários percebiam que ninguém faria o trabalho com mais afinco e qualidade do que aqueles que iriam

viver também na aldeia, e por isso apenas contratavam de fora os especialistas, se não houvesse nenhum entre os futuros habitantes da nova aldeia que estava a ser construída.

Apenas o plantio do futuro pomar, da floresta, a plantação das árvores familiares e da vedação viva, cada um tentava fazer independentemente.

A maioria das pessoas ainda não tinha experiência suficiente nem conhecimentos sobre como seria melhor organizar o seu terreno, e por isso, de entre os futuros habitantes, as pessoas de mais idade que tinham guardado esses conhecimentos eram tratadas com especial respeito. Era dada especial atenção não às casas, que são perecíveis, mas precisamente à organização da paisagem. A casa em si, na qual as pessoas iriam viver, era meramente uma pequena parte da grande casa Divina viva.

Dentro de cinco anos em todos os terrenos foram construídas casas para habitação permanente. Elas eram diferentes em tamanho e arquitectura, mas em breve as pessoas viram que o tamanho da casa não era a conquista mais importante. O mais importante consistia noutra coisa, e isso começou a desenhar-se com os traços maravilhosos de paisagem em cada terreno, individualmente, e em toda a aldeia no seu conjunto.

Os carvalhos e cedros plantados nos terrenos ainda eram pequeninos. Ainda crescia a sebe viva das herdades, mas com cada nova Primavera floresciam com afinco as ainda pequeninas macieiras e cerejeiras nos jovens pomares. As flores nos canteiros e a erva, esforçavam-se por parecer um maravilhoso tapete vivo. O ar primaveril enchia-se de um aroma benéfico e do pólen das flores. O ar tornou-se vivificante e cada mulher que vivia na nova povoação ficou com vontade de ter filhos. Essa vontade surgia não apenas nas famílias jovens, também as famílias consideradas de idade,

de repente começaram a ter crianças. As pessoas queriam que, se não fossem elas, pelo menos os seus filhos pudessem ver no futuro o maravilhoso pedacinho de terra natal co-criado pelas suas mãos, que o vissem para sua alegria e dessem continuidade à co-criação iniciada pelos pais.

No início do novo milénio, cada novo rebentinho em cada herdade representou os primeiros rebentos do maravilhoso e feliz futuro de toda a Terra. As pessoas que lançaram as bases para as primeiras herdades familiares para os séculos vindouros ainda não conseguiam sentir na totalidade a importância daquilo que tinham criado, apenas começaram a olhar com mais alegria para o mundo em seu redor. Elas ainda não tinham consciência da enorme alegria que tinham trazido ao seu Pai Celestial com as suas acções. Por entre as gotinhas de chuva, o Pai deixou cair lágrimas de alegria e comoção. Sorria com o solinho, e tentava às escondidas afagar, através dos raminhos das árvores jovens, aqueles que tinham de repente tomado consciência da eternidade, os Seus filhos que tinham regressado para Si.

Começaram a escrever sobre a nova comunidade na imprensa russa e muitas pessoas quiseram ver aquela maravilha para poderem co-criar algo semelhante. Ou talvez ainda melhor[4].

O desejo inspirado da co-criação do maravilhoso apoderou-se de milhões de famílias russas. Começaram a ser construídas ao

[4] Também isto veio a acontecer. A 12 de Novembro de 2002, menos de dois anos após este livro ter sido editado em russo, o *Moscow Times*, o jornal diário em inglês com grande tiragem na Rússia, publicou um artigo (intitulado «*Grupo urbano sonha com comunidade ecológica*») sobre *Rodnoe*, uma das primeiras ecoaldeias criada por leitores inspirados pela série «Os Cedros Ressoantes da Rússia». Este artigo, que descreve o grande movimento de ecoaldeias emergente na Rússia que nasceu a partir das ideias expressas nos livros de Vladimir Megre, foi seguido por outros em jornais e outros meios de comunicação. Tanto *Rodnoe* como outras ecoaldeias recebem hoje um fluxo permanente de visitantes vindos de toda a Rússia e do estrangeiro.

mesmo tempo, em várias regiões da Rússia, povoações semelhantes à primeira. Começou um movimento geral parecido com o movimento das *dachas* de hoje.

Nove anos após a publicação do primeiro decreto que dera às pessoas a possibilidade de organizar a sua vida de forma independente e torná-la feliz, já mais de trinta milhões de famílias se ocupavam da co-criação das suas herdades familiares, do seu pedacinho de terra natal. Cultivavam os seus lindos terrenos utilizando a matéria viva e eterna, criada por Deus. Desse modo, co-criavam juntamente com Ele.

Cada pessoa transformava o seu hectare de terra, que tinha recebido para toda a vida, num cantinho paradisíaco. Nos vastos territórios da Rússia um hectare parecia um pedacinho muito pequenino. Mas havia muitos pedacinhos assim. E a grande pátria era constituída por todos em conjunto. Através desses pedacinhos, co-criados por mãos bondosas, florescia como um jardim paradisíaco a grande Terra Natal! A Rússia deles!

Em cada hectare de terra eram plantadas árvores coníferas e de folha. As pessoas já compreendiam como iriam adubar a terra e que a erva que cresce em redor equilibra a composição do solo. E nem passava pela cabeça de ninguém utilizar fertilizantes químicos nem pesticidas.

A composição do ar e da água na Rússia mudou. Passaram a ser curativos. Ficou completamente resolvido o problema dos produtos alimentícios. Cada família, no espaço da sua herdade, garantia com facilidade e sem especial esforço a quantidade de produtos necessária para si, e ainda podia vender os excedentes.

Cada família russa que tinha a sua herdade tornava-se livre e próspera, e a Rússia no seu todo, em comparação com as outras nações existentes no mundo, tornava-se a nação mais poderosa e rica.

Capítulo 8

A nação mais rica

– Espera, Anastasia, não percebo como é que de repente o país enriqueceu. Tu própria disseste que a produção das herdades familiares não estava sujeita a impostos, então como é que o país começou a enriquecer?

– Como assim, «como»? Pensa por ti mesmo com mais atenção, Vladimir. Tu afinal és um empresário!

– Por ser empresário é que sei que o governo tentou sempre colectar o maior imposto possível de cada cidadão. Mas aqui libertou totalmente dos impostos trinta milhões de famílias. Claro que essas famílias poderiam ficar ricas, mas a nação sob tais condições deveria necessariamente ir à falência.

– A nação não foi à falência. Primeiro desapareceu completamente o desemprego, uma vez que uma pessoa que não encontrasse utilidade própria numa indústria comum no dia de hoje ou em qualquer outra estrutura comercial ou governamental, podia dedicar-se plena ou parcialmente ao trabalho na, ou melhor, à criação na sua herdade. A ausência de desempregados libertou imediatamente os recursos financeiros que os sustentavam. O fornecimento de produtos alimentares por parte dessas famílias libertou o governo de quaisquer gastos na agricultura. Mas isso não é o mais

importante. A nação russa, graças a muitas famílias que cultivaram as suas herdades segundo o esboço Divino, recebeu um rendimento substancialmente maior do que aquele que hoje lhe traz a venda do petróleo, de gás natural e de outros recursos naturais que tradicionalmente se consideravam como as fontes de rendimento principais.

– O que pode trazer mais lucro do que o petróleo, o gás natural e até a venda de armamento?

– Muitas coisas, Vladimir, por exemplo o ar, a água, os perfumes naturais, o contacto com a energia da criação, a contemplação do que é agradável.

– Não percebo muito bem, Anastasia, traduz isso para coisas concretas. De onde apareceu o dinheiro?

– Vou tentar. As mudanças peculiares na Rússia atraíram a atenção de muitas pessoas de todos os países do mundo. A imprensa mundial começou a escrever sobre a mudança do estilo de vida da maioria dos russos. Esse tema revelou ser o mais importante para as pessoas de todo o planeta. Precipitou-se para a Rússia um enorme fluxo de turistas. Eles eram tantos que não foi possível receber todos os que desejavam vir, e muitos tiveram que esperar alguns anos pela sua vez. O governo russo teve que limitar também o período de estadia dos turistas estrangeiros no território do país, já que muitos deles, especialmente as pessoas de idade, tentavam permanecer na Rússia por alguns meses, por vezes até anos.

O governo da Rússia estabeleceu formas para seleccionar cada estrangeiro que entrasse no país, mas isso não fez diminuir nada a quantidade de interessados.

– E porque é que eles queriam vir cá em pessoa, se podiam ver tudo pela televisão? Tu acabas de dizer que a imprensa de todo o mundo informava sobre a vida na nova Rússia.

– As pessoas de todo o mundo também queriam respirar o ar da Rússia que se tinha tornado curativo. Beber água viva. Provar os frutos que não existiam em nenhum outro lugar do mundo. Comunicar em pessoa com aqueles que tinham dado o passo para o milénio Divino, e assim adoçar as suas almas e curar o corpo sofredor.

– E que frutos tão extraordinários foram esses que apareceram? Como se chamavam?

– Chamavam-se como antes, mas a sua qualidade era completamente diferente. Tu já sabes, Vladimir, como são diferentes para melhor os tomates e pepinos que crescem a solo aberto sob os raios de sol directo, daqueles que crescem em estufas. São ainda mais saborosas e benéficas as hortaliças e os frutos que crescem numa terra na qual não são introduzidos químicos prejudiciais. E eles tornam-se ainda mais curativos quando em redor crescem variadas ervas e árvores. Também tem importância a disposição com a qual se cultivam os frutos. São muito benéficos para o ser humano os éteres contidos neles.

– O que são os éteres?

– Os éteres são as fragrâncias. A sua existência determina a presença de éter que alimenta não apenas o corpo, mas também a parte invisível que compõe o ser humano.

– Não percebo, falas do cérebro?

– Podemos dizer que os éteres fazem aumentar a energia do pensamento e alimentam a alma. Apenas nas herdades russas se cultivavam esses frutos e eles faziam ainda melhor quando eram comidos pela pessoa no dia da sua colheita, por isso é que vinham à Rússia pessoas de vários países, para, para além de tudo o resto, poderem provar esses frutos.

Aquilo que crescia nas herdades não apenas suplantou imediatamente os legumes e frutos importados, como também aqueles

que cresciam nos grandes campos comuns. As pessoas começaram a compreender e a sentir a diferença na qualidade dos produtos. Em substituição da actualmente popular Pepsi Cola e outras bebidas chegaram os refrescos de bagas naturais. E as bebidas alcoólicas de hoje, mesmo as mais caras e de elite, foram arrasadas pela concorrência dos licores preparados nas herdades a partir de bagas naturais.

Essas bebidas também continham éteres benéficos, uma vez que as pessoas que as preparavam nas suas herdades sabiam que se passavam apenas alguns minutos desde a colheita das bagas até que eram colocadas em infusão ou preparado o licor.

Outra grande forma de rendimento das famílias que viviam nas suas herdades passou a ser as plantas terapêuticas que colhiam nas suas pequenas florestas, hortas e prados em redor.

Os medicamentos preparados com ervas da Rússia eram preferidos aos medicamentos mais caros produzidos nos outros países, mas apenas aqueles que eram preparados a partir das ervas colhidas nas herdades, e não das que cresciam em grandes plantações. Uma ervinha que cresça num campo enorme, por entre suas semelhantes, não pode extrair da terra e do ar tudo o que é necessário e benéfico para o ser humano. O preço dos produtos das herdades era várias vezes maior do que o preço dos produtos cultivados do modo chamado industrial, mas as pessoas de todo o mundo, mesmo assim, davam preferência aos primeiros.

– E porque é que os donos das herdades subiam assim tanto os preços?

– O limite mínimo de preço era estabelecido pelo governo russo.

– O governo? E que diferença lhe fazia se ele não cobrava impostos da venda desses produtos? Para que se esforçava para enriquecer cada família em particular?

– Mas toda a nação, Vladimir, é constituída precisamente de famílias em particular, que quando era necessário, financiavam a construção de infra-estruturas nas suas próprias povoações – escolas e estradas, por exemplo. Por vezes elas investiam dinheiro em projectos à escala nacional. Os políticos e economistas publicavam os seus programas, mas apenas eram postos em prática aqueles em que as pessoas concordavam em investir o seu dinheiro.

– E que programas, por exemplo, eram considerados mais populares entre a maioria?

– A compra de consórcios de produtos químicos além das fronteiras da Rússia, de fábricas de armamento e centros de investigação.

– Isso é que é uma reviravolta! Tu própria disseste que essas famílias tinham tomado consciência e bondade. Toda a terra começou a transformar-se num jardim paradisíaco, e nisto põem-se a comprar consórcios de produção de químicos e armas!?

– Mas o objectivo de tais projectos não era a produção de químicos prejudiciais nem de armas, mas sim a liquidação das empresas que os fabricavam. O governo russo dedicava-se à reorientação dos fluxos mundiais de dinheiro. A energia do dinheiro que alimentara o que era mortal para os seres humanos, passou a ser canalizada para a liquidação dessas coisas mortais.

– E então o governo russo tinha dinheiro suficiente para esbanjar nesses projectos?

– Tinha. A Rússia passou a ser não apenas o país mais rico do mundo, mas também imensamente mais rica que todos os outros países. Todo o capital mundial escorria para a Rússia. As pessoas de classe média e também as mais ricas tentavam guardar o seu capital apenas nos bancos russos. Muitas pessoas de posses simplesmente deixavam como herança as suas poupanças para o desenvolvimento dos programas russos: aquelas pessoas que compreendiam que

o futuro de toda a humanidade dependia da sua materialização. Os turistas que visitavam a Rússia, ao ver os russos novos, já não podiam viver com os valores de antes. Eles contavam com entusiasmo aos seus conhecidos e amigos sobre o que tinham visto e o fluxo de turistas aumentava, o que trazia ainda mais lucro ao governo russo.

– Diz-me, Anastasia, e aquelas pessoas que vivem na Sibéria, o que podiam fazer para ficar tão ricos como na faixa central? Na Sibéria o Verão é mais curto e não se pode enriquecer lá muito com o que cresce na horta.

– Na Sibéria, Vladimir, as famílias também começaram a organizar as suas herdades. Os siberianos cultivavam nas suas terras o que é característico do seu clima, mas eles tinham também uma grande vantagem sobre as pessoas que vivem nas regiões mais a sul. O governo atribuía terrenos na taiga às famílias siberianas, e cada família cuidava das suas terras e colhia as suas oferendas. E chegavam desde a Sibéria bagas e ervas medicinais. E óleo de semente de cedro...

– E quanto passou a custar o óleo de cedro no estrangeiro em dólares?

– Quatro milhões de dólares a tonelada.

– Bem, finalmente deram-lhe o valor que merece, o preço cresceu oito vezes a comparar com o anterior. Seria interessante saber quanto óleo desse os siberianos produziam por temporada.

– No ano que vês agora foram produzidas três mil toneladas.

– Três mil?! Mas isso são doze biliões de dólares que eles receberam apenas pela colheita de pinhões de cedro.

– E ainda te esqueceste que depois de espremer o pinhão é produzida uma farinha maravilhosa.

– Então que rendimento em dólares, pelo menos em média, recebe uma família siberiana por ano com a sua actividade?

– Em média três ou quatro milhões de dólares.

– Uau! E também não estão sujeitos a impostos?

– Não estão sujeitos.

– Mas então onde é que eles podiam usar esse dinheiro? Já eu quando trabalhei na Sibéria pude ver que aqueles que não eram preguiçosos podiam sustentar-se com a caça ou a pesca. Mas isso é tanto dinheiro.

– Eles, assim como os outros cidadãos russos, participam com o seu dinheiro nos programas à escala nacional. Por exemplo, no princípio, quando as pessoas na Rússia ainda não tinham aprendido a corrigir o movimento das nuvens, os siberianos gastavam muito dinheiro na compra de aviões.

– Aviões? Para que é que precisavam de aviões?

– Para não deixar cair os resíduos prejudiciais que estavam contidos nas nuvens. Essas nuvens formavam-se nos países onde continuava a haver produções poluentes. A aviação dos siberianos combatia-as.

– E eles também caçavam apenas em áreas concessionadas da taiga?

– Os siberianos pararam completamente de caçar, de matar animais. Muitos deles construíram nos seus terrenos casas estivais, nas quais viviam durante o Verão na época de recolha das ervas, bagas, cogumelos e oleaginosas. Os animais que nasciam viam ainda em pequenos as pessoas que não lhes faziam mal e habituaram-se a elas como parte integrante do seu território, começaram a dar-se com as pessoas e a estabelecer amizade com elas. Os siberianos ensinaram muitos animais a ajudá-los. Por exemplo, os esquilos lançavam para o chão as pinhas de cedro com os pinhões maduros, e tinham imenso prazer nisso. Algumas pessoas ensinaram os ursos a carregar caixas e sacos com os pinhões e a limpar a floresta dos troncos de árvores caídas.

– Mas que coisa, até os ursos começaram a ajudar.

– Isso não tem nada de surpreendente, Vladimir. Nos tempos que as pessoas actuais consideram antigos, os ursos eram ajudantes imprescindíveis nos afazeres domésticos. Eles escavavam a terra com as próprias patas para obterem tubérculos comestíveis. Colocavam-nos em caixas que arrastavam com uma corda e guardavam-nos dentro de uma cova que servia de arrecadação, perto da casa das pessoas. Retiravam das árvores que cresciam na floresta os favos de mel e traziam-nos para casa das pessoas e ainda guiavam as crianças para a floresta em busca de guloseimas, como framboesas, e desempenhavam muitas outras actividades domésticas.

– Ora essa, eles substituíam o arado e os tractores e traziam o que colhiam e ainda faziam de ama!

– E no Inverno dormiam, não requeriam arranjos nem manutenção. Na Primavera chegavam de novo perto da casa das pessoas e elas ofereciam-lhes frutos do Outono.

– Já percebi, esses ursos tinham desenvolvido um reflexo animal que fazia com que lhes parecesse que o ser humano guardava provisões apenas para eles.

– Pode dizer-se que era um reflexo, uma vez que para ti isso traz uma clareza compreensível, ou pode ser que assim tenha sido pensado pelo Pai. Eu apenas digo que para o urso, o mais importante na Primavera não eram os tubérculos.

– Então o que era?

– Depois de ter dormido o Inverno na sua toca em solidão, acordando na Primavera, o urso apressava-se para perto do ser humano para sentir o carinho e ouvir elogios, todos precisam do carinho do ser humano.

– Se julgarmos pelos cães e gatos, eles precisam. Mas os outros animais da taiga, o que faziam?

– Pouco a pouco, foi sendo encontrada utilidade também para os outros seres da taiga. E a maior condecoração para os seres domesticados da taiga era uma palavra carinhosa, gestos ou festinhas, destacando-se especialmente o escovar do pêlo. Mas eles de vez em quando tinham um pouco de ciúmes se as pessoas davam preferência a algum, e podiam brigar por causa disso.

– E no Inverno, o que faziam os siberianos?

– Processavam os pinhões. Eles não descascavam as pinhas logo depois da apanha, como o fazem hoje em dia para ser mais fácil transportar as sementes. Guardavam-nas dentro das pinhas resinosas e assim o pinhão pode conservar-se durante vários anos. Durante o Inverno, as mulheres também faziam trabalhos manuais. Por exemplo, hoje em dia é muito cara uma camisola feita à mão, tecida com as fibras da urtiga e cosida manualmente. Além disso os siberianos também recebiam pessoas de vários países e curavam-nas.

– Anastasia, mas se a Rússia passou a ser um lugar tão benéfico para as pessoas viverem, significa que muitas nações deveriam ter o desejo de conquistar a Rússia. Ainda para mais, tu disseste que as fábricas que produziam armas foram encerradas. Significa que a Rússia se tornou um país basicamente agrário, não defendido do agressor externo?

– A Rússia transformou-se não num país agrário, ela tornou-se o centro de investigação mundial.

E as fábricas que produziam as armas mortais começaram a ser liquidadas na Rússia apenas após ter sido feita a descoberta da energia perante a qual os tipos de armas mais modernas se mostraram não apenas ineficazes, mas representavam uma ameaça para os países que as guardavam.

– Que energia é essa? De que é extraída e quem a descobriu?

– Os Atlantes eram detentores dessa energia. Eles dominaram-na antes de tempo e por isso a Atlântida desapareceu da face da Terra e foi descoberta de novo pelas crianças da nova Rússia.

– Pelas crianças? É melhor que me contes tudo por ordem, Anastasia.

– Está bem.

CAPÍTULO 9



O bem prevalecerá sobre a terra[1]

Numa das herdades russas vivia uma família em grande harmonia. O marido, a mulher e os seus dois filhos. O menino, Konstantin, tinha oito anos e a menina, Dasha[2], tinha cinco. O pai deles era considerado um dos programadores mais talentosos da Rússia. No seu escritório havia alguns computadores modernos, com os quais ele compunha os programas para o departamento militar. Por vezes, concentrado no trabalho, ele fazia serão em frente aos computadores.

Os membros da família, que estavam acostumados a estar juntos ao serão, iam ter com ele ao gabinete e cada um se ocupava silenciosamente da sua coisa. A mulher sentava-se no cadeirão e fazia malha. O filho lia ou desenhava, representando as paisagens da nova povoação. Apenas a pequenina Dasha nem sempre encontrava uma ocupação do seu agrado, e então sentava-se num cadeirão de modo a poder ver todos os familiares e observava cada um durante muito tempo. Por vezes ela fechava os olhos e o seu rosto, durante esses momentos, expressava um leque variado de sentimentos.

1 Todo o capítulo 9 e os primeiros parágrafos do capítulo 10 são relatados directamente pelas palavras de Anastasia.

2 *Dasha* – diminutivo de Daria, por vezes também chamada carinhosamente *Dashenka*. Konstantin pode também ser chamado informalmente de Kostia ou Kostienka. Eles poderiam chamar os seus pais de *Mamochka* ou *Papochka*.

Naquele serão aparentemente comum, a família estava sentada no escritório do pai onde, como sempre, cada um se ocupava das suas coisas. A porta do gabinete estava aberta, por isso todos ouviram vindo do quarto das crianças, que ficava ao lado do escritório do pai, o som do relógio antigo com um cuco mecânico. Normalmente o relógio de cuco assinalava apenas as horas diurnas, mas já era de noite. Foi por isso que naquela noite, quando tocou o relógio, o pai olhou para a porta, a mãe e o filho também olhavam estupefactos para o lugar de onde vinha o som do relógio de cuco. Apenas a pequenina Dasha continuava sentada no cadeirão, de olhos fechados, sem parecer notar nada. Nos seus lábios brincava um sorriso ora quase imperceptível, ora aberto e sincero. De repente o som de cuco do relógio repetiu-se, como se alguém estivesse no quarto das crianças a mover os ponteiros, fazendo com que o cuco mecânico soasse repetidamente a informar que uma nova hora em ponto tinha chegado. Ivan Nikiforovitch, assim se chamava o pai desta família, virou-se na cadeira giratória para o lado do filho e disse:

– Kostia, vai lá, por favor, tenta parar o relógio ou arranjá-lo. Tantos anos, nos serviu o presente do avô! Que avaria tão estranha... que estranho... Tenta resolver isto, Kostia.

As crianças obedeciam sempre. Faziam-no não por medo de castigos, pois nunca eram castigados. Kostia e Dasha amavam e respeitavam os seus pais. Eles tinham o maior prazer em fazer algo em conjunto com eles ou cumprir um pedido dos pais. Ao ouvir as palavras do pai, Kostia levantou-se imediatamente do seu lugar, mas, para surpresa da mãe e do pai, não foi ao quarto. Ficou de pé a olhar para a irmã mais nova sentada no cadeirão com os olhos fechados. De novo lhes chegou o som de cuco do relógio vindo do

quarto das crianças. Kostia continuava de pé e olhava fixamente para a irmã. Galina, a mãe, olhou como aflita para o filho que continuava sem se mover. De repente levantou-se e gritou assustada:

– Kostia... Kostia, o que é que tens?

O filho de oito anos olhou para a mãe, surpreendido pelo susto dela, e respondeu:

– Comigo está tudo bem, mãezinha, eu queria cumprir o pedido do pai, mas não posso.

– Porquê? Não te consegues mexer? Não podes entrar no teu quarto?

– Consigo mexer-me, – Kostia como prova levantou os braços e bateu com os pés no chão, – mas não serve de nada ir ao quarto, ela está aqui e é mais forte.

– Quem é que está aqui? Quem é mais forte? – Começava a mãe a ficar cada vez mais preocupada.

– A Dasha, – respondeu Kostia, – e apontou para a irmã mais nova sentada no cadeirão com os olhos fechados. – Ela é que faz mover os ponteiros. Eu tentei pô-los de novo no lugar, mas não consigo, quando ela...

– O que é que estás a dizer, Kostienka? E tu, Dashenka, estás aqui à nossa frente, eu estou a vê-los, como é que podem estar aqui e ao mesmo tempo mover os ponteiros do relógio no outro quarto?

– Sim, pois, eu estou aqui, – respondeu Kostia, – mas o pensamento está lá onde está o relógio. Só que o pensamento dela é mais forte. E o cuco do relógio dá as horas enquanto o pensamento dela mover os ponteiros mais depressa. Ela ultimamente brinca muitas vezes assim. Eu disse para ela não fazer isso. Eu sabia que vocês

podiam ficar preocupados, mas a Dasha, quando se lembra, começa a inventar alguma asneira...

– Em que está a pensar a Dasha? – Entrou na conversa Ivan Nikiforovitch. – E porque é que tu não nos disseste nada sobre isto antes, Kostia?

– Mas vocês conseguem ver que ela fica pensativa. Os ponteiros não têm importância, ela está só a divertir-se. Eu também consigo fazer isso, mover os ponteiros quando ninguém está a atrapalhar. Mas não consigo ficar pensativo como a Dasha. Quando ela está pensativa, é impossível pôr obstáculos ao pensamento dela.

– Em que pensa ela? Kostia, sabes sobre o que é que ela pensa?

– Não sei. Perguntem-lhe a ela. Eu vou interromper o pensamento dela, para que não faça mais nenhuma asneira.

Kostia aproximou-se do cadeirão em que estava sentada a irmã mais nova e pronunciou um pouco mais alto que de costume e em palavras destacadas:

– Dasha, pára de pensar. Se não parares, eu fico sem falar contigo um dia inteiro. E para além disso, tu assustaste a mãe.

As pestanas da menina estremeceram, ela passou um olhar avaliador sobre os familiares presentes no escritório e, como se voltando a si, saltou do cadeirão, pediu desculpas e amuou. O som do cuco parou, e durante algum tempo o silêncio manteve-se no escritório, que foi quebrado pela voz baixinha de Dasha a pedir desculpas. Ela levantou a cabeça, olhou para a mãe e para o pai com os seus olhos brilhantes e ternurentos, e proferiu:

– Mãezinha, paizinho, desculpem se eu vos assustei. Mas eu tenho que acabar de o pensar. Agora já não posso deixar de o pensar. Eu vou continuar a pensar amanhã, quando estiver a descansar. – Os

lábios da menina começaram a tremer e parecia que mais um pouco e ela ia chorar, mas ela continuou: – Tu, Kostia, até podes deixar de falar comigo, mas eu mesmo assim vou pensar até pensá-lo todo.

– Vem cá, minha filhinha, – disse, tentando conter-se, Ivan Nikiforovitch, e estendeu os braços para a filha, abrindo-os para um abraço.

Dasha lançou-se para o pai. Saltou para o colo dele e pôs os seus bracitos em volta do pescoço do pai, encostou-se durante um pouco à sua bochecha, depois desceu do seu colo e pôs-se de pé ao seu lado, aconchegando a cabeça junto dele.

Ivan Nikiforovitch, escondendo por alguma razão a sua inquietação, começou a falar com a sua filha:

– Não te preocupes, Dashenka, a mamã não se vai assustar mais quando tu ficas a pensar. Conta-nos apenas sobre o que pensas. O que precisas de acabar de pensar sem falta e porque é que os ponteiros do relógio de pêndulo se movem depressa quando tu pensas?

– Eu, paizinho, quero fazer com que tudo o que é agradável seja grande no tempo e o que é desagradável seja pequenino e invisível, então, eu quero pensar assim, para que os ponteiros do desagradável corram e ele desapareça.

– Mas tudo o que é agradável e desagradável não depende dos ponteiros do relógio, Dashenka.

– Não depende dos ponteiros, papá. Eu percebi que não era dos ponteiros. Mas eu faço-os mexer de propósito, para sentir o tempo. O cuco mede a velocidade do meu pensamento, porque eu tenho que conseguir a tempo... E por isso eu mexo os ponteiros.

– Como é que tu o fazes, Dashenka?

– É simples. Imagino com a pontinha do pensamento os ponteiros do relógio, depois penso no que é preciso para eles se moverem

mais depressa, eles movem-se mais depressa quando eu começo a pensar depressa.

– O que queres alcançar, filhinha, ao mover o tempo? De que é que não gostas no presente?

– Eu gosto do presente. Eu percebi há pouco tempo: não é o tempo que tem culpa. São as próprias pessoas que estragam o seu tempo. Tu, papá, estás muitas vezes sentado ao computador, depois vais embora por muito tempo. Tu, papá, estragas o tempo, quando vais embora.

– Eu? Estrago? De que maneira?

– O tempo bom é quando estamos juntos. Quando estamos juntos há minutinhos e horas muito boas, e até dias. Nessa altura tudo à nossa volta está alegre. Lembras-te, papá, de quando a macieira tinha acabado de florir... Tu e a mamã viram as flores pela primeira vez e tu pegaste a mamã ao colo e andaste com ela à roda. E a mamã ria-se tão alto, que tudo em redor se alegrou: as folhinhas, os passarinhos, todos ficaram felizes. E eu não me zanguei nada por tu não me teres pegado a mim e teres pegado a mãe ao colo e andado com ela à roda, porque eu amo muito a nossa mamã. Eu fiquei feliz juntamente com todos nesse tempo. Mas depois chegou outro tempo. Eu agora percebi que foste tu, papá, que o fizeste diferente. Tu foste-te embora para longe de nós por muito tempo. Na macieira já começavam a aparecer maçãs pequeninas. E tu não vinhas. E a mamã ia para ao pé dessa macieira e ficava lá de pé, sozinha. Mas ninguém andava com ela à roda, ela não ria alto e tudo em redor não tinha nada com que se alegrar. E o sorriso da mamã é completamente diferente quando tu não estás. É um sorriso triste. E esse tempo é mau.

Dasha falava depressa e com inquietação. De repente, calou-se subitamente e depois disse sem preâmbulos:

– Tu não devias piorar quando ele é bom... o tempo... papá!

– Dasha... tu tens alguma razão... claro... mas tu não sabes tudo sobre o tempo, no qual todos nós... no qual nós vivemos... – disse com interrupções Ivan Nikiforovitch.

Ele estava preocupado. Ele tinha que explicar de alguma maneira a necessidade das suas viagens. De explicá-lo de forma clara à sua pequena filha. E sem encontrar nada melhor, começou a contar-lhe sobre o seu trabalho, a mostrar esquemas e modelos de mísseis no computador.

– Entende, Dashenka. É claro que nós estamos bem aqui. E aqueles que vivem na nossa vizinhança também estão bem. Mas no mundo existem outros lugares, outros países. E lá há muitos tipos de armas... Para defender o nosso maravilhoso jardim e os jardins e as casas das tuas amigas, os papás de vez em quando vão de viagem. O nosso país tem que ter também muitas armas modernas para se defender... E há pouco tempo... Dashenka... Entendes, há pouco tempo noutro país, não o nosso, inventaram uma nova arma... Ela por enquanto é mais forte do que a nossa... Olha para o ecrã, Dashenka, – Ivan Nikiforovitch tocou no teclado e no ecrã apareceu a imagem de um míssil de forma incomum.

– Aqui está, Dashenka, olha. Isto é um míssil grande, e no seu corpo há cinquenta e seis mísseis pequeninos. O míssil grande voa pela sala de uma pessoa e dirige-se para o ponto indicado para destruir nesse ponto tudo o que está vivo. E esse míssil é muito difícil de atingir. Ao aproximar-se dele qualquer objecto, o computador de bordo começa a trabalhar e desse corpo é lançado um dos pequeninos mísseis que destrói o objecto.

A velocidade do pequeno míssil é maior do que a do grande, uma vez que ela utiliza no início da propulsão a inércia da velocidade

do grande. Para atingir apenas um destes monstros, é preciso lançar ao seu encontro cinquenta e sete mísseis. No país que produziu este míssil chamado «míssil de cassete», por enquanto existem apenas três exemplares. Eles estão cuidadosamente escondidos em diferentes lugares, em minas, debaixo da terra, mas por comando transmitido através de ondas de rádio, eles podem levantar voo. Um pequeno grupo de terroristas já começou a chantagear uma série de países, ameaçando-os com grandes destruições. Eu tenho que descobrir o programa do computador de bordo do míssil de cassete, Dashenka.

Ivan Nikiforovitch levantou-se e começou a andar pela divisão. Continuava a falar rapidamente, mergulhando cada vez mais nos seus pensamentos sobre o programa, esquecido da sua filha que tinha ficado junto ao computador. Ivan Nikiforovitch aproximou-se rapidamente do monitor no qual estava representado o aspecto exterior do míssil, escreveu algo no teclado, e no monitor apareceu o esquema de fornecimento de combustível do complexo do míssil, depois o esquema dos radares, e de novo a imagem geral. Ao mudar as imagens, Ivan Nikiforovitch já não prestava atenção à sua pequenina filhota. Ele raciocinava em voz alta:

– É evidente que eles equiparam cada segmento com radares. Sim, claro, cada um deles. Mas os programas não podem ser diferentes. O programa é o mesmo...

De repente o computador ao lado soou em alerta, exigindo atenção imediata. Ivan Nikiforovitch virou-se para o monitor do computador ao lado e ficou imóvel. No monitor aparecia a piscar repetidamente a informação escrita com o seguinte conteúdo: «Alerta X», «Alerta X». Ivan Nikiforovitch escreveu rapidamente no teclado e no ecrã apareceu a imagem de uma pessoa em uniforme militar.

– O que aconteceu? – Perguntou-lhe Ivan Nikiforovitch.

– Foram detectadas três explosões fora do comum, – respondeu ele. – Foi dado o comando de preparação «número um» de todo o complexo de defesa. Continua a haver explosões de menor intensidade. Na África há um terramoto. Ninguém dá nenhumas explicações. Pelos dados de comunicação, todos os blocos militares do planeta foram postos em alerta número um. Não foi apurado o agressor. As explosões continuam, estamos a tentar esclarecer a situação. Todos os membros do nosso departamento receberam ordens para analisar a situação, – disse rapidamente em jeito militar o homem no ecrã, e no fim acrescentou já não tão friamente, mas com alguma inquietação:

– As explosões continuam, Ivan Nikiforovitch, as explosões continuam, eu vou desligar...

A imagem do homem em uniforme desapareceu do monitor do computador. Mas Ivan Nikiforovitch continuou a olhar para o ecrã apagado e a pensar com tensão. Lenta e pensativamente, voltou-se para o seu cadeirão, ao pé do qual a pequenina Dasha continuava de pé, e estremeceu com o incrível mistério. Ele viu como a sua pequena filha, de olhos semicerrados, sem pestanejar, olhava para o ecrã com a imagem do míssil moderno. De repente o corpito dela estremeceu. Dasha suspirou aliviada, carregou na tecla «enter», e quando apareceu a imagem de um novo míssil, ela semicerrou de novo os olhos e começou a olhar fixamente para ele.

Ivan Nikiforovitch ficou ali de pé, como paralisado, sem forças para se mover do lugar e apenas repetia febrilmente em pensamento sempre a mesma pergunta: «Será que é ela que os faz explodir? Faz explodir com o seu pensamento, porque não gosta deles. Ela fá-los explodir? Será? Mas como?». Ele queria fazer parar a sua

filha e chamou-a. Mas nem conseguiu pronunciar as palavras em voz, apenas sussurrou: «Dasha, Dashenka, filhinha, pára!» Kostik, que observava esta cena, de repente levantou-se do seu lugar, correu para perto da irmã mais nova, deu-lhe um leve açoite no rabito e disse rapidamente:

– Dasha, agora também assustaste o pai. Eu agora vou ficar dois dias sem te falar. Um dia pela mamã, outro pelo papá. Estás a ouvir? Assustaste o pai, estás a ouvir?

Saindo devagar do seu estado de concentração, Dasha virou-se para o irmão já sem semicerrar os olhos, mas olhou nos olhos do irmão como quem pede desculpa. Kostia viu os olhos de Dasha encherem-se de lágrimas, colocou o braço sobre o ombro dela e de forma menos severa que antes, disse: «Está bem, exagerei com deixar de falar, mas de agora em diante vais apertar sozinha os teus laços pela manhã. Já não és pequenina.» E continuou: «Mas não te atrevas a chorar», abraçou Dasha carinhosamente. A menina escondeu a cabeça no peito de Kostia, os ombros dela estremeciam, e ela repetia com amargura: «Assustei outra vez. Sou insuportável. Eu queria fazer o melhor, mas assustei». Galina aproximou-se dos filhos, agachou-se e fez uma festa na cabeça de Dasha. A menina lançou-se imediatamente para o pescoço da mãe e começou a chorar baixinho.

– Como é que ela faz isso, Kostia? Como? – Perguntou ao filho, Ivan Nikiforovitch, que caía em si.

– Da mesma maneira como os ponteiros do relógio, papá, – respondeu Kostia.

– Mas o relógio está perto, enquanto que os mísseis estão longe, e a sua localização é guardada com o maior secretismo.

– Papá, para a Dasha tanto faz onde eles se encontram. Para ela basta ver a forma exterior do objecto.

– Mas as explosões... Para fazê-los explodir é necessário fazer as ligações... E não apenas uma ligação. Eles têm sistemas de defesa, códigos...

– Sim, papá, a Dasha faz todas as ligações enquanto não se der um curto-circuito. Antes ela demorava muito a fazer isso, uns quinze minutos, mas ultimamente demora só cerca de meio minuto.

– Antes?

– Sim, papá, mas não era com os mísseis, nós brincávamos assim! Quando ela começou a fazer mexer os ponteiros do relógio, eu mostrei-lhe o meu automóvel eléctrico antigo em que eu gostava de andar quando era pequenino. Eu, papá, abri o *capot* e pedi-lhe para ligar os fios aos faróis, porque para mim era difícil chegar até eles. Ela ligou. E quando pediu para andar, eu disse que ela ainda era pequenina e não sabia ligar o carro e travar, depois concordei porque ela insistiu. Eu expliquei como é preciso ligar, mas a Dasha fez tudo à maneira dela. A Dasha, papá, sentou-se, pegou no volante e começou a andar, sem ligar nada. Ela pensava que tinha ligado o carro, mas eu vi que ela não tinha feito nada com as mãos. Ou melhor, ela ligou, mas fez isso com o pensamento. E ainda, papá, ela é amiga dos micróbios. Eles obedecem-lhe.

– Dos micróbios?! Que micróbios?

– Daqueles que são muitos, que vivem por toda a parte, à nossa volta e dentro de nós. Eles não se vêem, mas existem. Lembras-te, papá, no limite do terreno da nossa herdade, na floresta, que havia uns apoios metálicos dos postes da antiga linha de alta tensão que sobressaíam da terra?

– Sobressaíam sim, e depois?

– Eles estavam ferrugentos, e tinham uma base de betão. Quando eu e a Dasha fomos apanhar cogumelos, ela viu esses restos de postes e disse que era muito mau, porque eles não deixavam crescer as

bagas e os cogumelos. Depois ela disse: «Vocês têm que comê-los muito, muito depressa.»

– E então?

– Passados dois dias, aqueles restos ferrugentos e a base de betão desapareceram. Ficou apenas a terra despida, sem erva... Os micróbios comeram o metal e o betão.

– Mas porquê? Porque é que tu, Kostia, não me contaste antes sobre tudo o que acontece com a Dasha?

– Eu tinha medo, papá.

– De quê?

– Eu li em História... Em tempos não muito antigos, tentavam isolar as pessoas com capacidades extraordinárias. Eu queria contar-te tudo a ti e à mamã, mas não sabia que palavras encontrar para perceberem, e para que acreditassem...

– Kostia, mas nós acreditamos sempre em ti, e tu também poderias demonstrar... ou melhor, podias pedir à Dasha para nos demonstrar as capacidades dela em algo inofensivo.

– Papá, não era disso, que eu tinha medo... Ela podia demonstrar... – Kostia calou-se, e quando voltou a falar, o discurso dele era inquieto. – Papá, eu amo-te a ti e à mamã... Com a Dasha, eu de vez em quando sou rígido, mas também a amo muito. Ela é bondosa. A Dasha é bondosa para tudo em redor. Ela nem faz mal a um escaravelho. Nem eles a ela. Ela chegou ao pé da colmeia com abelhas, sentou-se mesmo à frente do alvado e ficou a olhar a vê-las voar. As abelhas... Muitas abelhas subiram para os bracinhos dela, para os pezinhos e para as bochechas, mas não ferravam. A Dashenka estendia a palma da mão às abelhas, elas poisavam nela e deixavam alguma coisa. Ela depois lambeu a palma da mãozinha e começou a rir. Ela é boazinha, papá...

– Acalma-te, Kostia. Não te preocupes. Vamos lá analisar a situação com calma. Sim, temos que pensar em tudo com calma...

A Dasha ainda é um bebé. Ela fez explodir alguns complexos de mísseis modernos. Poderia iniciar-se uma guerra mundial. Uma guerra horrenda. Mas mesmo sem guerra... se ela começasse a ver as imagens não apenas dos mísseis do inimigo, mas também dos nossos... se começassem a explodir todos os mísseis que existem em todos os países, o mundo poderia encontrar-se à beira de uma catástrofe global. Poderiam morrer centenas de milhões de pessoas. Eu também amo a nossa pequenina Dasha. Mas milhões... Preciso de me aconselhar. Temos que encontrar uma saída. Mas por enquanto... não sei... é preciso isolar a Dashenka de alguma forma. De alguma forma... sim, talvez seja preciso adormecê-la por algum tempo. Talvez... mas qual é a saída? Que outra saída podemos encontrar?

– Papá, papá... espera. Será que se pode liquidar da Terra todos os mísseis mortais de que ela não gosta?

– Liquidar? Mas... Para isso é preciso o acordo de todos os países. De todos os blocos militares. Sim... Mas isso não se consegue rapidamente. Claro que isso é possível, mas por enquanto...

Ivan Nikiforovitch aproximou-se rapidamente do computador. No monitor ainda se podia ver a imagem do míssil que Dasha tinha sido impedida de destruir. Ele desligou o monitor com a imagem do míssil, sentou-se ao computador de comunicações e começou a transmitir o texto:

«Para o Estado-Maior». É necessário urgentemente transmitir a presente informação a todos os blocos militares e meios de comunicação internacionais. O que originou a série de explosões em complexos de mísseis, foram bactérias com a capacidade de estabelecer curto-circuitos. Elas são susceptíveis de ser comandadas. É necessário destruir todas as imagens de munições que possam

explodir. Todas!! Desde a mais pequena bala, até ao mais moderno complexo de mísseis. Aquele que comanda as bactérias não precisa de saber a localização do objecto explosivo, para ele é suficiente ver a sua forma numa representação!»

Ivan Nikiforovitch olhou para a pequena Dasha, que já sorria e conversava animadamente com a mãe, e acrescentou à informação o seguinte texto: «Desconhece-se a localização do comando das explosões». Depois Ivan Nikiforovitch enviou a comunicação codificada para o Estado-Maior.

Na manhã do dia seguinte realizou-se uma reunião extraordinária do Conselho de Guerra da Rússia. Foram destacados guardas para rodear a povoação na qual se encontrava a herdade de Ivan Nikiforovitch. Os guardas tentavam ser imperceptíveis, eram soldados vestidos com uniformes de trabalhadores das obras rodoviárias.

A cinco quilómetros da povoação, nos seus limites, era como se tivessem começado a construir uma estrada circundante, simultaneamente a cada metro, de dia e de noite. Na herdade de Ivan Nikiforovitch foram instaladas câmaras de vídeo, que seguiam a cada minuto a vida da pequenina Dasha. A imagem era transmitida para o centro, parecido com um centro de controlo de voos espaciais. Dezenas de especialistas, psicólogos e militares estavam prontos para dar as ordens necessárias em caso de situação extrema e trabalhavam por turnos em frente aos monitores. Os psicólogos especialistas, com a ajuda de uma linha de comunicação especial, davam constantemente recomendações aos pais da pequena Dasha sobre como distraí-la com alguma coisa, não fosse ela de novo entrar em estado pensativo.

O governo Russo fez uma comunicação internacional, que a muitos pareceu estranha, na qual informou que na Rússia existiam

forças capazes de fazer explodir quaisquer munições, independentemente do local em que se encontrassem. Essas forças não estavam totalmente sob o controlo do governo Russo, mas estavam a ser feitas negociações com elas. A natureza extraordinária do fenómeno em causa prescindia ainda de confirmações. Foi decidido em conselho internacional que se deveria produzir uma série de projécteis com formas estranhas. Foram feitos com invólucros quadrados. Cada um dos países que participava na experiência escondeu vinte desses projécteis e escondeu-os em diferentes locais do seu território.

– E porque é que fizeram os projécteis com invólucros quadrados? Porque é que não podiam esconder os normais? – Perguntei eu a Anastasia.

– Eles tinham receio, Vladimir, que explodissem não apenas todos os projécteis existentes no mundo, mas também as balas nos canhões das pistolas da polícia e dos militares, e de todas as pessoas detentoras de uma arma com munições.

– Sim, claro... E como é que correu a experiência com os projécteis quadrados?

Ivan Nikiforovitch chamou a sua pequenina filha Dasha ao seu escritório, mostrou-lhe uma fotografia do projéctil quadrado e pediu-lhe que fizesse explodir os projécteis.

Dasha olhou para a fotografia e disse:

– Eu amo-te muito, papá, mas não posso cumprir com o teu pedido de nenhuma maneira.

– Porquê? – Admirou-se Ivan Nikiforovitch.

– Porque não vou conseguir.

– Como assim, Dashenka? Antes conseguias, tu fizeste explodir uma série de mísseis modernos, e agora não consegues?

– Mas eu nessa altura estava preocupada, papá. Eu não queria que tu te fosses embora, nem que ficasses sentado muitas horas à frente do teu computador. Quando ficas sentado em frente do teu computador, não conversas com ninguém e não fazes nada interessante. Mas agora estás todo o tempo ao nosso lado. Tu ficaste muito bonzinho, papá, e eu não vou conseguir fazer nenhumas explosões.

Ivan Nikiforovitch percebeu que Dasha não era capaz de fazer explodir os projécteis quadrados porque não estava claro para ela o propósito da explosão. Começou a andar preocupado pelo escritório, procurando encontrar uma solução que convencesse Dasha da necessidade de fazer explodir aqueles projécteis. Falava para a filha, mas era como se pensasse para si próprio:

– Não vai resultar... pois... é pena. Há milénios que existem guerras no mundo. Terminavam entre alguns países e começavam noutros. Morreram milhões de pessoas e continuam a morrer. São gastos enormes recursos em armamento... E havia a possibilidade de fazer parar esse processo interminável de destruição, mas infelizmente... – Ivan Nikiforovitch olhou para Dasha que estava sentada no cadeirão.

O rosto da filha estava calmo. Ela olhava com interesse para ele, a andar pelo escritório e a falar. Mas Dasha não ficava inquieta com o sentido das palavras pronunciadas. Ela realmente não percebia o que eram as guerras, que recursos eram esses que se gastavam nem com quê.

Ela pensava nas suas coisas: «Porque é que o papá está a andar agitado pelo escritório, por entre os computadores que não são carinhosos nem dão nenhuma energia? Porque é que ele não

quer sair para o jardim, onde as árvores florescem e os pássaros cantam, onde cada ervinha e raminho das árvores dão festinhas ao corpo todo com algo que não se vê. Agora estão lá a mamã e o irmãozinho Kostia. Seria bom que o papá terminasse depressa a sua conversa sem interesse e fossemos juntos para o jardim. A mamã e o Kostia, assim que nos virem, vão ficar tão contentes. A mamã vai sorrir e o Kostia já ontem prometeu que ia contar sobre como tocar uma estrelinha distante, tocando numa pedrinha e numa flor. O Kostia cumpre sempre as suas promessas...».

– Dashenka, não é interessante para ti escutar-me? Não percebes o que digo? – Dirigiu-se Ivan Nikiforovitch à filha. – Estás a pensar em alguma coisa tua?

– Eu, papá, estou a pensar: porque é que eu e tu estamos aqui e não no jardim, onde tudo está à nossa espera?

Ivan Nikiforovitch percebeu que tinha que falar com a filha com sinceridade e em concreto. E começou a dizer:

– Dashenka, quando tu fizeste explodir os mísseis ao olhar para as suas imagens, surgiu a ideia de confirmar as tuas capacidades mais uma vez. Ou melhor, de mostrar a todo o mundo as capacidades da Rússia de destruir todas as armas do mundo. Então não haverá mais razão para as fabricarem. Seria inútil e perigoso. Aquelas que já foram produzidas seriam destruídas pelas próprias pessoas. Começaria um desarmamento geral. Os projécteis quadrados foram produzidos especialmente para que tu pudesses demonstrar as tuas capacidades, sem que ninguém morresse com isso. Fá-los explodir, Dashenka.

– Eu agora já não o posso fazer, paizinho!

– Porquê? Antes podias e agora não podes!?

– Eu dei a minha palavra em como não iria fazer explodir mais nada. E como já dei essa palavra, já não tenho capacidades de fazer explodir.

– Não? Mas para quem é que deste essa palavra?

– O mano Kostia mostrou-me imagens do seu livro: de como os corpos das pessoas de desfazem em pedaços por causa das explosões, de como as pessoas se assustam com as explosões, de como as árvores caem e morrem com as explosões, e eu dei a palavra...

– Dashenka, e quer dizer que agora nunca mais o poderás fazer? Pelo menos mais uma vez só... Apenas uma. Aqui estão esses projécteis quadrados.

Ivan Nikiforovitch estendeu para a filha uma fotografia do projéctil quadrado.

– Eles foram produzidos especialmente para a experiência e escondidos em lugares remotos em diferentes países. Não há pessoas junto nem nas proximidades deles. Todos estão à espera para ver se eles explodem ou não. Fá-los explodir, filhinha, isso não será faltar à tua palavra. Ninguém morrerá. Pelo contrário...

Dasha olhou mais uma vez com indiferença para a fotografia do projéctil quadrado e respondeu calmamente:

– Mesmo que eu falte à minha palavra, esses projécteis não vão rebentar, papá.

– Mas porquê?

– Porque tu estás a falar há muito tempo, papá. E eu assim que olhei para a fotografia não gostei logo nada desses chocos quadrados. Eles são feios e agora...

– O quê agora?... Dashenka... O quê?

– Desculpa-me, por favor, paizinho, mas tu falaste tanto tempo depois de me teres mostrado, que nesse tempo eles quase que os comeram todos.

– Comeram? Comeram o quê?

– Comeram esses projécteis quadrados quase todos. Assim que os projécteis não me agradaram, eu senti que eles tinham entrado em movimento e começaram a comê-los muito, muito depressa.

– Eles quem?

– Aqueles, os pequeninos. Eles estão por toda a parte, à nossa volta e dentro de nós. Eles são bonzinhos. O Kostia diz que são bactérias, ou microrganismos. Eu gosto mais de os chamar à minha maneira: «os meus pequeninos, os bonzinhos». Eles gostam mais assim. Eu às vezes brinco com eles. As pessoas quase não lhes prestam nenhuma atenção, mas eles tentam sempre fazer coisas boas para cada pessoa. Quando uma pessoa se alegra, eles sentem-se bem por causa da energia alegre, quando uma pessoa se zanga ou estraga alguma coisa viva, eles morrem em grande quantidade. Em substituição dos que morrem surgem rapidamente outros. Por vezes os outros não têm tempo de substituir e o corpo humano fica doente.

– Mas tu estás aqui, Dashenka. Enquanto que os projécteis estão em diferentes países escondidos em subterrâneos. Como é que eles, esses «pequeninos», poderiam saber tão rapidamente em outros países sobre a tua vontade?

– Então, eles contam tudo muito rapidamente uns aos outros em corrente, muito mais rápido do que os electrónicos correm no teu computador...

– Computador... Comunicação... Agora... Eu agora vou comprovar tudo o que dizes. No nosso território estão instaladas câmaras em volta de cada projéctil. Volto já.

Ivan Nikiforovitch virou-se para o computador de comunicação. No monitor acendeu-se a representação do projéctil quadrado. Ou melhor, do que restava do projéctil. O corpo do invólucro estava ferrugento, todo cheio de buracos, enquanto que a cabeça estava caída num dos lados e tinha diminuído significativamente de tamanho. No ecrã apareceu a imagem de uma pessoa em uniforme.

– Bom dia, Ivan Nikiforovitch, acaba de ver tudo por si mesmo.

– Que conclusões retirou o Conselho? – Perguntou Ivan Nikiforovitch.

– Os membros do Concelho dividiram-se em grupos e estão reunidos. As tropas estão a tentar desenvolver medidas adicionais de defesa do objecto.

– Não chame objecto à minha filha.

– Está nervoso, Ivan Nikiforovitch, na presente situação isso é inaceitável. Daqui a dez minutos chegará a vossa casa um grupo de peritos, composto por especialistas proeminentes, psicólogos, biólogos e engenheiros de rádio e electrónica. Eles já estão a caminho. Organize o encontro deles com a sua filha. Prepare-a.

– Qual é a opinião da maioria dos membros do Concelho?

– Por enquanto, de que a sua família deverá ser totalmente isolada dentro dos limites da vossa herdade. Você terá que retirar sem demora quaisquer representações de recursos técnicos. Fique junto da sua filha e tente seguir os seus movimentos permanentemente.

A equipa de especialistas do Concelho de Guerra que chegou à herdade de Ivan Nikiforovitch conversou durante hora e meia com a pequena Dasha. A pequenita respondeu pacientemente às perguntas dos adultos, mas aqueles que observavam tudo o que acontecia através das câmaras no ecrã gigante do Concelho de segurança, passada essa hora e meia ficaram totalmente admirados. Passada hora e meia de conversa com a pequena Dasha, a porta do escritório espaçoso de Ivan Nikiforovitch abriu-se de par em par. O irmão de Dasha, Kostia, entrou no escritório. Trazia com ele o relógio de

cuco, que soava sem parar. Kostia colocou o relógio sobre a mesa. Os ponteiros do relógio estavam sobre o número onze, e quando o cuco mecânico deveria terminar de soar as vezes determinadas, o ponteiro fazia uma volta rápida pelo mostrador e o cuco começava tudo de novo. Os presentes olhavam embasbacados ora para a estranha maneira de trabalhar do relógio, ora para Dasha, e permaneciam calados.

– Oh, – exclamou de repente Dasha, – eu esqueci-me completamente. Eu tenho que ir fazer uma coisa importante. É a minha amiga Verunka[3] que está a fazer girar os ponteiros. Nós combinámos assim, caso eu me esquecesse. Tenho que ir.

Dois seguranças impediram a saída do escritório.

– Caso te esquecesses de quê, Dashenka? – Perguntou Ivan Nikiforovitch à sua filha.

– Caso me esquecesse de ir à herdade onde vive a minha amiga Verunka, para dar carinho à pequena florinha e regá-la. Porque senão, sem carinhos, fica triste. Ela gosta que olhem para ela com carinho.

– Mas a flor não é tua, – notou Ivan Nikiforovitch, – porque é que a tua amiga não lhe pode dar carinhos, à sua própria flor?

– *Papochka*, a Verunka foi com os pais de visita.

– Para onde, de visita?

– Para algum lugar na Sibéria.

As exclamações dos presentes, pronunciadas em sussurros, soavam por todos os lados:

– Ela não está só!

– Quantos serão?

– Como distingui-los?

[3] *Verunka* – Forma carinhosa do nome Vera.

Assim que um senhor de cabelo grisalho que estava sentado no fundo da sala se levantou, todas as exclamações se silenciaram. Esse senhor era superior em título honorífico e em cargo, e não apenas das pessoas que estavam no escritório de Ivan Nikiforovitch. Ele era o Presidente do Conselho de Segurança da Rússia. Todos se viraram para ele e ficaram calados. O senhor grisalho olhava para Dasha, sentada na pequenina cadeira de madeira, e pela sua face corria uma lágrima. Depois aproximou-se de Dasha, pôs-se em frente dela sobre um joelho e estendeu a mão na sua direcção. Dasha levantou-se, deu um passo, segurou na aba do seu vestido, fez uma vénia e colocou a sua mãozinha sobre a palma da mão dele. O senhor grisalho ficou a olhar algum tempo para ela, depois inclinou a cabeça e, com reverência, beijou a mão de Dasha e disse:

– Perdoa-nos, por favor, pequenina deusa.

– Eu chamo-me Dasha, – respondeu a menina.

– Sim, claro, chamas-te Dasha. Diz-nos, o que prevalecerá sobre a nossa Terra?

A menina olhou admirada para o rosto do senhor de idade, aproximou-se dele e enxugou cuidadosamente com a mãozinha a lágrima da sua face, depois tocou o seu bigode com o dedito. A seguir, virou-se para o irmão e disse:

– Tu, Kostenka, prometeste ainda que me ajudavas a conversar com os lírios do lago da Verunka. Lembras-te que prometeste?

– Lembro-me, – respondeu Kostia.

– Então vamos.

Na entrada da porta, depois de passar pelos seguranças que tinham aberto caminho, Dasha parou, virou-se para o senhor que

permanecia ainda sobre um joelho, sorriu para ele e pronunciou com confiança:

– Sobre a Terra... prevalecerá o bem!

Passadas seis horas, ao fazer a sua apresentação na reunião alargada do Concelho de Segurança da Rússia, o Presidente grisalho disse:

– Tudo no mundo é relativo. Em relação à nossa geração, os da nova são como deuses. Não são eles que devem ser comparados connosco, mas nós com eles. Todo o poder militar do planeta com as suas conquistas técnicas únicas mostrou ser impotente perante uma única menina pequenina da nova geração. E a nossa missão, o nosso dever, a nossa obrigação perante as novas gerações consiste em limpar o lixo. As nossas conquistas e descobertas tecnológicas, materializadas nos complexos militares mais modernos e, como nos parecia, únicos, mostraram ser trastes inúteis perante o rosto da nova geração. E nós devemos limpá-los.

CAPÍTULO 10

A corrida ao desarmamento

Ocorreu uma sessão internacional com os conselhos de segurança dos blocos militares de vários países e continentes, na qual foram desenvolvidos planos extremos de reciclagem da tecnologia militar e armamento. Cientistas de vários países trocavam experiência na área de reciclagem tecnológica. Havia psicólogos a falar constantemente através dos meios de comunicação, tentando evitar o pânico entre a população detentora de diferentes tipos de armas de fogo. O pânico surgiu depois da informação sobre o fenómeno russo ter sido propagado através dos meios de comunicação. Os factos foram um pouco deturpados.

Nas várias fontes de informação ocidentais, dizia-se que a Rússia estava a reciclar com extrema urgência as munições no seu território e se preparava em hora «X» para fazer explodir as munições dos outros países, exterminando ao mesmo tempo uma grande parte da população. As pessoas começaram a deitar as armas e munições que possuíam aos rios, a enterrá-las em terrenos baldios, porque os pontos oficiais de reciclagem não conseguiam dar resposta à quantidade de armas que chegavam da parte das pessoas que as queriam entregar.

Foram estabelecidas multas para a inutilização por parte individual. As empresas que serviam de intermediário levavam grandes

comissões por receber cada bala, mas isso não impedia que aqueles que o desejavam se livrassem daquilo que representava uma ameaça para a vida de famílias inteiras. As pessoas das cidades perto das quais se encontravam bases militares, exigiam aos governantes a liquidação imediata dos objectos militares. Mas a indústria militar, reorientada para a reciclagem daquilo que ela própria produzia, já estava a trabalhar no limite das suas capacidades. Na imprensa de muitos países ocidentais começaram a ser lançados rumores de que o mundo estava sob uma ameaça vinda da parte da Rússia. O mundo não estava em condições de se livrar da quantidade de armas acumuladas, e muitas empresas que estavam a ocupar-se da reciclagem do equipamento militar e de munições, trabalhavam no limite das suas capacidades, mas não conseguiam liquidar em poucos meses todo o armamento que foi produzido ao longo de dezenas de anos.

Acusavam o governo russo de já saber há muito tempo sobre o aparecimento das crianças com capacidades extraordinárias, e de já se ter preparado há muito para a reciclagem das armas mortíferas. Como confirmação destes rumores, era apresentado o facto de que a Rússia tinha andado a comprar e desmontar as empresas prejudiciais para o ambiente, não apenas no seu país, mas também nos países limítrofes. E se a Rússia conseguisse limpar o seu território das armas com perigo de explosão antes dos outros países, então teria a possibilidade de destruir aqueles que ficassem para trás na corrida ao desarmamento.

Exageravam propositadamente as imagens sobre destruições de todo o tipo e as consequências de uma catástrofe mundial. Isso era muito conveniente para as empresas que se ocupavam da reciclagem das armas de fogo, porque assim o preço dos seus serviços crescia. Por exemplo, alguém que entregasse as balas de uma pistola

para reciclar, teria que pagar 20 dólares por cada bala. Enterrar ou deitar fora uma arma por iniciativa própria era considerado um acto de vandalismo. O pânico crescia ainda mais porque ninguém poderia imaginar uma defesa efectiva contra as capacidades que se revelaram nas crianças russas. O Presidente Russo, como todos acharam nesse momento, deu um passo desesperado e irreflectido: ele decidiu aparecer em directo em todos os canais de televisão mundiais, rodeado das crianças com capacidades extraordinárias. E quando foi anunciado o dia e a hora da apresentação em directo do Presidente da Rússia, quase toda a população do planeta se reuniu em frente aos ecrãs de televisão. No momento que antecedeu essa hora, muitas empresas pararam, as lojas fecharam, as ruas ficaram desertas. As pessoas esperavam a informação vinda da Rússia. O Presidente Russo queria, com a sua apresentação, acalmar as pessoas e mostrar a todo o mundo que as crianças da geração emergente não eram uns monstros sanguinários quaisquer, mas sim crianças bondosas e comuns, e que não era preciso temê-las. Para ser mais convincente, o Presidente Russo pediu aos seus ajudantes que reunissem umas trinta crianças com capacidades extraordinárias e decidiu ficar sozinho dentro do seu gabinete com elas. E assim tudo foi feito.

– E o que disse o Presidente da Rússia à população mundial?

– Podes, se quiseres, ver por ti próprio esse momento e ouvir o que foi dito, Vladimir.

– Sim, eu gostaria.

– Vê.

O Presidente da Rússia estava de pé sobre um pequeno púlpito ao lado da sua mesa de trabalho. Dos dois lados do púlpito estavam sentadas em cadeiras pequeninas crianças de várias idades, aproximadamente dos três aos dez anos de idade. Junto à parede

oposta do gabinete instalou-se um grupo de jornalistas com câmaras de televisão. O Presidente começou a falar:

– Prezadas senhoras e senhores, concidadãos! Eu convidei especialmente as crianças para este encontro convosco. E, como podem verificar, eu encontro-me neste gabinete sozinho com elas, sem seguranças, nem psicólogos, nem os seus pais. Estas crianças não são monstros, como tentam apresentá-los numa série de meios de comunicação de massa no Ocidente. Podem ver por vós próprios que estas são crianças comuns. Nos seus rostos e nas suas faces não estão presentes sinais de agressividade. Nós consideramos algumas das suas capacidades como extraordinárias. Mas será realmente assim? Ou será que as capacidades que começaram a revelar-se na geração jovem, podem ser comuns para cada indivíduo humano? E que, pelo contrário, as nossas criações sejam incomuns e inaceitáveis para a existência humana? A sociedade humana criou um sistema de comunicações e um potencial militar tal, que é capaz de levar o planeta à catástrofe.

Ao longo de séculos foram mantidas conversações entre as nações detentoras de maior potencial militar, mas a corrida ao armamento não parou. Hoje existe uma possibilidade real de acabar com esse processo mortal interminável. Hoje encontraram-se numa posição mais vantajosa os países no território dos quais não existe uma concentração de armas mortíferas. Para nós, tal situação parece contra natura. Mas vamos lá raciocinar: porque é que na nossa consciência se estabeleceu a convicção de que para a sociedade humana é natural o fabrico de armas mortais e ameaçadoras de extermínio humano, que põem em risco nações inteiras?

A nova geração mudou as prioridades, obrigou-nos a agir na direcção oposta – o desarmamento. O medo, o pânico e as acções

febris que criam esse processo são provocados em grande parte graças à transmissão de informação distorcida. O governo russo é acusado de saber há muito tempo sobre o aparecimento no país de crianças com capacidades extraordinárias. Essas afirmações não têm fundamento. No território da Rússia até hoje ainda está guardado um grande potencial militar, e nós, assim como muitos outros países, estamos a fazer todo o possível para a sua neutralização.

O governo Russo é acusado de não estar a apurar quais são as crianças com capacidades extraordinárias e de não estar a tomar medidas para as isolar, o que significaria adormecê-las com calmantes até que termine o processo de desarmamento. O governo Russo não tomará esse passo. As crianças da Rússia são cidadãs do nosso país com os mesmos direitos. E vamos lá pensar, porque é que surge a vontade de isolar aqueles que não admitem os instrumentos de homicídio, e não aqueles que os fabricam? O governo Russo está a tomar medidas para evitar uma onda emocional imprevista nas crianças, que pudesse enviar um impulso e fazer explodir algum tipo de arma de que eles não gostam.

Foram totalmente excluídos dos programas dos canais de televisão russos os filmes nos quais se possam ver instrumentos de homicídio. Foram destruídos os brinquedos que imitam armas. Os pais encontram-se permanentemente com os seus filhos e esforçam-se por evitar qualquer reacção negativa. A Rússia...

O Presidente interrompeu o seu discurso. Um rapazito loiro de uns cinco anos levantara-se do seu lugar e aproximou-se do tripé sobre o qual estava uma câmara. Primeiro apenas observou atentamente os parafusos do tripé, mas quando os tocou com a mãozita, o operador largou, assustado, a sua câmara e recuou para trás dos jornalistas. O Presidente aproximou-se rapidamente do rapazito que tinha assustado o operador de câmara, pegou-lhe pela mão

e levou-o até à cadeirita na qual ele antes estivera sentado quieto, dizendo-lhe enquanto andava:

– Tu, por favor, fica sentadinho e quieto, até que eu termine.

Mas não conseguiu continuar o discurso. Junto da mesa sobre a qual se encontravam os aparelhos de comunicação, dois rapazitos de uns três ou quatro anos de idade brincavam com o equipamento. As crianças que tinham ficado sentadas em silêncio desde o início da apresentação espalharam-se pelo gabinete e começaram a fazer cada um a sua coisa. Apenas as crianças mais velhas, que eram poucas, continuavam sentadas nos seus lugares, observando os jornalistas e as câmaras de televisão. Entre elas encontrava-se uma menina com lacinhos nas tranças, e eu reconheci-a. Dasha, que tinha feito explodir os complexos de mísseis modernos, avaliava a situação de uma forma pouco infantil, contemplando a reacção dos jornalistas com um ar consciente e atento.

As pessoas de todo o mundo, grudadas aos ecrãs dos televisores, viram a expressão facial um pouco desconcertada do Presidente. Ele lançou um olhar sobre as crianças distribuídas pelo gabinete. Ao ver dois pequenotes a brincar com os aparelhos de comunicação governamental, olhou para a porta por detrás da qual se encontravam os seus ajudantes e os pais das crianças convidadas, mas não chamou ninguém para o ajudar. O Presidente pediu desculpas por interromper o discurso, aproximou-se rapidamente dos dois pequenos que já arrastavam para fora da mesa um dos aparelhos, pegou neles por debaixo dos braços e disse: «Isso não são brinquedos para vocês». Um dos meninos que se encontrava debaixo do braço do Presidente viu o seu companheiro que estava pendurado na outra anca do Presidente e riu sonoramente. O segundo menino, aproveitando o momento, puxou com a mãozita a gravata do Presidente e disse: «Brinquedos!».

– Isso é o que tu pensas, mas não são brinquedos.

– São brinquedos, – repetiu sorrindo alegremente o rapaz.

– O Presidente viu como mais alguns meninos se aproximaram dos aparelhos, atraídos pelo piscar das luzes coloridas e pelos sons e começaram a tocar nos auscultadores telefónicos. Então ele pôs os dois irrequietos no chão, aproximou-se rapidamente da mesa, carregou num botão e disse: «Desliguem imediatamente todas as comunicações no meu gabinete».

Depois distribuiu sobre a sua mesa folhas de papel em branco. Sobre cada uma colocou um lápis ou uma caneta e disse, dirigindo-se para a criançada reunida em seu redor: «Tomem, podem desenhar, cada um o que quiser. Desenhem, depois vemos todos juntos quem conseguiu fazer o melhor».

As crianças rodearam a mesa e começaram a mexer no papel, lápis e canetas. O Presidente começou a trazer cadeiras e a sentá-los ou a pôr de pé sobre elas aqueles que eram mais baixinhos. Convencido de que tinha conseguido distrair as crianças com o desenho, o Presidente aproximou-se de novo do seu púlpito, sorriu para os telespectadores, encheu os pulmões de ar preparando-se para continuar o discurso, mas não pôde. Chegou-se ao pé dele um menino pequenino e começou a puxá-lo pelas calças.

– O que é? O que é que queres?

– Chi... – disse o menino.

– O quê?

– Chi...

– Chi, chi. Quer dizer que queres ir à casa de banho? – E o Presidente olhou de novo para a porta de entrada do gabinete.

A porta abriu-se e logo dois ajudantes, ou guarda-costas do Presidente se dirigiram determinadamente para ele. Um dos homens, com um rosto severo e um pouco tenso, inclinou-se e pegou no

rapaz pela mão. Mas a criança, sem largar as calças do Presidente, escapou-se, arrancou a mãozita da mão do homem severo que o tentava levar para fora do gabinete e fez um gesto de protesto para os outros homens que se aproximavam. Os homens ficaram desorientados. O rapazito ergueu de novo a carita e, olhando desde baixo para o Presidente, puxou de novo as calças dele, e disse: «Chi», – e agachou-se.

– Não chegaste em momento oportuno com o teu «chi». E ainda por cima és caprichoso, – disse o Presidente, pegou na mão do pequeno, desculpou-se perante os jornalistas e dirigiu-se à portam dizendo enquanto andava: «Voltamos já», – e saiu.

Nos ecrãs de centenas de milhões de televisores as câmaras transmitiam, alternando as imagens, as crianças a brincar, a desenhar e a conversar umas com as outras. Mostravam ainda com mais frequência o púlpito do Presidente, atrás do qual não havia ninguém. E então, a pequenina Dasha levantou-se do seu lugar. Pegou numa cadeira, arrastou-a para perto do púlpito presidencial, subiu para cima dela, olhou para os jornalistas e para as objectivas das câmaras dirigidas para si, arranjou os laçarotes nas suas tranças e começou a falar:

– Eu chamo-me Dasha. E nosso tio Presidente é bonzinho. Ele já vem. Ele vai chegar e contar-vos tudo. Ele está um bocadinho preocupado. Mas ele vai conseguir contar a todos como vai ser muito, muito bom na Terra. E que ninguém tem que ter medo de nós. O meu irmãozinho Kostia contou-me que agora as pessoas têm medo das crianças, porque eu fiz explodir os novos mísseis grandes. Mas eu não queria explodi-los assim por nada, eu só queria que o papá não fosse embora de ao pé de nós por muito tempo e que o papá não pensasse tanto sobre esses mísseis. E que não olhasse

para eles. Ele que olhe para a mãe, que é melhor. Ela é melhor que todos os mísseis. E ela fica contente quando o papá olha para ela e conversa com ela. Mas quando ele vai embora por muito tempo ou quando olha para os mísseis, a mamã fica triste. Eu não quero que a mamã fique triste. O Kostia, o meu irmão, é muito inteligente e ajuizado, e o Kostik disse que eu tinha assustado muitas pessoas. Eu não vou explodir mais. Não é nada interessante. Há outras coisas muito importantes e interessantes para fazer. Elas trazem felicidade para todos. Tratem vocês dos mísseis. Tratem deles, para ninguém nunca os fazer explodir. E não tenham medo de nós, por favor.

Venham visitar-nos. Venham todos. Nós damo-vos a beber água viva. A mamã contou-se como é que as pessoas viviam antes. Fizeram e fizeram as suas coisas, construíram muitas fábricas e indústrias e distraíram-se tanto que olha, não restou água viva. A água ficou suja. E só vendiam a água em garrafinhas nos supermercados. Mas nas garrafas ela estava morta, sufocada, e as pessoas começaram a ficar doentes. Antes aconteceu assim, mas eu não podia imaginar de nenhuma maneira que isso podia acontecer, as pessoas sujarem a água que elas bebem. Mas também o papá disse que ainda agora na Terra há países inteiros que não têm água viva e limpa, e as pessoas nesses países morrem com doenças horríveis. E nesses países nem há maçãs nem bagas saborosas, porque todas as coisas vivas estão doentes e uma pessoa que come o que está doente, sofre.

Venham todos cá visitar-nos, venham todos. E nós damo-vos para comer maçãs pequeninas, e tomates, e peras, e bagas. Vocês provam-nas, e quando voltarem para casa vão dizer para vós próprios: não se deve sujar, é melhor viver no limpo. Depois, quando nos vossos lugares também estiver tudo limpo, nós vamos visitar-vos com prendas.

O Presidente, que voltara com o menino pequenino no colo, estava de pé junto da porta e escutava como Dasha falava. E quando ela acabou de falar aproximou-se do púlpito e, sem largar o menino que se tinha instalado confortavelmente nos seus braços, acrescentou: «Sim, claro... Venham visitar-nos, realmente aqui pode curar-se o corpo. Mas isso não é o mais importante. É mais importante que todos nos compreendamos a nós próprios e o nosso propósito. Precisamos de compreender isso para não sermos retirados da face da Terra, como lixo. Nós todos juntos devemos limpar o lixo que espalhámos. Agradeço a atenção de todos.

A imagem do gabinete do Presidente desapareceu. E a voz de Anastasia continuou:

– É difícil dizer se foi o discurso do Presidente ou da pequenina Dasha que influenciou as pessoas que escutavam a transmissão em directo da Rússia. Mas as pessoas já não quiseram mais acreditar nos rumores propagados sobre a agressividade da Rússia. As pessoas queriam viver, e viver em felicidade, elas acreditaram nessa possibilidade. A quantidade de pessoas que desejavam visitar a Rússia e viver nela multiplicou-se muitas vezes logo a seguir à transmissão em directo desde o Kremlin. Aqueles que regressavam da Rússia já não podiam viver da mesma forma. Incendiava-se em cada um a consciência, como o primeiro raio de sol da madrugada.

CAPÍTULO 11

Ciência e falsa ciência

Anastasia, mas como é que os cidadãos russos podiam receber uma quantidade tão grande de pessoas? Provavelmente foi difícil para eles. Imagino, vives com a família na tua herdade, e através da vedação a cada minuto há uma multidão de voyeurs a olhar.

– Os turistas, os estrangeiros que vinham a Moscovo para se curar, eram instalados nas cidades, nos apartamentos livres. Os alimentos eram trazidos das herdades, mas os turistas não eram levados lá. Apenas alguns tinham a oportunidade de visitar o lugar de residência permanente dos novos russos. Os psicólogos avisavam constantemente os donos das herdades que, por causa da sua hospitalidade para com as pessoas que os visitavam, especialmente as que vinham dos países considerados antes como altamente desenvolvidos, aconteciam depressões psicológicas. O que os psicólogos diziam correspondia à realidade. Aproximadamente quarenta por cento dos estrangeiros que visitavam as herdades, ao regressarem a casa, caíam em estados depressivos, quase a ponto de suicídio.

– Como é possível? Porquê? Tu mesma disseste, Anastasia, que nas herdades tudo era maravilhoso: a paisagem em redor, os pássaros, o entendimento nas famílias.

– Tudo era assim, mas para muitos visitantes estrangeiros o que viam era demasiado maravilhoso. Imagina, Vladimir, uma pessoa

citadina que viveu a maior parte da sua vida numa grande cidade. Uma pessoa que se tinha esforçado por ganhar, custasse o que custasse, a maior quantidade de dinheiro possível e por se tornar naquilo que considerava não ser inferior aos outros. Em troca do trabalho recebia casa, roupa, um carro, comida. E assim ficava essa pessoa sentada num apartamento mobilado, com o carro na garagem e com comida no frigorífico.

– E então, já imaginei, tem tudo como deve ser, e depois?

– Vladimir, responde tu mesmo à tua pergunta: «E depois?»

– Depois... essa pessoa podia ir viajar a algum lado, ou podia comprar móveis novos ou um carro.

– E depois?

– Depois? Não sei, o quê depois?

– Depois essa pessoa morre. Morre para sempre ou para milhões de anos terrenos. O seu segundo Eu, a sua alma, não poderá adquirir de novo o plano terreno de existência. Não poderá, porque não co-criou durante a sua vida terrena nada de bom para a Terra. Cada um compreende isto intuitivamente, e por isso é que as pessoas têm medo da morte. Quando as aspirações da maioria das pessoas são idênticas e seu estilo de vida é semelhante, elas acham que se pode e se deve viver apenas assim como todos os outros. Mas aqui, alguém viu uma vida completamente diferente sobre a Terra. Viu o paraíso terreno, o Espaço de Amor, criado à imagem Divina pela mão humana, mas considera que a sua vida já passou e foi vivida no inferno, e assim essa pessoa morre em sofrimento, e o seu tormento prolonga-se por milhões de anos.

– E porque é que nem todos entram em tal depressão ao ver o novo estilo de vida dos cidadãos russos?

– Outras pessoas compreendem intuitivamente que, se mesmo na velhice, com a mão enfraquecida, começarem a criar o Espaço de

Amor na Terra, o Criador prolongará a suas vidas. E endireitando-se, esses velhotes, iluminando o rosto com um sorriso, foram ajudar os jovens.

– Mesmo assim, Anastasia, não fica muito bem que os turistas que chegavam à Rússia vindos de longe, não pudessem pelo menos caminhar pelas ruas das aldeias dos novos cidadãos russos, nem respirar ar puro.

– Os turistas que viviam nas cidades também podiam sentir a respiração fresca da terra e beber água vivificante. As cidades eram sopradas pela brisa que trazia das herdades banhadas de verdura os éteres e o pólen. E os turistas podiam contemplar esses oásis paradisíacos desde uma distância respeitosa, quando iam de excursão, e tentavam não incomodar as famílias que viviam neles. Olha, vê como tudo se passava.

E mais uma vez surgiu uma nova imagem do futuro. Eu vi uma estrada que unia as cidades de Vladimir e Suzdal, que se encontram a trinta quilómetros de distância. Eu já tinha tido oportunidade de passar por aquela estrada no passado. Antigamente, era raro passarem por ela autocarros turísticos com pessoas que queriam visitar as igrejas antigas e os mosteiros de Suzdal. A estrada era ocupada na maior parte por carros com matrículas locais. Mas agora essa estrada estava completamente diferente. Na faixa de rodagem, que tinha sido alargada para o dobro, circulavam uns autocarros bonitos. Provavelmente eram movidos a energia eléctrica, porque não se viam gases de escape nem se ouvia o barulho do motor, apenas o roçar dos pneus. Dentro dos autocarros eléctricos estavam sentados turistas de diferentes nacionalidades. Muitos observavam os arredores através de binóculos.

A aproximadamente um quilómetro da estrada, por detrás dos topos das árvores, podiam ver-se os telhados das moradias. Ali, por

detrás de uma sebe viva regular, encontravam-se as herdades familiares dos novos russos. Dos dois lados da estrada, aproximadamente a cada dois quilómetros, estavam instaladas lojas com dois andares e com esplanada. À frente de cada uma havia uma pequena plataforma asfaltada na qual estacionava o automóvel eléctrico, se esta se encontrava livre. Do carro eléctrico saía um grupo inteiro de turistas, e cada um fazia por adquirir ou provar no lugar o que era vendido.

Todas as lojas e cafés eram fornecidos com produtos alimentares cultivados nas herdades. E havia ainda nas lojas camisas russas feitas à mão, toalhas, artesanato em madeira e muitas outras coisas elaboradas por pessoas habilidosas. Anastasia esclareceu que as pessoas compravam essas coisas com vontade, porque sabiam que uma camisa cosida pelas mãos de uma mulher feliz é imensamente mais valiosa do que as que são fabricadas em série.

Se olhássemos desde cima para a faixa de floresta que se avistava da estrada, poderíamos ver as alamedas sombreadas e as herdades delineadas por sebes verdes. A povoação era rodeada por uma faixa de floresta e continha cerca de noventa herdades. Depois havia campos e, passado um quilómetro, de novo uma povoação rodeada de uma faixa de floresta, e assim ao longo de trinta quilómetros. Os terrenos eram de tamanho igual mas não se pareciam uns com os outros. Em alguns prevaleciam os pomares, noutros, as árvores selvagens: pinheiros altos, cedros de ramos pendentes, carvalhos e bétulas.

Em cada herdade havia impreterivelmente um lago ou uma piscina. As casas, rodeadas de canteiros de flores, também eram diferentes entre si: umas eram moradias grandes com dois andares e outras eram pequenas, com apenas um andar. Estavam construídas em diferentes estilos: umas com telhados planos, outras com telhados de

pontas bicudas. E algumas casas eram pequeninas, como as *khatas* das aldeias ucranianas. Eu não vi nenhuns automóveis nas ruas ou alamedas que dividiam as herdades. E mesmo nas próprias quintas não se via animação em especial nem gente a trabalhar. Dava a impressão de que toda aquela extraordinária beleza era criada por algo superior, e as pessoas apenas se deleitavam com a criação. No centro de cada povoação haviam edifícios grandes e bonitos com dois andares, junto dos quais a criançada andava numa roda-viva. Significava que escolas ou clubes tinham sido construídos no centro das aldeias. Então eu disse a Anastasia:

– Ali no centro da aldeia, onde está a escola ou clube ainda se vê alguma vida, mas nas herdades deve ser uma grande seca! Se os donos conseguiram organizar as culturas de tal forma que não precisam de adubar a terra nem de lutar contra as pragas nem as ervas daninhas, então o que lhes resta fazer? Afinal de contas, eu penso que para o ser humano é mais alegre o trabalho intensivo, a criação, a invenção, mas aqui não há nada disso.

– Vladimir, aqui, nestas maravilhosas herdades, as pessoas fazem precisamente tudo o que tu enumeraste e as suas acções são significantes. Elas requerem bem mais intelecto, consciência e inspiração do que a que têm os artistas ou os inventores do mundo a que estás habituado.

– Mas se eles são todos artistas e inventores, então onde estão os frutos do seu trabalho?

– Vladimir, tu consideras um artista uma pessoa que pega num pincel e pinta uma linda paisagem numa tela?

– Claro que considero! As pessoas vão olhar para o seu quadro e se gostarem compram, ou então esse quadro é exposto numa galeria.

– Mas então porque é que não consideras um artista uma pessoa que pegue, em vez de num pincel, num hectare de terra e que crie nela uma paisagem igualmente linda ou ainda melhor? E para que seja criado algo lindo a partir de matéria viva, o criador tem que ter não apenas imaginação artística e bom gosto, mas também conhecimentos das características de uma grande quantidade de materiais vivos. Tanto no primeiro caso como no segundo, a criação tem a missão de fazer surgir nos observadores emoções positivas e alegrar o olhar. Mas ao contrário do quadro pintado sobre a tela, o quadro vivo é ainda multifuncional. Ele purifica o ar, produz éteres benéficos para o ser humano e alimenta o seu corpo. O quadro vivo muda as matizes das suas cores e pode ser aperfeiçoado infinitamente. Ele está ligado ao Universo por fios invisíveis. É muito mais importante do que aquele que é desenhado sobre a tela e, por conseguinte, o artista que o criou é também mais grandioso.

– Sim, claro, com isso é difícil não estar de acordo. Mas porque é que tu consideras os donos destas herdades também como inventores e cientistas? Eles por acaso têm alguma coisa a ver com a ciência?

– Claro que têm também algo a ver com a ciência!

– Com qual, por exemplo?

– Por exemplo, Vladimir, tu achas que um cientista é uma pessoa que se ocupa da selecção de plantas ou da engenharia genética?

– Claro. Toda a gente considera essas pessoas como cientistas, eles trabalham em institutos de investigação científica. Desenvolvem novos tipos de legumes e frutos, e de outras plantas.

– Sim, claro que desenvolvem, mas o que importa é o resultado, que benefícios trazem para o ser humano?

– E há um resultado: foram desenvolvidas espécies de legumes que resistem ao gelo e que se conservam durante mais tempo e de

batatas que não são comidas pelo escaravelho. Nos países altamente desenvolvidos até criaram um ser vivo a partir das células, e agora estão a querer cultivar órgãos para transplante nas pessoas doentes, por exemplo rins.

– Sim, é assim. Mas tu não pensaste, Vladimir, porque é que nesses países altamente desenvolvidos aparecem cada vez mais formas diferentes de doenças? Porque é que estão em primeiro lugar nas estatísticas de cancro? Porque é que necessitam de uma quantidade cada vez maior de medicamentos? Porque é que cada vez mais pessoas sofrem de infertilidade?

– Porquê?

– Porque muitas pessoas, às quais tu chamas de cientistas, não são de todo seres racionais. A essência humana deles está paralisada e através do aspecto apenas externamente humano deles, actuam as forças de destruição. Pensa por ti próprio, Vladimir: esses supostos cientistas começaram a transformar o aspecto das plantas que existem na natureza e, consequentemente, dos seus frutos. Começaram a transformar, sem determinar ao mesmo tempo o propósito dos frutos. Mas na natureza e no Universo tudo age em estreita inter relação entre si. Se, por exemplo, um mecânico retirar ou trocar alguma peça no teu automóvel, por exemplo o filtro, o carro continuará a andar durante mais algum tempo, mas em breve o que acontece?

– Todo o sistema de fornecimento de combustível fica desafinado e o motor vai-se abaixo.

– Mas também a natureza é um mecanismo perfeito e que, por enquanto, ninguém conheceu na totalidade. Cada peça desse grandioso mecanismo vivo tem a sua predestinação e uma ligação estreita com todo o mundo, e mudar as suas características ou retirar uma peça vai invariavelmente influenciar o funcionamento do mecanismo natural. A natureza tem muitas funções de defesa.

Inicialmente ela irá dar sinal sobre as acções inaceitáveis. Se isso não der resultado, a natureza ver-se-á obrigada a destruir o mecânico da desgraça. O ser humano consome frutos, e se ele começar a alimentar-se de frutos *mutantes*, então começará gradualmente a transformar-se num *mutante*. Essa mudança de aspecto é inevitável quando se consomem frutos de aspecto alterado. Isso já está a acontecer. O sistema imunitário, a inteligência e os sentimentos enfraquecem. O ser humano começa a perder as capacidades que são inerentes apenas a si, transforma-se num robô e perde a sua independência. O aparecimento de novas doenças é a confirmação disso mesmo, é um sinal da inadmissibilidade das acções do ser humano.

– Suponhamos que estás certa. Eu também não gosto dessas plantas modificadas. No princípio eram publicitadas, mas agora os governos de muitos países começaram a publicar leis para que nos supermercados colem etiquetas especiais nos produtos resultantes de engenharia genética. E também no nosso país saiu essa lei. Muitas pessoas tentam não comprar produtos modificados, mas diz-se que por enquanto não é possível livrarmo-nos completamente deles, porque foram distribuídos muitos e porque há poucos produtos verdadeiros, que custam mais caro.

– Vês, foram as forças da destruição que conseguiram colocar a sociedade humana em dependência económica. Eles conseguiram incutir: «Se não comerem os nossos produtos, morrerão de fome». Mas isso não é assim, Vladimir. A pessoa morre se os comer.

– Pode ser que sim, Anastasia, mas nem todos morrerão. Muitos já sabem disso e não vão comer alimentos modificados.

– De que modo, Vladimir, é que os reconheces?

– Não compro legumes importados... São muito mais saborosos os que os habitantes locais vendem nos mercados, das suas próprias hortas.

– E onde é que eles vão buscar as sementes?

– Como assim, «onde as vão buscar»? Compram. Hoje em dia há muitas marcas que comercializam sementes. Vendem-nas em pacotinhos bonitos e coloridos.

– Então, quer dizer que as pessoas compram as sementes orientando-se pela informação que está no pacote, sem saber com certeza absoluta em que medida é que essa informação corresponde ao que está dentro do pacote?

– Queres dizer que as sementes podem ser geneticamente modificadas?

– Sim. Hoje em dia, por exemplo, restam na Terra apenas nove macieiras que dão os frutos originais. A maçã é uma das criações Divinas mais benéficas e saborosas para o ser humano. Mas foi um dos primeiros frutos a ser modificado. Já no Antigo Testamento se encontra a advertência para não se enxertar. Mas continuaram teimosamente a fazê-lo, e como resultado deixou de haver maçãs. Aquilo que podes ver hoje nos pomares ou nos supermercados não corresponde ao fruto Divino. Tu chamas de cientistas aqueles que quebram, que destroem a pureza das criações Divinas. Mas como podemos chamar aqueles que restabelecem as funções de todas as peças do mecanismo natural?

– Também de cientistas, mas talvez seja mais correcto dizer «conhecedores».

– As famílias russas que vivem nas herdades que estás a ver agora restabelecem aquilo que foi estragado.

– E de onde receberam eles mais conhecimentos do que os engenheiros genéticos e os cientistas seleccionadores?

– Esses conhecimentos existem em cada ser humano desde o princípio. Um objectivo determinado, intenções claras e a consciência da sua predestinação dão a possibilidade de se revelarem.

– Mas que coisa! Quer dizer, as pessoas que vivem nas herdades são artistas e cientistas. Então quem somos nós, as pessoas que vivemos hoje no planeta?

– Cada um pode dar-se a si mesmo um propósito, se puder libertar o seu pensamento ao menos durante nove dias.

CAPÍTULO 12



Será que o nosso pensamento é livre?

– O que significa «libertar»? Os pensamentos de todas as pessoas já são livres!

– Nas circunstâncias do quotidiano da sociedade tecnocrática, Vladimir, o pensamento humano está subjugado aos parâmetros e condicionalismos desse mundo. O mundo tecnocrático apenas pode existir mediante certas condições procurando liquidar o pensamento humano, escravizando-o e sugando a sua energia.

– Não entendo bem. Cada pessoa durante a sua vida pode repensar muita coisa. Por exemplo, pode dizer-se tudo. Há países nos quais há maior liberdade de expressão, outros em que há menos, mas cada um é livre de pensar no que quer que seja.

– Isso é uma ilusão, Vladimir. A maioria das pessoas é obrigada a pensar sempre sobre a mesma coisa toda a vida. Isso é fácil de ver, se dividirmos os diferentes momentos de pensamento de uma pessoa comum que vive no teu tempo em pedaços temporais separados e depois juntarmos os pensamentos semelhantes. Com esta acção nada complicada, tu podes determinar o principal pensamento da sociedade humana do teu tempo.

– Interessante. Vamos lá tentar determinar esse pensamento em conjunto.

– Está bem. Então diz que número tu dás como a esperança de vida média dos seres humanos?

– Isso é importante?

– Não muito, quando o raciocínio é sempre igual, mas o número é necessário para os cálculos seguintes.

– Está bem, a esperança de vida no nosso tempo é de oitenta anos.

– Então, uma pessoa nasceu. Será mais exacto dizer que adquiriu o plano material da sua existência...

– É melhor dizer simplesmente «nasceu», assim é mais compreensível.

– Está bem. Ainda em bebé, olha para o mundo que virá a conhecer. Os pais providenciam-lhe roupa, casa, comida. Mas esses pais com o seu comportamento, voluntária ou involuntariamente, tentam transmitir-lhe os seus pensamentos e a sua relação com o mundo em redor. O processo visível de conhecimento prolonga-se durante aproximadamente dezoito anos, e durante todos esses anos o mundo tecnocrático tenta incutir no jovem a sua importância. Mais tarde, nos restantes sessenta e dois anos, podemos supor que o ser humano pode dispor ele próprio da condução do funcionamento do seu pensamento.

– Sim, podemos, mas tu disseste que alguém o paralisava.

– Disse. E vamos lá fazer as contas de durante quanto tempo ele é livre de pensar livremente.

– Vamos lá.

– Todos os dias uma pessoa dorme durante um tempo determinado, descansa. Quantas horas diárias uma pessoa gasta a dormir?

– Como regra, oito.

– Nós tomámos como base 62 anos de vida de uma pessoa, multiplicando por oito horas de sono diário, contando com os anos

bissextos, resulta que uma pessoa dorme durante 587928 horas da sua vida. O sono diário de oito horas funde-se em vinte e dois anos de sono ininterrupto. Retiremos esses vinte e dois anos dos sessenta e dois anos de vida e ficamos com 40 anos de vigília. Durante o tempo de vigília, a maior parte das pessoas ocupa-se em preparar comida. Quanto tempo achas que uma pessoa gasta na preparação de comida e a comer?

– Geralmente são as mulheres que cozinham, mas na realidade os homens têm que gastar mais tempo a trabalhar para comprar os alimentos.

– Mas quanto tempo achas tu, Vladimir, que é passado a preparar comida e a comer diariamente?

– Bem, se contarmos com as compras, a preparação do pequeno-almoço, almoço e jantar, então umas três horas, talvez, num dia de semana. Mas nem todos na família preparam a comida, os outros comem, ou se calhar ajudam a ir às compras, a lavar a loiça, então serão umas duas horas e meia por pessoa.

– Na realidade são mais, mas vamos contar como dizes, tomemos apenas duas horas e meia por dia, multipliquemos pela quantidade de dias vividos e resulta em 61242,5 horas, ou 25517 dias, ou 7 anos. Subtraímo-los dos 40 anos e restam 33. Para ter a possibilidade de receber comida, roupa e habitação, uma pessoa que vive no mundo tecnocrático deve desempenhar uma das funções indispensáveis nesse mundo, deve trabalhar. Eu quero chamar a tua atenção, Vladimir, uma pessoa deve trabalhar, ocupar-se de alguma coisa, não porque gosta muito de o fazer, mas em prol do mundo tecnocrático, de outro modo essa pessoa será privada daquilo que é importante para a sua vida.

Quanto tempo tem que gastar a maioria das pessoas diariamente no trabalho?

– No nosso país oito horas, no caminho para o trabalho e no regresso ainda vão umas duas horas, mas em cada semana há dois dias livres.

– Então experimenta fazer tu as contas de quantos anos convencionais da sua vida um ser humano gasta num trabalho que quase nunca é o seu preferido.

– Demoro muito a contar sem calculadora, diz-me tu.

– No total, em trinta anos de assim chamada actividade profissional ele trabalha incessantemente durante dez anos para alguém, mais precisamente para o mundo tecnocrático. E agora aos 33 anos de vida nós temos que subtrair esses dez anos, e ficam 23.

– O que mais faz uma pessoa diariamente ao longo da sua vida?

– Vê televisão.

– Quanto tempo diariamente?

– Umas três horas, não menos.

– Essas três horas fundem-se em oito anos de estar sentado continuamente em frente ao ecrã da televisão. Subtraímo-los dos restantes 23 e ficam 15. Mas também esse tempo ainda não está livre para as tarefas inerentes apenas ao ser humano. O pensamento humano tem inércia. Ele não pode passar abruptamente de uma coisa para outra. Durante algum tempo, o pensamento analisa a informação recebida. No total, em toda a sua vida uma pessoa comum pensa sobre o sistema do universo apenas durante 15 a 20 minutos. Algumas pessoas nem sequer pensam nisso uma só vez, outras raciocinam durante alguns anos. Cada um pode determinar por si, analisar os anos que já viveu. Cada ser humano é individual e é mais importante do que todas as galáxias juntas, uma vez que é capaz de as criar. Mas cada ser humano é uma partícula da sociedade humana, que pode ser vista no seu conjunto como um

organismo único, uma substância única. Ao cair na cilada da dependência tecnocrática, a grandiosa essência do Universo fecha-se sobre si mesma, perde a verdadeira liberdade, torna-se dependente, acciona o mecanismo de autodestruição.

As pessoas que vivem nas aldeias do futuro levam outro modo de vida, diferente do habitual. O pensamento delas, livre e humano, conflui numa aspiração conjunta que conduz a sociedade humana para fora do beco sem saída. As galáxias tremeluzem em alegre antecipação perante o sonho humano confluído em um só. O sistema universal verá em breve um novo nascimento e co-criação. O pensamento humano delas materializará um novo e maravilhoso planeta.

– Com que eloquência tu falas sobre as aldeias, mas olha que as pessoas, por fora, parecem absolutamente normais!

– Não, também o aspecto delas é diferente! Elas têm o brilho da energia grandiosa. Repara com mais atenção e vê bem aquela avó e neto que estão a passar!...

CAPÍTULO 13



A amazona do futuro

Eu vi uma carroça, ou melhor, uma caleche descapotável puxada por um cavalo de pêlo ruivo, a sair da aldeia. No assento fofo da caleche estava sentada uma senhora de idade e em frente a ela havia uma cesta com maçãs e hortaliças. Na frente ia um menino de uns sete anos, de tronco nu, que segurava nas rédeas mas não conduzia o cavalo. Provavelmente já não era a primeira vez que eles faziam o caminho e o cavalo corria num trote tranquilo pela rota já conhecida.

O menino virou-se para a senhora de idade e disse-lhe alguma coisa. Ela sorriu e começou a cantar. O pequeno acompanhava-a no canto, apanhando a melodia. Os turistas que passavam dentro dos autocarros eléctricos quase não conseguiam ouvir a sua canção. O cavalo trotava por um caminho a cerca de um quilómetro da auto-estrada.

Quase todos os turistas olhavam através de binóculos para os que iam na caleche, com a respiração suspensa, como se fosse um milagre, ou extraterrestres, e eu pensei de novo que isso não era assim muito bom: as pessoas chegam de países longínquos, mas não podem conviver como deve ser com aqueles que vieram visitar, apenas podem observar assim de longe. E aqueles dois que vão na

caleche nem olham na direcção deles. Um dos autocarros abrandou a sua marcha e seguiu paralelamente e à mesma velocidade do cavalo que corria a trote. Nesse autocarro ia um grupo de crianças estrangeiras que acenavam com a mão à avó e ao neto que seguiam ao longe, mas eles não olharam na sua direcção, nem sequer uma vez. De repente, nos bonitos portões da aldeia com vegetação viva enrolada em redor, apareceu uma jovem amazona. O seu baio corcel começou a galopar, determinado a alcançar a caleche. Ao alcançá-la, o cavalo acalorado começou a curvetear ao seu lado. A velhinha sorria e escutava o que lhe dizia a jovem cavaleira.

O menino, talvez descontente pela interrupção do cantar, mas ainda assim com alegria escondida, proferiu em tom de sermão: «Eh, que irrequieta que tu és, mãezinha, não podes ficar sozinha nem um minuto»! A jovem riu-se, tirou de um saco de linho atado à sela um pastel e estendeu-o ao rapaz. Ele pegou, trincou-o, e depois disse: «Prova, avozinha, ainda está quentinho», – estendendo o pastel à avó e, esticando as rédeas, fez parar a caleche. O menino inclinou-se, levantou com os dois braços a cesta repleta de bonitas maçãs, estendeu-a à amazona e disse: «Por favor, mamã, leva para eles», – e apontou com o olhar em direcção ao autocarro com os meninos estrangeiros, que tinha parado entretanto.

Pegando facilmente com uma mão a pesada cesta de maçãs e dando com a outra mão uma palmadinha leve no pescoço do seu corcel que curveteava, a jovem cavaleira dirigiu-se para o autocarro com as crianças. Nessa altura, já tinham parado também mais alguns autocarros e os passageiros olhavam extasiados para a amazona que galopava pelo prado com a cesta de maçãs no braço. Ela esvoaçou até junto da criançada que tinha saltado de dentro do autocarro, refreou o cavalo, inclinou-se agilmente sem descer da sela e colocou a cesta no chão em frente às crianças maravilhadas.

Ela ainda teve tempo de fazer uma festa na cabeça de um rapazito moreno, acenou para todos com a mão e dirigiu o seu corcel mesmo para o centro da larga auto-estrada. O condutor do autocarro no qual iam as crianças transmitiu pelo rádio: «Ela está a dirigir-se para a faixa de separação da estrada. Ela é linda!»

Muitos autocarros pararam na berma da auto-estrada. As pessoas que tinham saído rapidamente de dentro dos autocarros distribuíam-se ao longo da estrada e, de respiração suspensa, olhavam para a bela jovem. De muitas bocas saíram não exclamações em voz, mas sussurros extasiados. E havia com o que ficar extasiados! O corcel lançava-se num galope determinado e soltava faíscas com os cascos. Ninguém corria atrás dele e quem o montava não tinha qualquer vergasta nem vara, mas o cavalo continuava a acelerar a sua corrida, os seus cascos quase não tocavam a estrada e a crina esvoaçava contra o vento. Provavelmente estava muito orgulhoso da sua amazona, ou talvez quisesse ser digno da beldade que estava sobre ele.

A beleza exterior dela ela extraordinária. Claro que podíamos ficar extasiados com os traços perfeitos do rosto, com a trança loura e as pestanas espessas. Claro que debaixo da blusa branca feita à mão e da saia com malmequeres brancos se podia imaginar claramente o talhe firme e bem torneado de uma esplêndida figura. Dava a impressão de que as linhas suaves e femininas de toda a sua figura emolduravam uma energia incansável. A rosácea que brincava nas suas faces conferia grandiosidade e possibilidades invencíveis a essa energia misteriosa. A jovem cavaleira distinguia-se das pessoas que se encontravam na margem da estrada pelo seu aspecto extraordinariamente saudável. Ela estava sentada sobre o seu caloroso corcel sem qualquer tensão. Nem sequer se segurava ao arção da sela ou às rédeas, nem colocava os pés dentro

dos estribos, transferidos para o mesmo lado da garupa do cavalo. De pestanas baixas, ela entrelaçava em andamento, com movimentos fluidos das mãos, os cabelos ligeiramente despenteados numa trança apertada. De vez em quando, a linda mulher levantava as pestanas. E então era como se o seu olhar incendiasse com um fogo invisível e agradável alguma das pessoas que estavam de pé por entre a multidão; a pessoa que encontrava aquele olhar, parecia que se endireitava fisicamente, que ficava mais alta.

Parecia que as pessoas captavam com os seus sentimentos a luz que emanava da amazona e tentavam preencher-se ao menos um bocadinho com ela. Ela entendia os seus desejos e partilhava generosamente, e lançava-se em frente a galope, e era linda. De repente, cortando o caminho ao cavalo, atravessou-se na estrada um italiano temperamental a correr, que abriu os braços e exclamou exaltado: «Rossiya![1] Ái lav iú, Rossiya!». A cavaleira não estremeceu nem se assustou por o seu cavalo se ter empinado e começado a ginetear. Ela apenas se segurou com uma mão no arção da sela e com a outra mão arrancou uma flor da coroa que enfeitava a sua cabeça, e lançou-a ao italiano. Ele apanhou o presente, apertou-o cuidadosamente contra o peito como a mais grandiosa preciosidade, e continuou a repetir: «mamma mia, mamma mia».

Mas não era para o italiano que a bela mulher olhava, ela tocou as rédeas do seu corcel, e o cavalo dirigiu-se a passo, dançando ligeiramente, para as pessoas que estavam na berma. A multidão recuou, a jovem amazona saltou agilmente do cavalo e ficou de pé em frente a uma mulher com ar de europeia que tinha uma menina pequenina nos braços. A menina dormia.

[1] 'Rossiya' – o nome em russo para Rússia.

A mãe, ligeiramente encurvada, de rosto pálido e olhos cansados, segurava a criança com esforço, tentando não quebrar o seu sono. A cavaleira ficou de pé em frente da mulher e sorriu para ela. E encontraram-se os olhares das duas mulheres, das duas mães. Podia ver-se o quão diferentes eram os estados internos das duas mulheres. O ar abatido da mãe com a criança ao colo dava-lhe uma aparência de flor murcha ao lado da mulher jovem que se tinha aproximado dela, cuja aparência se associava à exuberância incansável do florir de mil jardins.

As duas mulheres olhavam caladas nos olhos uma da outra. E de repente, foi como se a mãe que segurava nos braços a menina adormecida estremecesse por alguma tomada de consciência, ela endireitou-se e no seu rosto apareceu um sorriso. Com movimentos suaves, extraordinariamente graciosos e femininos das mãos, a russa tirou da sua cabeça a coroa e colocou-a na cabeça da mãe com a criança. Elas continuaram sem dizer nenhuma palavra uma à outra. A linda cavaleira saltou com ligeireza para a sela do corcel que ficara sossegado a seu lado, e correu de novo em frente. As pessoas por algum motivo começaram a aplaudir, e olhavam para a linda mulher que sorria ao afastar-se e para a pequena filhota ao colo que acordara com um sorriso, enquanto que o italiano impetuoso, arrancando do pulso o relógio valioso, corria e gritava: «Souvenira, mamma mia». Mas a bela amazona já ia longe.

O hábil corcel saiu da estrada para uma plataforma onde estavam sentados às mesas compridas alguns turistas, bebendo *kvas*[2] e sumos de frutas e provavam ainda outras iguarias que eram trazidas pelas servidoras que saíam de dentro de uma bonita casa de madeira trabalhada. Ao lado havia uma casa nova a acabar de ser

[2] *Kvas* – bebida fermentada feita a partir de cereais.

construída. Duas pessoas colocavam no exterior da janela da casa, que viria a ser provavelmente uma loja ou restaurante, um bonito *nalichnik*[3] de madeira trabalhada. Ao ouvir o bater dos cascos, um dos homens virou-se para o lado da amazona que se aproximava, disse algo ao seu companheiro e saltou do escadote. A exuberante e linda cavaleira refreou o seu cavalo, saltou para o chão, desatou rapidamente o saco de linho da sela, correu para junto do homem e estendeu-lhe a bolsa, envergonhada.

– Pastéis... São de maçã, como tu gostas, ainda estão quentes.

– Mas que irrequieta tu me saíste, Ekaterina, – disse o homem carinhosamente, tirando um pastel do saco, depois provou-o, semicerrando os olhos de prazer.

Os turistas que estavam à mesa pararam de comer e de beber, deleitando-se a olhar para os apaixonados. O homem e a linda jovem que tinha saltado de cima do cavalo estavam em frente um ao outro de tal maneira, que não pareciam marido e mulher já com filhos, mas dois fogosos apaixonados. A linda mulher que acabara de galopar quinze quilómetros sob os olhares entusiasmados dos turistas e que parecera todo-poderosa e livre como o vento, estava agora quieta em frente ao seu amado, ora levantado os olhos para ele, ora baixando as pestanas envergonhada. O homem de repente parou de comer e disse:

– *Ekaterinushka*, olha, apareceu uma manchinha molhada no teu casaquinho, significa que está na hora de dar de comer ao *Vanechka*.

[3] *Nalichnik* – molduras de madeira trabalhadas que são colocadas em redor das janelas e que se acredita que protegem do mal as casas e os seus habitantes.

Ela tapou com a mão a pequena manchinha molhada sobre o peito repleto de leite e respondeu envergonhada:

– Eu chego a tempo. Ele ainda dorme. Eu vou a tempo de fazer tudo.

– Então apressa-te. Eu também estarei em casa daqui a pouco. Já estamos a terminar o nosso trabalho. Olha, gostas?

Ela olhou para as janelas decoradas com os *nalichniks* de madeira entalhada.

– Sim. Gosto muito. E ainda te queria dizer.

– Diz.

Ela encostou-se com todo o corpo ao marido e pôs-se em bicos de pés para lhe chegar ao ouvido. Ele inclinou-se para a escutar, mas ela beijou rapidamente a sua bochecha e, sem olhar para trás, saltou para a sela do cavalo que estava a seu lado. O riso alegre e ressoante da linda mulher fundiu-se com o som do bater dos cascos. Ela lançou-se não pela estrada de alcatrão, mas pela erva do prado. Os turistas continuavam a olhar no rasto dela. E o que haveria afinal de tão especial naquela jovem mulher que cavalgava montada no corcel veloz pelo prado, e que era mãe de dois filhos? Sim, era bonita. Sim, a energia dela transbordava. Sim, era bondosa. Mas porque é que todas as pessoas ficam a olhar no rasto dela sem desgrudar? Talvez não fosse simplesmente uma mulher a correr sobre o cavalo pelo prado? Ou talvez fosse a felicidade materializada a regressar com pressa a casa para dar peito ao recém-nascido e receber o marido amado? E as pessoas ficam deleitadas a olhar para a felicidade, apressada por chegar a casa.

CAPÍTULO 14

A cidade junto ao Neva

– E em São Petersburgo, também houve mudanças como as que aconteceram em Moscovo? – Perguntei eu a Anastasia.

– Os acontecimentos deram-se de uma forma um pouco diferente na cidade construída à beira do Neva[1]. Nela as crianças sentiram antes dos adultos a necessidade de construir elas próprios o futuro de outra forma. E foram elas que começaram a transformar a cidade, sem esperar a ordem do governo.

– Mas que coisa, de novo as crianças. E como é que tudo começou?

[1] *Neva* – o rio que corre através da cidade de São Petersburgo para o Golfo da Finlândia e o Mar Báltico. A cidade foi fundada no delta pantanoso do Rio Neva pelo Imperador Pedro, O Grande em 1703, como a nova capital da Rússia e 'janela para o Europa. Simpatizando com as culturas Ocidentais (especialmente a germânica), ele deu à cidade um nome em estilo alemão a partir do seu santo padroeiro, apóstolo Pedro. Em 1914, no início da I Guerra Mundial, o nome foi russificado para Petrograd. Os Bolsheviks que chegaram ao poder com a revolução de 1917 mudaram imediatamente de novo a capital para Moscovo e após a morte de Lenin em 1924 chamaram a antiga capital de Leningrado em sua homenagem. Durante a II Guerra Mundial Leningrado foi cercada durante 900 dias e bloqueada pelos Nazis mas resistiu. Após o colapso da União Soviética o nome original da cidade foi restituído depois de um referendo feito junto dos seus habitantes.

– Na esquina onde a marginal da Fontanka[2] e o Nevsky Prospekt[3] se encontram, os trabalhadores escavaram uma trincheira e um rapazito de onze anos caiu dentro dela sem querer, magoando o pé. Enquanto não podia andar, ele ficava durante longos períodos de tempo sentado no interior do apartamento em que morava, no edifício nº 25, na marginal do rio Fontanka. As janelas do apartamento não davam para o rio, mas para o pátio. Em frente à janela havia uma parede gasta de tijolo e junto a ela uma casa com manchas de ferrugem no telhado.

Uma vez o rapaz perguntou ao pai:

– Papá, achas que a nossa cidade é a melhor no país?

– Claro, – respondeu o pai ao filho, – e não é das piores no mundo.

– E porque é que é a melhor de todas?

– Como assim, porquê? Nela há muitos monumentos, museus, a arquitectura no centro da cidade faz todos ficarem maravilhados.

– Nós também vivemos no centro, só que da janela apenas se vê uma parede estragada e um telhado ferrugento.

– A parede... Pois, sim, não tivemos sorte com a vista da janela.

– Só nós é que não tivemos sorte?

---

[2] *Fontanka* – um dos vários rios de São Petersburgo. O Nevsky Prospekt atravessa a Fontanka com a Ponte de Anichkov (construída em madeira 1716 e a actual foi construída em 1783-1787).

[3] *Nevskyi Prospekt* (Avenida Nevskyi) – avenida principal de São Petersburgo, que se estende por mais de quatro quilómetros, do centro histórico até ao Mosteiro de Alexander Nevsky. O príncipe Alexander Nevsky (1220-1263) defendeu o território dos ataques das forças armadas suecas e dos cavaleiros alemães e esta rua data quase da fundação da própria cidade. Foi desenhada pelo arquitecto francês Alexandre LeBlond sob comissão de Pedro, O Grande, e tem figurado ao longo do tempo nas obras dos autores russos mais proeminentes, incluindo Dostoevsky. Hoje em dia o Nevsky Prospekt continua a ser um dos eixos principais da cidade, com as suas catedrais, museus e centenas de lojas, escritórios e apartamentos.

– Pode ser que mais alguém ainda, mas em geral...

O rapaz tirou uma fotografia da vista da janela do seu apartamento e quando voltou a ir à escola, mostrou essa fotografia aos seus amigos.

Todos os meninos da turma fotografaram as vistas das janelas dos seus apartamentos e compararam as fotografias. A imagem geral não alegrava o olhar. E então o rapazito dirigiu-se com os seus amigos à redacção de um jornal com a mesma pergunta que fez ao pai no início:

– Porque é que se acha que a nossa cidade é melhor do que as outras?

Tentaram explicar-lhe sobre a Coluna de Alexandre[4], sobre o Hermitage[5], contaram-lhe sobre a Catedral de Kazan[6] e sobre o legendário Nevsky Prospekt ...

---

[4] *Coluna de Alexandre* (em russo: *Aleksandriyski stolp*) – uma coluna proeminente no centro da Praça do Palácio, por detrás do Palácio de Inverno do Czar, mandada erigir pelo Czar Nicolau I em 1834 para comemorar a vitória do seu predecessor (o seu irmão mais velho) Aleksander I contra Napoleão durante a Guerra de 1812. Desenhada por Auguste Ricard de Montferrand, esta coluna de granito rosa com 47,5m é a estrutura mais alta do mundo dentro do seu género, ultrapassando tanto a Colonne de Vendôme (44m) em Paris como a Coluna de Troiano (38m) em Roma.

[5] *Hermitage* – (em russo: *Ermitazh*) um dos maiores museus de arte do mundo, iniciado em 1764 pela Imperatriz Catarina, A Grande, que queria um lugar para expor a sua vasta colecção privada para usufruto da sua família e dos seus convidados. O Hermitage compreende uma série de cinco edifícios erigidos ao longo de vários anos nas margens do Rio Neva, incluindo o Palácio de Inverno do Czar, desenhado por Francesco Bartolomeu Rastrelli (1700-1771). Após a revolução de 1917, o complexo foi proclamado propriedade pública e hoje atrai milhões de visitantes por ano.

[6] *Catedral de Kazan* (em russo: *Kazansky Sobor*) – uma grande catedral no Nevsky Prospekt, limitada de ambos os lados por filas duplas de colunas em formação semi-circular. Foi construída no início do séc. XIX pelo arquitecto russo Andrei Voronikhin (1759-1814) e é o lugar onde está sepultado o marechal Mikhail Kutuzov, que liderou o exército russo na repulsão da invasão napoleónica. Durante o período soviético, a catedral foi transformada no Museu Estatal de Religião e Ateísmo, mas hoje está de novo sob jurisdição da Igreja Ortodoxa Russa.

– O que tem de bonito o Nevsky Prospekt? – procurava saber o rapaz. – A mim parece-me uma trincheira de pedra com os lados a ruir.

Tentaram explicar-lhe sobre a dignidade da arquitectura e a modelagem nas fachadas. Sobre como a cidade ainda não tem recursos suficientes para restaurar todos os edifícios ao mesmo tempo, mas em breve haverá dinheiro e então todos verão como o Nevsky Prospekt é lindo.

– Mas alguma vez uma trincheira de pedra pode ser linda, mesmo com as modelagens das fachadas restauradas? E de qualquer maneira, dentro de pouco elas começam de novo a cair e outra vez alguém tem que tapar os buraquinhos e colar as partes que caem.

O rapaz ia com os amigos às redacções dos jornais e mostrava a colecção, já enorme, de fotografias de várias vistas e fazia sempre a mesma pergunta. A impertinência dele, ao princípio, irritou os jornalistas e uma vez o redactor de uma revista juvenil disse-lhe no corredor:

– Tu aqui outra vez? Ainda por cima trazes contigo os teus companheiros de armas, e cada vez tens mais. Não gostam da cidade nem da vista das janelas, mas são capazes de fazer alguma coisa vocês próprios? É fácil encontrar quem critique. Já para casa em fila indiana, não atrapalhem o nosso trabalho!

Também um velho jornalista ouviu a conversa com as crianças e, olhando para o grupo de meninos que se encaminhava para a saída, disse pensativo ao jovem repórter:

– Sabes, a impertinência deles faz-me lembrar um conto.

– Um conto? Qual? – Perguntou o repórter.

– «O rei vai nu!» – há estas palavras nesse conto.

O rapaz não importunou mais a redacção e já não tirou mais a quantidade de fotografias de dentro da mochila. Terminou esse ano lectivo e começou outro. Por todas as redacções espalhou-se a notícia: «apareceu de novo o rapaz acompanhado dos seus amigos». E o velho redactor contava aos seus colegas da Casa do Jornalista uma vez mais com entusiasmo:

– Ele apareceu... o malandro... Imaginem, conseguiu uma entrevista. E não estava sozinho. Eles esperaram na sala de espera umas três horas sossegadinhos. Eu recebi-os. Avisei que falassem depressa e dissessem tudo em dois minutos. Eles entraram e desenrolaram sobre a minha mesa uma folha de cartolina. Eu olhei para aquela obra de arte e fiquei mudo. Fiquei a olhar sem desgrudar e calado. e nisto, passaram talvez dois minutos, porque o rapaz disse para todos:

– Está na hora. Já passou o nosso tempo.

– O que é isto? – gritei eu, quando eles saíam pela porta. Ele virou-se e eu senti sobre mim o olhar de outros tempos. – Pois é... ainda vamos ter que compreender muita coisa... pois...

– Mas ele ao menos disse alguma coisa?

– Diz lá sem rodeios, ele ficou de aparecer de novo? – interrogavam os que ali estavam reunidos, e o velho redactor respondia:

– Ele virou-se e respondeu à minha pergunta: «À sua frente está o nosso Nevsky Prospekt. Por enquanto ele está só em desenho. Mais tarde toda a cidade será assim.» – e a porta fechou-se.

Os jornalistas debruçaram-se vezes sem conta sobre o projecto e ficavam sempre maravilhados com a sua beleza fantástica.

Os edifícios do Nevsky Prospekt já não eram adjacentes uns aos outros, formando uma parede contínua de pedra. Restara uma

parte dos edifícios antigos, mas outros foram retirados alternadamente. Nos espaços resultantes entre os edifícios havia fabulosos oásis verdes. Sobre as bétulas, os pinheiros e os cedros havia ninhos de pássaros e quem olhava o desenho quase podia escutar o seu canto. As pessoas sentadas debaixo das copas em bancos de jardim estavam rodeadas de canteiros de flores e de arbustos de framboesa e groselha. O oásis verde sobressaía um pouco para a avenida, e o Nevsky agora já não parecia uma trincheira de pedra, mas sim uma alameda viva e verdejante.

Nas fachadas dos edifícios tinham sido incorporados muitos espelhos. Milhares de raiozinhos de sol reflectiam-se neles brincando com os transeuntes, afagavam as pétalas das flores e brincavam nos fios de água das pequenas fontes colocadas em cada oásis verde. As pessoas bebiam a água com os raiozinhos de sol e sorriam...

– Anastasia, e o rapaz nunca mais voltou a aparecer?

– Que rapaz?

– Aquele que se fartou de andar pelas redacções com as suas perguntas.

– O rapaz foi-se embora de vez. Tornou-se um grande arquitecto. Juntamente com os seus companheiros criou maravilhosas cidades do futuro. Cidades e aldeias, nas quais começaram a viver pessoas felizes. Mas a sua primeira maravilhosa co-criação na Terra foi a cidade que co-criou junto ao Neva.

– Anastasia, diz-me, em que ano chegará à Rússia o seu maravilhoso futuro?

– Tu podes determinar o ano por ti próprio, Vladimir.

– Como por mim próprio? Alguma vez o tempo está sob o poder do ser humano?

– As acções de cada um no tempo estão sob o seu poder. Tudo o que é co-criado com a imaginação já existe no espaço. Os sonhos de muitos espíritos humanos, dos teus leitores, materializarão o sonho Divino. Aquilo que tu acabas de ver pode ser materializado dentro de trezentos anos, mas pode também ser agora, neste instante.

– Num instante?.. Mas não se pode construir uma casa num instante e um jardim demora mais de um ano a crescer.

– Mas se tu, onde agora vives, no teu apartamento, colocares sementes num vasinho pequenino com terra, do qual nascerá o rebento de uma árvore de família que irá crescer na futura herdade familiar...

– Tu própria estás a falar daquilo que será e não do que existe agora. O que mostra que o sonho não se pode materializar num instante.

– Mas como é que não pode, se a sementinha material é semeada por ti, e ela representa o princípio da materialização. O rebentinho comunicará com todo o espaço, materializará o teu sonho, estarás rodeado de energias luminosas e puras, tornar-te-ás perante o Pai a materialização do Seu sonho.

– Sim, isso é interessante. Então temos que agir imediatamente?

– Claro.

– Mas onde encontrar as palavras para explicar tudo claramente às pessoas?

– As palavras encontrar-se-ão, se puderes ser sincero e verdadeiro perante as pessoas.

– Não sei qual será o resultado, mas eu vou agir. O teu sonho foi ao encontro da minha alma, Anastasia. E quero muito tornar rapidamente em realidade o futuro que vi.

CAPÍTULO 15

Para tornar realidade

Antes de mais nada, era preciso determinar se haveria pessoas com vontade de se ocupar da construção de ecoaldeias e de mais tarde viver e trabalhar dentro delas. Eu pedi à Fundação Cultural e de Apoio à Criatividade «Anastasia» na cidade de Vladimir para propagar informação sobre a construção de uma ecoaldeia segundo o projecto de Anastasia. Passados dois meses, já havia respostas de 139 pessoas que afirmavam que queriam ocupar-se da construção da futura aldeia. Entre essas pessoas havia também russos emigrados no estrangeiro. Depois de publicarmos este livro que conta sobre o futuro da Rússia e que tem informação sobre o novo estilo de vida dos cidadãos russos, a quantidade de pessoas com vontade de participar pode aumentar para as centenas ou milhares e virão de regiões diferentes. Por conseguinte, a organização da construção das aldeias deverá começar simultaneamente em várias regiões, pelo que a Fundação em Vladimir, que reúne e processa a informação tendo em conta a base jurídica existente relativa a esta questão, propôs aos leitores que partilham das opiniões de Anastasia que começassem pelo que se segue.

Primeiro: Começar pela organização de um grupo de iniciativa na própria região, para transmitir subsequentemente o que lhe compete de acordo com o estatuto legal existente.

É possível que em algumas destas regiões já existam clubes de leitores ou organizações sociais que reúnem os leitores de Anastasia, e eles já poderiam tomar a iniciativa de começar a organizá-lo. Mas se não tiverem conhecimento de tais grupos na vossa região, entrem em contacto com a Fundação «Anastasia» em Vladimir, que recebe muita correspondência, e ser-vos-ão dadas as moradas. Na verdade, eu tenho muita esperança nos empresários. Eles têm mais experiência nas questões de organização oficial e mesmo que já existam grupos sociais, de qualquer modo tentem entrar em contacto com empresários.

É necessário eleger, mesmo que temporariamente ou à experiência, o vosso representante plenipotenciário – um presidente, que irá representar a vossa associação junto dos órgãos governamentais (fazer os requerimentos para a atribuição do terreno, convocar reuniões quando necessário, etc.). Determinar um pequeno ordenado para o vosso presidente. O papel de representante pode ser feito tanto por um indivíduo como por uma empresa.

Na qualidade de empresa pode chamar-se, por exemplo, uma empresa conhecida de construção, que posteriormente irá ter prioridade na construção tanto das casas habitacionais individuais como dos edifícios de infra-estrutura. Empreitadas de tal envergadura serão muito lucrativas para essa empresa de construção, pelo que ela poderá concordar em tratar dos documentos de loteamento das terras e o desenvolvimento e apresentação dos projectos.

Segundo: Façam um requerimento oficial junto dos órgãos de administração local, directamente à direcção administrativa da vossa região, relativo à cedência de um lote de terreno de uma área de pelo menos 150 hectares. O tamanho do terreno dependerá do número de pessoas que se reúnam com vontade de receber a terra, e das possibilidades de cada região.

É necessário ter em conta o facto de que na futura aldeia viverão muitas pessoas simultaneamente, por conseguinte deverá haver no lugar uma escola primária, um posto médico, um clube, cuja construção será mais fácil de realizar com a participação de muitas pessoas. Aldeias pequenas não terão capacidade de criar as infra-estruturas necessárias.

Terceiro: Ao receber o terreno é necessário contactar os especialistas em arquitectura paisagística, arquitectos e construtores para estabelecer o projecto da aldeia. Isso também é importante, uma vez que é necessário ter a informação sobre a profundidade a que se encontra a água no terreno cedido, para determinar a necessidade de fazer furos para o abastecimento de água em cada casa, determinar a que profundidade colocar os alicerces da casa e se há a possibilidade de fazer um pequeno lago em cada lote. O projecto geral é também importante para determinar o local de construção da futura escola, do lugar de lazer comum e dos acessos.

A pedido da Fundação em Vladimir, há já especialistas competentes a trabalhar sobre um projecto modelo e, se este estiver pronto no momento de organização do vosso grupo de iniciativa, poderão requerê-lo junto da Fundação, pois assim sair-vos-á mais barato. Depois é preciso adaptar o projecto modelo à vossa região, introduzir as vossas modificações e partilhá-las com os outros grupos de iniciativa. As propostas mais bem sucedidas e que agradem mais a todos serão aceites e no final co-criaremos um projecto comum.

Quarto: Após a conclusão do processo de desenvolvimento do projecto da aldeia, no qual tomarão parte não apenas especialistas, mas também os futuros moradores, irão receber um plano detalhado, um desenho geral, no qual estarão assinalados os lotes de terreno individuais com uma área mínima de um hectare. Cada um deverá receber oficialmente, talvez com o auxílio de um sorteio, um

lote de terreno. A utilização do terreno deverá ser legalizada e ter documentos jurídicos que deverão necessariamente ficar em nome do proprietário e não em nome da organização (como o fizeram na Índia em Auroville).

E assim, encontrar-se-ão sobre o vosso pedaço de terra, no vosso hectare. Essa será a vossa herdade familiar, o lugar onde irão nascer e viver os vossos descendentes, relembrando com boas palavras os fundadores, os iniciadores da linhagem, e talvez repreendendo-os com brandura por alguns erros na organização do lugar. A partir daqui, os projectos de tudo o que terá lugar no vosso terreno dependerão apenas de vós. Onde plantarão uma árvore de família, por exemplo um carvalho ou um cedro, que cresce até aos 550 anos, que irá ser contemplado, talvez, por nove gerações dos vossos descendentes e fazê-los relembrar-vos?

Onde decidirão escavar um lago, plantar um jardim, um pequeno bosque de árvores de floresta, construir uma casa ou traçar canteiros de flores? Que sebe viva criarão em redor da vossa herdade? Talvez uma como aquela que descreveu Anastasia, ou talvez resulte ainda mais fabulosa, funcional e benéfica do que aquela que descrevi no livro anterior. Já podem começar a construí-la. Mesmo antes de receberem os documentos do terreno, antes de organizar o grupo de iniciativa com um número de pessoas que partilhem das mesmas ideias. Podem começar a construção nos vossos pensamentos e pensar em cada cantinho da vossa futura herdade familiar.

É preciso lembrar: uma casa construída por vós, mesmo que seja bastante sólida, resiste uns cem anos e depois envelhece. Mas a composição viva que cultivarem irá aperfeiçoar-se, fortalecer e crescer através dos séculos. Através de séculos ou até de milénios, transmitindo a vossa ideia viva aos vossos descendentes.

Pode começar a construir-se já a partir deste momento, e não apenas em pensamento. Já hoje podem semear num vasinho no parapeito da janela as sementes das futuras majestosas árvores familiares da vossa herdade. Claro que se podem comprar num viveiro os rebentos prontos para plantar ou desenterrar uma vergôntea jovem do lugar onde é necessário fazer uma fila de árvores de crescimento rápido na floresta, sem prejudicar a floresta. Claro que se pode, mas eu penso: Anastasia tem razão – é melhor cultivar os rebentos por nós próprios, especialmente se for o rebento de uma futura árvore familiar. Um rebento de um viveiro é como um bebé vindo de um orfanato. E é preciso semear vários diferentes, não apenas um. Antes de plantar a semente num vasinho com terra, impregnar o pequenino grãozinho de informação sobre si.

Eu entendo que para ultrapassar os obstáculos burocráticos que poderão surgir em algumas regiões é necessário apoio a nível governamental. E se não for apoio, que pelo menos não haja impedimento. É necessária uma política competente da parte dos órgãos legislativos. Para não ficarmos de braços cruzados à espera que isso aconteça por si só, para quando pelo menos uma das estruturas políticas que existem hoje estiver pronta para apoiar este projecto, a Fundação «Anastasia» da cidade de Vladimir desenvolveu a meu pedido o projecto dos estatutos de um novo partido, o partido dos utilizadores da terra. Chamámos essa associação social nova que está a nascer de «Co-Criação». Nos seus estatutos, que ainda estão sob discussão e aperfeiçoamento, há uma alínea que a meu ver é a mais importante de todas: «O governo deverá ceder, a cada família que assim deseje, um hectare de terra para usufruto vitalício e para a organização da sua própria herdade familiar.»

Este movimento por enquanto é jovem, ninguém o dirige, mas eu penso que com o tempo aparecerão também dentro dele políticos

inteligentes, capazes de formular as relações diplomáticas do novo movimento, de forma adequada ao nível da política governamental. Por enquanto, a função da «Co-Criação» consiste em organizar o centro de informação. À medida que surgirem possibilidades financeiras, entrará em funcionamento o departamento jurídico. Por enquanto, o trabalho da «Co-Criação» é desempenhado pelo secretariado da Fundação Cultural e de Apoio à Criatividade da cidade de Vladimir.

Os grupos regionais de iniciativa na organização das novas aldeias conseguirão alcançar maiores resultados se receberem o apoio da administração local. Isso é possível se a administração vir neles as vantagens significativas para a região. E é necessário começar já a mostrá-las. Elas existem e são significativas. Tentem organizar uma discussão sobre o projecto na imprensa local, em que os especialistas (engenheiros ambientais, economistas e sociólogos) possam expressar a sua opinião sobre a influência concreta do presente projecto na vossa região.

Pela minha parte, para ajudar de alguma forma a que seja cedida a terra para a organização das herdades familiares, decidi escrever e publicar neste livro uma carta aberta ao Presidente da Rússia.

CAPÍTULO 16



Carta aberta

Ao Presidente da Federação Russa
Vladimir Vladimirovitch Putin

Do cidadão da Federação Russa
Vladimir Nikolaevitch Megre

Estimado Vladimir Vladimirovitch!

Provavelmente a nossa geração teve muita sorte. Apresentou-se perante nós a possibilidade real de iniciar a construção de uma nação feliz, próspera, defendida firmemente do agressor externo, de conflitos internos e de criminalidade. Uma nação na qual viverão em abundância famílias felizes. A nossa geração pode não apenas iniciar a construção do novo país, mas terá tempo também de viver nele, se houver boa vontade da parte dos detentores do poder atribuindo, ao nível legal a cada família que assim desejar, um hectare de terra para a construção da sua herdade familiar. Uma acção bastante simples que fará nascer um impulso na maioria das pessoas de diferentes camadas sociais para a criação, para a arte.

A terra deverá ser cedida de graça, para uso vitalício, com o direito de transmissão por herança. A produção proveniente das herdades familiares não deverá estar sujeita a nenhum imposto.

Concorde, Vladimir Vladimirovitch, que não é normal nem lógica a situação com que hoje nos deparámos: cada cidadão russo aparentemente tem a sua Terra Natal, mas onde fica precisamente esse pedacinho de Terra Natal de cada um, ninguém sabe indicar. Se cada família o receber e o transformar num cantinho florido de paraíso, então a grande Terra Natal tornar-se-á também maravilhosa.

Os planos actuais de desenvolvimento do país não inspiram o povo para a criação, porque não se vislumbra qualquer futuro risonho. A construção de uma nação democrática e economicamente desenvolvida à imagem das ocidentais é rejeitada pela maioria da população, mesmo que apenas ao nível intuitivo. E eu penso que não é em vão que é rejeitada. Se raciocinarmos com bom senso: para que precisamos, cada um individualmente e todos em conjunto, de desperdiçar forças naquilo que no final de contas constrói uma nação na qual proliferam a toxicodependência, a prostituição e o banditismo? Tudo isso existe no Ocidente.

Antigamente nós achávamos que, nos assim chamados países altamente desenvolvidos, havia abundância de bens alimentares, mas agora ficamos a saber que essa abundância é conseguida através da utilização de todo o tipo de aditivos químicos e de pesticidas no solo e também da engenharia genética. Nós vimos que os produtos alimentares importados são inferiores em termos da qualidade e do sabor em relação aos nossos. Por exemplo, na Alemanha as pessoas compram com prazer a batata trazida da Rússia.

Numa série de países, os governos preocupados com a situação relativa aos produtos alimentares, já publicaram decretos para que estes

sejam assinalados com uma marca especial. O consumo de produtos alimentares resultantes da engenharia genética está a ser cada vez mais uma preocupação também dos cientistas. Os Estados Unidos e a Alemanha passaram a estar entre os países com o maior número de cancro *per capita*. Será que temos que seguir pelo mesmo caminho que eles? Eu penso que há pouco quem fique inspirado com tal caminho. Mas nós resignámo-nos com o facto de serem propagandeados os produtos de importação e o estilo de vida ocidental. Resignámo-nos com o facto de que aparecem cada vez mais doenças novas, com o facto de podermos beber água apenas de garrafas compradas no supermercado, com o facto de que a população da Rússia decresce anualmente em setecentas e cinquenta mil pessoas. Tudo como lá. Também nos países altamente desenvolvidos a natalidade está a decrescer. Nós tentamos parecer-nos com eles em muitas coisas. Mas eu tive oportunidade de escutar as pessoas desses países a falar da sua esperança de que a Rússia esteja à procura e encontre o seu caminho para o desenvolvimento, e mostre a todo o mundo um estilo de vida mais feliz.

Senhor Presidente, não há dúvida de que já lhe foram propostos vários programas de desenvolvimento do país. Se para além das outras, a presente proposta lhe parecer duvidosa, peço-lhe que a aprove na qualidade de experiência nas regiões cujos governadores sejam capazes de a ver como o cerne racional.

Fala-se com mais detalhe sobre esta proposta nos livros «Os Cedros Ressoantes da Rússia», dos quais eu sou autor. É difícil para mim imaginar que, por entre os afazeres governamentais, V. Exa. os tenha podido ler. No entanto, os órgãos administrativos correspondentes têm conhecimento deles e já deram o seu veredicto. Eles determinaram que estes livros engendraram na Rússia uma nova religião que se está a espalhar «à velocidade de um fogo na floresta». Esta opinião é também expressa numa série de publicações da

imprensa. Para mim esta conclusão foi uma completa surpresa. Eu expressei nos livros a minha relação com Deus, mas não pensei em criar nenhuma religião. Apenas escrevi livros sobre uma bonita e incomum eremita da taiga siberiana e o sonho ardente dela sobre o maravilhoso. A reacção tempestuosa das pessoas de diferentes extractos sociais, e a popularidade dos livros na Rússia e no estrangeiro, é que talvez pareçam um fenómeno religioso. Mas eu penso que o que se passa é algo completamente diferente. As ideias, a filosofia, o facto de a eremita siberiana estar tão bem informada e a linguagem com que ela comunica alvoroçam as almas das pessoas.

Provavelmente, os cientistas ainda demorarão muito tempo a chegar a um consenso sobre quem é Anastasia, qual é o significado dos livros com as suas afirmações e como denominar as reacções das pessoas, mas eles que se entendam. O mais importante é que as propostas concretas que Anastasia apresenta não sejam afogadas nessas discussões.

Vladimir Vladimirovitch, para se poder convencer pessoalmente da eficiência das propostas de Anastasia relativamente à terra, pode ser feita uma experiência, sem olhar a quem são Anastasia e Vladimir Megre. Podem adjudicar-se as afirmações menos significantes dela.

Primeiro: eu penso que para os colaboradores do aparelho estatal de V. Exa. não será muito difícil dar ordens ao instituto científico correspondente para analisar de forma simples a eficiência das propostas de Anastasia relativas à limpeza do pó prejudicial do ar nas grandes cidades. O essencial desta proposta está contido logo no meu primeiro livro[1].

Segundo: encarregar de analisar o óleo da semente do cedro siberiano como medicamento fortalecedor do organismo em geral.

[1] Livro I, Capítulo 17: «O cérebro, super-computador».

As informações vindas de fontes da antiguidade e as investigações modernas dos cientistas da universidade de Tomsk[2] confirmam as afirmações de Anastasia de que este produto da natureza, ao ser extraído através de determinado método, representa um dos medicamentos mais eficazes na cura de um grande espectro de doenças. Não existem no mundo plantações mais vastas, nas quais cresça o frutífero cedro, do que na Sibéria.

O orçamento de Estado da Rússia poderia vir a ter um aumento considerável com a colocação desse produto no mercado internacional e sua utilização dentro do país. É necessário um programa governamental para a exploração da flora da Sibéria. Um programa que considere não apenas as grandes empresas de produção, mas também o desencadeamento de uma rede de pequenas empresas que atraiam as pessoas que vivem nas regiões remotas da Sibéria. Para a realização deste programa não são necessários grandes investimentos de capital, é apenas necessária uma decisão legislativa que permita que os habitantes locais possam arrendar terra na floresta siberiana a longo prazo.

Para além do mais, Vladimir Vladimirovitch, a vida confirma constantemente até as afirmações mais incríveis. Eu pessoalmente estou absolutamente convencido do maravilhoso futuro do nosso país. A questão consiste apenas em saber se nós, que vivemos hoje, o vamos acelerar ou travar. Eu desejo-lhe sinceramente, Vladimir Vladimirovitch, e a todos nós que vivemos hoje, que sejamos criadores de um maravilhoso futuro!

Respeitosamente, Vladimir Megre

[2] *Tomsk* - cidade com meio milhão de habitantes no sudoeste da Sibéria, fundada durante o reinado do Czar Boris Godunov em 1604. A Universidade foi inaugurada em 1888.

CAPÍTULO 17



Perguntas e respostas

O projecto de Anastasia entusiasmou-me. Tinha vontade de pensar e falar sobre ele todos os dias. Queria defendê-lo, custasse o que custasse, defendê-lo da troça e dissolver a desconfiança dos cépticos. Eu falei sobre ele nas conferências de leitores que tiveram lugar na cidade de Guelendzhik e na Casa Central da Literatura em Moscovo[1]. A maior parte dos presentes, que na sua totalidade foram mais de dois mil, vindos de vários países da ex-União Soviética e de países estrangeiros mais longínquos, apoiaram este projecto e ficaram interessados nele. Mas eu vou apresentar aqui as principais questões e os comentários dos que estavam cépticos, e as minhas respostas baseadas nas afirmações de Anastasia, nas minhas próprias convicções e na informação que consegui reunir.

Pergunta: No mundo actual, a economia de qualquer país não pode viver fora do sistema económico mundial. Os processos económicos actuais dão testemunho da necessidade de criar grandes estruturas industriais, de ter conhecimentos especiais sobre o mercado actual, da sua estrutura e das prioridades de canalização dos fluxos financeiros em determinada direcção. Sente-se que você não tem educação em economia. As suas propostas consistem em

[1] Em russo: *Tsentral'nyi Dom Literatorou*

acentuar a produção à pequena escala, o que pode tirar o foco do principal e abalar a economia do país.

Resposta: Eu realmente não tenho educação em economia, mas concordo plenamente consigo no que diz respeito ao facto de os grandes consórcios e fábricas terem uma grande importância para a economia do país. Eu penso também que você concordará com o facto de que uma grande fábrica é lucrativa para o país apenas quando ela funciona e produz bens que têm procura. Quando uma grande empresa pára, e esses casos não são uma raridade no nosso país e também sucedem noutros, ela traz prejuízos.

O governo vê-se obrigado a pagar subsídios de desemprego aos trabalhadores. Centenas de milhares de pessoas são obrigadas a arrastar-se numa vida miserável, recebendo esse escasso subsídio. Elas não sabem o que fazer, uma vez que se habituaram a sustentar-se apenas com o trabalho na sua empresa. Nesses casos, as pessoas poderiam empregar o tempo libertado a trabalhar mais intensivamente nas suas herdades.

A herdade familiar não é apenas um lugar para habitar, ou para passar o tempo de forma agradável, ela pode tornar-se um lugar de trabalho lucrativo, e até mais lucrativo do que muitas empresas, mesmo grandes. No que diz respeito ao país em geral, ele afinal de contas é composto não apenas por grandes e pequenos consórcios, mas a sua base são precisamente os núcleos familiares.

A herdade pode passar a ser um alicerce para cada família, uma apólice de seguro em caso de quaisquer cataclismos na nação. Eu penso que não há nada de mal no facto de cada família ter a possibilidade de garantir independentemente a sua subsistência desprovida de pobreza. E também acho que a liberdade individual não é possível sem liberdade económica. Nem sequer uma família trabalhadora que viva num moderno apartamento citadino pode

ser livre. Ela depende do empregador que determina o seu salário, dos serviços comunais que providenciam ou não o aquecimento, a água, a luz, dos fornecedores de produtos e dos preços dos serviços e bens alimentares. Ela é escrava de tudo isso e as crianças dessa família nascem com mentalidade de escravos.

Pergunta: A Rússia é um país desenvolvido industrialmente e uma grande potência nuclear e apenas neste estado pode garantir a segurança dos seus cidadãos. Se todos os habitantes do país começarem apenas a ocupar-se do cultivo da terra, o país transformar-se-á numa nação meramente agrária e ficará indefesa perante o agressor.

Resposta: Eu não penso que todos sem excepção concordem imediatamente em ocupar-se apenas dos seus terrenos. O processo irá decorrer gradualmente e a situação regular-se-á naturalmente. O poder da nação depende não apenas da quantidade suficiente de ogivas nucleares no seu território, mas também da situação económica geral, que inclui tanto a quantidade como a qualidade dos víveres. E se os víveres imprescindíveis para o ser humano não forem suficientes no país, ele vê-se obrigado a vender os seus recursos naturais e o seu armamento, fortalecendo assim o potencial do inimigo.

O projecto que aqui é proposto tem a capacidade de fortalecer a situação económica do país e, consequentemente, de dar possibilidade à ciência e à indústria de trabalhar com mais sucesso e de manter um exército capaz de combater. Mas a curto prazo, mediante a implantação deste estilo de vida em grande escala, eu penso e estou convencido de que ele certamente chamará também a atenção de muitos cidadãos de outros países, nomeadamente de países que hoje não nos são amigáveis. Também neles as pessoas quererão organizar a sua vida como a maioria dos cidadãos russos.

O início da realização do projecto em diferentes países dará início à coexistência pacífica entre os povos.

Pergunta: Em algumas regiões da Rússia, que são mais ricas, pode claramente realizar-se este projecto. Mas não acha que é ingénuo supor que é possível a sua realização numa república com banditismo de raiz, como a Chechénia[4]?

Resposta: A diminuição significativa da tensão social, especialmente nos assim chamados «pontos quentes» da Federação, e a cessação total dos conflitos com o auxílio do presente projecto não me parece ingénua, mas absolutamente real. Se tomarmos como exemplo o Cáucaso Norte e o seu ponto mais delicado – a Chechénia, – no momento presente tornou-se claro, e fala-se disso na imprensa, que a base do conflito consiste na luta de um pequeno grupo de indivíduos pela posse das reservas de petróleo da república, ou seja, por poder e por dinheiro. Esta situação é característica da maioria dos «pontos quentes» e dos conflitos de diferentes épocas em geral. Mas porque foi atraída para acções de guerra uma grande quantidade da população, especialmente masculina, da Chechénia?

Na Chechénia existiam centenas de refinarias de petróleo ilegais, que pertenciam a um pequeno grupo de indivíduos. Nessas refinarias trabalhavam dezenas de milhares de empregados de entre a população local. Com as tentativas da parte do governo de estabelecer a ordem, as pessoas ficaram sem emprego e, por conseguinte, as suas famílias sem meios de sustento. Essa parte da população

[4] *Chechénia* (pronunciada *Tchétchnia*) – uma pequena república, predominantemente muçulmana, com aproximadamente 800.000 habitantes na região do Cáucaso Norte, na Federação Russa. Tendo a sua capital em Grozny. A Chechénia foi forçosamente anexada pelo Império Russo em 1859 e a sua população sempre se rebelou contra o seu governo. A luta constante dos chechenos pela independência tem sido suprimida pela Federação Russa, o que levou ao conflito militar nos anos 90' do século passado.

passou para o lado dos guerrilheiros, defendendo na realidade o seu emprego e o conforto, mesmo que mínimo, da sua família, recebendo, como se sabe, para além disso, uma recompensa bastante grande pela participação nas acções de guerra, em comparação com o subsídio de desemprego. Por conseguinte, para a maior parte dos guerrilheiros comuns, a participação nas acções dos bandos terroristas é um trabalho tal como o de um polícia ou oficial do exército russo, mas com remuneração mais alta. Por isso muitos dos guerrilheiros acham que parar com os actos de guerra é obviamente desfavorável para o conforto das suas famílias.

Como será possível liquidar o desemprego na Chechénia, se nós não conseguimos liquidá-lo completamente em nenhuma região, nem mesmo nas mais prósperas? Suponhamos que o Governo, gastando verbas enormes com a Chechénia, começa a construir ali várias empresas, para dar emprego a cada um que o queira. Mesmo assim surgirá mais um problema: o valor do salário. Se este for especialmente aumentado para a população chechena, então toda a Rússia passará a trabalhar para a Chechénia, uma vez que o dinheiro em tal situação pode apenas ser retirado dos pagadores de impostos, e mesmo nesse caso, a maior parte do dinheiro não iria para ao seu objectivo, uma vez que até agora o problema de fazer com que os recursos cheguem às pessoas carenciadas para as quais foram destinados, ainda não foi resolvido. No fim de contas, teríamos o mesmo resultado com um aumento considerável dos gastos.

A república da Chechénia é uma região favorável para a agricultura. Vamos imaginar que no nosso país já está em vigor a lei relativa ao terreno para a herdade familiar. Imaginemos que o governo defende a herdade familiar de quaisquer atentados. Uma família chechena recebe o terreno para construir a sua herdade familiar, onde a produção conseguida lhe pertence absolutamente

e pertencerá também às gerações vindouras garantindo-lhes o sustento, não debaixo de bombardeamentos nem expatriações, mas num belo cantinho de sua própria terra natal que eles próprios cultivaram. Eu estou convencido de que essa família não se oporá à nação que lhe garanta tal possibilidade, mas defenderá essa nação com muito mais ardor do que aquele com que agora se lhe opõe. Defenderá essa nação com tanto desespero como defenderia o seu ninho familiar. Ela irá opor-se a quaisquer tentativas dos instigadores de separar a Chechénia de tal nação e a quaisquer tentativas de discriminação racial.

Eu estou convencido de que, mediante uma acção à larga escala de organização de tais aldeias no território da Chechénia, mesmo na qualidade de experimento, o «ponto quente» da Chechénia se transformará numa das regiões mais seguras da Rússia e tornar-se-á um dos importantes centros espirituais na Terra. Tudo dará uma volta de cento e oitenta graus. Quando Anastasia falou sobre os factores com a ajuda dos quais se pode acabar com a criminalidade, para mim também foi difícil acreditar imediatamente nas suas palavras. Mas a vida depois de qualquer modo continuou a comprovar constantemente que as palavras dela estavam certas. E no que diz respeito à república da Chechénia...

Chegaram para assistir à conferência de leitores na cidade de Guelendzhik mais de mil pessoas de diferentes regiões da Rússia e de países da ex-União Soviética. O que mais me surpreendeu foi o facto de estar presente uma delegação da Chechénia. Ninguém foi especialmente convidado para a conferência. Os chechenos vieram com os seus próprios recursos e no final conversei com alguns deles em particular.

Estamos agora a falar da Chechénia, mas será que em outros pontos do nosso país não existe criminalidade? Ela existe, e de

todas as formas possíveis. Uma das causas que levam à criminalidade é o desemprego, ou uma situação que não permita que uma pessoa que sai da prisão se insira na nossa sociedade. O projecto de Anastasia tem a capacidade de resolver esse problema.

Pergunta: Se na Rússia for dada a cada família que o deseje um hectare, a terra não será suficiente para todos. E de certeza que não será suficiente para a nova geração que está para vir.

Resposta: No presente, é mais grave a situação de que não há ninguém para cultivar a terra. Eu estou a falar não apenas de terrenos baldios e inférteis, mas também de terras de lavradio. No que diz respeito à nova geração, infelizmente hoje em dia na Rússia morrem mais pessoas que as que nascem. Segundo o instituto nacional de estatística, a população da Rússia está a diminuir em 750 mil pessoas por ano. O problema hoje consiste em que surja uma nova geração.

A princípio eu também tinha a ideia ilusória de que uma família ou uma pessoa que viva, por exemplo, num apartamento de um prédio de cinco andares, ocupa menos terra do que uma família ou uma pessoa que tenha uma casa particular com um terreno para desfrute pessoal. Resulta que não é nada assim. Qualquer pessoa, não importa em que andar esteja, consome de comida tudo o que cresce na terra. Para que lhe cheguem esses víveres são utilizadas estradas, automóveis, armazéns e supermercados que se encontram todos sobre a terra. Por conseguinte, o pedaço de terreno de cada pessoa serve-a a cada minuto. Está sempre a servi-la, mesmo que essa pessoa o tenha abandonado ou nem sequer pense sobre ele.

Claro que eu não pude responder imediatamente à questão colocada apoiando-me em números concretos, mas mais tarde encontrei esses números e agora posso apresentá-los neste livro.

A terra da Rússia: A área total da Federação Russa ocupa 1909,8 milhões de hectares. Para uso agrícola podem ser utilizados apenas 667,7 milhões de hectares. No início do ano de 1996 a área total dos terrenos agrícolas ocupava 222 milhões de hectares, ou seja 13% dos recursos totais de terra do país, e por sua vez os campos lavradio – 130,3 milhões de hectares (7,6%).

A população da Federação Russa no ano corrente é de 147 milhões de pessoas. Como os números mostram, não existe um problema com a atribuição de um hectare de terra a cada família que assim deseje. Pelo contrário, o problema é que a população do nosso país está a diminuir catastroficamente. O prognóstico que os analistas fazem para o futuro, baseando-se nas tendências actuais e na característica generalizada da população da Rússia, é de que entre os anos 2000 e 2045 o número de crianças até aos 15 anos diminua para metade e o de pessoas de idade se torne cinquenta por cento maior. O potencial de reprodução da população ficará praticamente esgotado.

E há ainda outro problema: a qualidade das terras de lavradio do nosso país.

Nas áreas de grandes plantações está a dar-se a deterioração da camada do solo. Os especialistas acham que esses processos já tomaram uma dimensão regional e internacional. Os campos de lavradio da Rússia que estão expostos à erosão ou ao perigo de erosão, compõem 117 milhões de hectares (ou seja 63%). Nos últimos 50 anos, a velocidade dos processos de erosão aumentou 30 vezes, com especialmente rapidez no início dos anos 90. Segundo os especialistas da FAO (*Food and Agriculture Organisation)* da O.N.U., o nosso país encontra-se entre os dez primeiros do mundo na velocidade de propagação da erosão e no ano 2002 ela abarcará até 75% dos campos agrícolas. Podemos apresentar dados mais

detalhados das estatísticas sobre a terra do nosso país, eles são tristes. Eu incluí-los-ei no final deste livro.

Hoje, tendo tomado conhecimento dos números acima referidos, posso dizer com convicção: o projecto de Anastasia tem a capacidade de fazer parar a loucura que está a acontecer com os recursos de terra do nosso país. No dia de hoje, ele é o único plano efectivo e realizável: tem em consideração a restituição da fertilidade dos solos pela utilização de processos naturais, não exige investimentos adicionais de capital da parte do estado e ao mesmo tempo resolve o problema da ecologia, dos refugiados e do desemprego, ou seja, elimina problemas que nós hoje, com a nossa atitude presente para com a terra, temos estado a criar para os nossos filhos.

Pode ser que exista na natureza um projecto ainda mais efectivo e realizável, mas então que alguém o descubra. Por enquanto, tudo o que certas estruturas fazem é exigir mais dinheiro para o restabelecimento da produção agrícola segundo os processos antigos. O governo não tem o dinheiro necessário. Mas o mais triste de tudo será se o forem buscar por exemplo com a ajuda de créditos internacionais e começarem, uma vez que não temos estrume em quantidade suficiente, a introduzir na terra fertilizantes químicos que estragam ainda mais o solo.

Depois seria preciso devolver o dinheiro com juros, a situação com a terra ainda pioraria, e esse problema cairia sobre os ombros da geração emergente. Eu vou empregar todos os esforços para defender o projecto de Anastasia. Claro que a eremita da taiga não é uma autoridade para a maioria dos órgãos estatais, e eu não sou um especialista em agronomia e por isso terei dificuldade em provar a sua eficácia aos políticos de pensamento elaborado, mas de qualquer modo agirei de todas as formas que estiverem ao meu alcance.

Ficarei grato aos leitores que, entendendo as artimanhas dos mecanismos governamentais, possam explicar em linguagem mais profissional aos homens responsáveis do governo a efectividade do projecto de Anastasia. Pode ser que este livro vá parar às estruturas de poder capazes de resolver tais tarefas, por isso eu dirijo-me mais uma vez a eles com uma declaração em nome de todos os que o desejam. Não sei qual é a quantidade de pessoas que assim desejam, mas tenho a certeza de que são milhões. Em nome de todos eu dirijo-me com o pedido de:

Resolver a questão relativa à terra ao nível legislativo e atribuir a título gratuito a cada família do nosso país que assim desejar um hectare de terra. Dar a possibilidade à família que o deseje, de cultivar a sua herdade familiar, melhorá-la e cuidar do seu pedacinho de terra natal com amor, e então a grande Terra Mãe ficará bonita e feliz, uma vez que ela é composta de pequeninos pedaços.

Pergunta: Em muitas regiões do nosso país, deparamo-nos com uma situação ecológica complexa. Podemos até dizer que hoje em dia ela é catastrófica. Não será melhor primeiro empregar esforços no melhoramento da situação da ecologia em geral, como fazem muitas organizações ecologistas, e depois então cuidarmos das herdades individuais?

Resposta: É você mesmo que diz que há muitas organizações que se ocupam da situação ecológica, mas ela continua a piorar. Isso não quererá dizer que não é suficiente estar preocupado, uma vez que a situação continua a piorar e até se está a tornar catastrófica? Vamos imaginar um lindo jardim e as várias árvores que crescem em apenas uma herdade cultivada de forma maravilhosa. Apenas um cantinho paradisíaco com o tamanho de um hectare.

Claro que isso não é suficiente para a mudança global da ecologia do país ou do planeta. Mas vamos imaginar milhões de tais cantinhos e veremos a Terra inteira a florir num jardim paradisíaco. E, de qualquer forma, temos que começar cada um por si, cultivando o seu cantinho. Pode ser que então possamos passar da preocupação geral para acções gerais concretas.

Pergunta: Considera que uma família desempregada pode enriquecer com o auxílio de um hectare de terra própria? Se acha assim, então porque é que o campo hoje está inactivo? No campo as pessoas têm terra, mas passam fome.

Resposta: Vamos pensar em conjunto sobre esse fenómeno, mas antes acrescento mais algumas questões à que foi colocada.

Porque é que milhões de pessoas dizem que para elas os 400 ou 500 metros quadrados de terra do terreno da *dacha* se revelaram um apoio substancial e que melhoraram a sua alimentação, enquanto que as pessoas no campo, que têm 1500 ou 2500 dizem: «Nós passamos fome, passamos miséria»?

Porquê? Não estará o nosso bem-estar relacionado, entre outras coisas, com o nosso nível de consciência? A maioria da população rural acha que se pode viver bem apenas nas cidades, por isso a juventude larga o campo. Eu penso que é de culpar por esse fenómeno também a nossa propaganda de há ainda pouco tempo atrás. Vamos lá relembrar os artigos exaltados da imprensa dos anos cinquenta e sessenta: quem eram os heróis? Eram os mineiros, os lenhadores, os aviadores, os marinheiros...

Até as imagens das paisagens urbanas eram representadas pelos pintores com uma enorme quantidade de chaminés dos gigantes industriais a fumegar. De vez em quando, mencionavam condescendentemente os agricultores, mas apontavam com negatividade alguém que desse atenção ao seu terreno particular. Até fizeram

tentativas de construir nas aldeias, edifícios do tipo dos citadinos, privando assim as pessoas dos seus quintais e obrigando-as a trabalhar apenas na assim chamada «terra comunal». Tudo como em Auroville na Índia: «podes viver e trabalhar na terra, mas ela de qualquer maneira não será tua.» Tudo isso é que leva a um resultado lastimável.

Os políticos e os meios de comunicação social, assim como a maioria da população, falam constantemente sobre a pobreza geral do campo hoje em dia. Fala-se tanto, que acontece uma espécie de sugestão em massa: «o habitante do campo só pode ser pobre.» Quase não se dão exemplos que mostrem que o bem-estar depende em muito de cada um. Para alguém é conveniente colocar a situação do seguinte modo: «Não tenhas esperanças em ti próprio, apenas eu te farei feliz». Assim falam muitos líderes de organizações religiosas e muitos políticos, reunindo eleitorado a seu favor. Quem quiser ser pobre e miserável, que continue a acreditar neles. Eu quero falar não sobre como ficar pobre, mas sobre como ficar rico. À pergunta: «será que se pode viver sem pobreza, tendo um pedaço de terra?» eu respondo: pode! E apresento um exemplo concreto.

Em 1999, um empresário meu conhecido, após ter lido «Anastasia», convidou-me para o visitar. Intrigou-me ao dizer que poderia compor uma refeição quase como Anastasia na taiga. Quando cheguei a casa dele a mesa ainda estava vazia. Nós estávamos sentados a conversar e o Andrei, assim se chamava o empresário, olhava para o relógio e pedia desculpas porque alguém estava atrasado.

Passado um pouco, chegou o motorista dele com duas grandes cestas. Sobre a mesa apareceram tomates, pepinos, pão e muitas outras coisas. A sala ficou repleta de cheiros atractivos. As mulheres compuseram a mesa em poucos minutos. Nós não bebemos Pepsi

Cola, mas sim um fabuloso e aromático *kvas* russo. Não bebemos *cognac* francês, mas sim vinho caseiro, ainda por cima fermentado com umas ervas quaisquer. Os tomates e pepinos não eram tão maravilhosos como os de Anastasia na taiga, mas eram muito mais saborosos do que aqueles que se vendem nos supermercados e até nos mercados de camponeses. «Onde é que foste buscar estas coisas?» – perguntei eu incrédulo, – e fiquei a saber o seguinte:

Ao regressar a Moscovo desde Riazan[3], o motorista de Andrei parou o jipe junto de um pequeno mercado. Compraram um frasco de litro de pepinos salgados e um frasco de tomates. Depois pararam num pequeno café e decidiram almoçar. Abriram os frascos que tinham comprado e provaram o que continham. Ele voltou para comprar tudo o que a senhora de idade tinha para vender e ofereceu-se para a levar a casa no seu jipe. A senhora vivia sozinha numa pequenina casa muito antiga com uma horta. A sua herdade ficava numa aldeiazita a quinze quilómetros da estrada. A inteligência empreendedora de Andrei começou a trabalhar depressa e em seguida sucedeu assim...

O Andrei comprou uma casa no campo numa zona ecologicamente limpa a 120 quilómetros de Moscovo, na orla de uma floresta, com 2000 metros quadrados de terreno. Registou a casa em nome dessa senhora, apresentou-lhe um contrato segundo o qual ele se comprometia a pagar-lhe 300 dólares americanos por mês, enquanto que a senhora por sua vez deveria entregar à família dele a produção da sua horta, excepto o que ela comesse. Essa senhora chamava-se Nadezhda Ivanovna e tinha 61 anos naquela altura. Ela não percebia nem acreditava em papéis. Então o Andrei levou-a

[3] *Riazan* – cidade junto ao Rio Oka, cuja história data do fim do séc. XI, situada a cerca de 200km a sudeste de Moscovo, com pouco mais de meio milhão de habitantes.

ao concelho rural e pediu que o presidente lesse e explicasse o que ali estava escrito. O presidente do concelho rural tomou conhecimento dos papéis e disse à senhora: «O que é que perdes, Ivanovna, ninguém te está a pedir a tua ruína aos caídos em troca. Se não te agradar, podes voltar para casa». Nadezhda Ivanovna acabou por concordar.

Agora ela vive há já três anos numa casa sólida. O Andrei contratou empregados que fizeram um furo para obter água, instalaram aquecimento central, uma caldeira independente e escavaram uma cave para arrecadação. Cercaram toda a herdade com uma vedação, trouxeram todo o equipamento, compraram uma cabra, galinhas e ração. E muitas outras coisas necessárias para a vida rural.

A filha de Nadezhda Ivanovna e a pequenina neta vieram viver com ela. O Andrei, após ter lido o que disse Anastasia sobre o cultivo de hortaliças, faz ele próprio o seu alfobre, mas vai buscar as sementes a Nadezhda Ivanovna. O pai de Andrei, que era director de um restaurante e agora está reformado, no Verão transplanta o alfobre e ajuda com gosto as mulheres nos afazeres da quinta. Nadezhda Ivanovna e a sua filha receberam casa e trabalho. A família de Andrei: ele, a mulher, o pai e os dois filhos, estão providenciados durante todo o verão com legumes e frutos frescos e verdadeiramente ecológicos, no Inverno com conservas caseiras e durante todo o ano, em caso de necessidade, com ervas terapêuticas.

Algumas pessoas acharão que o exemplo que eu apresentei é uma excepção. Nada disso! Ainda há dez anos atrás, quando eu era presidente da Associação Internacional de Empresários da Sibéria, muitos empresários que entravam para a associação tentavam organizar de forma semelhante as suas quintas particulares, alguns para as suas empresas, outros apenas para as suas famílias. Hoje

podem ler nos jornais anúncios nos quais são propostos serviços semelhantes. Só que há um «*mas*»: é muito difícil encontrar uma pessoa com a capacidade de trabalhar, ou melhor que saiba fazer o que faz Nadezhda Ivanovna. E como é difícil de encontrar, vamos lá lembrar-nos de qual é a atitude necessária a ter para com a terra. Vamos trocar experiência sobre como tornar-nos ricos e felizes na nossa terra e não sermos pobres.

Pergunta: Vladimir Nikolaevitch, eu sou um empresário, eu também sei que muitas pessoas de posses utilizam os serviços de camponeses que são capazes de cultivar com conhecimento, de conservar a produção agrícola, que realmente é superior na qualidade do sabor à que é produzida nas grandes plantações. Mas com a produção em massa a procura diminuirá, e então como irá sustentar-se uma família cujo rendimento seja proveniente apenas do seu hectare de terra, se os tomates e pepinos cultivados por ela não forem precisos para ninguém?

Resposta: Na terra não crescem apenas pepinos e tomates, mas muitas outras coisas. Mesmo que metade das famílias russas se ocupassem das duas herdades, elas não conseguiriam vir a satisfazer nos próximos vinte ou trinta anos a procura da sua produção, uma vez que ela virá não apenas da parte dos cidadãos russos, mas também de muitos outros países, especialmente os mais ricos. A questão é que, como os produtores agrícolas da maior parte dos países se entusiasmaram tanto com a modificação genética e a cultivação química das plantas, eles simplesmente destruíram o seu aspecto original, e eu estou a falar não do aspecto exterior, mas de tudo o que elas contêm. E se falarmos sobre pepinos e tomates, então cada um se pode convencer disto com o seguinte exemplo:

Entrem num supermercado mediano ou ainda melhor num grande hipermercado, que hoje em dia não são nenhuma raridade nas

grandes cidades. Nas prateleiras verão tomates e pepinos importados muito bonitos. O seu preço é a partir dos 30 rublos o quilo. Eles são todos iguais em tamanho, bonitos, e por vezes até vêm com uma fitinha verde. Mas não têm cheiro nem sabor. São *mutantes*! É uma ilusão, uma *maquete*, que apenas lembra por fora como deveriam ser. Uma grande parte da população do mundo alimenta-se desses *mutantes*. Isto não é uma descoberta minha, as pessoas de muitos países do Ocidente, que nós consideramos altamente desenvolvidos, estão preocupadas com isto.

Por exemplo, na Alemanha saiu uma lei que obriga a que, nos supermercados, os legumes que foram produzidos com a utilização de determinados aditivos estejam indicados com etiquetas, e as pessoas que têm mais posses evitam comprá-los. No Ocidente, os produtos cultivados em regiões ecologicamente limpas com uma quantidade limitada de fertilizantes químicos custam bastante mais caro. Mas o sistema de fornecimento de materiais para agricultura nem sequer permite que se cultive de uma forma totalmente ecológica. Um agricultor ocidental é obrigado a utilizar o trabalho de empregados contratados e todo o tipo de máquinas, fertilizantes químicos e herbicidas.

Ele esforça-se por receber um grande lucro. Suponhamos que alguns dos agricultores ocidentais, e eles já existem, querem cultivar de forma ecológica e ainda tendo em conta o que disse Anastasia. Se bem se lembram, ela falou de como não se pode eliminar todas as ervas daninhas, porque elas desempenham a sua função para as colheitas. Imaginemos que um dado agricultor quer cultivar dessa forma, nem que seja apenas para a sua família e amigos. Ele deparar-se-á com um problema difícil de resolver: as sementes. A engenharia genética fez aquilo que fez e já não restam sementes originais no Ocidente. E na Rússia também há muito poucas. Especialmente

depois de terem permitido no país a venda de sementes provenientes de fundos de sementes estrangeiros. Se utilizarmos as sementes do nosso terreno, a cultura de legumes fará gradualmente por restabelecer as suas características originais e por retirar da terra tudo o que o ser humano necessita. Até ao seu restabelecimento total são necessárias décadas. Na Rússia, graças talvez precisamente à pobreza e ao grande número de pequenas hortas particulares, muitas pessoas usam as suas sementes, e nisso consiste a sua vantagem, cujos efeitos em breve se multiplicarão em termos materiais.

Estamos a falar das sementes, da necessidade de cultivar a produção agrícola em zonas ecologicamente limpas, sobre não utilizar fertilizantes químicos e tudo isto está correcto, e fala-se disto em muitos países do mundo, mas apenas dizem: «não é suficiente a quantidade de produção agrícola saudável e saborosa, principalmente nos países altamente desenvolvidos.» Mas isto ainda não é tudo. E o processamento? E a conservação?

Mesmo com todos os esforços do mundo tecnocrata, as fábricas altamente equipadas tecnologicamente não são capazes de produzir conservas de tomates, pepinos e couve salgados que superem em termos de sabor os que preparam muitas avozinhas russas. Onde está o segredo? Para além de muitas elaborações intelectuais, há pouco quem saiba que não deveriam decorrer mais de quinze minutos desde o momento da colheita desse tomate ou pepino da horta onde ele cresce até que é posto em conserva. Quanto menor for esse período de tempo, melhor. Assim conservam-se o seu aroma maravilhoso, os seus éteres e a sua aura. O mesmo, por exemplo, para quando se adiciona uma erva aromática como o endro.

A água também tem enorme importância. O que poderemos obter de bom se utilizarmos água com cloro, água morta? Nós fervemos, esterilizamos o frasco com vapor, mas há pessoas que

recolhem a água de nascente, adicionam-lhe mirtilo, entre outras coisas, e... Querem experimentar? Recolham água na nascente, deitem para dentro dela um terço de mirtilo e beberão essa água com prazer, mesmo dentro de meio ano.

É surpreendente a diferença para melhor das conservas de legumes e frutos preparadas à mão por muitos habilidosos russos. Cada um pode certificar-se por si próprio de que são superiores em sabor às produzidas até pelas melhores marcas do mundo, se comparar umas com as outras. E agora vamos lá imaginar: uma família que vive na sua herdade está a «nadar» em milhares de frascos de litro de tomates e pepinos. Resultou uma produção de primeira classe, que supera as outras em muitos parâmetros. Uma produção que muitas pessoas de diferentes países do mundo terão vontade de ter sobre as suas mesas, nomeadamente os milionários da América, e os turistas que passam férias nos lugares turísticos do Chipre. E nas etiquetas dos frascos estará indicado: «da herdade dos Ivanov», «da herdade de Petrov», «da herdade de Sidorov».

Claro que os empresários não terão interesse em ocupar-se da venda de mil frascos de conservas. Mas se na aldeia houver por exemplo 300 herdades e nelas forem preparados 300 mil frascos, isso já será um negócio interessante até para uma grande empresa. Eu proponho que o preço inicial para um frasco seja o mesmo que num supermercado hoje em dia, à volta de um dólar, mas quando as pessoas provarem, o preço aumentará talvez dezenas de vezes.

Eu apresentei tomates e pepinos apenas como exemplo. Há muitas mais coisas que podem ser produzidas numa herdade, por exemplo: vinho, licores, sumos de bagas como groselha, framboesa, amora, sorva doce e de muitas outras. Não existem no mundo matérias-primas para a preparação de vinhos como as que se podem encontrar na Rússia. E para além disso, podemos preparar

vinho segundo as receitas antigas, preparar vinhos terapêuticos e vitaminados com a utilização de ervas.

Anastasia diz que em breve a camisola russa com a gola abotoada ao lado passará a ser a que está mais na moda em todo o mundo. Podemos pensar em mais coisas do género. Podem produzir-se em casa durante o Inverno peças de madeira talhadas à mão. Afinal de contas, existe um provérbio popular: «Se queres ser feliz, sê-o». E também podemos dizer «Se queres ser rico, sê-o». O mais importante é não nos mentalizamos para a pobreza. É preciso sintonizarmo-nos com a riqueza. Pensar de forma muito mais racional sobre como ter prosperidade e não incutir em nós próprios que não é possível tornar-se assim...

Pergunta: Anastasia afirma que as pessoas casadas recentemente podem conservar o seu amor muito mais facilmente nas condições de uma herdade assim como a que descreve do que num apartamento comum. Diga, por favor, se falou sobre isso com psicólogos e investigadores que se ocupam dos problemas conjugais e se sim, o que dizem eles sobre esse tema, como é que isso pode acontecer?

Resposta: Eu não falei sobre isso com investigadores. Eu não estou muito interessado em saber como é que o amor se conserva. O mais importante é que ele se conserve. E talvez você mesma se possa convencer do facto de que isso acontecerá perguntando-se a si própria. Pense bem, onde quereria ver o seu filho ou filha viver: num apartamento, numa caixa de pedra, ou numa casa rodeada de um maravilhoso jardim?

Pense com que gostaria de alimentar a sua filha ou filho, ou os seus netos: com produtos em conserva ou produtos frescos e ecológicos? E finalmente, gostaria de ver os seus filhos saudáveis ou a viver à custa da farmácia? Faça esta pergunta a uma mulher jovem: perante sentimentos idênticos para com dois homens, com quem

gostaria ela de casar, com aquele que organiza a sua vida diária e o seu futuro ninho familiar num apartamento de um prédio ou com aquele que vive numa casa com um maravilhoso jardim? Eu penso que a maioria escolherá o segundo.

Comentário: O renascimento de qualquer país pode apenas começar com a sua formação espiritual. Alguns membros do Governo e o próprio Presidente já o compreenderam e começam a falar sobre isto. Anastasia é considerada pela maioria dos leitores como uma individualidade de uma grande espiritualidade, que vive segundo as leis de Deus-Criador. Ela fala dos valores espirituais, mas você conduz as pessoas para a propriedade privada e apela a que se ocupem de fazer negócio nas suas propriedades. Dessa forma, afasta as pessoas da espiritualidade.

Resposta: No fim de contas, eu considero que ninguém pode afastar a humanidade dos verdadeiros valores. É bom que os governantes de hoje em dia falem sobre espiritualidade. As afirmações de Anastasia nem sempre são compreensíveis para mim logo de início, mas subsequentemente tornam-se coisas concretas. Eu percebo melhor o que é concreto do que os raciocínios filosóficos e por isso eu falo sobre coisas concretas, porque acho que são as mais importantes também para o plano espiritual. É provável que no mundo existam muitas noções de espiritualidade e de Deus.

Após ter conversado com Anastasia e de ter reflectido sobre o que aconteceu, também surgiram em mim tais noções. Para mim, Deus é uma pessoa. Uma pessoa bondosa, inteligente e optimista. Uma pessoa que aspira a que as pessoas vivam felizes – os seus filhos e todas e cada pessoa em particular. Deus é um Pai que ama e se preocupa com cada um. Que entregou a cada pessoa a liberdade de escolha. Deus é a mais sábia das pessoas, que se esforça por fazer a cada instante apenas o melhor para os seus filhos. E o Seu sol

asce todos os dias e crescem a erva e as flores. Crescem as árvores, assam as nuvens e murmura a água, pronta para saciar a sede de ualquer pessoa em qualquer momento.

E não acredito, nem nada me fará acreditar que o nosso sábio ai possa considerar como um sucesso da espiritualidade as meras onversas sem parar sobre ela, sem acções concretas.

A partir do momento em que desapareceu a chamada «Cortina e Ferro», jorrou para o nosso país uma multidão de alegados pre-adores e até alguns nacionais!

E todos nos tentam falar sobre o que Deus quer de nós. Uns izem que é preciso comer de forma especial, outros ensinam com ue palavras é melhor comunicar com Deus, outros, por exemplo s *krishnaítas*, afirmam que é preciso saltar e dizer *mantras* de ma-hã à noite. Mas para mim isso é simplesmente um disparate. Eu enho a certeza de que não existe maior dor para Deus do que tais aretas, saltos e uivos. Qualquer pai que ame os seus filhos aspira que o seu filho ou filha dêem continuidade à sua ocupação, par-cipem dela e que criem em conjunto. As obras directas de Deus ncontram-se à nossa volta. E o que pode ser maior demonstração o amor por Deus do que a atenção cuidada para com elas e a rganização da própria vida, do próprio dia a dia e o dia a dia dos ossos filhos com a ajuda dessas obras Divinas?

Nem o país em geral nem cada um de nós em separado ficou ais feliz com todo o tipo de palhaçadas e meditações. Não ficá-os mais felizes porque são elas que nos afastam da verdade, de eus. Afastam-nos à força, incessantemente, atirando para cima as pessoas cada vez novas variações de rituais malucos como ver-ade. Os ensinamentos vêm e vão. Alguns deles existem durante éculos, depois apenas dão vontade de rir, outros aparecem por al-uns anos e desaparecem sem deixar rasto, como um flash. Apenas

somos obrigados a contemplar o lixo, a sujidade e os destinos humanos quebrados que deixam depois da sua passagem.

À questão: «porque temos que escutar constantemente diferentes palavras sobre Deus vindas da boca de todo o tipo de pregadores, porque é que Deus não nos diz directamente as Suas palavras?» – Anastasia respondeu: «Palavras? Existem tantas palavras com diferentes significados entre os povos terrenos. Há tantas línguas e dialectos distintos. E existe também a língua dos apelos Divinos. E ela é tecida do farfalhar da folhagem, do cantar dos pássaros e das ondas. A língua divida tem cheiros e cor. Nessa língua, Deus dá resposta em oração aos pedidos de cada um.»

Deus fala connosco em cada momento, mas não será por preguiça espiritual da nossa parte que não o queremos ouvir? Então canto um *mantra*, dou saltos e cairá maná celestial sobre mim, e Deus far-me-á feliz, e eleger-me-á de entre todos. Pronto, já está! Enquanto que aqui é preciso levar anos a cultivar o meu paraíso, esperar que cresçam as árvores que dão frutos e que as plantas floresçam... Mas ao não fazer isso nós não apenas rejeitamos Deus, nós ofendemo-Lo. Rebaixamo-Lo com a nossa verborreia e caretas.

Podem não escutar Anastasia e ainda menos a mim. Mas entrem numa floresta ou num jardim e, em silêncio, escutem o vosso coração. O coração de muitos ouvirá impreterivelmente a voz do Pai que, segundo Anastasia, à pergunta: «o que pode Ele, Deus, fazer quando na Terra prevalece sobre todas, a energia da destruição, e quando as pessoas proferem o Seu nome para conveniência própria quando querem submeter outras a si?» – responde: «Eu elevar-Me-ei com a aurora do dia que nasce. O raio de Sol que afaga todas as criações sem excepção sobre a terra ajudará as minhas filhas e filhos a compreender que cada um pode falar com a Minha Alma

através da sua própria alma.» Ele acreditou e continua a acreditar em nós, afirmando: «Existe e existirá sempre um impedimento principal para a grande variedade de causas que levam a caminhos sem saída, e Ele faz de barreira à mentira. É a aspiração à tomada de consciência da Verdade, que existe nos Meus filhos e filhas. A mentira tem sempre os seus limites, mas a Verdade não tem fronteiras, apenas ela se encontrará como consciência na alma das Minhas filhas e filhos.»

E que cada um não tenha preguiça de extrair da sua alma a consciência de filho de Deus, e não de escravo ou tolo a saltar ao som dos chocalhos de um bio robô.

Mas quanto é que se pode pedir ao próprio Pai: «dá, providencia, liberta»? Não estará já na altura de cada um de nós fazer ao menos algo de agradável para o nosso Pai? E o que Lhe pode ser agradável e trazer alegria? Anastasia, respondendo a esta pergunta, falou sobre uma forma simples de testar muitos conceitos e orientações espirituais. Ela disse: «Quando a tua alma fica em estado de alerta por causa das afirmações proferidas por alguém que diz que fala em nome de Deus, presta atenção à forma como o pregador vive ele próprio, depois imagina o que será do mundo se todos começarem a viver assim.» Com a ajuda deste pequeno teste podem testar-se muitas coisas. Eu tentei imaginar o que seria da humanidade se todas e cada pessoa na Terra começassem a dizer *mantras* de manhã à noite, como fazem os *krishnaítas*. Dava-se logo o fim do mundo! Agora imaginem que cada pessoa na Terra cultiva o seu jardim. É claro que toda a Terra se transforma num paradisíaco jardim florido.

Eu sou um empresário, ou mesmo que seja ex-empresário, continuo a ser empreendedor, e claro que me são mais próximas as coisas concretas. Talvez por isso eu ache que uma pessoa apenas

se pode chamar de espiritual se for capaz de empreender acções benéficas para a Terra, para a sua família, para os seus pais, e por conseguinte para Deus. Se uma pessoa que se chame de espiritual não consegue fazer-se feliz, nem à sua mulher amada nem à sua família e aos seus filhos, então essa é falsa espiritualidade.

Pergunta: Anastasia falou sobre uma nova educação das crianças com qualidade, sobre uma nova escola. Ela é apenas possível nas condições de uma aldeia como a desenhada por ela ou nas grandes cidades também? O que diz sobre isso Schetinin[4]? Logo no primeiro livro, foram citadas as palavras de Anastasia sobre como ela acha que o mais importante é a educação das crianças e ela tentava sempre falar sobre a educação, mas você contorna sempre essa questão e quase não a esclarece nos seus livros. Porquê?

Resposta: Mikhail Petrovitch Schetinin organizou o seu internato na floresta. Assim que começarem a ser lançados os alicerces da primeira aldeia, constituída por herdades particulares, será necessário pedir a Mikhail Petrovitch que desenvolva um programa especial para a futura escola. E se ele próprio não puder vir lá leccionar, que envie no mínimo alguns dos seus melhores alunos e que escolha de entre os professores existentes os mais adequados.

Eu considero que não é possível organizar uma escola semelhante nas cidades de hoje. Vamos lá lembrar, sem a ajuda de Anastasia, os nossos anos de escola. Na escola dizem uma coisa, na rua, outra, na família, outra diferente. Enquanto tentas compreender onde está a verdade, enquanto tentas receber uma noção completa do mundo, quando te dás conta, já passou metade da vida. Eu penso

[4] *Mikhail Petrovitch Schetinin* – um conhecido educador russo que fundou uma escola alternativa em Tekos, no Cáucaso, baseada em ideias semelhantes às de Anastasia. A descrição da escola, onde os alunos cobrem o programa educativo dos 11 anos da escola russa em apenas 2 anos, veja o livro III, cap. 17 e 18.

que temos que tentar começar a aprender a viver como deve ser antes de educar os nossos filhos. E depois de termos organizado uma existência humana digna para nós, então cuidarmos dos filhos juntamente com a escola, agindo em uníssono, complementando-nos mutuamente.

Anastasia, realmente, fala frequentemente sobre a educação dos bebés, mas aquilo que ela diz não se parece com um sistema organizado por dias, horas e minutos. Muitas vezes as afirmações dela nem se percebem muito bem. Por exemplo, ela diz que se deve começar a educação de um bebé com a educação de nós próprios, com a organização de uma vivência feliz, com as tentativas próprias de alcançar os pensamentos de Deus. E um dos elementos principais da educação é precisamente uma maravilhosa herdade familiar.

CAPÍTULO 18

A filosofia da vida

Eu visitei esta pessoa três vezes. Ele vive numa prestigiosa zona de *dachas* perto de Moscovo. Os seus dois filhos, que estão colocados em postos altos das estruturas governamentais, construíram para o seu idoso pai uma moradia grande com dois andares e contrataram uma empregada doméstica para cuidar dele e da casa. Eles visitam o pai, na melhor das hipóteses, no seu aniversário.

Ele chama-se Nikolai Feodorovitch, e já está nos seus oitentas. As suas pernas estão doentes, por isso ele passa quase todo o tempo na sua cadeira de rodas importada. Metade do rés-do-chão da sua grande moradia, com acabamentos no melhor estilo europeu, é ocupada pela sua biblioteca com uma grande quantidade de livros em diferentes línguas. Os livros são principalmente sobre temas filosóficos, em edições caras. Nikolai Feodorovitch, antes de se reformar, dava aulas de filosofia numa prestigiada universidade de Moscovo. Ele tem um alto grau académico. Quando ficou mais velho, instalou-se na moradia e agora passa quase todo o tempo na sua biblioteca, lendo e reflectindo.

Eu conheci-o graças à insistência da sua empregada doméstica, Galina, que veio a uma das minhas conferências de leitores. Hoje estou-lhe grato por mo ter apresentado.

Nikolai Feodorovitch leu os livros sobre Anastasia e era interessante conversar com ele. Apesar do seu grau académico, aquela pessoa idosa podia explicar em linguagem simples e acessível as afirmações nem sempre compreensíveis de Anastasia, ou até abrir-nos a novas perspectivas acerca delas.

Após a publicação do terceiro livro «*Espaço de Amor*», o secretariado da Fundação «Anastasia» da cidade de Vladimir deu-me algumas cartas nas quais diferentes líderes de diferentes organizações religiosas falavam sobre Anastasia de uma forma muito agressiva. Eles chamavam-na de tonta, canalha, e um até escreveu uma grande carta com palavras inapropriadas.

Eu não podia compreender porque é que Anastasia de repente tinha começado a despertar agressão em alguns dirigentes de organizações religiosas, e enviei algumas dessas cartas a Nikolai Feodorovitch, para que ele desse a sua opinião. Passados dois meses, a sua empregada Galina procurou-me, encontrou-me no hotel e começou a pedir de forma insistente e inquieta que eu fosse imediatamente ver Nikolai Feodorovitch, que falasse com ele, porque ela estava preocupada com a sua saúde. Era difícil resistir perante a pressão de Galina.

A empregada doméstica de Nikolai Feodorovitch era uma mulher de estrutura física sólida e vistosa. Não era gorda, mas simplesmente uma mulher russa grande e forte de uns quarenta ou quarenta e cinco anos. Passou toda a vida numa aldeia qualquer da Ucrânia, trabalhou como tractorista, motorista, guardadora de gado. Sabe cozinhar bem, conhece ervas e é bastante cuidadosa. Quando se inquieta fala com uma pronúncia notoriamente ucraniana.

Não sei como é que os filhos de Nikolai Feodorovitch a encontraram e a puseram de ama do pai, mas era estranho ver como o erudito e velho professor de filosofia conversava com a mulher do

campo pouco educada. Galina vivia num dos quartos da sua moradia. E como se não bastasse ela ocupar-se da lida da casa, em que se desembaraçava bem, ainda tentava escutar sem falta as conversas que eu e Nikolai Feodorovitch tínhamos. Inventava logo alguma tarefa para fazer ali ao lado, como limpar o pó de alguma coisa, e ainda comentava o que ouvia em voz alta, como se a falar consigo mesma.

Dessa vez, Galina foi buscar-me num carro *Niva* que os filhos de Nikolai Feodorovitch compraram para que ela pudesse, quando necessário, ir às compras à cidade ou ir buscar ervas na floresta e remédios para o pai deles. Adiando os meus afazeres, eu lá fui com ela. Enquanto andávamos de carro dentro de Moscovo Galina estava calada, porque conduzia o carro dentro da cidade com alguma tensão, até lhe apareceram gotinhas de suor na testa enquanto íamos pela circular. Quando saímos para a estrada familiar para Galina, ela disse: «Ukh, safámo-nos.» E daí em diante conduziu o carro mais livremente e começou a contar rapidamente o que a inquietava, misturando o discurso em russo e ucraniano:

– Era *um* pessoa tão calminho. Ficava sentadinho na sua *caderinha* os dias inteiros, lia livros, pensava os pensamentos dele. Eu faço-lhe uma papinha de sarraceno ou de aveia de manhã, dou-lhe a papa, e depois podia ir ao mercado ou *p'lo* menos à floresta apanhar umas ervinhas boas *p'ra* saúde. Podia ir descansadinha, porque sabia que ele ia ficar a pensar na sua *caderinha* os seus pensamentos ou a ler um livrito. Agora, *'tá* tudo diferente. Trouxe para ele as cartas que tu *mandastes*. Ele leu. E passou só dois diazinhos depois de ele ler e diz-me assim: «Tome este dinheiro, Galina Nikiforovna, vá, compre livros sobre a Anastasia, depois quando for ao mercado não tenha pressa de voltar para casa. Fique ali no mercado e observe as pessoas. Quando vir uma pessoa triste ou doente ofereça-lhe um livro.» Eu fiz isso uma vez, duas vezes, mas ele *nã'* sossegou. «Não tenha pressa para vir fazer o almoço, Galina Nikiforovna,» – dizia ele. – «Eu cá me arranjo, se quiser comer.» Mas eu chegava sempre a horas de fazer o almoço na mesma.

E há dias cheguei do mercado, entro na sala dele *p'a* lhe dar o caldinho... Olho e a cadeira *'tá* vazia, e ele, em cima do tapete com a cara *p'a* baixo. Eu fui a correr, peguei no *telfóne*, para ligar logo *p'o númro* dos médicos, como mandaram os filhos. Eles deram-me um *númro* especial que não é como os outros. Eu marquei. «Ajudem, socorro», – grito para o *telfóne*. E ele levanta a cabeça do tapete e diz: «Desligue o telefone, Galina Nikiforovna, está tudo bem comigo, isto sou eu a fazer exercício físico, estou a fazer flexões no chão.» Salto p'o pé dele, *alevanto-o* do chão, sentei-o na cadeira de rodas. Como é *qu'*ele se pode *alevantar* do chão sozinho se as pernas *'tão* doentes? «Quais exercícios,» – disse-lhe eu, – «quando uma pessoa fica no chão sem se mexer?» E ele responde: «Então, eu já fiz os exercícios e estava só a descansar. Ficou preocupada em vão.»

No *outo* dia, ele rastejou outra vez da cadeira para o chão *p'a* fazer os exercícios. Eu então é que lhe comprei uns halteres, não é halteres, é *expander* que se chama. Com pegas e uns elasticozinhos, se queres podes pôr um elástico para ser mais fácil de fazer ginástica, se quiseres quando aparecer a força podes pôr quatro elásticos. Eu comprei-lhe o *expander* mas ele continua a querer *alevantar-se* da cadeira, parece um gaiato sem juízo, só que o coraçãozinho já *nã* é jovem. E como *nã* é jovem *nã* se pode assim *derrepente* fazer forças, é preciso ir *devagarzinho*. Eu já nem sei o *qué* que me passa no coração. Fala com ele, diz-lhe que vá *devagarzinho* com os exercícios, se ele gosta assim *tant'* deles. Diz-lhe que vá *devagarzinho*...

Quando eu entrei no espaçoso gabinete de Nikolai Feodorovitch a lareira estava acesa. O velho professor de filosofia estava sentado não como habitualmente na sua cadeira de rodas, mas a uma grande secretária e escrevia ou desenhava alguma coisa. Até a aparência dele mostrava as mudanças que se tinham passado com ele. Não estava vestido com um roupão como de costume, mas sim de camisa com gravata. Saudou-me mais energicamente que habitualmente e desta vez foi Nikolai Feodorovitch que começou a conversa, com temperamento:

– Sabe, Vladimir, que tempos maravilhosos estão para chegar na Terra? Não quero morrer, quero viver numa Terra assim. Eu li as cartas com palavrões dirigidos a Anastasia. Agradeço-lhe por mas ter enviado. Eu entendi muita coisa graças a isso. Chamaram a eremita da taiga de feiticeira, de profetisa, mas ela é o mais grandioso guerreiro. Sim, sim, imagine, Anastasia é o mais grandioso guerreiro das forças luminosas. Os nossos descendentes ainda virão a tomar consciência da importância e grandiosidade dela. A consciência humana, o intelecto e as emoções dos dizeres populares, das histórias e lendas não foram capazes sequer de imaginar a grandiosidade deste guerreiro. Por favor não se admire, Vladimir, não fique apoquentado, como costuma, em relação a Anastasia. Ela é um ser humano e uma mulher com tudo, absolutamente tudo o que é natural numa pessoa, com todas as fragilidades e qualidades femininas, com a predestinação maternal, mas ao mesmo tempo ela é também um grandioso guerreiro. Um momento! Eu vou tentar expressar-me de forma menos caótica. Tudo está contido numa concepção filosófica. Como vê, Vladimir, nas estantes do meu gabinete há muitos livros. São tratados filosóficos de pensadores de todos os tempos, de diferentes partes do mundo.

Nikolai Feodorovitch, apontando com a mão as prateleiras de livros, enumerava:

– Ali estão os antigos retóricos que falavam sobre o corpo vivo, animado, do cosmos. Ao lado está o que foi escrito sobre Sócrates, pois ele próprio não escreveu nada. Mais à direita estão Lucrécio, Plutarco, Marco Aurélio. Um pouco mais abaixo nas prateleiras, os cinco poemas de Nizami Guiandzhevi[1]. Mais à frente Arani[2], Descartes, Franklin, Kant, Laplace[3], Hegel e Stendhal[4]. Todos tentaram conhecer a essência das coisas e alcançar as leis do Universo. Durant[5] disse sobre eles: «A história da filosofia é essencialmente uma descrição dos esforços de pessoas grandiosas para evitar a desintegração social por via da criação de sanções morais, que substituem as sanções sobrenaturais que eles próprios destruíram.»[6]

Os grandes pensadores, cada um pelo seu caminho, tentaram aproximar-se da ideia de Absoluto. A partir dos seus conceitos filosóficos surgiram correntes filosóficas, parecidas com religiões e depois pereceram. No final de contas, tendo corrigido as tentativas acanhadas de oposição, apareceu como predominante na nossa vida, se quisermos dizer de forma suave, a ideia de submissão ao Intelecto Superior. Não importa onde se encontra ele, na imensidão

1 *Nizami Guiandzhevi* (1141-1209) – um dos mais célebres poetas históricos Persas da região do Azerbeijão. Era um erudito não apenas na literatura árabe e persa, mas também numa variedade de disciplinas académicas, incluindo matemática, astronomia, medicina, lei Islâmica e teologia, história, filosofia, bem como em música e artes visuais.

2 *Dr. Taghi Arani* (1904-1940) – intelectual marxista iraniano, que foi preso e torturado por causa da sua simpatia pelo comunismo.

3 *Pierre-Simon Laplace* (1749-1827) – matemático e astrónomo francês que utilizou a matemática para estudar a origem e estabilidade do Sistema Solar e que contribuiu para o início da teoria da probabilidade.

4 *Stendhal* (nome real: Marie-Henri Beyle, 1783-1842) – Escritor francês realista conhecido pela sua análise detalhada da 'maquilhagem' psicológica dos seus personagens.

5 *William (Will) James Durant* (1885-1981) – filósofo americano, historiador e escritor, de herança franco-canadiana. Duas das suas obras mais conhecidas são o épico em 11 volumes *A História da Civilização* (1935-1975) e *A História da Filosofia* 1962).

6 Will Durant, *A Filosofia e o Problema Social*.

sem fim do Universo ou se está localizado na essência de uma alma humana individual. O que importa é a predominância da ideia de submissão, de adoração, sobre todas as outras. Depois seguem-se as particularidades: a submissão a um mestre, a um mentor, a um ritual. Também nestas prateleiras se encontram as profecias de Nostradamus. Todas juntas, elas formam uma concepção filosófica: o ser humano é perecível, o ser humano é limitado e insignificante e ainda tem muito que aprender. Essa concepção, precisamente essa ideia, é que destorce e aniquila a alma humana. Um adepto dessa concepção não pode ser feliz. Nenhuma pessoa sobre a Terra pode ser feliz enquanto tal concepção predominar na consciência humana.

Ela pesa sobre o filósofo e também sobre o ser humano que nunca tenha tocado os tratados filosóficos. Ela pesa sobre um bebé recém-nascido e sobre um velhinho. Ela pesa até sobre um feto no ventre da mãe. Hoje vivem muitos adeptos dessa concepção. Eles existiram em diferentes épocas e também hoje os seus seguidores incutem à sociedade humana a mortalidade e insignificância da essência humana. Mas não! Estão a chegar outros tempos! As palavras de Deus que Anastasia transmitiu foram para mim como uma faísca luminosa. Você anotou-as, Vladimir, eu recordo-me delas. Quando Adão perguntou a Deus:

«Onde fica o limite do Universo? Que farei eu quando chegar a ele? Quando preencher tudo comigo e tiver co-criado o que pensei?»[7]

E Deus respondeu ao seu filho, respondeu para todos nós:

«Meu filho, o Universo consiste em pensamento, do pensamento nasceu a aspiração, ela é parcialmente visível na matéria. Quando

[7] Livro 4, «Co-Criação», cap. 8.

tu chegares ao limite de tudo, o teu pensamento abrirá um novo começo e continuação. Do nada, surgirá um novo maravilhoso nascimento, reflectindo-te a ti, as tuas aspirações, a tua alma e o teu sonho. Meu filho, tu és infinito, és eterno, em ti estão contidos os teus sonhos criadores.»

A mais grandiosa resposta, esclarecedora de tudo, abarcadora de toda a filosofia, tão precisa e lacónica. Ela eleva-se sobre todas as determinações filosóficas juntas. Pode ver, Vladimir, uma grande quantidade de livros nas estantes da minha biblioteca, mas não há aqui o livro principal, que vale muito mais que todos os tratados filosóficos alguma vez impressos. Esse livro foi visto por muitos, mas nem todos tiveram o privilégio de o ler. A linguagem desse livro não se pode estudar, mas pode sentir-se.

– Que linguagem é essa?

– A linguagem de Deus, Vladimir. Eu relembro-o de como falou sobre ela Anastasia: «Há tantas palavras com diferentes significados entre os povos da Terra. Há tantas línguas e dialectos diferentes. E existe também uma língua única para todos. A língua dos apelos Divinos, que é única para todos. Ela é tecida do farfalhar da folhagem, do cantar dos pássaros e das ondas. A língua Divina tem cheiros e cores. Nessa língua, Deus responde em oração ao pedido e às orações de cada um.»[8] Anastasia sente e compreende essa língua, mas e nós?.. Como é que nós pudemos não lhe prestar atenção durante séculos? A lógica! A lógica de ferro diz que se Deus criou a Terra, a natureza viva que nos circunda, então as ervinhas, as árvores, as nuvens, a água e as estrelas não são senão o Seu pensamento materializado.

[8] Citado do Livro 4, «Co-Criação», cap. 11.

Mas nós não apenas as ignoramos, nós pisamo-las, quebramo-las, desfiguramo-las, enquanto falamos sobre a fé. Que fé? Quem é que adoramos, afinal de contas? «De entre os muitos governantes terrenos, não importa que templos e igrejas tenham erigido, os descendentes irão relembrar apenas aqueles cujo lixo tiveram que receber. A água serve de critério para tudo, mas cada dia a água se torna mais suja»[9], – assim disse Anastasia. Assim poderia falar apenas o maior dos filósofos e vale a pena que todos pensemos sobre isso. Pense, Vladimir, qualquer construção, mesmo que seja de culto, é perecível, assim como a própria religião. As religiões vêm e vão, vão-se com as suas igrejas e filosofias. A água existe desde a criação do mundo, assim como nós. Nós também somos constituídos maioritariamente por água.

– Nikolai Feodorovitch, e porque é que acha que as definições de Anastasia são as mais correctas?

– Porque elas foram retiradas do livro principal. E a lógica, Vladimir, é a lógica filosófica. Há uma frase anterior quando ela fala em nome de Deus, na qual Ele responde à pergunta de todas as essências universais: «O que desejas Tu tão ardentemente?», da seguinte maneira: «A co-criação conjunta e alegria para todos da sua contemplação.»[10]

Uma curta frase! Apenas algumas palavras! Em poucas palavras expressam-se as aspirações e os desejos de Deus. Nenhum dos grandes filósofos foi capaz de dar uma definição mais precisa e correcta. «É preciso determinar a realidade connosco próprios», – disse Anastasia. E então que cada pai que ame os seus filhos determine se não é a isso mesmo que ele próprio aspira. Qual de nós, filhos e

[9] Citado do Livro 3, «Espaço de Amor», cap 24.
[10] Citado do Livro 4, «Co-Criação», cap. 2.

filhas de Deus, não gostaria de criar juntamente com os seus filhos e alegrar-se com a contemplação das obras?

Nas definições filosóficas de Anastasia estão contidas forças e sabedoria grandiosas. Elas comportam o destino da humanidade! Elas são eficientes. A elas tentam opor-se as hostes que profetizam as trevas. Essas ainda se irão revelar, e não apenas de forma semelhante aos palavrões enviados para Anastasia. Elas irão revelar-se de diferentes formas. Muitos pregadores mirrados, tendo reunido em seu redor uma multidão de seguidores, irão anunciar a suposta verdade às pessoas que tenham preguiça de raciocinar independentemente.

Anastasia disse anteriormente sobre eles: «Eh, vocês, que se auto denominam mestres das almas humanas, apazigúem já o vosso ardor, e que todos fiquem a saber: o Criador dá tudo a cada um desde o início, a verdade está na alma de cada um desde o princípio. Apenas há que não tapar as grandiosas obras do Criador com as trevas dos postulados e intuitos egoístas.»[11] E eles lançar-se-ão sobre Anastasia. Porque Anastasia queima os conceitos deles. Adia com a sua filosofia a ideia de fim do mundo. E é esta a nossa realidade de hoje, nós somos testemunhas e participantes das mais maravilhosas realizações... Estamos no limiar de um novo milénio, damos o passo para uma nova realidade. Nós já estamos a viver essa realidade.

– Espere, Nikolai Feodorovitch. Eu não percebi o que disse sobre a realidade e sobre as acções. Mesmo que um filósofo ou outra pessoa tenham dito alguma coisa e Anastasia também diga coisas, o que têm a ver com isso a realidade e as acções? São apenas palavras. Os filósofos falam e a vida discorre, por sua vez.

[11] Citado, com algumas variações, do Livro 3, «Espaço de Amor», cap 24.

– A vida de qualquer sociedade humana sempre se construiu e também hoje se constrói sob a influência de ideias filosóficas. A filosofia dos judeus tem um modo de vida, a dos cristãos, outro. Hitler tinha a sua filosofia e nós durante o período soviético tínhamos a nossa. A revolução não é mais do que a substituição de uma ideia filosófica por outra. Mas tudo isso são apenas particularidades de dimensão local. Aquilo que Anastasia já co-criou é global. Influenciará toda a sociedade humana na totalidade e cada um dos seus elementos em particular. Ela disse: «Transportarei a humanidade através do lapso de tempo das forças obscuras.»[12] Ela fê-lo, Vladimir. Ela colocou uma ponte para cada um sobre o precipício, e cada um é livre de escolher se caminhará sobre ela ou não.

Eu sou um filósofo, Vladimir, eu agora vejo-o bem e para além disso, sinto-o. No limiar do novo milénio a ideia dela acendeu-se como um relâmpago brilhante. E cada um age a cada hora com os seus procedimentos, de qualquer das formas, dependentemente das suas convicções filosóficas. Se as convicções filosóficas mudam, também as acções mudam. Por exemplo eu, ficava sentado no meu gabinete, lia inúmeros tratados filosóficos e tinha pena de toda a humanidade que se dirigia desesperadamente para a morte. Pensava sobre onde me enterrariam, se os meus filhos viriam com os meus netos ao enterro, ou se seria demasiado esforço para os meus netos virem pelo avô. Tinha pena de toda a humanidade e pensava na minha morte. Depois surgiu Anastasia, com um conceito filosófico completamente diferente, e os meus procedimentos são diferentes.

– Que procedimentos seus são diferentes, por exemplo?

– Que procedimentos... olhe, eu agora levanto-me e começo a agir, graças ao novo conceito filosófico.

[12] Livro I «*Anastasia*», cap. 27.

Nikolai Feodorovitch apoiou-se com as mãos sobre a mesa e, segurando-se ora ao cadeirão, ora ao armário, conseguiu aproximar-se sobre as suas pernas com dificuldade de uma das estantes com livros. Olhou os títulos nas lombadas dos livros, depois tirou um valiosamente encadernado e dirigiu-se para a lareira, apoiando-se nos diferentes móveis do gabinete. Alcançou a lareira e, lançando nas suas chamas o livro que retirara da estante, anunciou:

– Eram as profecias de Nostradamus sobre todo o tipo de cataclismos e o fim do mundo. Recorda-se, Vladimir, das palavras de Anastasia? Deve recordar-se. Até eu as decorei: «Não predisseste tu, Nostradamus, as datas de horríveis cataclismos na Terra? Tu criaste-as com o teu pensamento e ligaste o pensamento humano para a sua materialização. E ainda agora elas pairam sobre a Terra, assustando as pessoas com desespero».[13] Apenas o mais grandioso filósofo poderia falar assim, compreendendo que as predições não são mais do que a modelação do futuro. Quanto mais convencerem as pessoas do fim global, maior será a quantidade de pensamentos humanos que o começarão a modelar, e assim ele acontecerá.

Isso pode acontecer, porque o pensamento humano é matéria e cria a matéria. Há seitas inteiras que, acreditando no fim, se imolam pelas chamas em diferentes lugares do mundo, enquanto que vivem os que acreditam no futuro. E ela, atravessando-se no caminho do desespero, anuncia, eliminando o pensamento sobre o fim do mundo: «Mas esse pensamento já não se materializará, que o teu pensamento lute contra o meu. Eu sou um Ser Humano. Eu sou Anastasia. E sou mais forte que tu.» E diz ainda: «Ó todo o

[13] Esta e as seguintes citações encontram-se, com algumas modificações, no Livro 3, «*Espaço de Amor*», cap 24.

mal da Terra, larga os teus afazeres, lança-te para mim. Tenta lutar comigo». E ainda: «Queimarei com o raio, num só instante, as trevas dos postulados seculares». Ela saiu sozinha para a luta com as hostes inumeráveis. Saiu contra os milhões que modelam a morte de toda a humanidade. Sem no entanto querer envolver-nos no combate. Apenas quer que sejamos felizes, por isso fala através da sua prece dirigida a Deus:

Os séculos vindouros viverão no Teu sonho.
Que assim seja! Eu assim quero! Eu sou Tua filha,
Meu Pai, que existes em toda a parte.[14]

E ela conseguirá o que quer. A sua filosofia é extraordinariamente forte. Os séculos vindouros viverão no sonho Divino, nos maravilhosos jardins paradisíacos. Mas ela não distrairá ninguém com a memória de si própria. Não erigirão monumentos em sua homenagem nem se recordarão dela quando ficar claro para todos onde está a verdade humana. As pessoas estarão deleitadas com o estado Divino, não a lembrar-se dela. Mas as flores florescerão nos muitos jardins, e por entre elas uma maravilhosa flor de nome «Anastasia».

Eu sou velho, mas eu quero ser mesmo hoje um soldado da frente dela. Você diz, Vladimir, que a filosofia são apenas palavras. Mas estas palavras, pronunciadas algures longe na taiga, foram recebidas com entusiasmo pelo meu coração, e aqui tem à sua frente as acções concretas e materiais. Não é a humanidade que arde no fogo, são as profecias sobre o fim do mundo que vão arder. Por isso se agitaram e se puseram em pé de guerra os anunciantes do fim. Agitaram-se aqueles que construíam sobre isso a sua filosofia e que chantageavam as pessoas com o supostamente inevitável final.

[14] Citado do Livro 4, «Co-Criação», cap. 11.

– E por acaso ninguém antes se tinha pronunciado contra o fim do mundo?

– Houve tentativas fracas, e por isso insignificantes. Não lhes prestaram atenção. Ainda ninguém tinha falado assim como ela. Os corações humanos nunca tomaram com tanta prontidão e alegria as palavras de ninguém. E nunca nenhum conceito filosófico atraiu assim tanto as pessoas. Mas o dela atrai. Vence as trevas dos postulados seculares.

Por enquanto, não podemos compreender como ela o consegue. Existe um ritmo diferente nas suas palavras e uma lógica grandiosa, e talvez algo mais ainda. Talvez... Sim! Sem dúvida! Esta frase dela: «...O Criador brilhou com uma qualquer energia nova, que falava de novo sobre aquilo que vemos todos os dias...»[15] Sem dúvida que surgiu uma nova energia no Universo, e cada vez mais pessoas do nosso tempo começam a ser detentoras dela. O facto é que são necessários séculos ou até milénios para a propagação de um conceito filosófico significante. Mas as palavras dela são tão fortes, que estas mesmas mãos – ele levantou uma mão, olhou para ela e acrescentou: – até as minhas velhas mãos materializam as palavras dela. E a ideia de fim do mundo arde nas chamas. E a vida continuará. Estas mesmas mãos ainda conseguem contribuir para a continuação da vida. As mãos de um soldado raso de Anastasia.

Nikolai Feodorovitch, segurando-se aos móveis, aproximou-se da mesa e pegou numa garrafa de cristal com água. Apoiando-se com uma mão na parede, dirigiu-se com dificuldade, devagar, mas alcançou a janela na qual se encontrava um bonito vaso. Da terra que estava dentro do vaso crescia um rebento verde muito pequenino.

[15] Citado do Livro 4, «Co-Criação», cap. 13.

– Ora, cá está ele, finalmente, o meu cedrozinho. E agora as minhas mãos regá-lo-ão, dar-lhe-ão de beber, materializando as palavras que o meu coração acolheu.

Nikolai Feodorovitch encostou-se de lado ao parapeito, pegou com as duas mãos na garrafa de cristal com água e pronunciou: «Não está fria para ti, a água?». Depois pensou um pouco, encheu a boca com água, deixou-a ficar um bocadinho dentro da boca e, apoiando-se com as mãos no parapeito, deixou jorrar num pequeno fiozinho a água da sua boca para a terra, junto ao rebentinho verde. Galina encontrava-se no gabinete durante a nossa conversa. Ela inventava sempre alguma tarefa para estar no gabinete. Ora trazia chá, ora se punha a limpar o pó, murmurando sempre de si para si alguma coisa ao mesmo tempo, comentando o que ouvia e via. Estas últimas acções de Nikolai Feodorovitch foram comentadas mais alto:

– Mas do que se foi lembrar? Credo! È de admirar. O que foi inventar na velhice. Nã quer andar na cadeira de rodas, mói as pernas velhinhas, assim a obrigá-las a andar. E porque é que não há-de *'tar* satisfeito? Está quentinho e sem fome dentro de casa, mas não lhe chega não, acha sempre *qué* pouco.

Eu lembrei-me de como Galina me pedira, preocupada com a saúde de Nikolai Feodorovitch, que eu o prevenisse, mas eu agora já não percebia de quê, e perguntei:

– O que é que tem em mente, Nikolai Feodorovitch?

Ele, preocupado mas decididamente, proferiu:

– Eu tenho um grande pedido a fazer-lhe, Vladimir. Mas peço-lhe por favor que respeite este velhote.

– Diga, se eu puder cumprirei o seu pedido.

– Eu ouvi dizer que estão a pensar reunir as pessoas com vontade de começar a construção de uma aldeia ecológica. Querem conseguir para cada uma delas um hectare de terra para a organização da herdade familiar.

– Sim, há esse plano. Os requerimentos já foram escritos em nome da Fundação e enviados para as administrações de algumas regiões. Mas por enquanto a questão da atribuição de terra ainda não está resolvida. Cedem pequenos lotes para algumas famílias, mas é preciso que seja logo para um mínimo de 150, de outro modo não é possível construir a infra-estrutura.

– A terra será atribuída, Vladimir. Atribui-la-ão de certeza.

– Seria bom. E o seu pedido, em que consiste?

– Quando começarem a atribuir a terra para as herdades familiares, e de certeza que a irão atribuir em cada região da Rússia, eu peço-vos, Vladimir, não desprezem este velhote. Recebam-me na comunidade dessas pessoas. Eu quero cultivar o meu pedacinho de terra antes de morrer.

Nikolai Feodorovitch emocionou-se e começou a falar calorosa e rapidamente:

– Cultivá-la para mim. Para os meus filhos e netos. Aqui está o cedrozinho que semeei no vaso, para plantar o rebentinho com as minhas mãos no meu pedaço de Terra Natal. Eu não serei um peso para as pessoas. Vou cultivar tudo sozinho no meu hectare. Farei o jardim, plantarei a sebe viva. Conseguirei ajudar os meus vizinhos. Eu tenho poupanças, continuo a receber honorários de artigos que publiquei até hoje. E os meus filhos... lá ajuda material, eles nunca negam. Eu construirei uma pequena casa e financiarei as construções dos meus vizinhos.

– Mas que coisa esta, – começou a falar ainda mais alto que antes Galina, – *este* pessoa não pensa, como é que se pode cultivar, quando as pernas não andam? E ainda quer ajudar os vizinhos. *Oi*, se as pessoas ouvissem... O que é que iriam pensar? Os filhotes *construéram-lhe* uma casa destas, de viver e ficar alegre, de agradecer aos filhos e a Deus. Mas *nã'* lhe chega. Tinha que se lembrar de uma coisa destas na velhice. O que é que as pessoas podem pensar de *um* pessoa assim?

Nikolai Feodorovitch ouvia as palavras de Galina, mas não lhes prestava atenção, ou fingia que não prestava, e continuava:

– Eu entendo, Vladimir, que a minha decisão pode ser tomada por um excesso de emoção, mas não é assim. A minha decisão é fruto de longas reflexões. Apenas exteriormente pode a minha vida parecer maravilhosa: uma moradia com todo o conforto, como um palácio, uma empregada doméstica, os meus filhos estão em posições favoráveis na sociedade... mas na realidade eu estava morto até conhecer Anastasia. Sim, Vladimir, é assim mesmo. Imagine que já é o quinto ano que eu vivo aqui. Passo o tempo principalmente no meu gabinete. Ninguém precisa de mim, não posso influenciar absolutamente nada. E os meus filhos esperam o mesmo destino, e também os meus netos. O destino de sentir a própria morte ainda em vida.

Uma pessoa, Vladimir, é considerada como morta quando deixa de respirar, mas isso não é assim. Uma pessoa morre assim que passa a não ser necessária para ninguém e quando já nada depende dela.

Em redor da minha moradia os vizinhos têm casinhas mais modestas, mas eu não tenho amigos entre eles. E os meus filhos até pediram que o meu apelido não fosse pronunciado sequer perante os

vizinhos. Muitos invejosos têm interesse em saber a quem pertence esta moradia, parecida com um palácio. Se souberem de quem é, começarão a injuriar na imprensa: «com que recursos foi ela construída?» E não será possível provar que foi com o esforço próprio. E eu fico aqui sentado, como na prisão, como morto. Sentado no meu gabinete sem sequer subir ao segundo andar, não há nenhuma razão para lá ir. Tenho muitos dos meus trabalhos sobre temas filosóficos publicados, mas após conhecer Anastasia... Eu agora dir-lhe-ei, Vladimir, e não tome o que eu vou dizer como fruto da imaginação de um velho, eu comprovarei a veracidade da seguinte conclusão. Compreende, Vladimir, o juízo Divino está a cumprir-se agora mesmo, no instante presente.

– Juízo? Mas onde e como acontece ele? Porque é que ninguém sabe nada sobre isso?

– Compreende, Vladimir, nós imaginámos durante muito tempo esse juízo como o advento de um ser ameaçador das alturas com um séquito temível. E esse ser das alturas diria a cada pessoa no que é que tinha sido justa e no que não tinha sido justa. Depois, esse ser das alturas determinaria a forma de castigo, enviando o julgado para o inferno ou para o paraíso. Nós imaginámos o juízo Divino desta forma primitiva. Mas Deus não é primitivo. Ele não pode julgar assim. Ele deu ao ser humano a liberdade eterna, e qualquer julgamento é uma violação da individualidade, é a privação da liberdade.

– Mas então porque é que disse que neste momento está a acontecer o julgamento Divino? – E repito o que disse. O julgamento divino dá-se no momento presente. Está à disposição de cada um julgar-se a si próprio. Eu percebi o que co-criou Anastasia. A filosofia dela, a sua força e lógica estão a acelerar os processos. Imagine, Vladimir, que muitos acreditarão nela e realizarão a

ideia das maravilhosas herdades Divinas. Eles, os que acreditarem, encontrar-se-ão no jardim do paraíso. Outros não acreditarão e ficarão ali, onde se encontram hoje. Tudo no mundo é relativo.

Por enquanto, não imaginamos como possível a comparação da nossa vida com outra, por isso pensamos que a nossa vida é suportável. Mas quando a outra estiver ao nosso lado, quando os que não acreditam entenderem, então ver-se-ão no inferno. Alguns consideram-se felizes apenas porque não sabem o quão infelizes são. Agora mesmo, está a dar-se um julgamento Divino estranho para a nossa compreensão. Esta não é a minha descoberta apenas. Uma psicóloga de Novosibirsk que fez estudos sobre a reacção de diferentes grupos da população às afirmações de Anastasia, disse praticamente a mesma coisa. Nós não nos conhecemos, eu li as conclusões dela numa publicação, e elas são parecidas com as minhas.

Há pessoas em diferentes cidades que sentem e compreendem a grandiosidade do que está a acontecer. O professor Eriomkin, cujos artigos estão publicados na Compilação Popular[16], também fala com fabulosos versos sobre o fenómeno de Anastasia. Eu relembro-o, Vladimir, desses versos dedicados a Anastasia:

Eu vi em ti um Ser Humano,
Do fim de outra era, quiçá,
Onde nos meus netitos, por entre as deusas,
A tua materialização brilhará.

Eu aprendi estes maravilhosos versos de cor. Eu quero que também os meus netinhos vivam por entre as deusas e por isso

[16] *'Compilação Popular'* – referência ao volume de 554 páginas de poesia de leitores, arte e cartas, publicado na Rússia sob o título «*V luche Anastasii zvuchit dusha Rossii: Narodnaia Kniga*» («A alma da Rússia soa no raio de Anastasia, Compilação Popular»).

quero providenciar-lhes essa possibilidade, começando a cultivar para eles o pedacinho de terra natal maravilhosa. Comprar terra, e não apenas um hectare, para mim não constitui um problema, mas quem viverá em redor tem muita importância. Por isso é que eu quero cultivar a terra num círculo de pessoas unidas por pensamentos semelhantes. Cultivar para os meus netos. Algum deles quererá por certo viver lá. E também os meus filhos vão querer vir descansar da azáfama no maravilhoso jardim do pai. Hoje em dia eles vêm visitar-me muito raramente. Mas ao jardim cultivado por mim, virão. Eu pedirei que me enterrem nesse jardim. Os meus filhos virão...

Eu estou a falar dos meus netos e dos meus filhos mas, antes de tudo, eu preciso de criar o que é inerente à essência humana... Compreende, Vladimir... Eu de repente fiquei com vontade de viver, de agir. Eu vou conseguir. Eu colocar-me-ei na fileira como um soldado raso por Anastasia.

– Mas *tamém* pode viver aqui. Porque é que *nã'* pode viver aqui sossegado? – pronunciou Galina.

Desta vez Nikolai Feodorovitch decidiu responder às palavras dela. Ele virou-se e disse, dirigindo-se a ela:

– Eu compreendo a sua preocupação, Galina Nikiforovna. Você tem medo de perder o trabalho e o tecto. Não se preocupe, por favor, eu ajudo-a a construir uma pequena casa na vizinhança, terá a sua casinha e a sua terra. Casará, encontrará o seu noivo.

Galina, endireitando-se de repente em toda a sua altura, atirou para cima da mesa o trapo branco com o qual fingira durante toda a conversa que limpava o pó, pôs as mãos nas largas ancas, querendo dizer alguma coisa, mas não conseguiu, foi como se não tivesse fôlego de tanta indignação, depois recompôs as forças e disse baixinho:

– Mas pode ser que eu *nã'* tenha vontade de viver com um *v'zinho* assim... E a casa eu posso construir sozinha, quando receber a terra. Ainda *quand'* era nova ajudei o *mê* pai a construir com madeira. E juntei um *becadinho* de dinheiro. E *nã'* me vai bem na alma o trabalho aqui. Para quem é que eu ando a limpar os andares todos da casa? *Nã há* lá ninguém, e eu ando feita tonta a limpar. Não quero viver na *v'zinhança*, quando os *v'zinhos* são tolos...

Galina de repente virou-se e entrou rapidamente para o seu quarto. Em breve a porta do seu quarto abriu-se de par em par. Galina segurava nas mãos dois vasinhos nos quais se viam rebentinhos de cedro iguais aos que se encontravam no bonito vaso de Nikolai Feodorovitch. Aproximou-se da janela e colocou os seus vasinhos ao lado do outro sobre o parapeito. Depois voltou ao seu quarto e trouxe uma grande cesta repleta de trouxinhas de trapo. Colocou a cesta aos pés de Nikolai Feodorovitch e disse:

– Isto são sementes. São verdadeiras, porque eu apanhei-as durante todo o Outono e o Verão na floresta. São de várias ervinhas curativas diferentes. Aquelas que plantam nos campos para vender nas farmácias *nã'* têm tanta força como estas. Espalhe-as com a sua mão na sua terra, elas aumentarão a sua saúde e a sua força. E quando crescerem, é para beber uma infusão no Inverno. E o cedrinho ia ficar aborrecido sozinho, *p'ra nã'* ficar sozinho, 'tão ali amigos e irmãos para ele, – apontou Galina para a janela, onde agora se encontravam já três vasinhos com rebentos, e dirigiu-se lentamente para a saída, lançando ao andar: – Adeusinho, filósofos. Se calhar sabem a filosofia da morte. Mas ainda têm que aprender a filosofia da vida.

Era visível que algo tinha ofendido Galina e ela estava a ir-se embora para sempre. Nikolai Feodorovitch deu um passo atrás dela

e desequilibrou-se por ter dado esse passo sem se apoiar em nada. Balanceando, tentou segurar-se às costas de uma cadeira, mas a cadeira caiu. Nikolai Feodorovitch tombou, abrindo os braços. Eu saltei para o segurar, mas tarde demais. Galina, que já estava à porta do gabinete, virou-se rapidamente ao ouvir o barulho da cadeira a cair, viu Nikolai Feodorovitch a balançar e, veloz como um raio, encontrou-se perto dele. Ela foi a tempo de abraçar com os seus fortes braços o velhote que já, sem forças nas pernas, perdia o equilíbrio, e segurou-o de encontro ao seu peito exuberante. Depois baixou um braço, pegou em Nikolai Feodorovitch pelas pernas e levou-o ao colo, como um bebé, para a cadeira de rodas. Sentou-o, pegou numa manta e começou a aconchegar as suas pernas, dizendo ao mesmo tempo:

– Ai, mas que soldado tão fraquinho tem a Anastasia. Nem chega a soldado, é um pré-recruta ainda.

Nikolai Feodorovitch colocou a sua mão sobre a mão de Galina e, olhando atentamente para a mulher amuada sentada aos seus pés, disse passando de repente a tratá-la por «tu»:

– Perdoa-me, Gália. Eu pensei que estavas a fazer troça das minhas aspirações, mas tu...

– Eu é que faço troça? Mas eu *'tou* louquinha ou quê? – disse depressa Galina. – Eu todas as noites penso pensamentos do coração. De como vou semear as ervas, curativas de verdade, e penso como darei de beber ao meu querido 'falcão', como ele vai ficar forte *ótravez*. Como vou fazer sopa verdadeira de ervas frescas sem cheiro a *químecos*. Como vou dar a beber leite fresco, *nã' homogenézado*. E quando o meu 'falcão' ficar direitinho pode ser que lhe dê um filho. E eu *nã'* estava nada a rir. Disse assim só *p'a* ver se a decisão era forte, se não ia mudar de ideias a meio caminho.

– É forte, Galina, não é para mudar de ideias.

– Então se é assim, se é assim, não me mandes embora para ser *v'zinha*. Não me destines a outro noivo.

– Eu não te mandei embora, Galina. Mas não supus que concordarias em estar ao meu lado não apenas nesta moradia confortável. Eu estou feliz pela tua vontade, Gália. Agradeço-te muito por ela. Eu não supus...

– O *qué* que há aqui *p'ra* não supor? Qual moça vai olhar para outro lado ao estar com um soldado determinado assim? Eu li e li sobre Anastasia... *Demorê* muito, sílaba a sílaba, mas percebi logo. Agora todas as moças têm que ficar assim *comá* Anastasia. E decidi ser um *becadinho* Anastasia *p'ra* ti. Ela ainda *nã'* tem soldados que cheguem, só pré-recrutas fraquinhos. Nós, as moças, vamos ajudar a eles ficarem fortes.

– Obrigado, Galina. Quer dizer que você, Galina Nikiforovna, leu e reflectiu aos serões...

– Li. Li todos os livros sobre Anastasia e pensei nos serões. Mas já *n'é p'eciso* chamar-me com *cerimóna*. Já queria pedir há muito tempo. Eu gosto mais de Gália.

– Está bem, Gália, como disse de forma tão interessante quando estava zangada, sim, que interessante: «Vocês conhecem a filosofia da morte, mas ainda terão que aprender a filosofia da vida». Que ampla definição das duas linhas filosóficas. Uma definição muito precisa: filosofia da morte, filosofia da vida. Impressionante! Anastasia é a filosofia da vida. Sim! Claro que é assim, impressionante!

Nikolai Feodorovitch, afagando emocionada e carinhosamente a mão de Galina, acrescentou: Você é um filósofo, Galina, eu não supus.

Depois disse dirigindo-se a mim:

– Sem dúvida, ainda teremos que compreender do ponto de vista da filosofia e com a ajuda de definições esotéricas. Eu tento avaliar Anastasia como um ser humano, um ser humano como deveríamos todos ser. Mas algumas das suas capacidades inexplicáveis atrapalham a nossa aceitação total dela como um ser humano semelhante a nós.

Você, Vladimir, descreveu uma situação em que ela salvou à distância pessoas de torturas. Ela salvou-as, mas ela própria, lembra-se, perdeu os sentidos, ficou pálida e em redor dela a erva embranqueceu. Que mecanismo é esse, porque é que ela própria e a erva em seu redor embranqueceram? Eu não encontrei nada semelhante em nenhum lugar, embora tenha tentado falar com esotéricos. Nem os filósofos, nem os físicos, nem os esotéricos conhecem tal fenómeno.

– *Comé* que *nã'* conhecem? – entrou na conversa Galina que estava sentada no chão aos pés do professor filósofo, – porque é que *hã'*-de estar a pensar, quando o que têm que fazer é esfregar os olhos.

– Quem tem que esfregar, Gália? Você tem a sua opinião também sobre esse fenómeno? – perguntou Nikolai Feodorovitch admirado, dirigindo-se a Galina.

E ela anunciou prontamente:

– Mas é claro como o dia. Quando alguém é atacado por impurezas ou recebe uma notícia má ou uma ameaça, ou se zangam com *esse* pessoa com palavras feias, a pessoa fica branca. Fica branca quando não devolve essa maldade, mas a queima dentro de si, fica *prióc̈upada*, e queima dentro de si, e fica pálida, há muitos exemplos assim na vida. Anastasia queima essas impurezas dentro dela e

a erva fica mais branca porque tenta ajudar, e eu acho que é preciso tirar essas sujidades dos olhos.

– Mas que coisa, realmente é verdade! Muitas pessoas ficam pálidas, – disse admirado Nikolai Feodorovitch, olhando atentamente para Galina, e acrescentou: – realmente uma pessoa empalidece quando não reflecte a maldade, mas tenta extingui-la dentro de si. Então quer dizer que a queima dentro de si! Realmente é verdade! Como tudo é tão simples, afinal. Anastasia queima dentro de si a energia de agressividade que foi dirigida a ela. Se a reflectisse, ela não diminuiria no espaço, iria para outra pessoa. Anastasia não quer que vá para outro. E muita será dirigida para ela. Muita da que foi acumulada através dos séculos e ainda hoje é produzida pelos seguidores da filosofia da morte. Quem será capaz de aguentar tal arremetida? Quem? Segura-te, Anastasia. Segura-te, grandioso soldado.

– E vai segurar-se. Nós vamos ajudar. Eu comecei a dar os livros no mercado e agora as mulheres que leram começaram a juntar-se num canto. Eu *tamém* lhes dei sementes de cedro. Elas semearam. E contei-lhes sobre as ervas curativas. Elas dizem: «temos que fazer alguma coisa. Claro que não vamos bater nos homens, como uma lá disse... Mas vamos pensar de quem ter filhos».

– Como assim, Galina? – admirou-se Nikolai Feodorovitch. – Já têm o vosso partidozinho?

– Nã'. Qual partido? Nós apenas ficamos num canto a conversar ali sobre a vida.

– E porque é que queriam bater nos homens? Com que argumentos?

– Como «com que argumentos»? O que é que eles querem? Vamos lá a dar-lhes filhos, mas não há ninho para os nossos passarinhos. Quando não podem fazer um ninho, porque é que pedem filhos? Qual mulher vai *'tar* contente com o homem, quando o filho

dela anda como uma alma penada? Já duas vezes veio ter connosco uma professora. A professora diz que eles têm um factor *pisíquico* que os atrapalha a acreditar em si próprios, ficam à espera de um crédito qualquer vindo de outro continente. Ela diz que é um sindroma. Falta de auto confiança. Esse sindroma inventa diferentes razões para não fazer o ninho.

E a professora ainda contou às moças que esse crédito é preciso dar de volta passado alguns anos. Pode ser passado vinte anos, podem ser trinta, eu não me lembro. Só me lembro que vai ser preciso dar mais um *becadinho* do que eles dão. Quer *d'zer*, os homens de hoje começaram a vender os seus filhos?

– Porque fazer tal comparação, Galina?

– Então, «porquê»? Os homens de hoje andam a brincar e pedem dinheiro emprestado. Mas quem é que vai ter que devolver o dinheiro? Os filhotes, que agora são pequeninos, é que vão ter que devolver esse crédito. E também os que ainda não nasceram. E ainda por cima os nossos pequenos vão ter que dar um *becadinho* mais do que o que eles deram. E quando as moças começaram a entender isso, começaram a ficar feras por causa dos seus filhotes. Tiveram vontade de dar no focinho dos homens. E eu pensei que não é preciso ficarmos à espera de nenhûma ajuda, está na hora de os ajudarmos, *coitaditos*.

Eu uma vez provei o chouriço estrangeiro e fiquei com o coração a chorar, e tive muita vontade de enviar um pedaço de toucinho ucraniano *ao* pessoa que fez o chouriço e também enviar chouriço caseiro. *Mê* Deus misericordioso. Os pessoas nesses países já não imaginam *comé* que um chouriço deve de ser. Não se pode receber créditos desses, esse dinheiro será uma porcaria, não traz *benefiços*, *só desparates*. Mas eu já disse que era só uma que queria dar porrada a todos os homens, as outras moças não concordaram.

E *p'a* quê concordar? Corríamos o risco de estragar o último *becadinho* de *intelgência*. E assim as moças contaram umas às outras como os homens fizeram as vidas delas uma desgraça. E eu digo que o meu já tomou juízo. Decidiu construir um ninho.

– O teu? Quem?

– Como assim, 'quem'? Eu falei a elas sobre ti. Como tu semeaste o cedrinho, como pediste para eu trazer uma tábua e uma régua grande. Aquela ali, no *seporte*, – Galina apontou para um estirador ao lado da secretária, – eu contei a elas que tu me perguntaste quais árvores era melhor plantar à volta do hectare, e desenhaste na mesa em folhas. Desenhaste a aldeia alegre, onde as pessoas bondosas vão viver. Não chegou espaço nas folhas, por isso pediste-me para trazer a tábua e a régua.

Quando eu disse às moças, nós fomos todas juntas escolher essa tábua. Escolhemos a maior e melhor, foi cara. As moças diziam: «Não te acanhes, Galina». Elas ajudaram-me, mas os olhos delas estavam cheios de *inveija*. As megeras têm *inveija*, porque o meu filhote vai nascer num lindo jardim, na terra natal e no meio de gente boa. Eu não fico zangada com elas pelos olhos *invjósos*, quero felicidade para todas. Elas compraram-me uma máquina *fetográfica* em segunda mão e pediram *p'ra* eu tirar fotografia do desenho. Eu peguei na máquina *fetográfica*, elas explicaram onde é preciso carregar no botão e onde é a janelinha para ver. Mas eu não me conseguir decidir a pedir-te *autrização* e não carreguei no botão.

– Fizeste bem, Galina, em não fotografar o projecto sem autorização. Quando o terminar, então pode ser que o publique como uma das possibilidades da futura aldeia.

– Mas tu ainda vais demorar até terminar, e as moças não têm paciência e querem olhar já hoje *p'ro* futuro alegre e lindo, com os olhinhos delas. O teu desenho na folha grande ficou bem bonito.

– Porque achas tu que ainda vou demorar a terminá-lo? Já está quase tudo pronto para publicar, tanto o desenho técnico como o colorido.

– Eu já disse que ficou um desenho bonito. Mas *nã'* se pode publicar *p'ros* pessoas fazerem assim, mas pode-se mostrar às moças, eu explico às moças com quem me encontro que o desenho não está lá muito certo.

Nikolai Feodorovitch aproximou-se rapidamente do estirador na sua cadeira de rodas e eu fui ter com ele. Ali estavam desenhados esquematicamente algumas herdades da futura aldeia. No desenho havia casas e jardins, uma sebe viva composta por diferentes árvores, e lagos... Em geral estava espectacular, tudo distribuído de forma bonita.

– Em que viste tu o erro ou imprecisão? – perguntou Nikolai Feodorovitch a Galina, que se aproximara.

– Não desenhaste o Sol no desenho. Se desenhasses o Sol, tinhas que desenhar a sombra. E quando desenhasses a sombra ias perceber que *nã'* se pode plantar árvores altas do lado em que nasce o Sol, porque vão fazer sombra para a horta. É preciso metê-las do outro lado.

– Sim? É possível... Podias ter-me dito antes. Mas por enquanto eu apenas fiz a disposição esquemática... E quer dizer que tu, Galina, queres dar à luz um bebé?

– E como não havia de querer? Continua a fazer ginástica. E assim que te puseres na tua terra, vais sair da tua catacumba. E eu vou-te dar de comer as coisas que crescem na tua terra, dou-te umas infusões curativas. E quando chegar a Primavera, vais ver tudo a reviver e a dar flor na tua terra. E vais sentir a tua forçazinha. E então eu dou à luz.

Galina sentou-se de novo sobre o tapete aos pés de Nikolai Feodorovitch, colocando as palmas das suas mãos sobre a mão que

estava no braço da cadeira do velho professor de filosofia. Embora já não fosse nada nova, Galina era forte, exuberante e enérgica, e naquele momento parecia carinhosa e bonita. A conversa deles tornava-se cada vez mais bondosa, era como se eles mergulhassem numa qualquer filosofia de vida, e eu estava ali como terceira pessoa a mais, sem saber o que fazer, por isso interrompi a conversa:

– Está na hora de me ir embora, Nikolai Feodorovitch. Senão ainda me atraso para o avião.

– Eu embrulho os pastéis num instante, – levantou-se Galina, – e doce para o caminho, trago já.

Nikolai Feodorovitch levantou-se lentamente da cadeira, apoiando-se com uma mão na mesa e estendendo a outra para se despedir. O aperto de mão dele já não era de um velhote.

– Cumprimentos a Anastasia da minha parte, Vladimir. E por favor, diga-lhe: a filosofia da vida irá de certeza vencer entre nós. Graças a ela.

– Eu digo.

CAPÍTULO 19

Quem controla as coincidências?

Desde que saiu a primeira tiragem do livro sobre Anastasia, apareceram muitos artigos de cientistas caracterizando o fenómeno «Anastasia». Em muitos deles falava-se sobre mim. Quando eu lia opiniões pouco lisonjeiras sobre mim, se chegavam a tirar-me dos eixos, era por pouco tempo. Ficava de coração agitado um dia ou dois, ou no máximo uma semana, mas depois esquecia. Mas daquela vez...

Um dos leitores, num encontro de leitores em Moscovo, entregou-me uma cassete de áudio. Ele disse que nela estava gravado um relatório apresentado numa conferência sobre ciências aplicadas, pelo director de um grupo de investigadores que se ocupam do estudo do fenómeno «Anastasia».

Passado alguns dias, escutei a gravação. O que ouvi foi incrível. A tomada de consciência do que ouvi não apenas me fez sair dos eixos, mas parecia que me aniquilaria para sempre. Aniquilou-me, antes de mais nada, perante mim próprio. Antes de ouvir aquela cassete, eu preparava-me para ir visitar Anastasia e o nosso filho à taiga, mas depois de ouvir a gravação já não fui para a Sibéria. Apresento aqui um pouco resumidamente aquilo que se dizia nessa cassete.

«Respeitados colegas, eu apresentar-vos-ei algumas conclusões feitas pelo grupo de cientistas que eu dirijo, com base numa investigação de mais de três anos de um fenómeno que denominámos de «Anastasia».

Na minha apresentação eu utilizarei o nome «Anastasia», não apenas o referir resumidamente, mas também porque o fenómeno que estamos a estudar se apresentou a si próprio sob este nome. Não ponho, contudo, de parte a possibilidade de vir a dar-lhe no futuro uma definição científica mais precisa e caracterizadora. Hoje é difícil fazê-lo, já que estou convencido de que tomámos contacto com «algo» que está para além dos limites das linhas científicas tradicionais e, talvez até, da ciência contemporânea em geral. Nós estabelecemos *a priori* três direcções de investigação: a) a veracidade dos acontecimentos descritos nos livros do autor V. Megre, b) os próprios livros de V. Megre e c) a reacção da sociedade aos livros de V. Megre.

Passado meio ano, ficou claro que a veracidade ou não veracidade dos acontecimentos descritos no livro não tem importância. A reacção arrebatadora da maior parte dos leitores que tomam contacto com os livros de V. Megre acontece independentemente do facto de os acontecimentos descritos serem reais. A reacção da sociedade é despertada por factores completamente diferentes no entanto, o tempo, os recursos e potencial intelectual que gastámos levou-nos a uma conclusão, a meu ver, interessante: a vontade de colocar em dúvida a existência de Anastasia, seja pela parte de indivíduos em particular (nomeadamente sociólogos) ou de grupos científicos, é, na realidade, um contributo ao fenómeno.

Foram precisamente os boatos sobre o tema «ela existe ou não existe?» que deram ao fenómeno a possibilidade de penetrar sem obstáculos em todas as camadas da sociedade actual. A negação da

existência de Anastasia neutraliza na prática as acções contrárias às intenções dela. No entanto, a reacção às afirmações de Anastasia que se dá na sociedade, testemunha a necessidade de investigar e determinar a sua importância, assim como as suas capacidades intelectuais.

No que diz respeito à veracidade dos acontecimentos descritos nos livros, pode constatar-se o seguinte:

Ao descrever o que acontece, o autor não apenas se apresenta com o seu próprio nome, como não poupa as pessoas que o rodeiam no momento em que descreve os acontecimentos. Ele não altera os seus apelidos verdadeiros, nem os lugares da acção nem a imparcialidade de algumas situações. Por exemplo, comprovou-se na totalidade o episódio descrito no primeiro livro no qual V. Megre, na presença do capitão do navio, *flirtava* durante uma das viagens de lazer com as meninas da aldeia que tinham subido a bordo[1]. Os membros da tripulação do navio confirmam o facto do aparecimento nesse mesmo serão de uma jovem mulher tranquila e silenciosa, envolta com um lenço. V. Megre mostrou o navio a essa mulher, depois afastou-se com ela. Pelo livro, nós sabemos que essa foi a primeira aparição da eremita siberiana Anastasia no navio principal de V. Megre, o primeiro encontro do empresário V. Megre com a eremita siberiana Anastasia e o primeiro diálogo entre eles.

A cronologia de muitos acontecimentos descritos no livro é comprovada por testemunhas e documentos. Para além disso, desenham-se situações ainda mais incríveis, omitidas por V. Megre de propósito ou por alguma outra razão. Merece especial atenção, por exemplo, o facto da estadia de V. Megre no hospital da cidade

[1] Livro 1, «*Anastasia*», Cap. 24

de Novosibirsk anotada na carta de historial médico, as suas análises, a doença prolongada e a repentina melhoria da sua saúde.

Nós descobrimos que a melhoria se deu imediatamente após os médicos terem aceite o óleo de cedro que uma mulher desconhecida tinha trazido ao hospital!

Não escondo que, entusiasmados com a procura de provas da veracidade dos acontecimentos descritos no livro e tendo a possibilidade de utilizar, entre outros, os serviços de criminalística, nós poderíamos comprovar ou desmentir muitas coisas. Mas fomos detidos pelo facto do aparecimento na nossa sociedade de uma reacção tempestuosa e fora do comum aos livros de V. Megre, mais precisamente, às declarações de Anastasia descritas neles. Para a maioria das pessoas, os detalhes sobre as relações íntimas de Megre eram pouco importantes, elas estavam interessadas era nos monólogos de Anastasia.

Já as primeiras investigações desta reacção, e ainda mais as manifestações actuais dela, mostram fidedignamente que «algo» (auto denominado de Anastasia) está a ter uma influência clara na sociedade actual.

A sua zona de influência continua a aumentar no dia de hoje. E nós temos que dar mais atenção, até às conclusões mais incríveis, tentando compreendê-las e estudá-las. O fenómeno «Anastasia», provavelmente, é detentor de uma força ou capacidades que a nossa consciência e inteligência não são capazes de compreender na totalidade.

No capítulo «Através da janela do tempo das forças obscuras», publicado no primeiro livro de V. Megre, o fenómeno prediz não apenas o aparecimento do livro, como também, através de quê ela se apodera dos intelectos, da consciência das pessoas. No seu monólogo, Anastasia afirma que ela reuniu as melhores combinações

de sons de diferentes eras que se encontram no Universo e que elas terão uma influência benéfica sobre as pessoas. Ela afirma que é uma acção simples: «Como vês, é simplesmente a tradução das combinações de símbolos das profundezas e imensidão do cosmos, com precisão de sentido, significado e intenção»[2].

Todos os membros da nossa equipa ficaram convencidos do mesmo facto: a presente afirmação é pura invenção. A nossa convicção foi baseada na seguinte conclusão (e na nossa opinião de que esta é lógica e incontestável): se no livro existe algum tipo de combinações fora do comum, então elas não podem influenciar os leitores, já que não existe um instrumento que as reproduza. Um livro não pode emitir som, e por conseguinte trazer até ao nosso ouvido o «som do Universo», supostamente reunido por Anastasia.

No entanto, mais tarde foi dada a seguinte resposta por Anastasia: «Sim, o livro não soa, ele serve como uma pauta de música. Aquele que o lê reproduz os sons involuntariamente dentro de si. Assim, as combinações escondidas no texto soam na sua alma na forma original e não distorcida. Elas transportam a Verdade e a cura. Um instrumento artificial não é capaz de reproduzir o que soa na alma»[3].

No seu terceiro livro, «Espaço de Amor», V. Megre apresenta este diálogo de Anastasia com cientistas, mas ele, por razões que desconhecemos, apresenta-o de forma reduzida. Se tivermos em conta que o próprio fenómeno participa no aparecimento do livro, então talvez seja ele mesmo que omite propositadamente a continuação da resposta de Anastasia aos cientistas. Para quê? Talvez para manter os incrédulos no seu estado de inacção? O facto é que

[2] Citado do Livro 1, «*Anastasia*», Cap. 27
[3] Citado do Livro 3, «*Espaço de Amor*», Cap. 4

as provas da afirmação incrível de Anastasia existem. Eu apresento aqui a continuação do diálogo de Anastasia com os cientistas. À afirmação do oponente sobre o facto de nunca ter sido captada em nenhum lado a fusão dentro do ser humano de quaisquer sons não inerentes aos órgãos da fala, soou a seguinte resposta de Anastasia:

– Já foi captada. E eu posso apresentar um exemplo.

– Mas esse exemplo deverá ser do conhecimento de muitas pessoas.

– Está bem. Ludwig van Beethoven.

– O que nos diz esse nome?

– «O Hino da Alegria» – assim se chamou a nona sinfonia de Ludwig van Beethoven. Ela foi escrita para orquestra sinfónica e um grande coro.

– Suponhamos, mas como pode isso confirmar a sua afirmação sobre o surgimento de sons dentro de um leitor? Esses sons não são ouvidos por ninguém.

– Os sons que surgem dentro de uma pessoa que lê um livro são audíveis apenas para quem o está a ler.

– Estás a ver?! Apenas para quem o está a ler. Por conseguinte, não existem provas. E o seu exemplo da sinfonia de Beethoven não é convincente.

– Ludwig van Beethoven, ao escrever a nona sinfonia «Hino da Alegria», estava surdo... – respondeu Anastasia.

A biografia de Beethoven confirmou este facto. Para além disso, o compositor surdo ainda subiu ao púlpito para dirigir a primeira apresentação da sua sinfonia.

Depois de tomar conhecimento com este facto histórico, a seguinte afirmação de Anastasia já não levantou dúvidas: «Cada

letra proferida ou combinação de letras de qualquer texto podem ser transformadas em som. Qualquer página de texto pode ser comparada a uma página de uma partitura. A questão está apenas em quem e como pode distribuir as letras ou notas. Será que elas comporão uma grandiosa sinfonia ou um caos sonoro? E ainda a questão: será que todos têm um instrumento suficientemente perfeito, capaz de reproduzir dentro de si toda a orquestração?».

Posteriormente, os investigadores da nossa equipa chegaram à conclusão: «As afirmações de Anastasia relativas às derivações das explosões[4], os meios de transporte com o auxílio de vácuo, a purificação do ar, as técnicas de agricultura, a importância do óleo de cedro na cura de muitas doenças, a energia dos pensamentos produzidos pelo ser humano e muitas outras, merecem a maior atenção da parte dos círculos científicos».

Ao tirar esta conclusão, a nossa equipa não pretende dizer que fez a descoberta em primeira-mão. Simultaneamente, ou um pouco antes de nós, fizeram-na os cientistas de Novosibirsk. No trabalho publicado sob o nome de «Acreditar é bom para a saúde» pela psicóloga Zhutikova com base nas suas investigações sociológicas, foi feita a seguinte conclusão:

«A relação de cada um para com Anastasia não depende da posse ou não de diplomas universitários e graus académicos, mas depende de muito do carácter da pessoa, da hierarquia dos seus valores, da consciência ou falta de consciência dos seus próprios objectivos, ou seja, da personalidade dessa pessoa e todos os seus elementos componentes; depende do quanto essa pessoa queira que Anastasia seja uma realidade, do quanto esteja preparada para receber o que é incrível e para além dos limites do comum. Aquilo que nos é revelado

[4] Livro 1, «Anastasia», Cap. 16

(e a forma como se revela) depende das particularidades do nosso tempo e corresponde ao nível da nossa auto consciência».

Possivelmente, as investigações dos cientistas de Novosibirsk poderiam ter avançado bastante mais do que as nossas, mas o departamento da Academia de Ciências da Sibéria não as financiou. A nossa equipa, tendo recebido o pedido e, consequentemente, determinadas possibilidades financeiras, hoje já pode constatar com convicção e é capaz de comprovar o seguinte facto: *a nossa civilização tomou contacto com um fenómeno nunca antes investigado, e que, por conseguinte, hoje ainda não tem uma definição científica. As investigações deveriam ser feitas com a ajuda tanto das correntes científicas, e em primeiro lugar da física e da psicologia, como do esoterismo. Os processos que ocorrem hoje na nossa sociedade sob a influência de «Anastasia» são óbvios e reais e nós não podemos nem temos o direito de os deixar sem atenção.*

Alguns acontecimentos descritos nos livros de V. Megre, à primeira vista, parecem uma invenção e nós tentámos colocá-los debaixo de dúvida. Entretanto, os acontecimentos que se deram em seguida com o autor e que não foram relatados nos livros ainda são mais incríveis. Mas essas coisas incríveis acontecem. E somos obrigados a tirar conclusões nas quais nós próprios temos dificuldade em acreditar.

Uma dessas conclusões é que Vladimir Megre não existe. É inútil estudar a sua biografia para o esclarecimento dos acontecimentos.

Esta constatação, que parece incrível à primeira vista, na realidade retira e esclarece uma série de factos inverosímeis, nomeadamente: de que modo um empresário siberiano comum conseguiu de repente escrever um livro, e agora já mais do que um, e esses

livros se tornaram uns dos mais populares da Rússia? As versões apresentadas pela imprensa, se observarmos de perto, tornam-se incoerentes: «*Empresário falido decidiu endireitar os seus negócios à custa da criação literária*». Mas entre nós há muitos empresários falidos. No entanto, nenhum deles se tornou um escritor famoso.

«*Ele conseguiu inventar um tema sensacional*» – também o tema não tem nada a ver com isto. As publicações esotéricas não fazem mais nada senão publicar materiais sensacionais sobre fenómenos extraordinários, super curandeiros, discos voadores e extraterrestres, mas a sociedade quase não reage. E esses materiais são preparados por jornalistas profissionais e escritores.

«*Os livros de Megre tiveram 'alta publicidade'*». Tudo pelo contrário, hoje em dia muitos editores tentam publicitar-se à custa dos livros de V. Megre. Nós apurámos a veracidade do facto de que os primeiros livros foram realmente vendidos à margem até das livrarias. Todos os livros de V. Megre nem sequer foram editados através de uma editora dispondo de uma rede de distribuição, mas sim pela tipografia nº11 de Moscovo, que não se ocupa minimamente da venda de livros. No entanto, as pessoas faziam filas para comprar os livros de Megre e os comerciantes investiam dinheiro antes de os livros saírem.

Na opinião de uma série de comerciantes de livros, os livros de Megre propagaram-se contrariando os cânones reconhecidos por todos em relação ao negócio de livros e quebraram as noções dos especialistas sobre a procura estabelecida entre os consumidores.

Afinal, o que resulta? Vladimir Megre, de repente, do nada, tornou-se um génio? Não foi de repente. Eu repito – Vladimir Megre – o empresário que todos conheciam bem na Sibéria, hoje simplesmente não existe. As provas desta afirmação podem ver-se logo no primeiro livro, ao lermos atentamente as afirmações de

Anastasia. Vamos lá lembrar as palavras dela, dirigidas a Vladimir: «Tu escreverás um livro, dirigido apenas pelos sentimentos e alma. Não o conseguirás fazer de outro modo, uma vez que não és detentor da técnica de escrita, mas com os sentimentos consegue-se tudo. Esses sentimentos já estão dentro de ti. Os meus e os teus»[5].

Prestem atenção às seguintes palavras de Anastasia: «*Esses sentimentos já estão dentro de ti. Os meus e os teus*». Por conseguinte, à percepção emocional do mundo de Vladimir Megre foi adicionada a percepção de Anastasia. Não vamos analisar como e à custa de quê foi alcançada essa adição. Vamos tomá-la como um facto, do qual resulta a seguinte conclusão lógica: se a uma determinada medida se adicionar outra, então da soma das duas medidas nasce uma terceira medida independente.

Deste modo, a data de nascimento do presente Megre não pode ser considerada como a data indicada nos documentos oficiais do seu nascimento. Terá mais fundamento uma data que ronde o ano de 1994, o momento do encontro de V. Megre com Anastasia.

O novo indivíduo, que corresponde exteriormente à imagem do antigo Megre, não é capaz de esconder as diferenças surpreendentes, como a capacidade de criação literária e a capacidade de segurar a atenção de um auditório durante muito tempo, cinco horas e mais, o que foi fixado duas vezes por testemunhas durante a sua apresentação em conferências de leitores na cidade de Guelendzhik da região de Krasnodar. O presente facto foi repetidamente referido também numa série de publicações periódicas principais.

Muitos analistas e jornalistas, entusiasmados com a comparação e investigação dos acontecimentos relacionados com as actividades de Vladimir Megre, tendo como base apenas a sua descrição

5 Livro 1, «Anastasia», Cap. 27

no livro, tentam tirar a seguinte conclusão de forma inconsciente ou com franca agressividade: «*Isto não pode ser verdade*».

Caros colegas, eu inclino-me, não sem fundamento, para considerar, como vocês poderão convencer-se mediante as declarações que se seguem, que tal afirmação não é mais do que uma reacção de defesa do organismo daqueles cuja consciência e intelecto não têm a capacidade de compreender o cerne daquilo que está a acontecer.

O próprio Vladimir Megre, ou será mais correcto dizer, uma parte do seu próprio «Eu», ainda é menos capaz de compreender os acontecimentos que se estão a passar com ele. Ele simplesmente se vai habituando a eles gradualmente, começando a considerar o mais extraordinário como comum ou natural, o que ao mesmo tempo o salva de um esgotamento psíquico. Eu penso que ele, assim como muitos leitores, não deu especial importância à frase de Anastasia, dita logo no primeiro encontro com ele na taiga. À reclamação de Vladimir Megre: «Eu não vou sequer tentar escrever alguma coisa», Anastasia responde: «Vais. É evidente que eles já construíram todo um sistema de circunstâncias que te obrigarão a fazê-lo»[6].

Este diálogo foi apresentado logo no primeiro livro, mas nos livros seguintes de Megre não há sequer a tentativa de voltar à questão: quem são afinal esses misteriosos «Eles»? Após receberem determinada informação, os membros da nossa equipa tomaram mais uma vez conhecimento atento dos diálogos apresentados no primeiro livro, e extraíram as referências aos tais «Eles» que estão espalhadas pelas suas páginas. Eu apresento-lhes essas referências com as palavras de Anastasia:

6 Livro 1, «Anastasia», Cap. 26

«Se não fossem Eles e eu um bocadinho, a tua segunda expedição não teria sido possível»;

«Eu quero que tu te purifiques. Por isso é que eu imaginei naquela altura a viagem pelos lugares sagrados e o livro que tu escreverás no futuro. Eles receberam-no, e as forças obscuras lutam sempre com eles, mas nunca vencem naquilo que é mais importante»;

«O meu plano e compreensão foram precisos e reais, e Eles aceitaram-nos»[7];

«Apenas Deus tem poder sobre Eles»[8].

Das declarações de Anastasia podemos tirar a conclusão de que umas forças indeterminadas comporão para Megre um qualquer sistema de circunstâncias de vida que o obrigarão a realizar acções programadas por alguém. E se é assim, então o papel da personalidade de Megre nas suas criações resume-se a zero ou pelo menos é bastante insignificante. A *papinha* está toda feita para ele através de um sistema de supostas circunstâncias de vida. Deste modo, há uma evidente violação da personalidade do antigo Megre.

Nós decidimos que, se conseguíssemos determinar algumas anomalias no comportamento de Megre ou, mais precisamente, a presença de um sistema de circunstâncias denominadas de coincidências, então a presença delas poderia confirmar ou desmentir: a) a realidade daquilo que aconteceu na taiga, b) o nível de participação da personalidade de Megre nos acontecimentos que se dão na sociedade relacionados com a publicação dos seus livros e c) a veracidade da existência de determinadas forças capazes de formar coincidências que influem no destino de uma pessoa.

7 Livro 1, «Anastasia», Cap. 27
8 Livro 1, «Anastasia», Cap. 24

Aquilo de que conseguimos apurar com o maior detalhe, até aos matizes mais individuais, foi o comportamento de Megre no Chipre em Junho de 1999, no período em que ele trabalhava no quarto livro – «Co-criação». Será ainda mais certo dizer, quando estava em processo de compreensão dos monólogos de Anastasia sobre a criação da Terra e do ser humano que já tinha escrito. Aquilo com que tivemos que nos deparar no Chipre pode caracterizar-se com uma curta frase: «O que é isto?». Eu vou dar-vos a conhecer algumas situações.

No fim de Maio de 1999, Vladimir Megre voou para o Chipre com a companhia «Transavia». Ele não fazia parte de um grupo de turistas. Não tinha conhecimentos no Chipre. Não podia comunicar em nenhuma das línguas estrangeiras difundidas no Chipre. A agência que o recebeu, a «Leptos», instalou o turista solitário vindo da Rússia no segundo andar de um pequeno hotel, num quarto individual. Da varanda do quarto a vista abria para a grande piscina, em redor da qual descansavam e se divertiam os turistas, provenientes principalmente da Alemanha e da Inglaterra. A agência russa que enviou Vladimir Megre informou o *manager* da agência «Leptos» de que Megre era um escritor russo. No entanto, para a grande agência «Leptos», acostumada a receber celebridades de renome mundial, essa informação não deveria significar nada. Para eles, Megre era um turista comum. No entanto, logo no segundo dia de estadia, o *manager* principal da agência, responsável pelo mercado turístico russo, propôs-se a mostrar-lhe a cidade e as povoações construídas pela sua agência. A tradutora de língua russa da agência participou na excursão. Eu dar-lhes-ei a conhecer, caros colegas, a entrevista dada pela tradutora da agência «Leptos», Marina Pavlova:

«Eu acompanhei Nikos, o *manager* da agência «Leptos», e Megre e traduzi as conversas deles. V. Megre era diferente de muitos turistas russos que vêm ao Chipre pela sua descontracção, no limiar da falta de tacto. Por exemplo, nós estávamos no cimo da montanha, à nossa frente uma vista maravilhosa para o mar e a cidade de Paphos e Nikos disse uma frase padrão:

– Veja que natureza maravilhosa nos rodeia. Que vista espectacular.

Eu traduzi a frase e o Megre respondeu:

– Uma vista desoladora. Está calor… há o mar… Mas a vegetação está estiolada, há apenas uns arbustozinhos aqui e ali. Isto não é natural para este clima.

Nikos começou a explicar:

– Antigamente, aqui tudo estava repleto de florestas de cedros mas os romanos, quando conquistaram a ilha, construíam aqui os seus navios e derrubaram a floresta. E para além disso é muito raro chover na ilha.

E o Megre anuncia de novo:

– Os romanos estiveram aqui há muitos séculos, desde esse tempo poderia ter crescido uma nova floresta, mas vocês não a plantam.

Nikos tentava explicar que é muito raro chover na ilha e até a água para beber tem que ser recolhida em reservatórios especiais.

Mas o Megre respondeu bruscamente:

– Não há chuva porque não há floresta e o vento leva as nuvens. Se houvesse floresta, então a floresta abrandaria o movimento das

correntes de ar mais baixas e, por conseguinte, também o movimento das nuvens mais acima. Choveria mais frequente na ilha. E eu penso que aqui não plantam florestas porque tentam vender a terra toda para construção.

Depois de dizer isto, ele virou-se e ficou calado pensativamente e nós também ficámos calados. A pausa foi um bocado pesada. Não havia nada para dizer.

No dia seguinte, quando almoçávamos no café, à pergunta de Nikos sobre o que poderíamos fazer para melhorar o descanso de Megre, ele respondeu seriamente:

– Que falem mais em russo na ilha. Que sirvam peixe de jeito nos restaurantes e não um ciprinídeo qualquer. Deveria haver silêncio no quarto e uma floresta em redor, não sorrisos falsos.

Depois foi o encontro de Megre com o director da agência «Leptos». Eu não percebo como é que aquilo aconteceu. O director daquela agência nunca se encontra com os turistas e nem todos os trabalhadores da agência o conhecem pessoalmente. Eu estive presente como tradutora no encontro. E também nesse encontro o Megre disse que a agência tinha que mudar o planeamento dos lotes das povoações que estava a construir. Cada um deveria ter pelo menos um hectare de terreno, no qual as pessoas possam plantar árvores e cuidar delas, e assim toda a ilha mudaria de aspecto. E que se não fizerem assim, em breve a ilha tornar-se-á pouco atractiva para os visitantes e a agência «Leptos» não terá perspectivas comerciais.

O director da agência ficou calado durante um pouco e depois, com alguma empáfia, começou a contar sobre os lugares lendários da ilha e o mais importante delas – o do banho da deusa Afrodite.

No final, ele propôs a Megre que expressasse o seu pedido para melhorar o conforto da sua estadia. O director da agência conseguia satisfazer os desejos de muitos milionários do Ocidente, mas aquilo que o Megre lhe disse foi inesperado, até parecia uma piada. V. Megre disse sem sorrir:

– Eu preciso de me encontrar com a neta da deusa Afrodite.

Eu tentei traduzir esta frase como uma piada, mas ninguém se riu, todos ficaram calados de surpresa durante um bocado.

Aconteceu que a informação sobre a estranheza do turista russo chegou aos ouvidos dos empregados do hotel no qual Megre estava, e eles começaram a fazer troça. O Nikos disse-me em conversa que no comportamento de Megre havia elementos óbvios de anormalidade.

Eu e o Nikos íamos ao hotel todos os dias por questões de serviço e o Nikos perguntava de cada vez sorrindo ao porteiro se a neta da deusa Afrodite não se tinha instalado no hotel. O porteiro, rindo, respondia que ainda não tinha chegado, mas o quarto estava sempre pronto para ela.

O Megre, pelos vistos, sentia os olhares de troça dos empregados quando descia do seu quarto ao fim do dia para ir ao bar ou de manhã para o pequeno-almoço e eu penso que não seria agradável para ele. Para mim, como russa, também não era agradável ver que se riam do meu compatriota, mas já não se podia fazer nada para o evitar.

Na manhã do último dia de estadia de V. Megre no Chipre eu e Nikos fomos como sempre ao hotel. O Nikos queria despedir-se do Megre. Ele aproximou-se como sempre do porteiro com a sua piada que se tinha tornado habitual, mas o porteiro respondeu-lhe de forma diferente do habitual. Com alguma inquietação, o porteiro

informou o Nikos de que o Megre não tinha passado a noite no seu quarto e que ele não se encontrava no hotel. E depois, sem sorrir nem em tentativa de troçar, acrescentou seriamente que na véspera, ao fim do dia, a neta de Afrodite tinha chegado ao hotel num automóvel e tinha levado o Megre juntamente com os seus pertences. Ela disse em grego, ao porteiro de serviço, que não se preocupasse, que V.Megre não precisaria mais do seu quarto, que não reservasse o bilhete de regresso a Moscovo e que transmitisse ao Nikos que ela traria o Megre às 10 da manhã para que se pudessem despedir dele. O porteiro voltou a dizer-nos que a neta de Afrodite tinha falado com os empregados do hotel em grego, mas com o Megre em russo. Sem perceber nada, eu e o Nikos sentámo-nos num sofá no hall do hotel e ficámos à espera calados que chegassem as dez horas.

Às dez em ponto, as portas de vidro do hotel abriram-se de par em par e nós vimos Vladimir Megre e ao seu lado uma bonita jovem. Eu já a tinha visto antes. Era a russa Elena Fadeeva, ela vivia e trabalhava no Chipre como representante de uma agência de turismo moscovita. Eu disse que a reconheci, mas isso não aconteceu de imediato. Elena Fadeeva nessa manhã estava especialmente bonita. Estava vestida com um vestido leve e comprido, com um penteado bonito e um brilho de felicidade nos olhos. Os empregados que se encontravam no hall do hotel prestaram logo atenção à jovem de bela figura que ia ao lado de Megre. Os empregados de balcão, as empregadas de mesa e o porteiro ficaram imóveis, com os olhos fixos neles, enquanto eles vinham ao nosso encontro. Da conversa com eles, eu e o Nikos ficámos a saber que o Megre tinha decidido ficar no Chipre por mais um mês. Quando V. Megre se afastou para ir buscar alguma coisa ao balcão do bar, aos comentários de Nikos sobre Megre ser muito esquisito e que nem ele nem o director da

agência «Leptos» tinham sido capazes de satisfazer as exigências dele, Elena respondeu:

– Eu satisfiz todos os desejos dele. E penso que conseguirei satisfazer outros, se surgirem.

Nikos continuou a tentar saber mais através de Elena e sobre como ela tinha conseguido realizar o irrealizável em apenas doze horas. Como é que ela tinha conseguido fazer com que em Chipre aparecesse o peixe dos rios siberianos preferido de Megre, de que modo no Chipre podiam crescer cedros em doze horas e de repente todos os habitantes do Chipre podiam começar a entender a língua russa de Megre? Onde é que ela o podia ter instalado de maneira a que ninguém o impedisse de ficar só quando ele desejasse?

Elena respondeu que por coincidência ela tinha tudo o que era necessário ao Megre. Ela instalou o Megre na sua moradia que por acaso tinha ficado livre naquele momento, perto de Paphos, na extremidade da aldeia de Peia, e ali ninguém o podia incomodar. Providenciou o transporte, alugando uma motorizada especialmente para ele. Por acaso a amiga dela Alla, também da Rússia, que trabalha em Chipre, tinha peixe fluvial da Sibéria. Numa colina perto da moradia dela crescem cedros e o Megre também tinha trazido com ele dois pequenos cedros siberianos que ela colocou em vasos mesmo à entrada da moradia. E, dali em diante, também não haveria a barreira linguística para Megre, uma vez que em todas as repartições, lojas e cafés havia telefone e ela tinha sempre o telemóvel ligado. Em caso de necessidade, ela podia traduzir tudo o que o Megre quisesse dizer a qualquer pessoa.

Quando Elena e Vladimir já se dirigiam para a saída debaixo dos olhares fixos dos presentes, eu recordei ao Nikos que ele se tinha esquecido de perguntar de que modo Elena conseguiria satisfazer o

pedido do Megre em relação à neta da deusa Afrodite. Nikos olhou para mim admirado e respondeu:

– Se aquela moça russa não é a materialização viva de Afrodite ou a neta dela, pelo menos o espírito de Afrodite está presente nela neste momento».

Caros colegas, após termos tomado conhecimento dos acontecimentos da vida de Vladimir Megre no período da sua estadia em Chipre, acima referidos, uma questão surgiu por si mesma: quem é que formou toda a corrente de coincidências e satisfez de imediato todas as referidas exigências de Megre? Terão sido mesmo coincidências ou quem quer que seja Anastasia ou os misteriosos «Eles» que Anastasia mencionou? Prestem atenção que, assim que as pessoas que rodeavam Megre durante a sua estadia no hotel ficaram admiradas com o que aconteceu, gerou-se uma situação na qual Megre foi retirado do campo de visão daqueles que o observavam. Ele mudou-se para a moradia de Elena Fadeeva. Desse modo, para os que o rodeavam, a extraordinária corrente de coincidências terminou. Mas nós estávamos interessados em saber se ela tinha realmente terminado e recompusemos da forma mais detalhada possível os acontecimentos que se seguiram. Fizemo-lo com a ajuda, entre outras coisas, daquilo que nos contou a amiga de Elena Fadeeva e daquilo ela própria que nos contou directamente. E então? Resultou que a corrente de coincidências extraordinárias, para além de não ter terminado, ainda se tornou mais intrigante. Eu apresentarei aqui apenas alguns fragmentos.

Assim, Vladimir Megre estava a viver isolado na pequena e acolhedora moradia de Elena Fadeeva. Provavelmente, andava a tentar compreender as afirmações de Anastasia sobre Deus, sobre a co-criação da Terra e do ser humano, sobre o propósito do ser

humano. Era precisamente essa parte do livro que ele tinha escrito até essa altura. Mas ele próprio não compreendia tudo. E por força do seu carácter, antes de publicar o livro, ele queria encontrar em algum lugar e em alguma coisa, ao menos alguma confirmação para as afirmações extraordinárias de Anastasia. De tempos a tempos, telefonava a Elena e pedia-lhe que fosse ter com ele e o levasse a algum lugar de carro. A jovem cumpria sempre o pedido de Megre sem demora. Cumpria-o mesmo que tivesse que largar os seus afazeres, até a recepção de pessoas que chegavam da Rússia. Houve duas ocasiões em que delegou as tarefas a pessoas suas conhecidas, perdendo assim o seu rendimento.

E onde ia Megre? Nós conseguimos descobrir que, para além dos lugares habituais para os turistas no Chipre, ele visitou duas igrejas nas quais, podemos dizer, nenhum dos visitantes alguma vez estivera. Um mosteiro que não é visitado por turistas e um castelo abandonado nas montanhas de Trodos. Subiu algumas vezes à serra perto da moradia de Fadeeva. Caminhou sozinho por entre os cedros que ali crescem. Elena esperava por ele perto da estrada. E também descobrimos que todas as visitas de Megre a igrejas e mosteiros não estavam planeadas, foram espontâneas. Mais precisamente, elas estiveram na mesma corrente que todas as dadas coincidências. Assim nos contou Elena Fadeeva sobre a visita nocturna de Vladimir Megre à igreja:

«Eu cheguei ao pé do Vladimir mais ou menos às nove da noite, logo a seguir ao telefonema dele. Ele disse que queria simplesmente passear pela cidade, entrou no meu carro e fomos para a cidade de Paphos. Nessa noite Vladimir estava pensativo e quase não conversava. Andámos de carro durante aproximadamente uma hora. Ao passar por uma série de cafés à beira-mar, eu propus ao Vladimir

que jantássemos, mas ele recusou. Quando perguntei onde ele gostaria de ir, respondeu: «Eu neste momento gostava era de entrar numa igreja vazia».

Fiz inversão de marcha e, por alguma razão a grande velocidade, dirigi-me para uma pequenina aldeia. Eu sabia que ali havia uma igreja que era pouco visitada. Parámos mesmo à entrada e saímos do carro. Em redor não havia vivalma, apenas o mar quebrava o silêncio da noite. Aproximámo-nos da porta de entrada da igreja. Na escuridão eu consegui sentir abaixo da maçaneta uma grande chave que se salientava, fi-la girar e abri a porta da igreja. O Vladimir entrou e ficou muito tempo no centro debaixo da cúpula. Eu fiquei na entrada. Depois o Vladimir entrou pelo arco de onde saem os padres e provavelmente acendeu ali alguma coisa, porque algo começou a iluminar-se brilhantemente e a igreja ficou com mais claridade. Eu fiquei ali um pouco de pé e depois fui para o carro. Passado algum tempo apareceu Vladimir e fomo-nos embora».

E aqui está a segunda situação contada por Elena Fadeeva.

«Eu queria mostrar uma aldeiazinha remota ao Vladimir, para que ele pudesse ver a forma de viver local. Na estrada de montanha por onde nós íamos havia muitas curvas e eu, provavelmente por engano, virei em algum lugar porque nós não fomos dar à aldeia. O carro num instante encontrava-se mesmo em frente aos portões de um pequeno mosteiro. O Vladimir não quis entrar logo nele e pediu-me para o seguir, para traduzir quando ele falasse com os monges, mas eu disse que não podia entrar. Eu estava vestida com uma saia curta e com a cabeça descoberta, e não se pode entrar assim numa igreja ou mosteiro. Fiquei na entrada a ver como o Vladimir caminhava pelo pátio do mosteiro. Em frente dele apareceu um monge jovem. Eles pararam um em frente ao outro e

começaram a conversar. Depois aproximaram-se de mim. Eu ouvi o monge a falar com o Vladimir em russo. Depois saiu ao encontro de Vladimir um ancião grisalho, o abade desse mosteiro, e eles ficaram durante bastante tempo sentados num banco a falar sobre algo. Eu e os monges estávamos longe deles e não ouvimos sobre o que falavam. Depois o abade e os monges acompanharam-nos à saída. À entrada do mosteiro o Vladimir parou, e todos pararam. Virou-se e encaminhou-se para a igreja atravessando o pátio do mosteiro. Ninguém o seguiu, ficámos todos na entrada à espera que ele saísse da igreja vazia do mosteiro».

E assim, a corrente de coincidências continua. Eu relembro-os: Vladimir Megre estava em processo de compreender o que Anastasia dissera sobre Deus. E será que foi por acaso que naquele momento, quando ele quis visitar uma igreja vazia, ao seu lado se encontrou Elena Fadeeva, que tinha conhecimento da existência daquela igreja? Será que foi por acaso que da porta da igreja vazia se salientava a chave? Será que foi por acaso que Lena se desviou do caminho e levou Megre a um mosteiro pouco visitado? Será que foi por acaso que saiu ao seu encontro um monge que falava russo? Nós estamos a lidar com uma corrente de acontecimentos, de situações de vida, de supostas coincidências organizadas ordenadamente no plano prático, que levam a um determinado objectivo.

Será que, após termos tomado conhecimento delas, podemos chamar de 'coincidências' as conclusões filosóficas tiradas nos livros de Megre? Será que não foi dentro de uma das igrejas nas quais (como agora sabemos) Megre ficou de pé debaixo da cúpula, que se consolidaram dentro dele as palavras de Deus, posteriormente citadas no quarto livro «Co-criação»?

Nós tentámos várias e repetidas vezes seguir em pormenor a ordem das coincidências que sucederam com Megre. Entre muitas

outras coisas, interessou-nos o assim chamado encontro acidental de Vladimir Megre com Elena Fadeeva. Não vamos tentar adivinhar se o espírito da deusa Afrodite se instalou naquela jovem moça ou não. Os esotéricos que se ocupem de tais raciocínios. Mas vamos cá pensar porque é que aquela moça largava os seus afazeres e se apressava para ir ter com Megre à primeira chamada, cozinhava *borsch* e o levava pelo Chipre no seu carro? Porque é que ela de repente até se transformou exteriormente ao encontrar-se com Megre? Porque é que de repente, como afirmam as pessoas que a conhecem, após o encontro com Megre os olhos de Elena começaram a brilhar? Por causa do encontro com uma celebridade? Mas Elena trabalha como representante de uma agência turística ligada à «Mosestrada[9]» e já teve oportunidade de estar com maiores celebridades que Vladimir Megre. Pelo dinheiro? Mas Megre não podia ter muito dinheiro, senão não se teria instalado primeiro num hotel de três estrelas. Apenas uma conclusão se impõe: Elena Fadeeva apaixonou-se por Megre. E isso foi confirmado pela frase dela, dita a uma amiga sua. À pergunta: «Tu, Lena, por acaso não te apaixonaste por esse Megre?», ela respondeu: «Não sei, é um sentimento desconhecido... Mas se ele quisesse...». E assim, aconteceu mais uma incrível coincidência. Uma moça de vinte e três anos, bem constituída, gira, independente e pragmática, não privada da atenção de muitos homens, de repente apaixona-se à primeira vista por um homem de quarenta e nove anos. Concordem que tais coincidências acontecem muito raramente.

Nós tentámos analisar ainda mais escrupulosamente, até ao minuto, o momento do encontro de Vladimir Megre com Elena Fadeeva. Conversámos com os empregados do café «Maria», aos

9 *Mosestrada* – entidade russa dedicada aos espectáculos de comédia e música ligeira.

olhos dos quais ele se deu. Apurámos o dia do encontro através das palavras de pessoas conhecidas de Elena e dela própria. No final, desvelamos ainda mais uma coincidência, mas que coincidência! Graças a ela, Elena pôde começar a amar Megre alguns minutos antes de o ver. Uma coincidência capaz de fazer efeito ao mesmo tempo tanto no consciente como no subconsciente de uma pessoa.

Imaginem, Elena Fadeeva dirige-se para o café «Maria» ao volante do seu automóvel através da cidade turística. Uma empregada de mesa que a conhecia telefonara-lhe do café e pedira, se fosse possível, que lá fosse, porque a uma das mesas estava sentado um russo um bocado nervoso. No cartaz do café estava escrito um nome próprio russo e havia no menu nomes de pratos russos, o que fazia crer que haveria um empregado de mesa russo, mas ele não se encontrava ali. Elena primeiro recusa, mas em breve, por acaso, surge um pequeno intervalo no seu trabalho. Ela senta-se ao volante do seu carro e dirige-se velozmente para o café, a cuja mesa está sentado um russo qualquer. Ela põe pó de arroz no seu nariz bronzeado em andamento, pega numa cassete ao acaso e introduz no leitor do carro. O sistema de som preenche a cabine com uma melodia e as palavras de uma canção bastante popular na Rússia. Eu vou reproduzir-vos a letra e vocês, estimados colegas, tirem a vossa conclusão. Aqui estão as palavras que soaram das colunas do automóvel para Elena, alguns minutos antes do encontro com Megre, que estava sentado à mesa do café:

Eu sou um deus bastante jovem,
E talvez eu não seja experiente,
Mas, minha querida, eu poderia ajudar-te
E fazer jorrar a luz do sol na tua vida.

Não tens nem um minuto,
Um intervalo no trabalho – é quase nada,
Mas pões pó de arroz no nariz, sais para o almoço,
E vais encontrar-te com ele à mesa do café.

Algures ao longe voam os comboios,
Os aviões desviam-se do caminho,
Se ele partir, será para sempre,
Por isso, simplesmente não o deixes ir.

Porque te calas de repente?,
Olha-o nos olhos e não te acanhes:
Quantos anos tardei para fechar este ciclo,
Fui eu que o trouxe ao teu encontro.[10]

E ela, ou alguém através dela não o deixaram ir embora. E ela, ou alguém através dela satisfizeram todos os desejos dele, puseram à sua disposição nova informação que confirmava as suas conclusões filosóficas. Ele regressou à Rússia e entregou o manuscrito do seu quarto livro «Co-criação» na editora.

Deste modo, a vida de V. Megre é realmente parecida com a vida de Ivanushka Tonto[11] dos contos populares russos, apenas com a diferença de que os acontecimentos que se dão com Megre são absolutamente reais.

Ao deparar-nos com a veracidade da existência do presente fenómeno, nós não podemos deixar de colocar a possibilidade da existência de determinadas forças capazes de influenciar propositadamente o destino de uma pessoa em particular. Surgem as

10 Canção «*Não o deixes partir*» («*Ne dai emu uiti*») de Maxim Leonidov

11 *Ivanushka Tonto* (em russo: *Ivan-durak*) – personagem principal de muitos contos populares russos, um simplório que ganha invariavelmente favores consideráveis mediante nenhum esforço.

perguntas: será que as capacidades dessas forças lhes permitem influenciar o destino de toda a humanidade? Qual era o grau de actividade dessas forças no passado, será que a sua activação não aconteceu precisamente no nosso século? Que forças são essas? Os acontecimentos que se deram obrigam-nos a tomarmos mais atenção para com as afirmações de Anastasia.

Caros colegas, a maioria dos membros da nossa equipa de investigação inclina-se para a seguinte versão: a eremita siberiana Anastasia, deixando por enquanto nos seus lugares os governos de vários países, toma praticamente em si o controlo sobre toda a sociedade humana. Prestem atenção: não toma o poder, mas toma o controlo.

Na maioria dos leitores, quando tomam contacto com os livros de V. Megre, surge a vontade de mudar o seu estilo de vida. Já há mais de um milhão de leitores, e o seu número aumenta sem parar. Ao atingir a massa crítica eles serão capazes de influenciar as decisões das estruturas de poder. E já hoje existem dentro das estruturas de poder admiradores das deduções feitas nos livros.

Deste modo, a nossa sociedade começará a ser controlada da mesma forma como começou a ser o próprio V. Megre. Eu espero que vocês, estimados colegas, também já não tenham dúvidas de que V. Megre é uma substância completamente controlada por determinadas forças. Eu acho que é imprescindível que descubramos, mediante o esforço conjunto, quem é a eremita siberiana Anastasia. Onde é que ela se encontra realmente? Quais são as suas capacidades? Que forças a ajudam? Para onde estão a tentar levar a nossa sociedade? É a estas questões que a ciência actual deve responder».

CAPÍTULO 20



Esgotamento

Escutei duas vezes o relatório daquela pessoa desconhecida, cuja voz soava na cassete. Não me importava absolutamente nada quem ele era. As suas conclusões tiveram uma influência tão grande em mim, que não só desapareceu a vontade de continuar a escrever, como a própria vida me pareceu sem sentido.

Tinha começado a agradar-me o conceito de Anastasia sobre a importância do ser humano, sobre como cada ser humano é um filho querido de Deus, de que se pode ser feliz aqui e agora na Terra. É apenas necessário compreendermos a nossa predestinação. Eu acreditei em Anastasia e acreditei na possibilidade de transformar para melhor a nossa vida actual, por meio da mudança do nosso estilo de vida e da construção das novas aldeias. Mas toda a fé se desmoronou depois de ouvir o que estava na cassete. É que os factos que aquela pessoa apresentava sobre as coincidências que se tinham passado comigo eram autênticos. Tudo foi assim na realidade e ainda aconteceram mais coisas que eu sabia mas eles não tinham conseguido descobrir.

Tudo se tinha passado daquela maneira e isso significava que eu era apenas um boneco nas mãos de alguém. Não importava de quem, de Anastasia ou de umas energias quaisquer, não era isso o

importante. O importante era que eu, como pessoa, na realidade não era nada, eu não existia. Existia o meu corpo comandado por alguém através de «coincidências» em cadeia. Seria bom que me pudessem controlar apenas a mim. Mas podia perfeitamente haver outras pessoas a ser também comandadas por algo de cima, ou que algo de cima estivesse a controlar toda a humanidade, e toda a humanidade fosse um brinquedo para alguém invisível, que a nossa inteligência humana não é capaz de percepcionar.

Eu não queria ser o brinquedo de alguém, mas os factos que foram apresentados no relatório mostravam indiscutivelmente: «tu não és nada, és controlado, e isso é muito evidente, isso está provado por factos indiscutíveis e que tu próprio bem conheces.»

Tudo o que aconteceu comigo em Chipre não pode ser considerado mau, pelo contrário, foi bom. Mas isso não importa! Se alguém invisível construiu uma cadeia de maravilhosas coincidências, então amanhã pode passar pela cabeça de algum outro ser invisível construir outra cadeia de coincidências que não seja nada agradável. E assim, o ser humano torna-se um brinquedo. E quanto à humanidade toda? Mas como é que eu antes não compreendia que há certas forças que brincam com toda a humanidade como as crianças com soldadinhos de chumbo?

Quando na taiga Anastasia falou sobre Deus, sobre a co-criação, foi como se com as suas palavras uma cortina se tivesse dispersado perante mim.

Eu, pela primeira vez na vida, imaginei Deus não como um ser amorfo e incompreensível, ou um velhote sentado em cima de uma nuvem, mas sim como uma Pessoa com sentimentos, com compaixão, capaz de sonhar e criar. As sensações que surgiram pela descrição dela eram mais luminosas e compreensíveis do que tudo o que eu tinha tido oportunidade de ler ou ouvir anteriormente sobre esse

tema. E mais. Quando ela falava, sentia-me bem no âmago e menos solitário. Significava que Ele existe! Ele é compreensível e Ele age. Ele é sábio e bondoso. E como confirmação temos em redor as Suas criações: os cedros, a erva, os pássaros e os animais selvagens. Ali na taiga, na clareira de Anastasia, eles são todos bonzinhos, não são agressivos. Mas nós habituámo-nos tanto às Suas criações, que é como se não as notássemos, tentamos tirar conclusões sobre Ele através de outras coisas. E vagueamos pelo planeta em busca de lugares sagrados, em busca de mestres, de ensinamentos. Isto é simplesmente absurdo. É a ausência absoluta de lógica. Se nós falamos de Deus como sendo o nosso Pai bondoso, como podemos supor que ele iria esconder alguma coisa boa dos seus filhos? Ele não escondeu nada das pessoas, dos seus filhos, nem lhes omitiu nada, Ele tenta sempre estar perto. Mas que força tenta opor-se a Ele? Que força nos atordoou a tal ponto, que colocámos com o nosso estilo de vida todo o planeta, a nossa maravilhosa Terra oferecida por Ele, debaixo da ameaça de catástrofe? Que força anda a brincar connosco?

Ao fim do dia, luzem as janelas dos nossos prédios de muitos andares. Atrás de cada janela acontecem as vidas de alguém. Mas quantas delas, dessas vidas, são verdadeiramente felizes neste mundo? Falamos sobre moral, sobre amor e cultura, cada um tenta parecer muito decente. Mas, e na realidade? Na realidade, pelo menos um em cada dois homens, aparentemente decentes, anda a enganar a mulher. Sim, às escondidas da sua família, aparentemente próspera e feliz. Qual é uma das fontes mais lucrativas do nosso país? Vodka e tabaco. O governo tenta a todo o custo ter o monopólio das vendas. E quem é que bebe? Os bêbedos que tombam sobre as vedações e nas entradas dos prédios? Claro que eles também bebem. Mas eles não têm assim tanto dinheiro para garantir a

prosperidade de centenas de fábricas que produzem rios de bebidas alcoólicas. Os principais consumidores são os cidadãos aparentemente decentes e respeitáveis.

Nós suportamos um enorme quadro de polícia e todo o tipo de guardas e agentes secretos. Para quê? Para apanhar os alcoólicos e os desordeiros? Disparate! Com este quadro de defesa interna é possível recolher todos num só dia. A luta dá-se não com eles, mas com os aparentemente decentes.

Pensemos apenas que existe um exército inteiro de forças especiais e que não fica sem trabalho. Significa que existe um exército inteiro que se lhes opõe! Significa que há uma guerra permanente e nós estamos na fronteira dessas acções militares. Financiamos ambos os exércitos adversários. Tentamos melhorar o equipamento tecnológico de um dos lados – os nossos órgãos de defesa de direitos, – mas o outro lado melhora imediatamente todo o seu equipamento e também nos vem buscar a nós os recursos para se equipar. O dinheiro tem sempre apenas uma fonte – o trabalho humano. E a guerra continua, só que a um nível tecnologicamente mais equipado. E assim se prolonga não durante um ano ou dois. Prolonga-se por milénios. Não se sabe onde começou essa guerra e quem será capaz de lhe pôr um fim. E nós encontramo-nos no centro desse combate, e nenhum de nós tem uma posição neutra, todos participamos nele. Todos participamos na guerra permanente. Alguns directamente, outros financiando-a voluntária ou involuntariamente, outros fabricando armas para ela. Mas andamos sob a máscara da decência. Falamos de ciência, de tecnologia, de cultura.

Nós, uma civilização inteligente e que evolui intensivamente, pronunciamos palavras sobre o progresso tecnológico com um ar inteligente. Mas então porque é que corre água mal cheirosa das tuas torneiras, ó civilização inteligente? Como é que conseguiste

alcançar, ainda por cima com um ar tão inteligente, o ponto em que é preciso comprar-se a água para beber? E essa água encarece todos os dias.

Nós não queremos tirar as nossas máscaras de decência. Mas porquê? Porque é que dificultamos assim inevitavelmente de ano para ano a nossa vida? Porque é que nos movemos irremediavelmente para um buraco qualquer mal cheiroso? Movemo-nos e não queremos reconhecer isso para nós próprios. Porque é que ninguém pára esse movimento?

Entre nós existem muitas organizações religiosas. Mas nenhuma delas consegue parar esse movimento. Será que, mesmo que não consiga pará-lo completamente, poderá ao menos fazê-lo travar? Se assim for, então já é sadismo, um período prolongado de torturas. Nós continuamos a considerar-nos como uma civilização inteligente e decente, mas porque é que nesta civilização inteligente desaparece nas mulheres a vontade de ter filhos? E as estatísticas já dizem que a nação está a morrer. Afinal que forças é que estão a fazer do ser humano um completo idiota?

Passou uma semana inteira de depressão completa e apatia em relação a tudo. Durante essa semana eu fiquei simplesmente deitado na cama e quase não comi nada. No final da semana, de repente acendeu-se a zanga ou até raiva. Tive vontade de fazer ao menos alguma coisa para contrariar essas forças. Não importava quais, luminosas ou das trevas. Apenas para contrariar algo que nos controla... Provar-lhes que o ser humano pode sair de debaixo do controlo delas. Mas o que podia eu fazer para contrariar? Se elas, ou Anastasia juntamente com elas, querem que eu escreva,

então eu não vou escrever. Não se pode comer carne, mas eu vou comer carne, vou fumar e beber. A julgar pelas suas acções, elas não gostam disso, então que tentem impedir-me. Eu já andava a tomar bebidas alcoólicas há um mês. Durante a embriaguês sentia-me melhor, mas de manhã vinha a sobriedade e de novo me queimavam os pensamentos de zanga. Para que é que eu tinha escrito? Tentara ser sincero, mas tornei-me apenas um brinquedo ridículo, não se percebia nas mãos de quem.

Já embriagado, ia até à cama apoiando-me nas paredes. E queria gritar de tal maneira que eles me ouvissem, os meus netos e os meus bisnetos. Que ouvissem e compreendessem. Que compreendessem! Eu escrevi porque me repugna a máscara da mentira! Procurava outro caminho!

Capítulo 21

A tentativa de descodificação

Por vezes, pela manhã, surgia a vontade de sair do esquecimento da embriaguês. E então eu ia para a casa de banho para barbear a penugem que tinha crescido durante dias. Lembrava-me de Anastasia, tentando não pensar em coisas más, mas sobre as coisas boas que ela tinha conseguido fazer. Tentava convencer-me de que ela tinha feito o bem, mas a vida continuava a insinuar novos argumentos destruidores. E naquela manhã, durante mais uma tentativa de sair do esquecimento da embriaguês, um conhecido próximo tocou à campainha do apartamento que eu alugava. Era de manhã cedo, eu ainda nem tinha tido tempo de me barbear, e assim, de rosto ensaboado, abri a porta.

O Vladislav estava um pouco excitado e, depois de me saudar, anunciou:

– Temos que falar seriamente. Termina lá a tua *toilet*, e eu começo a falar.

Enquanto eu me barbeava, ele contou que finalmente tinha lido o livro. Tinha-o tocado, e ele concordava em muito com Anastasia. Achava a lógica dela de ferro, mas o Vladislav estava mais preocupado com outra coisa:

– Então quer dizer que tu, por causa desse encontro, tiveste que romper com a tua família, perder o negócio e não queres continuar a fazer negócios, é isso?

– Sim.

– E tentaste organizar uma sociedade de empresários com intenções mais puras, como ela lhe chama? Estás a escrever o livro seguinte?

– Agora por enquanto não estou a escrever. Estou a tentar lidar aqui com umas coisas.

– Precisamente, é preciso lidar com isso. O que é que tu obtiveste nos cinco anos depois de conhecer essa eremita, o que é que conseguiste?

– Como, 'o quê'? Por exemplo, aqui no Cáucaso, já há os primeiros vislumbres da mudança de atitude das pessoas para com os dólmenes. Imaginas quantos tratados científicos havia escritos sobre eles, mas as pessoas não se preocupavam nada com os dólmenes? Assaltavam-nos, levavam pedaços. Aquilo que Anastasia disse teve efeito imediato. Só no sanatório «Druzhba», leram o meu livro e os trabalhadores reuniram-se logo, foram ao dólmen e puseram flores. E também noutros lugares as pessoas estão a mudar a sua relação para com os antepassados, começam a reflectir sobre...

– Stop. Eu estou totalmente de acordo contigo. Existe o efeito das palavras. E o facto que tu apresentaste é testemunho disso. E de outras coisas. Ela fez de ti um *zombie*, e tu já não és tu de todo.

– Porque é que achas isso?

– É muito simples. Tu és um empresário que logo no início da Perestroika conseguiu, mesmo sem capital inicial, materializar projectos comerciais em larga escala. Tu és o presidente da Associação de Empresários da Sibéria. E, de repente, paras completamente de te dedicar aos negócios, lavas a tua roupa e cozinhas para ti, o que significa que já não és o mesmo de antes.

– Eu já ouvi esses argumentos, Vladislav. Mas eu fiquei tocado pelo que disse Anastasia. O sonho dela é bonito: «Transportar as pessoas através da janela do tempo das forças obscuras». Ela acredita nele. Pediu-me para escrever um livro. Eu prometi. Ela está completamente sozinha e espera, sonha. Provavelmente ela de alguma maneira associa o livro com o seu sonho. Tu próprio dizes que a força do efeito daquilo que Anastasia diz no livro é grandiosa.

– Aí é que está, isso confirma mais uma vez, evidentemente, a interferência dela. Julga por ti próprio. Um autor que ninguém conhece, empresário, de repente escreve um livro. E sobre quê? Sobre a história da humanidade. O Cosmos. A Inteligência do Universo. A educação das crianças. Ela começa a exercer influência sobre as pessoas na vida prática e real, influencia os seus procedimentos.

– Mas ela influencia positivamente.

– É possível. Mas a questão não é essa. Tu não pensaste como é que de repente foste capaz de escrever um livro?

– Foi a Anastasia que me ensinou.

– De que modo é que ela fez isso?

– Pegou num pauzinho e desenhou as letras no chão. Todo o alfabeto. E disse: «Aqui estão as letras que vocês conhecem. Todos os vossos livros são compostos por estas letras, os bons e os maus. Tudo depende de como e em que ordem serão dispostas estas 33 letras. Há duas maneiras de as dispor.»

– Significa que é tudo tão simples? Só é preciso dispor as 33 letras numa determinada ordem? Tu dispões e depois as pessoas vão em grupos inteiros para as montanhas, para colocar flores ao pé do dólmen? Isso é incrível. Não cabe numa consciência normal. Isso é a presença de alguma força invisível. Ou ela te fez um *zombie*, ou te reprogramou, ou te hipnotizou, não sei. Mas alguma coisa ela fez.

– A própria Anastasia, quando eu lhe chamei de bruxa ou lhe dizia palavras como «misticismo», «fantasia», «incrível», ficava muito incomodada, começava a provar que ela é um ser humano comum, uma mulher normal, e apenas tem muita informação dentro dela. Mas isso é para aquilo a que estamos habituados. Ela diz que as pessoas dos antepassados originais podiam ser detentores dessas capacidades... E depois... Ela deu à luz um filho meu.

– E onde é que está o teu filho agora?

– Na taiga com Anastasia. Ela diz que nas condições do nosso mundo tecnocrata é mais difícil educar um bebé e fazer dele uma pessoa verdadeira. Porque os objectos artificiais não são compreensíveis para o pequeno. Afastam-no da verdade. Só se lhe pode mostrá-los quando ele tiver já compreendido essa verdade.

– E tu, porque é que não estás na taiga? Porque é que não estás com ela? Porque é que não ajudas a educar o filho?

– Uma pessoa normal não pode lá viver. Ela não quer acender fogo. Alimenta-se à sua maneira. E para além disso ela diz... que eu por enquanto não posso dar-me com o nosso filho.

– Quer dizer, ela não quer viver nas nossas condições normais. Tu não podes viver lá. E como será daqui para a frente? Já pensaste? Sozinho, sem família. E se ficas doente?

– Por enquanto não estou doente, já há um ano que não tenho nada. Ela curou-me.

– E então, agora já nunca mais vais ficar doente?

– Provavelmente, ficarei. Anastasia disse que todas as doenças tentam voltar, porque nas pessoas há muita coisa escura e nociva e em mim também há, como em toda a gente. Estou a fumar, olha. Comecei a beber. Mas o principal nem é isso. Ela diz que há poucos pensamentos e intenções luminosas. E são principalmente eles que combatem as doenças.

– Desse modo, não se prevê na tua vida um futuro como o de todas as pessoas normais. Eu vim ter contigo com uma proposta de negócio. Vou-te tirar do estado de *zombie*, de hipnose, e tu, quando regressares ao estado normal, dás-me umas dicas... Ajudas-me a remediar as coisas na minha empresa. Tu tinhas experiência e talento de empresário. Tens contactos.

– Eu não te posso ajudar, Vladislav. Não penso sobre negócios agora. Os pensamentos estão ocupados com outra coisa.

– Está claro que agora não pensas. Primeiro tens que voltar ao estado normal. Tu acredita em mim. Peço-te como amigo. Ainda me vais agradecer. No final vais poder avaliar o que aconteceu contigo, quando estiveres no estado normal.

– De que maneira se pode determinar qual é o estado mais normal?

– É muito simples. Vives uma vida normal e natural pelo menos durante alguns dias. Divertes-te com raparigas. Depois, tu é que vais olhar para os últimos anos da tua vida. Se estiveres contente com eles, continua a dedicar-te e a viver como agora. Se vires no estado normal que estavas hipnotizado, tornas a dedicar-te aos negócios. Será bom para ti e também me vais ajudar.

– Eu não posso ir com prostitutas...

– Para quê com prostitutas? Vamos buscar aquelas que querem de livre vontade. Organizamos uma saída, música, companhia. Podemos ir ao restaurante ou para a natureza. Eu organizo tudo sozinho, tu só tens que não recusar.

– Eu quero descortinar-me sozinho. Preciso de pensar.

– Pára lá de pensar. Toma a minha proposta como uma experiência. Peço-te como amigo, dá-me uma semana e depois pensas.

– Está bem, vamos lá experimentar...

No dia seguinte, fomos de carro à cidade vizinha, na qual viviam umas meninas 'como deve ser', como se expressou o Vladislav, conhecidas dele de longa data.

CAPÍTULO 22

A nossa realidade

Ela, a mulher que nos abriu a porta, era atraente e interessante. Aparentava uns trinta e poucos anos, feminina e um pouco envergonhada. Tinha um corpo voluptuoso e sensual. Não, não era gorda. O corpo dela conservava e até salientava as formas que excitam sempre os homens. O *robe* fininho não as escondia. A voz dela, parecida com uma voz infantil, e o sorriso convidativo faziam com que se simpatizasse logo com ela.

– Boas tardes, viajantes. Entrem, entrem, por favor. A Svetlana contou-me sobre vocês. Ela disse que vocês querem ver a cidade e jantar num bom restaurante.

– Queremos. Queremos isso tudo convosco, sem falta, belezas. – Tagarelou o Vladislav. – Como é que está a minha Svetlanka, ainda na festarola a passear por ahí?

– Mas quando e com quem é que havíamos de passear? Parece que nós até vamos ter que esperar toda a vida...

– Esperar para quê? Eu estou aqui e trouxe um amigo comigo. Ele é siberiano, empresário a cem por cento. Apresento-vos.

Ela ajeitou a trança negra apertada, as pestanas baixas de vergonha levantaram-se, descobrindo os olhos que brilhavam como que repletos de paixão e desejo, e estendeu-me a mão:

– Eu sou a Lena. Boa tarde.

– Vladimir, – apresentei-me eu, apertando a mão rechonchudinha.

Enquanto a Lena nos preparava um café na cozinha, nós lavámos as mãos e a cara na casa de banho e vimos o apartamento. Eu gostei muito da casa. A arquitectura era comum, como na maioria dos apartamentos, mas a arrumação, a limpeza e o conforto eram extraordinários. Tudo estava colocado no seu lugar, não havia nada a mais. No quarto, o papel de parede azul-turquesa e as cortinas da janela com reposteiros a condizer, o tapete e a colcha da larga cama no mesmo tom. Aquela cor e a arrumação acalmavam, como se a cama convidasse a deitar. Nós sentámo-nos nos sofás da divisão maior, o Vladislav ligou a aparelhagem de som de aspecto caro e perguntou-me:

– Então, o que achas da dona da casa?

– É jeitosa. Mas porque é que ela não é casada?

– E porque é que milhões de outras mulheres não são casadas? Tu nunca ouviste dizer que nós, homens, não somos que chegue para todas?

– Ouvi, mas ela não é todas. É gira e conseguiu transformar o seu apartamento num ninho confortável.

– Sim, conseguiu. Ganha bastante bem. Ela é uma óptima cabeleireira. Nem é só cabeleireira, ela é estilista, participa em concursos. As damas mais ricas fazem fila para ir a ela e pagam bem.

– Se calhar é de má vida.

– Não é de má vida. A Svetka contou-me que ainda quando elas andavam na escola, a Lenka namorava com um mau aluno de uma turma mais velha. Depois ao terminar a escola deixou-o e ele arrastou-lhe a asa durante muito tempo, brigando com cada um que tentava acompanhá-la. Batia cruelmente nos rapazes

juntamente com os seus amigos, perante os olhos da Lena. Até foi acusado de desordem. Ela tinha pena dele, nunca se apresentou como testemunha contra ele. Dizia sempre que estava meio inconsciente e não se lembrava de nada. Por isso só o conseguiram julgar uma vez por bater num menino que era filho de um papá com um alto cargo.

– Então ela é frígida, não precisa de homens.

– Ha, frígida! Tu não reparaste como ela te olhou logo com os seus enormes olhos. Como uma jibóia para um coelho. Como se estivesse pronta para ir para a cama.

– Não exageres.

– E tu não procures defeitos, goza e aproveita o momento. Nós combinámos que íamos descontrair, então descontrai.

A Lena trouxe as chávenas com café sobre um tabuleiro bonito. Tinha trocado de roupa e vestido uma elegante sarafana justa ao corpo e posto uma maquilhagem leve. Estava ainda mais bonita que antes, e perguntou:

– Se quiserem comer, eu posso cozinhar rapidamente.

– Não – respondeu o Vladislav, – comemos no restaurante. Telefona e reserva uma mesa para quatro no melhor lugar das redondezas.

Enquanto nós bebemos o café, a Lena telefonou para o restaurante e reservou uma mesa através do gerente que, pelos vistos, era conhecido seu, porque ela tratava-o por tu e dizia: «Tenta que seja num bom lugar, eu vou estar com uns cavalheiros muito simpáticos».

Chegámos ao restaurante ao fim do dia, depois de termos andado de carro pela cidade e arredores, visitando os lugares de interesse.

O porteiro obsequioso vestido com um uniforme caro, abriu com um largo gesto à nossa frente as portas do restaurante. O mestre-de-cerimónias acompanhou-nos até uma mesa no lado da sala oposto à saída. O lugar era realmente bom, numa plataforma ligeiramente elevada, de onde se via bem todo o restaurante e o palco. A sala do restaurante, com um relevo bonito nas paredes e no tecto e que pelos vistos seria caro, já estava quase cheia. Pelo que tudo indicava, apenas pessoas bastante ricas podiam dar-se ao luxo de se divertir ali. Também nós decidimos não nos privarmos de nada. Pedimos entradas caras, um bom vinho e eu pedi uma garrafa de vodka para mim. Quando a orquestra começou a tocar a música de dança, um tango qualquer, o Vladislav propôs logo que fossemos todos dançar, e nós fomos. O corpo alentado e confortável de Lena balanceava suavemente nos meus braços. Já um pouco embriagado, eu ficava ainda mais ébrio com o cheiro do perfume dela e com os seus olhos. As pestanas baixas de vez em quando levantavam-se e os olhos carinhosos dela olhavam-me fixamente, parecendo que ardiam com o fogo da paixão eminente. E logo, como se arrefecendo a paixão daquele olhar, as pestanas baixavam de novo.

Quando voltámos à mesa, eu já me tinha esquecido de todos os meus tormentos e procuras. Sentia-me bem embriagado e estava agradecido ao Vladislav, à Lena e a tudo em geral. Afinal, podia viver bem, se não me pusesse a escavar o sentido da vida, mas aproveitasse antes as suas vantagens.

Servi vinho para todos, vodka para mim e ia propor a todos que bebessem e dizer um brinde, mas o Vladislav interrompeu-me. Depois de ter dançado com a sua Svetlana, ele tinha regressado um bocado nervoso. Acendeu logo um cigarro, deixou cair a cinza na salada, engoliu o vinho sem esperar por ninguém e remexia-se

na cadeira. Eu queria pegar no copo e dizer o brinde, quando ele começou a tagarelar:

– Espera lá, há aqui uma coisa... Uma coisa. Vamos lá fora. Precisamos de falar. – Sem esperar a minha resposta, levantou-se repentinamente. – Vocês, meninas, fiquem aqui um bocadinho a fazer intriga. Nós já voltamos.

Nós saímos para a sala grande do restaurante. O Vladislav chamou-me para o canto mais afastado e irrompeu em voz zangada e abafada:

– Mas que víbora! Tu tinhas ra... Ah, víbora.

– Mas quem é a víbora? Se te zangaste com a tua Svetka, não estragues a noite para os outros.

– Não é a Svetka... a Lenka tramou-nos, ou melhor, a ti, mas eu também vou receber por acréscimo. Não te vou abandonar.

– Podes ao menos explicar como é que ela me pode ou nos pode ter tramado? Para quem, para quê?

– Durante a dança a Svetka contou-me. Eu falei com ela sobre ti. E ela teve pena de ti... quando te viu... E durante a dança contou-me.

– O que é que te contou?

– A Lenka é uma víbora. Parece que é uma masoquista doente. Pervertida. Imagina, os homens colam-se a ela, ela coqueteia-se com eles, depois vem ao restaurante. Reserva sempre ela própria uma mesa através de um conhecido seu, e esse lacaio avisa logo aquele mafioso.

– Que mafioso?

– Aquele repelente com quem ela já na escola andava. Eu disse-te que ele já na juventude espancava os pretendentes dela. E agora

parece que se tornou num mafioso local ou num chulo. Enfim, ela sabe que assim que reserva a mesa através do seu conhecido, ele avisa sem falta esse mafioso. E ele e os seus bandidos, mesmo no restaurante ou mais frequentemente depois da saída, espiam e espancam quase até à morte o cortejador da Lena. Toda essa tortura deverá acontecer imprescindivelmente aos olhos de Lena. Ela recebe um enorme gozo disso, e pode até vir-se. A Svetka diz que isso se tornou uma doença para ela. Ela uma vez confessou à Svetka que às vezes até tem orgasmos por causa dessas cenas.

– E ele, esse repugnante ex-namorado dela, o que ganha com faz isso?

– Sabe-se lá o quê. Pode ser que ainda goste dela como antes, ou pode ser que também lhe traga alguma satisfação pervertida. A Svetka diz que a Lena finge que não percebe nada e ele depois dessa tortura leva-a a casa e passa a noite com ela. E o que eles dois lá fazem não se sabe.

– E porque é que ele não se casa com ela?

– Que diferença te faz que ele não se case? Estou a dizer-te que parece que é uma doença da Lena. É como se a juventude continuasse. Ao casar-se restaria apenas o quotidiano. Aqui ela tem prazer, mas no quotidiano que prazer é que há? Ela é doente, é o que diz a Svetka. Mas que diferença nos faz? Temos que pensar em nós, como sair desta, agora.

– Vamos fugir do restaurante, se tu dizes que podem avisar esse mafioso.

– É tarde. Ele já cá está com os seus ajudantes. Estão a observar-nos... A Svetka diz que ele primeiro se aproxima da nossa mesa, pede muito delicadamente autorização para dançar com a Lena, se não recusarem dança com ela, se recusarem afasta-se calmamente. Mas o final é sempre o mesmo, espiam e espancam quase até à

morte, e depois, se houver coisas de valor, os parasitas dele sacam-nas. Eu já entreguei o meu relógio Rolex à Svetka. Se tiveres alguma coisa do género, dá-me para eu lhe entregar.

– Eu não tenho nada de valor comigo. Ouve lá, e como é que eles não têm medo da polícia?

– Estou-te a dizer que eles encenam tudo de tal maneira... ele tem um advogado... E para além disso, ainda podem apresentar tudo de tal maneira que parece que estavam a salvar a mulher de um violador.

– E então a Lena fica calada como testemunha?

– Fica calada, a víbora, finge que não se lembra de nada, como se estivesse em estado de choque ou desmaiada. Eu tenho a culpa disto. Fomos tramados, mas acho que consegui encontrar uma solução... Já sei. Vamos fingir que estamos a brigar, armamos um escândalo entre nós dois para que a polícia nos leve. É melhor sentar um bocado no posto dos bêbedos e pagar uma multa, ao menos não ficamos inválidos.

– Isso é que não. Não vou castigar-me a favor deles. Vamos sair por alguma porta traseira, depois telefonas à tua Svetka e chamas um táxi para ela.

– Não vamos conseguir sair, eles já estão à espera. Se formos embora, trazem-nos de volta. E assim apanhamos duas vezes. E ainda vão dizer que queríamos fugir sem pagar.

– Se não há nenhuma saída, então vamos divertir-nos à farta. Pelo menos brincamos com os nervos destes canalhas. Que pena que esta noite se estrague, eu estava tão bem.

– Mas como divertir-nos agora, como?

– Vamos beber como deve ser, para estarmos nas tintas, descontrair-nos enquanto há tempo. Mas não dês nas vistas, não fiques nervoso antes de tempo.

– Achas que eu estou nervoso por minha causa? Eu temo por ti.

– Vamos lá.

Fomos para a nossa mesa. O grande e luxuoso restaurante brilhava com a exuberância dos vestidos requintados das damas e os seus ornamentos que pareciam jóias verdadeiras. Muitas moças bastante jovens também brilhavam com as suas jóias entre homens deleitados. Divertiam-se aqueles a quem chamam «novos russos». Mas eles também são a Rússia. O que significava que a Rússia se divertia, como apenas ela sabe fazer. À grande e com audácia. E a audácia ainda estava por se mostrar, mas por enquanto tudo era de uma ostentação solene e luxuosa. Quando nos sentámos à nossa mesa, eu enchi logo os copos até cima e disse: «Proponho um brinde à satisfação. Que cada um de nós aqui sentados traga pelo menos um instante de satisfação a outro. À satisfação.» Eu e o Vladislav bebemos até ao fundo, as mulheres até metade. Eu encostei a minha cadeira à de Lena, abracei-a rapidamente, pondo a mão no peito meio despido dela e disse-lhe baixinho ao ouvido:

– Tu és bonita e fofa, Lena, poderias ser uma boa esposa e mãe.

Ela, a princípio embaraçada pelo meu abraço e a mão no peito dela, tentou afastar-se, mas sem insistência, e logo a seguir, pelo contrário, inclinou ligeiramente a cabeça para mim. Assim começou o jogo segundo as regras deles ou dela. E eu participava como podia, ainda sem ter tomado consciência do motivo pelo qual o fazia, como se de propósito para beneficiar alguém, aproximando o triste desfecho para alguém ou algumas forças obscuras. E ele estava a chegar.

Da mesa que ficava ao lado do palco, levantou-se um homem corpulento com pescoço de boi. Ele ficou a olhar fixamente durante

algum tempo na nossa direcção e, quando a música começou, abotoou o casaco e dirigiu-se com convicção para a mesa onde estava sentado o nosso grupo. Após ter andado metade do caminho, de repente parou e ficou a olhar também fixamente para o lado oposto. E também muitas das pessoas sentadas na sala começaram a virar as cabeças. Algumas mulheres e homens até se levantaram dos lugares, como se espantados com algum acontecimento. Eu também olhei para onde todos fitavam e fiquei estupefacto de surpresa.

Anastasia caminhava desde a porta de entrada para o palco. O andar livre, até atraentemente livre dela e a forma como estava vestida não podiam deixar de surpreender. Vestida! Sobre ela tinha apenas o seu casaquinho velho e limpo, a saia e o lenço da mãe, mas daquela vez eles tinham tal aspecto, como se o mais famoso estilista mundial tivesse inventado num ímpeto de inspiração um super conjunto especialmente para ela, eclipsando tudo o que até ali pareceram ser os requintados e modernos trajes das mulheres.

Seria porque a roupa normal dela estava complementada por ornamentos fora do comum, ou seria a forma de caminhar e de se apresentar?

Dos lóbulos das orelhas de Anastasia pendiam, como clipes, dois pequeninos raminhos verdes com agulhas farfalhudas. A fita de ervas entrelaçada na trança rodeava a cabeça como um diadema, segurando o cabelo farto e dourado. Sobre a testa, entrelaçada na fita, uma pequenina flor que brilhava como um rubi. E ela estava maquilhada, com sombras verdes sobre as pestanas. A saia que ela tinha era a mesma de antes, mas com uma racha quase até à anca. Na cintura, um cinto feito com o lenço e apertado com um laço. O conjunto inimaginável era completado por uma mala peculiar super na moda, na qual tinha sido transformada a trouxinha de lona dela. Ela atara as pontas do tecido a um raminho com casca,

feito um cinto com ervas entrelaçadas e resultou uma mala *hippie*. E caminhava com tudo aquilo de uma maneira tão livre e confiante, que nenhuma manequim ou super modelo poderia sonhar.

Anastasia chegou à pista onde alguns pares começaram a dançar uma dança rápida e rodopiou de repente algumas vezes alegremente ao ritmo da música, enquanto o seu corpo esbelto, contorcendo-se todo, fluía com movimentos elegantes e belos. Depois ela ergueu os braços sobre a cabeça, bateu as palmas e soltou uma gargalhada, a sala encheu-se de aplausos masculinos. Quando dirigiu-se para a nossa mesa, dois empregados de mesa apressaram-se a perguntar-lhe alguma coisa, ela apontou para a nossa mesa, e um dos empregados pegou numa cadeira entalhada e seguiu-a. Ao passar pelo conhecido de Lena com pescoço de boi que se estava a preparar para ir em direcção à nossa mesa, Anastasia parou um momento olhando-o nos olhos, pelo que pareceu piscou-lhe o olho e veio ter connosco.

Eu estava sentado abraçado à Lena embasbacado a observar o que acontecia. Todos os que estavam à mesa não conversavam, observavam.

Anastasia aproximou-se da nossa mesa e saudou-nos como se nada fosse, como se já estivesse para chegar:

– Olá, boa noite para vocês. Olá, Vladimir. Permitam-me... Não se importam que eu me sente ao pé de vocês durante um pouco?

– Sim, claro, senta-te, Anastasia, – comecei eu a falar, recobrando-me do aparecimento inesperado dela, e levantei-me para lhe dar o meu lugar, mas o empregado de mesa obsequioso já lhe tinha apresentado a cadeira que tinha trazido. O segundo empregado afastou o meu prato e, colocando um novo em frente a Anastasia, apresentou-lhe o menu.

– Obrigada, – agradeceu Anastasia, – eu por enquanto não tenho fome.

Ela mergulhou a mão na sua mala *hippie*, tirou de dentro dela um embrulho feito com uma folha grande contendo bagas de mirtilo e oxicoco, pô-las num prato e colocando-o no centro da mesa disse para nós:

– Sirvam-se, por favor.

– Como é que foste aparecer aqui de repente, Anastasia? Tu por acaso vais a restaurantes? – Perguntei eu.

– Eu vim visitar-te, Vladimir. Senti que estavas aqui e assim decidi entrar. Não estou a atrapalhar muito?

– Não atrapalhas nada. Mas porque é que te vestiste de uma forma tão fora do comum e te maquilhaste?

– Eu primeiro não me vesti e não me pintei, mas quando cheguei à porta do restaurante e queria entrar, a pessoa que estava à porta não me deixou. Deixava entrar os outros, abria-lhes a porta, fazia uma vénia, mas a mim disse: «Sai daqui, tia, isto não é uma tasca para ti». Eu afastei-me para a sombra e observei porque é que deixavam entrar as outras. Percebi que estavam vestidas de outro modo e se comportavam de maneira diferente da minha. Percebi tudo rapidamente. Ali encontrei dois raminhos na árvore que ficavam a condizer, rachei-os com a ponta da unha e prendi o ornamento às orelhas. Olha aqui, – Anastasia virou-se de lado para mim, mostrando a sua invenção, – então, ficaram bem?

– Ficam bem.

– E também fabriquei rapidamente uma mala, e um cinto com o lenço, e pintei-me com o suco de uma folhinha e das pétalas duma flor é pena que tenha tido que romper a saia...

– Não era preciso rasgar assim tanto, quase até à anca. Teria sido suficiente até ao joelho.

– Eu queria que tudo fosse o melhor possível, para me deixarem entrar.

– E onde foste buscar o *baton*? Os teus lábios estão pintados com *baton* verdadeiro.

– Isso já foi aqui. Quando a pessoa que estava à entrada abriu a porta de par em par à minha frente, eu fui ver-me ao espelho da sala. Estava interessada em ver. Havia umas mulheres perto do espelho que ficaram a olhar para mim. Uma veio ter comigo e disse um bocado agitada: «Onde é que foste catar esse traje? 'Bora lá trocar tudo por tudo. Também te dou o meu anel e as bugigangas. E se quiseres pago o resto em dólares».

Eu expliquei-lhe que ela própria podia fabricar rapidamente uma roupa assim. Primeiro mostrei-lhe o raminho clipe, e as outras mulheres rodearam-nos e também ficaram a observar. Ela continuava a dizer: «Mas que cena, mas que cena». Outra tentava saber onde encontrar a revista na qual havia estes modelos e onde este estilo tinha sido desenvolvido. E aquela que se aproximou primeiro ainda disse que se eu viesse para aqui «fazer as noites» ela era a Chefe e não admite nenhuns chulos, porque as suas meninas são agentes livres e que ela própria é capaz de estoirar com qualquer rede mafioso de protecção.

– Essa deve ser a Anka-putanka, – informou a Sveta, – ela é mesmo dura, eles realmente têm medo dela. Se alguém começa a chatear, ela é capaz de arranjar cada encrenca, cada intriga, de fazer bater as cabeças umas contra as outras de maneira que ninguém sai a rir.

– Dura... – pronunciou Anastasia pensativamente, – mas os olhos dela são tristes, eu fiquei com pena dela. Gostaria de fazer

alguma coisa por ela. Quando ela me cheirou e começou a perguntar sobre o perfume, eu ofereci-lhe um pauzinho dentro do qual havia óleo essencial de cedro e ensinei-a a usá-lo. Ela perfumou logo as suas amigas também e ofereceu-me o *baton*, e um lápis para pôr *baton* nos contornos. Eu primeiro não me saí muito bem e nós rimo-nos, depois ela ajudou-me e disse: «Se houver algum problema, vem ter comigo»... Propôs que me sentasse na mesa particular delas na sala, mas eu respondi que tinha vindo apenas encontrar-me com o meu... – Anastasia hesitou, depois pensou e disse: – para cumprimentar-te, Vladimir e a vocês. Será que podes vir passear comigo pela cidade? Sopra uma brisa na beira-mar, lá o ar é mais puro. Ou ainda te apetece estar aqui, Vladimir, com os teus amigos? Eu espero que tu termines tudo. Ou eu... eu não estou a atrapalhar muito?

– Não atrapalhas nada, Anastasia, eu estou muito contente de te ver. Simplesmente a princípio fiquei surpreendido com o teu aparecimento inesperado.

– A sério? Então, será que podemos ir passear perto do mar? Os dois ou todos juntos? Como é que preferes?

– Vamos, Anastasia. Vamos os dois.

Mas simplesmente não pudemos sair. O conhecido de Elena (Lena)poç aproximava-se da mesa. Ele provavelmente também demorou bastante tempo a cair em si depois do aparecimento inesperado de Anastasia. «Devia ter saído antes, logo no início», – pensei eu, mas agora já era tarde. Eles entraram na sua encenação pervertida. E a Elena, como preparando-se interiormente, endireitou-se, baixou os seus olhinhos, começou a compor os cabelos rebuscadamente.

Ele aproximou-se da mesa, mas não foi ter com a sua Elena e sim com Anastasia. Inclinou-se ligeiramente e pronunciou, sem

reparar em ninguém para além de Anastasia. A Elena até ficou de boca aberta quando ele propôs a Anastasia:

– Menina, permita-me que a convide para dançar.

Anastasia levantou-se, sorriu e respondeu:

– Agradeço-lhe muito pelo convite. Sente-se, por favor, no meu lugar. A sua presença aqui fazia falta. E eu agora não estou com disposição para dançar. Eu e o meu... o meu cavalheiro, decidimos agora mesmo ir passear ao ar fresco.

Ele, acatando-se às palavras de Anastasia e sem tirar o olhar dela, sentou-se na sua cadeira. Nós os dois dirigimo-nos à saída.

Eu decidi ir para longe do restaurante, passear um pouco, como queria Anastasia, e depois apanhar um táxi e ir para casa. Eram umas dez horas da noite. Da alameda sombreada, descemos para a beira-mar. Ainda não tínhamos tido tempo de chegar perto da água, quando eu ouvi o chiar de travões e me virei. Cinco homens grandalhões dirigiam-se a nós do jipe que parara lá em cima na berma da estrada. Quando nos cercaram, eu vi entre eles também o repelente com pescoço de boi, que parou um pouco afastado dos quatro que nos rodeavam, mas foi ele quem começou a conversa:

– Tu, meu, é melhor voltares para o bar. A dama está aborrecida sem ti lá.

Eu não lhe respondi, e ele começou a falar de novo:

– Tu és surdo, ou quê? Estão-te a dizer que tens que voltar para ao pé da tua dama. Mas tu confundiste a dama com outra e foste-te embora. Nós vamos ajudar-te a voltar agorinha mesmo.

O tipo entroncado que estava mais perto de mim deu um passo na minha direcção, e eu decidi... Gritar: «Corre, Anastasia», – decidi dar-lhe um soco primeiro a ele e lutar até ao último, para que Anastasia tivesse tempo de fugir. Primeiro tentei atingir aquele que se tinha aproximado de mim, mas ele agarrou no meu braço, deu-me um soco no plexo solar e outro na cara. Caí sobre as pedras. Provavelmente teria batido com a cabeça nelas, mas Anastasia colocou a palma da mão por baixo e amortizou a queda. Tinha a cabeça a andar à roda e dificuldade em respirar. Eu estava deitado e vi como os pés do entroncado se aproximavam do meu rosto, calçados com meias-botas com orla de metal. «Agora vai agir com os pés», – ocorreu-me em pensamento. Ao aproximar-se, ele tomou balanço com o pé, e nisto, Anastasia fez aquilo que seria natural para a maioria das mulheres em tal situação... ela começou a gritar. Mas o grito dela!.. Apenas no primeiro instante foi normal. Depois, aquele grito entrou selvaticamente pelos tímpanos, um grito insonoro, percebia-se que era um grito apenas pela modulação dos lábios dela. Eu vi como os que nos rodeavam deixavam cair uns objectos quaisquer e tapavam as orelhas. Três deles caíram e começaram a contorcer-se de joelhos. E ela, apertando as minhas orelhas com as suas mãos, enchia de novo os pulmões de ar e começava a gritar de novo. O grito dela, que era nitidamente parecido com um ultra-som, obrigava já todos os que se tinham aproximado de nós a contorcer-se de joelhos. Eles não entendiam o que estava a acontecer, de onde vinha aquele som cortante e insuportável. Mesmo eu, através das mãos dela, sentia o efeito cortante, talvez não com tanta força como os outros, mas mesmo assim era doloroso. Depois vi como desde cima, da estrada, corria para nós um grupo de mulheres. Anastasia parou de gritar, abriu as mãos e eu sentei-me numa pedra. As mulheres que corriam para nós estavam

armadas: uma com uma garrafa, outra com o eixo das rodas de um carro, outra sorria segurando um cassetete de polícia, outra um enorme castiçal. À frente delas ia Anka-putanka, segurando nas mãos o gargalo de uma garrafa de champanhe partida. Dos dois Zhiguli em que elas tinham vindo e estavam parados ao lado do jipe, vinha devagar ainda mais uma gorducha em robe, que pelos vistos tinha saído directamente da cama sem ter tempo de trocar de roupa. De alguma forma a dirigente das prostitutas tinha reunido todas as suas amigas de ofício, como debaixo de alarme.

Brava e desgrenhada, Anka parou a uns cinco metros do nosso grupo que recobrava, sentado e deitado pitorescamente sobre as pedras. Apenas Anastasia estava de pé, e foi a ela que Anka se dirigiu:

– Ó amiga, levaste atrás de ti uma data de gajos, não estão-te a incomodar pois não?

– Eu queria falar só com um, – respondeu calmamente Anastasia.

– E então o que é que os outros estão aqui a fazer?

– Vieram ter connosco por alguma razão. Não sei o que querem.

– Tu não sabes? Eu sei o que é que esses canalhas querem, – respondeu Anka e desatou aos palavrões para o conhecido de Lena. – Quantas vezes já te disse, australopiteco, para não tocares as minhas moças, seu animal, sanguessuga.

– Ela não é tua, – respondeu abafadamente o figura repelente.

– São minhas todas as que eu quiser, percebeste, ó degenerado? Se o teu focinho de chulo cobiçar mais alguma das minhas moças, eu desfaço o teu e o dos teus sabujos. Lembra-te disso. Eu não admito nem um chulo no meu território, não admito nem um animal

como tu. Não te chega chupar o sangue dos empresários? Ainda queres fazer negócio connosco?!

– Tens cá uma lata. Ela não é tua. Ela é nova. Eu mesmo ainda agora queria curtir com ela. Mas tu, Anka, passas todos os limites. O que é que te deu? O que é que tens a ver com ela?

– Ela é minha amiga. Entendeste? E para ti basta curtires com a tua sádica.

– Estás mesmo tonta, daqui a pouco todas as gajas vão ser tuas amigas, é isso?

A voz do cabecilha já não estava assustadamente abafada. E eu percebi porquê: enquanto Anka falava com ele, os amiguinhos dele tinham recuperado e o rapaz baixo que estava ao lado do cabecilha segurava uma pistola nas mãos, apontada para Anka. Outro já segurava, debaixo da mira da sua pistola, o grupo de prostitutas que estavam atrás de Anka. O grupo de mulheres jovens, armadas como calhara, estavam sob a mira das pistolas dos bandidos. A briga parecia terminar nada a favor delas. Era absolutamente claro: mais um instante, e elas seriam moralmente submetidas, estropiadas fisicamente, já para não falar de perderem a sua liberdade ou o meio de sustento. Tive muita vontade de exercer alguma influência sobre a situação, de não permitir o desfecho terrível. Sacudi o braço de Anastasia, que estava ao meu lado a observar fixamente o desenrolar da situação, tapei as minhas orelhas com as mãos e disse rapidamente:

– Grita, Anastasia. Grita já.

– Para quê gritar, Vladimir?

– Tu não estás a ver que aquilo é uma briga. Eles vãos estralhaçar e mutilar essas mulheres. Elas perderam. É o fim para elas todas.

– Não para todas. O espírito de três delas ainda luta.

– De que é que serve o espírito debaixo da mira das pistolas, elas foram vencidas.

– Elas ainda não foram vencidas, Vladimir. Enquanto o espírito delas luta, ninguém deve intrometer-se. A interferência alheia pode corrigir a situação presente, mas instalaria nelas a falta de confiança em si próprias e muitas outras situações nesta vida viriam a ser em seu desfavor. Elas começariam a esperar ajuda vinda do exterior.

– Pelo menos agora, cospe nessa tua filosofia. Estou a dizer-te que a situação é clara... – Eu calei-me, estava claro que era impossível convencer Anastasia. E pensei com pena: «Ah, se eu pudesse gritar assim».

Ao ver a preparação dos seus amiguinhos, o cortejador de Lena e chulo deu uma risada e já com um sentimento de superioridade sobre a situação, começou a falar:

– Eu já te disse, Anka-putanka, que tu te estás a esticar demasiado. Mas desta vez ganhámos. Toca a largar os brinquedos, vitelinhas. Larguem-nos e dispam-se, que nós vamos «dar-lhes uma» todas em fila.

Anka passou o olhar pelos bandidos, uns de pé outros deitados, com pistolas nas mãos e respondeu com um suspiro:

– Talvez não seja preciso todas, se calhar eu chego?

– Aha, víbora. Agora estás a falar de outra maneira, – respondeu o cabecilha debaixo de risadas dos amiguinhos. – Tu não chegas para nós, vamos dar uma lição a todas. Agora vão passar a trabalhar para nós, cadelas.

– Mas onde é que vão buscar as forças de homem para nós todas? Quanto muito, chegariam para uma. – Respondeu Anka rindo.

– Cala-te, víbora. Vamos foder a todas.

– Eu cá tenho dúvidas, penso que não dão conta de uma, sequer.

– Vamos foder todas até de manhã.

– Ai, lindinho, já estou a ficar farta das tuas promessas, eu não acredito nelas, nem na vossa dignidade de homens.

– Já vais acreditar, cadela. Eu esborracho-te o focinho, – rouquejou já enfurecido o cabecilha e deu um passo em direcção a Anka, calçando uma soqueira na mão.

Anka deu um passo para trás e gritou para as suas:

– Afastem-se para o lado, meninas.

O grupo de prostitutas deu alguns passos para trás, apenas a gorducha carrancuda em robe ficou de pé ao seu lado como enterrada, e quando o homenzarrão deu mais um passo na direcção de Anka, a gorducha de repente proferiu murchamente:

– Anh, ó Anh, então... É para começar ou quê?

– Já estás de novo impaciente, Mashka, – respondeu Anka enquanto recuava. – Vá lá, começa, se não aguentas.

A gorducha, de forma calma e feminina, abriu de rasgão as abas do seu robe e os botões voaram pelo ar. O seu peito e o *bikini* fininho ficaram nus e ainda se desnudou... uma metralhadora *Kalashnikov* com silenciador e mira óptica de visão nocturna que estava debaixo do robe da gorducha. Ela sacudiu o fecho da metralhadora, encostou a coronha ao ombro e encostou-lhe a bochecha, determinando o alvo:

– Mas Masha, não leves tudo a eito. Isto não é uma trincheira. Um por um. Tu sabes. Cada bala custa dinheiro, – aconselhou Anka.

– Aha, – respondeu a gorducha, sem tirar o alvo da mira – e nisto, disparou cinco tiros isolados, com provavelmente um intervalo de um segundo entre eles. Mas que disparos! A primeira bala arrancou o salto do sapato do cabecilha, e é possível que lhe tenha magoado o pé. Ele saltou para o lado do mar, coxeando. As outras quatro balas foram parar ao lado de cada um dos bandidos. Eles começaram imediatamente a esconder-se atrás de rochas, e os que não tinham nenhuma rocha por perto, deitaram-se rente ao chão.

– Ah, diz-lhes que rastejem para a água. Senão o ricochete pode aleijá-los, – disse a gorducha, sem baixar a metralhadora.

– Vocês ouviram, lindinhos. Têm que ir para dentro da água. A Masha ainda não aprendeu a tomar responsabilidade pelas balas que voam em ricochete, – informou carinhosamente Anka aos corpulentos bandidos que já assim rastejavam para a água.

Passado um minuto, todos eles, juntamente com o seu chefão, estavam com água pela cintura.

Ania aproximou-se de Anastasia, e elas ficaram algum tempo a olhar uma para a outra em silêncio. Ficaram ali de pé a olhar, sem dizer nada. Depois a Ania disse baixinho e com alguma tristeza:

– Amiga, querias passear aqui com o teu amigo. Então passeia. Está uma linda noite, calma e amena.

– Sim, sopra uma brisa agradável sobre a cidade, – respondeu Anastasia e acrescentou: – Estás cansada, Ania, não seria bom descansares no teu jardim?

– Talvez... mas tenho pena das miúdas, e a raiva desses... gajos rasga-me por dentro. Tu vieste do campo?

– Sim.

– É bom lá na tua aldeia?

– Sim. Mas nem sempre é tranquilo quando nos outros lugares nem tudo está bem, como aqui agora.

– Não ligues. Vem visitar-nos. E eu vou andando, tenho que trabalhar. Fiquem aqui a passear calmamente.

Ania dirigiu-se aos carros e o seu grupo seguiu-a. Quando passaram pela gorducha sentada numa pedra, sobre os joelhos da qual se encontrava a metralhadora, Ania disse:

– Fica aqui a descansar por enquanto, Mashenka. Depois mandamos um carro para te buscar.

– Tenho um cliente à espera, eu vim directamente do cliente. E ele já pagou.

– Nós servimos o teu cliente. Dizemos-lhe que ficaste com dores de barriga. Porque o champanhe não era de qualidade.

– Eu bebi vodka. E só meio copo.

– Então dizemos que comeste alguma coisa...

– Eu não comi. Só mordisquei um bombom e uns bolinhos.

– Olha, os bolinhos, então, não eram frescos. Quantos comeste?

– Não me lembro.

– Ela não come menos de três de uma vez, – disse uma das moças. – Não é, Masha?

– Se calhar é. Então deixem-me um cigarro. Senão aborreço-me aqui.

Ania colocou um maço de cigarros e um isqueiro ao lado da gorducha, e as moças foram-se embora.

– Ei, – soou uma voz de dentro de água, – vocês deixam essa aí na pedra?

– Deixamos, lindinhos, deixamos, – respondeu Ania, – eu disse-vos logo que uma só era suficiente. Vocês pediram todas. Mas convosco até uma se aborrece.

– Se os homens ficarem a saber da vossa crueldade... Se souberem... Ninguém se vai deitar com vocês depois disso. Não se deitam, nem que vocês lhes paguem.

Soaram cinco estalidos surdos com intervalos curtos vindos da pedra. Surgiram cinco ondas na água, cada uma perto de um dos homens que ali estavam, obrigando-os a recuar ainda mais dentro do mar. Ania virou-se e avisou:

– Vocês, meninos, não enervem a Mashenka. E quando gostamos de alguém, nós somos carinhosas e meigas. Ou melhor dito, somos fiéis como cachorrinhas. Com quem gostamos, percebeste? Seja quem for... – e de repente, com voz forte sonora, trepando a colina para a estrada, Ania cantou:

Cresceram ervas no caminho, na vereda,
Por onde passaram os pés do meu querido.

E as prostitutas jovens que trepavam a colina acompanharam o tom da voz dela, com entoação de tristeza e desespero:

Cresceu o musgo e a erva
O meu querido passeia com outra,
Onde anda o meu querido
O meu pobre coração sofre e chora.

E ao som da canção sobre o caminho e a vereda, elas seguiram para o seu trabalho.

Capítulo 23



Os teus desejos

Eu e Anastasia chegámos ao meu apartamento quase à meia-noite. Ao introduzir a chave na fechadura, senti como estava cansado após aquele dia repleto de acontecimentos. Ao ver a cama, disse a Anastasia que tinha muito sono e fui logo tomar um duche. Quando saí, Anastasia informou: – Eu fiz a tua cama, e vou deitar-me na varanda.

«Se calhar tem falta de ar dentro de um apartamento de um prédio», – pensei eu e fui ver como ela tinha improvisado a sua cama na varanda. Estendera uma esteira no chão da varanda e sobre esta, um papel branco que os senhorios tinham trazido para colar debaixo do papel de parede. Enrolara o seu casaquinho para fazer de almofada e colocara um pequenino ramo à cabeceira.

– Como é que podes dormir bem aqui? É duro e vais ter frio. Anastasia, pelo menos pega num cobertor.

– Não te preocupes, Vladimir, fico bem aqui. O ar é puro, vêem-se as estrelas. Como o céu está estrelado hoje, olha! E sopra uma brisa acariciadora, amena, não vou ter frio. Deita-te, Vladimir, eu fico um bocadinho sentada ao pé de ti na beirinha da tua cama e, quando adormeceres, também me vou deitar.

Eu deitei-me na cama feita por Anastasia e pensei que adormeceria logo com o cansaço, mas nada disso. Os pensamentos ou a

compreensão de que o ser humano, todas as pessoas, são simplesmente brinquedos nas mãos de umas quaisquer coincidências, parecia que me queimavam por dentro, não me deixavam em paz. E depois a irritação para com aqueles que ordenam essas coincidências, e para com Anastasia, começou a aumentar. Era também para com Anastasia porque, como eu achava, ela também poderia perfeitamente ser cúmplice da formação dessas coincidências, pelo menos na minha vida.

– O que te está a preocupar, Vladimir? – Perguntou baixinho Anastasia, e eu até me levantei ligeiramente.

– Tu ainda perguntas? Eu acreditei em ti... Eu queria acreditar... Especialmente no facto de o ser humano, cada ser humano, ser capaz de construir uma vida feliz para si próprio. Acreditei principalmente nas aldeias ecológicas, nas quais as pessoas iriam viver providenciadas pela terra natal. E onde educariam os seus filhos felizes. E que haveria lá boas escolas para as crianças. Eu acreditei em ti, em que cada ser humano é um filho querido de Deus. «O homem é o culminar da criação», tu disseste isto, não disseste?

– Sim, Vladimir, eu disse-te isso.

– E não havias tu de dizer. E ainda me comprovaste tudo de forma tão convincente. Eu não apenas acreditei em ti, eu comecei a agir, a organizar as aldeias. Os papéis já seguiram para diferentes repartições. Estão a reunir na Fundação as solicitações das pessoas. Os projectos de planeamento e os de diferentes cultivos já foram encomendados. Como se não bastasse eu ter acreditado em ti e em tudo, eu comecei a agir com alegria. Tu sabias! Tu sabias que eu ia agir!

– Sim, Vladimir, eu sabia. Tu afinal és um empresário. Estás sempre pronto para acções reais, para a materialização...

– Estou sempre pronto? Como tudo é tão simples. Claro. Para isso não é preciso ser profeta. Cada empresário, se acreditar em algo, começa a agir. E também eu, como idiota, comecei.

Eu não conseguia ficar deitado, saltei da cama, aproximei-me da janela e abri a *fortochka*[1], porque dentro do quarto ou dentro de mim tinha ficado calor.

– Porque é que tu consideraste as tuas acções idiotas, Vladimir? – Perguntou Anastasia calmamente.

E a calma dela, fingida (como eu pensei naquela altura), ainda me enfureceu mais.

– Como é que falas assim tão calmamente? Calmamente! Como se não soubesses que o ser humano, na realidade, é um parafuso nas mãos de alguém. Controlam as pessoas através de várias circunstâncias. Há umas forças quaisquer que podem controlar facilmente cada pessoa. Se quiserem, lançam metade da humanidade numa guerra e ficam a olhar de algures em cima ou de lado para ver como as pessoas se matam umas às outras. E, se quiserem, impingem uma religião qualquer e ficam a observar como as pessoas de diferentes religiões lutam pela sua fé. Se quiserem, podem brincar com o ser humano! Eu convenci-me disso. Convenci-me graças a pessoas capazes de analisar o que está a acontecer, a pessoas inteligentes.

– E como é que essas pessoas inteligentes te conseguiram convencer dessa maneira, de que o ser humano é apenas um brinquedo nas mãos de umas forças quaisquer?

– Eu ouvi um relatório. Falava-se sobre mim. Umas pessoas inteligentes ficaram interessadas no que está a acontecer na sociedade por causa dos livros. Ficaram interessadas em ti e em mim. Seguiram cada dia da minha estadia em Chipre, enquanto eu estava a escrever o quarto livro. Registaram tudo e depois analisaram. E eu, imagina, não estou zangado com eles pela investigação.

[1] *Fortochka* – postigo na parte superior de janelas russas.

Eu até lhes estou agradecido, por me terem finalmente aberto os olhos. Mostraram-me como andam a brincar com o ser humano. Não existem coincidências, eu convenci-me disso com base na minha própria experiência!

– Com base em que experiência, tu por acaso fizeste experiências, Vladimir?

– Não fui eu que fiz, mas fizeram-nas comigo. Quando eu estive em Chipre, falei em peixe do rio e o peixe apareceu. Falei nos cedros, e os cedros apareceram. Quis de noite ir a uma igreja, e a igreja apareceu, e as portas da igreja abriram-se de noite, e ainda aconteceram muitas outras coisas. Provavelmente, o mais importante era que eu escrevesse o que eles querem. Mas o principal foi que a neta da deusa Afrodite apareceu. Eu disse a algumas pessoas em Chipre que queria encontrar-me com a neta, porque eles já me estavam a chatear com a deusa Afrodite deles. Por toda a parte havia cartazes pendurados sobre os seus banhos, falam dela com sobranceria. Resumindo, eu disse-lhes que me ia encontrar com a neta da deusa Afrodite. Disse-lhes isso, e passados alguns dias aparece uma moça com os olhos a arder. Bem, as circunstâncias desenrolaram-se de tal maneira, que todos acharam que a Afrodite tinha enviado a sua neta. Através daquela moça faziam-se milagres, e ela própria se transformou. Mas quem é que ordenou essas coincidências assim umas atrás das outras? Quem? Eu não ordenei nada. Se tivesse sido só uma a manifestar-se ao acaso, mas foi tudo, e tudo não como coincidência, mas em conformidade com uma lei qualquer. Os cientistas chegaram a esta conclusão. E eu também estou convencido da exactidão desta conclusão. Agora tu já não o podes negar.

– Mas eu não quero negar a conformidade do que aconteceu, Vladimir, – notou calmamente Anastasia.

Dentro de mim tudo arrefeceu. Depois das últimas palavras de Anastasia caiu sobre mim uma espécie de apatia antes desconhecida. Eu tinha esperanças, fracas, de que ela conseguisse dissipar a compreensão que se tinha instalado em mim de que o ser humano e toda a humanidade são completamente insignificantes, mas ela não o fez. E como poderia ela negar o que é demasiado evidente? Indiferente a tudo, fiquei de pé junto à janela no quarto iluminado apenas pela lua, a olhar as estrelas.

Algures ali, talvez, numa daquelas estrelas, vivem os que nos comandam, que brincam connosco. Eles estão vivos! Mas será que podemos chamar a nossa existência de vida? Um brinquedo obediente à vontade de alguém não pode viver independentemente, o que significa que nós não vivemos. Há muito que para nós «tanto faz».

Anastasia começou de novo a falar com a voz baixinha e calma. Mas a voz dela não fazia surgir em mim nenhumas emoções, soava como um som inexistente.

– Vladimir, tu e as pessoas que te enviaram essa cassete com o relatório determinaram correctamente: existem realmente energias capazes, mediante a variação do tempo, de unir numa só corrente diferentes acontecimentos ou, como aconteceu contigo, de construir uma corrente inteira de circunstâncias indispensáveis para alcançar um determinado objectivo. Não existem meras coincidências, isso já está claro para muitos. As coincidências, até as aparentemente mais incríveis, são programadas. Tudo o que acontece com cada pessoa é programado. E também aquilo que aconteceu contigo em Chipre e se tornou um exemplo visível para os investigadores, naturalmente, para ti, foi também programado e depois materializado na realidade. Diz-me, por favor, Vladimir, não gostarias de saber onde se encontra agora o programador directo das tuas coincidências?

– Que diferença faz onde ele se encontra. Para mim tanto faz. Em Marte, na Lua... ou se ele se sente bem ou mal.

– Ele encontra-se neste quarto, Vladimir.

– Significa que és tu? Se é assim, também não muda nada. Eu nem estou admirado nem zangado. Para mim tanto faz. Nós somos controláveis, é essa a realidade trágica de todas as pessoas.

– Eu não sou de todo o principal programador das tuas coincidências, Vladimir. Eu posso apenas influir um bocadinho.

– Então quem é o principal? Só estamos dois dentro do quarto. Ou há um terceiro, um programador invisível?

– Vladimir, esse programador está em ti próprio, são os teus desejos.

– Como assim?

– Apenas os desejos, as aspirações do ser humano, podem pôr em funcionamento um programa de acções ou outro. Assim é a lei do Criador. Nunca ninguém, nem nenhumas energias universais podem quebrar essa lei. Porque o ser humano é senhor de todas as energias universais! O Ser Humano!

– Eu não pus nada em funcionamento em Chipre, Anastasia. Tudo aconteceu por si, por acaso, sem mim.

– Os acontecimentos insignificantes, mas que fizeram parte do mais significativo, que levou à realização do mais importante, aconteceram sem ti. Mas os acontecimentos principais foram precedidos pelos teus desejos. Por acaso não foste tu que desejaste o encontro com a neta da deusa Afrodite? Tu até expressaste o teu desejo na presença de testemunhas e repetiste-o mais do que uma vez.

– Sim, expressei...

– E se tu te lembras disso, como é que podes chamar os criados que cumprem a vontade do senhor de 'governantes', e o senhor de 'brinquedo' nas mãos deles?

– Sim, isso seria tonto. Resulta algo interessante. Mas que coisa... os desejos... Mas então porque é que nem todos os desejos se realizam? Muitas pessoas querem algo, mas não se realiza.

– Muito depende da importância do objectivo. Da correspondência do desejo com o que é luminoso ou obscuro. Das forças da vontade. Quanto mais o objectivo for significativo e luminoso, maior a quantidade de forças luminosas serão atraídas para a sua realização. Para o alcançar.

– Mas e se o desejo é obscuro, assim por exemplo de se embebedar, de brigar, de começar uma guerra?

– Então as forças obscuras ocupam-se da tarefa, a pessoa com os seus desejos dá-lhes oportunidade de agir. Mas, como vês, de qualquer modo o desejo do ser humano é inicial e o mais importante! A tua vontade, Vladimir.

Eu comecei a compreender o que dissera Anastasia, e sentia-me cada vez melhor. A luz muito agradável da lua preenchia todo o quarto e as estrelas no céu, parecia, brilhavam não com uma luz fria, mas sim amena. E era como se também Anastasia, sentada na beira da cama, tivesse começado a ficar mais bonita. Eu disse-lhe:

– Sabes, Anastasia, lá em Chipre, para te dizer sinceramente, no início quase que fui para a farra. Porque no início não gostei nada daquilo. Ninguém falava russo. Não me deixavam trabalhar, em redor era só festarolas. «O que é que me deu, – pensei, – para vir para aqui? Se calhar foi para conhecer prostitutas.» Lá há muitas mulheres assim, de comportamento leviano, há vindas da Rússia, e da Bulgária.

– Vês, Vladimir, tu quiseste e elas apareceram logo. E embebedaste-te com vodka e combinaste um encontro com elas. Com uma mulher da Bulgária e com uma da Rússia. Mas ainda antes tinhas querido encontrar-te com a neta de Afrodite, o teu primeiro desejo foi

mais forte, e ela apareceu, protegeu-te de todas as coisas nefastas, e ajudou-te.

– Sim, ajudou. E tu, de onde sabes sobre a búlgara?

– Dos meus sentimentos, Vladimir.

– Não entendo, mas não importa. Diz-me antes, aquela moça, a Elena Fadeeva, ela não é neta da deusa Afrodite, ela é russa e trabalha simplesmente no Chipre através de uma agência de turismo. Mas eu falava sobre a neta de Afrodite. Significa que essas forças luminosas são fracas demais para mostrar a verdadeira neta de Afrodite?

– Não são nada fracas. E elas mostraram. A deusa Afrodite é agora energia. Ela é capaz de tomar contacto durante algum tempo com a energia de qualquer pessoa. Se estiver previsto para isso um sentido correspondente. Elena Fadeeva, quando se encontrava ao teu lado, era detentora das duas energias. Ela foi capaz de fazer muitas coisas naqueles dias. Ela conseguiu fazer muita coisa e também te conseguiu ajudar.

– Sim, eu agradeço-lhe. E agradeço à deusa Afrodite também.

Evaporaram-se todas as minhas preocupações e sensações desagradáveis que tinha quando achei que todas as pessoas eram brinquedos nas mãos de umas quaisquer forças. Agora, depois da conversa com Anastasia, tinha aparecido a confiança e tranquilidade.

Durante algum tempo, fiquei a olhar Anastasia sentada à beira da cama à luz do luar, com as mãos colocadas pacificamente sobre os joelhos, e depois... eu próprio até agora não consigo entender como é que aquilo aconteceu, eu de repente disse:

– Eu já percebi quem tu és, Anastasia, tu és uma deusa grandiosa. – Eu disse isto e pus-me de joelhos em frente dela.

Da boca de Anastasia soltou-se um grito de desespero e dor. Ela levantou-se rapidamente, recuando de ao pé de mim, encostou-se à parede e apertou os braços contra o peito como que implorando.

– Vladimir, eu imploro-te, levanta-te, tu não me deves venerar. Ó Deus, Deus, o que é que eu fui fazer, perdoa-me pela incompreensibilidade das explicações aos teus filhos. Vladimir, perante Deus as pessoas são todas iguais, não deve haver veneração uns perante os outros, eu sou simplesmente uma mulher, um ser humano!

– Tu és muito diferente de todas as pessoas, Anastasia, e se és simplesmente um ser humano, então quem somos nós, quem sou eu?

– Tu também és um ser humano, mas vives a tua vida em azáfama, ainda não conseguiste pensar sobre a tua predestinação.

– Moisés, Jesus Cristo, Maomé, Rama, Buda, quem são eles, qual é a tua relação com eles?

– Tu disseste os nomes dos meus irmãos mais velhos, Vladimir. Eu não tenho o direito de julgar os seus feitos, apenas posso dizer: nenhum deles recebeu o amor terreno na totalidade.

– Isso não pode ser, cada um deles ainda hoje tem milhões de adoradores.

– Mas a adoração não significa amor. Ela tira daquele que adora a força de pensamento que é inerente apenas ao ser humano. A grandiosa egrégora dos meus irmãos foi alimentada por inúmeras pessoas ao longo de milhões de anos, enquanto que cada um que venerava diminuía a sua energia. Através dos séculos, encontraram-se muitos com vontade de julgar os feitos dos meus irmãos. E eu também não compreendia para que é que eles alimentavam assim afincadamente a sua egrégora, acumulando a energia durante milénios. Ninguém conseguia desvendar o seu segredo, até que chegou o dia de hoje. E os irmãos tomaram uma decisão: a de reunir numa só e distribuir pelas pessoas que vivem hoje na Terra a sua energia acumulada. Está prestes a chegar um novo milénio para a Terra, nele os deuses irão habitar a Terra, – são as pessoas cuja consciência permita receber a energia.

Vladimir, eu imploro-te, levanta-te! Para um pai que ama é doloroso ver o seu filho escravizado e prostrado. Apenas as trevas tentaram sempre diminuir a importância humana. Vladimir, levanta-te, não te traias a ti próprio. Não te afastes de mim.

Anastasia estava muito inquieta, e eu fiz o que ela pedia, levantei-me e disse:

– Mas eu não me estava a afastar, pelo contrário, parece-me que comecei a compreender-te. Apenas não estou de acordo com o facto de a adoração atrapalhar o amor. Todos os crentes, pelo contrário, dizem que amam Deus. E eu também me prostrei perante ti como deusa, mas tu assustaste-te com alguma coisa, ficaste inquieta.

– Nós já nos conhecemos há mais de cinco anos, Vladimir. Desde aquela noite em que o nosso filho foi gerado já passaram muitos dias, mas desde então tu não tiveste vontade de me tocar nenhuma vez nem de me olhar com aquele olhar que ofereceste a outras mulheres. Primeiro, foi a incompreensão e agora é a veneração que não deixam o amor revelar-se. Os bebés não nascem da veneração.

– Mas isso, Anastasia, é porque tu passaste a ser não como uma mulher, mas como um aglomerado de informação. Não apenas eu, mas também os outros não compreendem imediatamente o que tu dizes. O que significa, por exemplo, «não te traias a ti próprio»? Porque é que disseste isso sobre mim?

– Tu escreveste uma carta ao Presidente da Rússia, Vladimir, mas ao mesmo tempo não confiavas em ti, quase morreste. Paraste de criar e entregastes os teus problemas a outros, na verdade, a um só Presidente.

– Isso é porque na Rússia apenas uma pessoa é capaz de fazer realmente alguma coisa.

– Sozinho não é capaz, é necessária a vontade da maioria. E para além disso, porque é que te dirigiste apenas a um presidente? Há presidentes na Ucrânia, na Bielo-Rússia, no Kazaquistão...

– Mas tu só falaste sobre a Rússia, e a Rússia é a minha terra natal.

– No teu passaporte está escrito que tu és bielorusso.

– Sim, bielorusso. O meu pai era bielorusso.

– E passaste a tua infância na Ucrânia.

– Sim, pois passei. E isso é o melhor que recordo da minha infância. A casa de campo branca coberta de colmo e o charco onde pescava enguias com os gaiatos da vizinhança. O avô e a avó nunca se zangavam à minha frente e nunca me castigavam.

– Sim, sim, Vladimir, e recorda-te de como plantaste com o teu avô rebentinhos pequeninos no jardim...

– Eu lembro-me,,, A avô regava-os com um balde.

– E ainda agora na aldeia Kuzdnichi na Ucrânia, na aldeia onde tu nasceste, se mantém o jardim, as suas árvores rijas continuam a dar frutos, esperam-te.

– Mas afinal onde é a minha terra natal, Anastasia?

– Ela está em ti.

– Em mim?

– Em ti! Materializa-a para a eternidade na Terra, ali onde a tua alma indicar.

– Sim, tenho que perceber de alguma maneira, por enquanto tenho a sensação de que estou espalhado pela terra.

– Vladimir, tu estás cansado, o dia que passou levantou-nos muitas emoções. Deita-te, adormece, o sono reunir-te-á novas forças pela manhã, e virá uma nova consciência...

Eu deitei-me na cama e senti como Anastasia tomou a minha mão nas dela. Eu já sabia que agora ia chegar um sono profundo,

ela consegue fazer com que o sono seja profundo e tranquilo, para que de manhã me sinta bem, mas antes de adormecer tive tempo de dizer:

– Sabes, Anastasia, faz por favor com que eu de novo possa ver o futuro maravilhoso da Rússia.

– Está bem, adormece, Vladimir, vais vê-lo.

Anastasia começou a cantar com voz baixa e sem palavras o que parecia uma canção de embalar. «Que bom que afinal as pessoas podem programar tudo para si próprias», – consegui pensar eu, ao mergulhar no agradável e tranquilo sonho sobre o futuro da Rússia.

CAPÍTULO 24

A eternidade está perante nós dois

O Sol erguia-se e incidia através dos estores abertos mesmo sobre a cama. Foi ele que me despertou. Dormi mesmo bem! Dentro de mim até surgiram forças invulgares, até tinha vontade de fazer ginástica ou outro exercício físico. E a minha disposição era mais que óptima. Da cozinha chegavam sons de loiça. «Será que Anastasia está a tentar preparar o pequeno-almoço? – pensei. – Ela não sabe como lidar com todos os aparelhos na cozinha nem como acender o gás. Se calhar é preciso ir ajudar.» Vesti um fato de treino, abri a porta da cozinha e, assim que vi Anastasia, passou-me imediatamente por dentro uma espécie de onda de calor.

Eu via pela primeira vez a eremita da taiga Anastasia não na floresta siberiana, na sua clareira da taiga, nem à beira-mar, mas na situação mais habitual para uma mulher citadina: na cozinha. Ela inclinou-se sobre o fogão e tentou regular o bico. Ora aumentava, ora diminuía o fluxo de gás com o botão, mas aquele fogão antigo não se regulava bem.

Na cozinha, Anastasia parecia uma mulher completamente normal. Para que é que eu a tinha assustado na noite anterior pondo-me de joelhos? Provavelmente tinha bebido muito e estava exausto.

Anastasia sentiu que eu estava a olhar para ela e virou-se para mim. Tinha uma bochecha levemente manchada de farinha e por

debaixo da fita que tinha na cabeça caía uma mecha de cabelo sobre a testa um pouco suada. Anastasia sorriu. E a voz... a admirável voz dela...

– Um maravilhoso e bondoso dia que está a começar para ti, Vladimir. Eu já preparei quase tudo para o pequeno-almoço. Falta só um bocadinho. Enquanto tu te lavas, vai ficar tudo pronto. Vai-te arranjar para já, não te preocupes, eu não estrago nada aqui, já me orientei...

Eu não fui logo para a casa de banho. Fiquei ali de pé a olhar para Anastasia como que fascinado. Pela primeira vez em cinco anos desde que a conheci, eu vi verdadeiramente como aquela mulher era extraordinariamente bela. A beleza dela é indescritível. Mesmo com a bochecha suja de farinha, mesmo sem estar penteada, simplesmente com os cabelos atados num rabo-de-cavalo, e com roupa simples, fora de moda, ela ainda assim era extraordinariamente bonita.

Eu fui para a casa de banho, barbeei-me cuidadosamente, tomei um duche, e Anastasia, com a sua beleza, não me saía da cabeça. Da casa de banho fui para o quarto, sentei-me na cama, que entretanto tinha sido feita e em vez de ir logo para a cozinha, continuava, por alguma razão, a pensar em Anastasia com inquietação.

Há cinco anos que conhecia aquela mulher, a eremita da taiga siberiana. Cinco anos... e como mudou tudo na minha vida nesses anos! Vemo-nos raramente, mas é como se ela estivesse sempre ao meu lado e é mesmo ela! Claro que foi graças a ela que a minha relação com a minha filha se restabeleceu. Agora damo-nos maravilhosamente. E a minha mulher, embora eu não tenha estado em casa nenhuma vez em cinco anos, telefonei para ela e pela sua voz sinto que passou a falar comigo sem ressentimento nem frieza. Conta-me que tudo está bem na família.

Anastasia... Foi ela que me curou. Os médicos não conseguiram, mas ela conseguiu. Eu próprio percebia que podia morrer, mas ela curou-me e tornou-me famoso. Agora propõem-me grandes honorários pelos livros, mas neles estão as palavras dela. E ela fala sempre carinhosamente, nunca se zanga. Eu sem querer fico ofendido com ela, mas ela de qualquer maneira não se zanga. Claro que ela transformou significativamente a minha vida, mas transformou para melhor. Foi ela que deu à luz o meu filho! Claro que não é uma situação comum – o meu filho vive na taiga na sua clareira, mas ele provavelmente sente-se bem com ela. Ela é muito bondosa. É preciso dizer-lhe alguma coisa boa e fazer algo de bom para ela. Mas o quê? Ela não precisa de nada. Parece que, mesmo que eu tivesse metade do mundo, ela teria sempre mais do que eu. Mas mesmo assim tive vontade de lhe oferecer alguma coisa. Há muito tempo que eu tinha comprado um colar de pérolas para ela. Não era artificial, tinha pérolas naturais e grandes. Decidi que agora, era o momento de lho oferecer. Tirei o estojo da mala, peguei no colar, mas em vez de ir logo para a cozinha, comecei por alguma razão a mudar de roupa. Em vez do fato de treino, vesti umas calças, uma camisa branca e ainda uma gravata. Depois pus o colar no bolso das calças, mas não conseguia ir para a cozinha por causa da inquietação. Fui para perto da janela e fiquei ali todo aprumado. Depois tomei controlo sobre mim. «Mas o que é isto, afinal de contas, – pensei de mim para mim, – que agitação tonta é esta?» – E dirigi-me para a cozinha.

Anastasia, que estava à espera sentada à mesa preparada para o pequeno-almoço, levantou-se e veio ao meu encontro. Ela estava já cuidadosamente penteada. Ficou de pé a olhar para mim com os seus olhos azul acinzentados. Eu estava de pé sem saber o que dizer. Depois disse, por alguma razão tratando-a por você:

– Bom dia para si, Anastasia. – Aquele «para si» desorientou-me completamente. Ela, como se não tivesse notado nada, respondeu seriamente.

– Bom dia, Vladimir, Senta-te, por favor, o pequeno-almoço está à tua espera.

– Já me sento... Primeiro queria dizer-te... Queria dizer que... – mas não me lembrava das palavras.

– Fala, Vladimir.

Mas eu tinha-me esquecido do que queria dizer. Aproximei-me de Anastasia até me encostar a ela e dei-lhe um beijo na bochecha. E senti uma sensação de calor por todo o meu corpo, como se ardesse por dentro. As bochechas de Anastasia coraram, e ela pestanejou mais rapidamente que de costume. E eu sentenciei com uma voz que não parecia minha, um pouco abafada:

– Isto é para ti, de todos os leitores, Anastasia. Muitos te agradecem.

– Dos leitores? Agradeço muito a todos os leitores. Um agradecimento muito grande, – sussurrou baixinho Anastasia.

E então beijei rapidamente a outra bochecha dela e disse:

– Este é meu. Tu és muito boa e bondosa, Anastasia. Tu, Anastasia, és muito bonita. Obrigado por existires.

– Tu achas-me bonita, Vladimir? Obrigada... tu achas isso?

Ela também estava nervosa. Eu não sabia o que mais fazer. Mas depois lembrei-me do colar de pérolas. Tirei-o muito rapidamente do bolso e comecei a desembaraçar os fios:

– Isto é um presente para ti, Anastasia. São pérolas verdadeiras... não artificiais. Eu sei que tu não gostas de coisas artificiais, mas estas são pérolas verdadeiras.

O fecho não se abria, eu puxei-o, o fio rompeu-se e todas as perolazinhas que estavam enfiadas nele caíram no chão da cozinha e rolaram para lados diferentes. Agachei-me no chão para as recolher e Anastasia também começou a recolhê-las, ela conseguia fazê-lo mais depressa. Eu olhava a forma como ela colocava as pérolas na palma da sua mão. Ela observava cada uma com atenção e eu deleitava-me com os seus movimentos. Ali sentado no chão, encostado à parede, fiquei a olhar como enfeitiçado. Pensava de mim para mim como era comum o cenário daquela cozinha como tantas outras, mas como me sentia extraordinariamente bem por dentro. Porquê? Provavelmente porque ela, Anastasia, se encontrava naquela cozinha. Ela estava tão perto, mas eu não tinha coragem para a abraçar. Aquela mulher que no início, há cinco anos atrás na taiga me parecera uma eremita um tanto fora do normal, agora parecia uma estrela descida dos céus por um instante. Estava tão perto, mas inacessível como uma estrela. E a idade... ah, a minha idade... Eu olhava fixamente para Anastasia, como se levantou e colocou num pires em cima da mesa as pérolas recolhidas. Depois ela virou a cabeça para o meu lado. E eu, como encantado, continuei sentado no chão da cozinha, encostado à parede e a olhar para os olhos cinzento-azulados dela. Ela não desviava o seu olhar carinhoso.

– Tu estás perto, Anastasia, mas agora já não é possível tocar-te. Tenho a sensação de que tu és uma estrela longínqua no céu.

– Uma estrela? Tens essa sensação? Para quê? Olha! A estrelinha tornou-se uma mulher comum aos teus pés.

Anastasia pôs-se rapidamente de joelhos e sentou-se ao meu lado no chão. Pousou as duas mãos sobre o meu ombro e encostou a cabeça. Eu ouvi como batia o coração dela, mas o meu palpitava muito mais depressa. E os cabelos dela cheiram a taiga. A respiração, como uma brisa amena, embriagava com o aroma de flores.

– Mas porque é que eu não te encontrei na juventude, Anastasia? Tu és tão jovem, e eu já tenho esta idade toda. Já vivi quase meio século.

– Eu atravessei os séculos ao encontro da tua alma errante, não me mandes embora de ao pé de ti agora.

– Eu envelhecerei em breve, Anastasia. E a minha vida terminará.

– Mas enquanto envelheces, tens tempo de plantar a tua árvore de família, de lançar os alicerces de uma cidade do futuro maravilhoso juntamente com as pessoas, um jardim maravilhoso.

– Vou tentar. É pena que eu terei pouco tempo para viver nesse jardim. Enquanto ele cresce, passarão vários anos.

– Se o iniciares, viverás sempre nele.

– Sempre?

– Claro. O teu corpo envelhecerá e morrerá, mas a alma elevar-se-á.

– A alma de um morto eleva-se, isso eu sei. A alma eleva-se e acaba-se tudo.

– Oh, como o dia de hoje está maravilhoso! Para que é que co-crias um futuro sem alegria, Vladimir? Co-crias para ti próprio.

– Não sou eu que estou a co-criar. Esta é a realidade objectiva. A velhice chega e depois a morte, para todos. E mesmo tu, minha querida sonhadora, não podes inventar algo diferente.

Anastasia estremeceu toda, afastou-se um pouco, olhando-me nos olhos com os seus olhos alegres e bondosos a brilhar, a brilhar com uma confiança alegre a contrariar tudo.

– Eu não preciso de inventar, existe sempre a mesma verdade. Existe a morte para o corpo: isso é claro para todos. Para o corpo! De resto a morte é um sonho, Vladimir.

– Um sonho?

– Sim, um sonho.

Anastasia ajoelhou-se e começou a falar olhando-me directamente nos olhos. Falou de tal maneira, que o rádio da cozinha emudeceu e as vozes e o barulho atrás da janela cessaram, quando soou a voz suave de Anastasia:

Meu amor! A eternidade está perante nós dois. A vida chega sempre como lhe é de direito. O raiozinho de sol brilhará na Primavera e a alma vestir-se-á novamente. Não será em vão que o corpo perene abraça modestamente a terra. Dos nossos corpos crescerão na Primavera flores e erva frescas. Ouvirás eternamente o canto dos pássaros e beberás as gotinhas da chuva. No céu azul, as nuvens eternas deliciar-te-ão com a sua dança. E se te dispersares pelo universo infinito em poeira, por conservares a incredulidade, meu amor, eu começarei a reunir-te a partir dos grãos de poeira espalhados pela eternidade. E a árvore que plantaste ajudar-me-á, estendendo no início da primavera o seu raminho para lá, onde a tua alma permanece em paz insensível. E aqueles a quem ofereceste o bem na terra pensarão em ti com amor. Mas mesmo que nem todo o amor terreno seja suficiente para te materializar de novo, haverá alguém, tu conhece-la, que brilhará em todos os planos de existência com apenas um desejo: «materializa-te, meu amor», morrendo ela própria por um instante.

– Essa serás tu, Anastasia? Tens a certeza de que poderás fazer isso?

– Qualquer mulher o consegue fazer, se conseguir comprimir o Logos dentro dos seus sentimentos.

– E quanto a ti, Anastasia? Quem te ajudará a ti a regressar à terra?

– Eu poderei fazê-lo sozinha, sem importunar ninguém.

– E como te vou reconhecer? A vida será completamente diferente.

– Quando tu, materializado de novo na terra, te tornares adolescente. Verás uma menina ranhozita de cabelos ruivos no jardim vizinho ao teu. Diz à pequena de pernas ligeiramente arqueadas uma palavra bondosa, presta a tua atenção a essa menina. Tu crescerás, tornar-te-ás um jovem e começarás a seguir as moças bonitas com o olhar. Não te apresses a unir o teu destino com alguma delas. No jardim vizinho ao teu a menina crescerá, cheia de sardas, não bonita por enquanto. Um dia verás como ela te olha às escondidas pelo canto do olho. Mas não te rias, não a afastes, quando, corada, ela se aproximar de ti, já maduro, para te distrair das moças bonitas. Passarão apenas mais três primaveras e a menina vizinha tornar-se-á uma beleza. Uma vez, ao olhar para ela, arderás de amor. Serás feliz com ela. E ela também será feliz. Vladimir, na tua feliz eleita viverá a minha alma.

– Agradeço-te pelo maravilhoso sonho, Anastasia, minha querida contadora de histórias.

Eu tomei-a cuidadosamente pelos ombros, e aproximei-a de mim. Queria escutar como o seu coração batia ardentemente, sentir como cheiram os cabelos de uma mulher maravilhosa que acredita apenas no bem, na eternidade. Ou talvez quisesse segurar-me, como a uma fiozinho, aos sonhos inverosímeis dela. Tudo em redor tinha ficado mais alegre por causa das palavras dela sobre o futuro.

– Mesmo que aquilo que dizes, Anastasia, sejam apenas palavras, de qualquer modo são maravilhosas e quando as escuto a minha alma fica mais alegre.

– As palavras fazem entrar em movimento a energia grandiosa do sonho. Uma pessoa cria o seu próprio futuro com o seu sonho, com as suas intenções. Acredita, Vladimir, tudo acontecerá assim, como eu desenhei em palavras para nós dois. Mas tu és livre no teu sonho e podes mudar tudo, dizendo outras palavras. Tu és livre, e cada um é criador para si próprio.

– Eu não vou mudar nada das palavras que disseste, Anastasia. Eu vou esforçar-me por acreditar nelas.

– Agradeço.

– Por quê?

– Por não teres destruído a eternidade para nós dois.

Naquele maravilhoso dia de sol nós banhámo-nos no mar e tomámos banhos de sol na praia deserta. Ao fim do dia, Anastasia partiu. Pediu-me como sempre que não a acompanhasse. Eu fiquei de pé na varanda a ver como ela ia pelo passeio ao longo do prédio, com a cabeça coberta pelo lenço, em roupas simples, com a bolsa de lona feita à mão. Caminhava, tentando não sobressair por entre os outros transeuntes, a mulher que co-criara o futuro maravilhoso de todo o país. Ele chegará de certeza, as pessoas materializarão o sonho dela e começarão a viver elas próprias num mundo maravilhoso.

Antes de virar a esquina, Anastasia parou, virou-se para mim e acenou com a mão. Eu acenei despedindo-me de Anastasia. Já não podia distinguir o rosto dela, mas tinha a certeza de que ela estava a sorrir. Ela sorri sempre, porque acredita e cria apenas o bem. Talvez devesse ser assim mesmo? Eu também lhe acenei com a mão e sussurrei para mim próprio: «Obrigado, Nastenka[1]».

[1] Nastenka – diminutivo de Anastasia.

Apêndice

A desertificação alcançou as terras da região de Rostov[1] (até 50% das estepes de Salésia), do território de Altai[2] (um terço das estepes de Kulunda) e 13 outras regiões da Federação Russa. A areia solta ocupa 6,5 milhões de hectares. Encontra-se maioritariamente (até 10% de área) nas terras baixas perto do Mar Cáspio[3]. A área total de terrenos da Rússia expostos à desertificação (ou em perigo potencial) alcança os 50 milhões de hectares.

Segundo os dados agroquímicos, as terras de cultivo da Rússia são em média pouco produtivas, especialmente fora da região de Chernozem[4]. A camada de solo arável não contém uma quantidade suficiente de nutrientes necessários para a agricultura como azoto, fósforo, potássio, cálcio, magnésio ou micro-elementos (especialmente o cobalto, molibdénio e zinco). Mais de um terço dos terrenos são

[1] *Região de Rostov* (em Russo- *Rostovskaya oblast'*) – região de pradaria que compreende cerca de 100 000 quilómetros quadrados em redor da cidade de Rostov sobre o Don, fazendo fronteira com o Mar de Azov (a Norte do Mar Negro) e que inclui as férteis Estepes da Salésia (em Russo: *Sal'skie stepi*).

[2] *Território de Altai* (em Russo: *Altaiski krai*) – território parcialmente montanhoso de 168 000 quilómetros quadrados na parte sudoeste da Sibéria, a Sul de Novosibirsk, com o centro na capital Barnaul, nas margens do rio Ob. A planície de Kulunda (*Kulundiiskaya ravnina*) ocupa quase a metade da sua área e é propícia para agricultura.

[3] *Terras baixas do Mar Cáspio* (em Russo *Prikaspiiskaya nizmennost'*) – área de terras baixas (a parte sul chega a 28 metros abaixo do nível do mar) semi-árida que ocupa aproximadamente 200 000 quilómetros quadrados na zona Norte do Mar Cáspio e abarca parte da Federação Russa e do Kazaquistão.

[4] Cintura de *Chernozem* (lit. 'Terra Negra') – zona de floresta e terrenos de cultivo que contém uma cintura de solo de cor escura (com 1m a 6m de profundidade) no Sul da Rússia e na Ucrânia. É caracterizada por uma percentagem alta (até 15%) de húmus, assim como grandes quantidades de ácidos, fósforo e amoníaco.

compostos por solo ácidos e os terrenos com uma composição fraca em fósforo e potássio compõem 30% e 10%, respectivamente.

Mais de 43% das terras aráveis caracterizam-se pelo baixo conteúdo de húmus, e algumas a um nível crítico – 15%. Fora da zona de Chernozem, a percentagem de tais terrenos aumenta até 45%. Nas regiões de Kaluga, Smolensk, Astrakhan, Volgograd e nas repúblicas de Kalmykia, Adygueya, Buryatia e Tuva compreendem mais de 75%. Os especialistas consideram que em média, devido à falta de uso regular e em quantidade suficiente de fertilizantes orgânicos e à destruição dos sistemas de cultivo, os terrenos da Rússia esgotaram-se e a presença de húmus desceu até ao nível mínimo: fora da zona de Chernozem – 1,3/1,5% na camada arável, nas zonas centrais de Chernozem – 3,5/5,0%. Calcula-se que as perdas anuais de húmus no solo sejam de 0,6/0,7% toneladas ao ano (até 1 tonelada por ano na zona da Chernozem), e em geral no país de aproximadamente 80 milhões de toneladas.

Está provado que existe praticamente uma relação directa entre as reservas de húmus nos tipos principais de solos e a produtividade das culturas agrícolas mais importantes. Com o aumento de 1 tonelada da reserva de húmus, a média de produtividade de cereais nas terras de Chernozem aumenta em média 10/15kg por hectare. Para uma série de culturas que são desenvolvidas em diferentes condições climatéricas e diferentes solos, este número alcança os 30kg de cereal. Mediante a diminuição da camada de húmus nas zonas de Chernozem em 1cm sob a influência de factores naturais ou pela mão humana (nomeadamente a erosão), a produtividade de cereais baixa 100kg por hectare.

Ao longo de muitos anos, os recursos do solo da Rússia foram explorados de modo extensivo, a extracção dos elementos nutritivos juntamente com a colheita foi frequentemente maior do que a sua introdução no solo.

Os cientistas agrónomos avisam para o facto de que a utilização intensiva da fertilidade dos solos levará ao desenvolvimento de processos negativos de forma irreversível. A colheita de cereais em bruto confirma esta afirmação. A dose de estrume anual para manter um equilíbrio sem défice de húmus deveria ser de 7/15 toneladas por hectare. Para isso é necessário introduzir no solo anualmente pelo menos 1 bilião de toneladas de fertilizantes orgânicos. Actualmente na Rússia utilizam-se cerca de 100/120 milhões de toneladas, ou seja, praticamente 10 vezes menos do que o necessário.

O que está a acontecer hoje com a conservação dos recursos do solo?

O financiamento centralizado dos projectos de melhoramento das terras parou completamente, e estes estão a diminuir catastroficamente. O financiamento é feito à custa do orçamento local, e desde 1993 também com o imposto de 30% sobre a terra, que é pago pelo utilizador do terreno. Por conseguinte, desde 1994 até agora, todos os projectos de introdução de composto de trufa e estrume na zona fora da cintura de Chernozem, e também a margagem dos solos ácidos, o transporte de materiais calcários e fosforite e a adubação com fósforo ficaram praticamente parados na maior parte do território da Rússia, por falta de recursos nos governos locais para o desenvolvimento de projectos agrários.

Restam por realizar praticamente todos os programas federais conjuntos do Ministério da Agricultura e do Governo da Rússia, para o aumento da fertilidade do solo e o desenvolvimento da produtividade agrícola.

Tendo em conta o que foi dito acima, podemos falar sobre uma degradação progressiva da camada de solo da Rússia, o que coloca sob ameaça a segurança ecológica, comercial e nacional do país.

Comunicado de Vladimir Megre aos Leitores

Na Internet, há numerosos sítios, em várias línguas, cuja temática é semelhante às ideias de Anastasia, a personagem dos livros da colecção «Cedros Ressoantes da Rússia».

Muitos destes sítios declaram serem oficiais, intitulam-se com o meu nome – Vladimir Megre, e usam-no para responder às cartas dos leitores.

Por isso, achei necessário informá-lo, caro leitor, sobre a minha decisão de criar um sítio oficial internacional www.vmegre.com – único verdadeiro que recebe a correspondência dos leitores, em todas as línguas do mundo.

O registo no sítio e a subscrição da nossa *Newsletter* darão acesso às informações sobre as datas e os lugares dos seminários leitorais, entre muitas outras.

O canal informativo do sítio que teremos em comum, caro leitor, pô-lo-á à par de tudo que acontece no âmbito do movimento *Cedros Ressoantes da Rússia*, no mundo inteiro.

Com os melhores cumprimentos,
Vladimir Megre